

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

JOÃO PAULO JOBIM FONTOURA

A PAIXÃO CLUBÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL:
Um traço da identidade local presente nas linhas e nas entrelinhas das colunas de
Zero Hora e Correio do Povo

São Leopoldo

2014

JOÃO PAULO JOBIM FONTOURA

A PAIXÃO CLUBÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL:

**Um traço da identidade local presente nas linhas e nas entrelinhas das colunas de
Zero Hora e Correio do Povo**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do grau de mestre pelo
Programa de Pós Graduação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
Unisinos.

Área de Concentração: Processos
Midiáticos

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo César Henn

São Leopoldo

2014

F684p

Fontoura, João Paulo Jobim

A paixão clubística no Rio Grande do Sul: um traço da identidade local presente nas linhas e nas entrelinhas das colunas de Zero Hora e Correio do Povo / por João Paulo Jobim Fontoura. -- São Leopoldo, 2014.

175 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2014.

Área de concentração: Processos midiáticos.

Orientação: Prof. Dr. Ronaldo César Henn, Escola da Indústria Criativa.

1.Jornalismo esportivo. 2.Clubes de futebol – Rio Grande do Sul. 3.Jornalistas esportivos – Futebol – Rio Grande do Sul. 4.Zero Hora (Jornal). 5.Correio do Povo (Jornal : RS). I.Henn, Ronaldo César. II.Título.

CDU 070:796

070:796.332(816.5)

070-051:796.332(816.5)

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

JOÃO PAULO JOBIM FONTOURA

"A PAIXÃO CLUBÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL UM TRAÇO DA IDENTIDADE
LOCAL PRESENTE NAS LINHAS E NAS ENTRELINHAS DAS COLUNAS DE
ZERO HORA E CORREIO DO POVO"

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 13 de maio de 2014

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Sandra de Fátima Batista de Deus – UFRGS



Prof. Dr. Sergio Francisco Endler – UNISINOS



Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn – UNISINOS

*Aos meus pais, Marco Aurélio e Vera Margarida
e ao meu avô Mário (in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo incondicional apoio nas linhas e nas entrelinhas na minha carreira jornalística e acadêmica.

Aos meus irmãos Luís Mário e José Pedro que aguentaram e souberam aceitar minha paixão pelo futebol.

À minha tia Sylvia que há anos me abastece com recortes de jornal. Muitos deles, de alguma forma, estão aqui.

À minha vó Maria pelas orações que faz aos netos

À Denise Aerts, a pessoa que me deu coragem para investir no mestrado. Não fosse ela, não estaria aqui.

À professora Sandra de Deus pelo carinho e atenção dispensados e pelo estímulo nos estudos do jornalismo esportivo.

À Mariana Oselame, espécie de co-orientadora informal desta pesquisa.

Aos meus amigos que fomentam e suportam a paixão pelo futebol e que sem saber colaboraram com este trabalho.

Aos meus colegas de Bandeirantes, Gaúcha, Correio do Povo e Terra pela experiência profissional que me proporcionaram. Aos meus colegas de Grêmio por entenderem meus objetivos fora do clube também.

Por fim, ao meu orientador Ronaldo Henn que, sem me conhecer, há dois anos, aceitou ler o meu projeto, o aprovou e me ajudou a construí-lo da maneira como eu gostaria que fosse. Muito obrigado mesmo pela oferta de conteúdo que me disponibilizaste.

“Meu filho, o dia que o futebol atrapalhar teus estudos, larga os estudos”.

(MARCO AURÉLIO FONTOURA, meu pai)

“Esse juiz é um baita ladrão, sempre roubou do Grêmio”.

(MÁRIO FONTOURA, meu avô. *In memoriam*)

“Não há razão de ofício que faça renegar o amor pelo time do coração. Se um jornalista troca de time ou deixa de torcer, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão”

(MAURO BETTING, 2005, p 31).

RESUMO

O trabalho faz uma análise do material opinativo sobre futebol em dois jornais de Porto Alegre, Zero Hora e Correio do Povo, com foco nas crônicas em torno das disputas entre Grêmio e Internacional, e também de entrevistas com os autores das colunas selecionadas. O objetivo é detectar como os jornalistas escolhidos lidam com a mobilização passional implicada no futebol, traduzida em paixão pelos clubes, e que contextos culturais são acionados nesse processo. No Rio Grande do Sul, o acirramento entre seus dois principais clubes constitui-se dentro de construções culturais das quais, pressupõem-se, participa a crônica esportiva produzida pelos jornais de referência. A pesquisa trabalha com conceitos advindos dos estudos de gêneros jornalísticos, da tribo e comunidade jornalística formulados por Nelson Traquina, e do circuito comunicacional juntamente com seus códigos, presentes nos estudos de Stuart Hall. No campo da prática jornalística são abordados pensamentos de ética, com destaque para Eugênio Bucci e do discurso como gênero, de Márcia Benetti. Contribuições de outras áreas que englobam o futebol são retiradas também dos estudos de Roberto da Matta, Fausto Neto e Ronaldo Helal, entre outros autores. Acredita-se que a proposta possa contribuir para o entendimento dos procedimentos jornalísticos nessa área, da construção de opiniões e suas complexidades em território minado de passionalidade e para o exercício da crítica sobre jornalismo esportivo no sentido de qualificar seus processos.

Palavras chave: Jornalismo esportivo. Futebol. Gêneros jornalísticos. Cultura.

ABSTRACT

The paper makes an analysis of the material opinionated about soccer in two newspapers of Porto Alegre, Zero Hora and Correio do Povo, focusing on chronic around disputes between Grêmio and Internacional, and also interviews with the authors of the selected columns. The goal is to detect and deal with journalists chosen mobilizing passion involved in football, translated into passion for the clubs, and cultural contexts that are triggered in this process. In Rio Grande do Sul, the intensification between its two main club is within the cultural constructions of which presuppose, participates chronic sports produced by leading newspapers. Research works with concepts based on studies of journalistic genres, the tribe and the journalistic community formulated by Nelson Traquina and circuit communication with their codes, present in studies of Stuart Hall. In the field of journalistic practice thoughts of ethics are discussed, with emphasis on Eugenio Bucci and discourse as genre Marcia Benetti. Contributions from other areas that encompass football are also drawn from studies by Roberto da Matta, Fausto Neto and Ronaldo Helal, among other authors. It is believed that the proposal will contribute to the understanding of journalistic procedures in this area, the construction of their opinions and complexities of passionateness mined territory and the exercise of criticism on sports journalism in order to qualify their processes.

Key words: Sports journalism. Soccer. Journalistic genres. Culture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUTEBOL, CULTURA E MÍDIA.....	20
2.1	A Origem da Paixão.....	20
2.1.1	Futebol é sorriso.....	20
2.1.2	O Planeta é uma Bola.....	22
2.1.3	Eu pertencço à bola.....	27
2.1.4	A escolha.....	30
2.2	Ambiente Cultural Complexo.....	32
2.2.1	O início da crônica.....	32
2.2.2	A imprensa escrita no Rio Grande do Sul.....	37
2.2.3	A apropriação do futebol.....	42
2.2.4	Canal 100: a materialização do audiovisual do futebol.....	46
2.3	O futebol midiático.....	47
2.3.1	A viagem da bola.....	47
2.3.2	O poder do futebol.....	50
2.3.3	João Saldanha.....	56
3	JORNALISMO, SUAS FASES, GÊNEROS E TRIBOS.....	59
3.1	Fases do Jornalismo.....	59
3.1.1	Apropriações dramáticas.....	59
3.1.2	Jornalismo esportivo e jornalista esportivo.....	62
3.1.3	Paixão, ética, isenção e imparcialidade.....	65
3.2	Gêneros e Formatos.....	70
3.2.1	Informação x Opinião.....	70
3.2.2	Gêneros jornalísticos.....	73

3.2.3	Coluna x crônica.....	75
3.3	A Comunidade e o GreNal.....	78
3.3.1	Comunidade interpretativa ou tribo jornalística.....	78
3.3.2	A comunidade jornalística do esporte no Rio Grande do Sul.....	80
3.3.3	O GreNal e os vínculos construídos ao longo de sua história.....	82
4	O PRAZER DE LER JORNAL.....	86
4.1	Das estratégias dos Jornais.....	88
4.2	O Futebol e a Paixão no Jornalismo.....	90
4.3	Entrevistando os colegas.....	95
4.4	Nas Linhas e nas Entrelinhas.....	97
4.5	Íntegra das Entrevistas com Colunistas de Zero Hora e Correio do Povo..	99
5	Conclusão.....	117
	REFERÊNCIAS.....	121
	ANEXOS.....	129

1 INTRODUÇÃO

O Caminho Até a Pesquisa. Eu sou jornalista e torço apaixonadamente por um clube. Não sei se entendo de futebol ou de paixão, embora este não seja o motivo pelo qual resolvi reunir estes dois assuntos. Uma inquietação pessoal pregressa ao campo acadêmico e a posterior observação do comportamento das pessoas envolvidas com o futebol marcam a origem deste trabalho.

Dentro de casa, principalmente, na companhia de meu pai e de meu avô paterno desenvolvi a paixão pelo futebol. (de meu avô materno herdei o sobrenome Jobim e talvez por isso carregue a veia jornalística de João Saldanha, um Jobim também). Tem idêntica procedência também a paixão pelo jornalismo esportivo, ainda que nenhum dos dois tenha passado sequer perto da área da comunicação. Foi deles também que herdei a necessidade de escutar ou ler tudo aquilo relacionado com o futebol. Bem antes, durante e bem depois de a bola rolar. Meu avô não teve a felicidade de me ver formado jornalista tão pouco a de me ver atuando profissionalmente. É meu pai quem desfruta disto. E curiosamente é com ele que travo as primeiras discussões de um campo que ele conhece apenas um lado. Estas discussões são as mesmas que encontro em roda de amigos, na mesa de bar, na presença de desconhecidos e que, nos dias atuais, reúnem os mesmos dilemas expostos através da interatividade dos programas jornalísticos. Quais sejam: a influência da paixão clubística na carreira de um profissional de imprensa e a relevância desta informação para o público. No presente estudo, iremos nos deter somente ao primeiro dilema.

A decisão marcante para a vida de boa parte dos adolescentes que decidem ingressar na graduação de jornalismo (neste caso, imaginando seguir a carreira no jornalismo esportivo) choca-se imediatamente com a mola propulsora para fazer parte deste cenário: a paixão pelo futebol e principalmente a paixão por um clube em específico. Essa premissa talvez não disponha de uma confirmação científica. E aqui se adianta não ser este o interesse maior da pesquisa. A preocupação em como lidar com esta paixão e as dificuldades diárias criadas a partir do dia em que o apaixonado torna-se profissional, esta sim é a tarefa que se almeja analisar aqui. Afinal de contas, como passar credibilidade e idoneidade se é conhecida a preferência clubística? Para meu pai, eu ser seu filho é garantia de integridade? E os outros profissionais não tem credibilidade? Ou seja, acredito ser este um tema que mereça ser estudado com maior profundidade.

Até o momento em que iniciara como aluno especial no programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2010 não tinha bem certo em mente a maneira de levar este assunto adiante. Até então, como disse no início, dispunha apenas de uma inquietação pessoal e de uma observação mais presente durante quase dez anos de carreira jornalística como repórter nas redações de quatro veículos de Porto Alegre: Rádio Bandeirantes, Rádio Gaúcha, Jornal Correio do Povo e Portal Terra, culminando com a função de assessor de imprensa do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, onde encontro-me até hoje.

Neste período mergulhado no mercado profissional trabalhando com gerações consagradas no jornalismo esportivo gaúcho e fazendo parte de uma nova geração recheada de energia pude perceber muitas diferenças e semelhanças entre elas. Foi intenção inicial da pesquisa que se esboçava analisar uma semelhança em particular: como o profissional lida com sua paixão clubística. Ele a renega? Desconsidera? Administra, controla? Não deixa interferir no dia a dia? Não contém? Preocupa-se com a imagem junto ao seu público? Enfim, são perguntas a serem respondidas ao longo deste trabalho.

Às vésperas da Copa do Mundo da África do Sul em 2010, por meio de uma crônica publicada no diário carioca Lance! pelo jornalista André Kfourri, estive pela primeira vez diante do que tendia a pensar, mas que não tinha condições de verbalizar e problematizar.

Não há nada de errado em torcer para o Brasil na “pessoa física”. Pelas lembranças da infância, pela boa relação com esse ou aquele jogador, pela identificação que se tem com o nosso futebol. Desde que a “pessoa jurídica” não deixe de fazer as perguntas e as críticas que são necessárias.(KFOURI, 2010)

Esta analogia feita por Kfourri é uma proveitosa abstração, uma vez que tenta mostrar para quem não percebe que há sim diferença – e diferença importante – entre a pessoa repórter (física) e a pessoa repórter (jurídica) que deve exercer sua profissão sem comprometimento algum¹. Registro este momento como o verdadeiro ponto de partida para a pesquisa, pois foi a partir da leitura daquele texto e da distinção entre as pessoas física e jurídica que me senti mais seguro para propor uma discussão em um tema polêmico em um estado tradicionalmente conhecido por suas posições bem definidas. E que o resultado desta incursão possa estender-se no terreno acadêmico.

¹ Evidente que se trata de uma abstração que ajuda a entender performances distintas no processo profissional. Conforme acentua Suely Rolnik (2005), a constituição de subjetividades é um processo complexo com diversas nuances inseparáveis.

Pergunta da pesquisa: Dentro do organograma de uma redação, acredito que o segmento de opinião é o de maior importância para o tema proposto. São os formadores de opinião os que influenciam de maneira mais visível o comportamento do torcedor de futebol. A partir disso, estarei trabalhando com a seguinte questão: quais os traços de mobilização cultural e passional relacionados ao futebol presentes nos textos de opinião dos jornalistas esportivos dos jornais Zero Hora e Correio do Povo e que sentidos eles produzem?

Objetivos: O objetivo geral da pesquisa é identificar como os colunistas escolhidos como objeto de estudo lidam com a paixão clubística e que contextos culturais mobilizam. Para chegar lá, o caminho escolhido foi o de primeiramente analisar os textos dos colunistas e somente depois entrevistá-los a partir de categorias construídas no campo conceitual. Como objetivos específicos: Identificar as palavras e expressões nos textos dos colunistas; compreender o contexto midiático que os textos produzem a ponto de formarem uma agenda de discussão que transcende a esfera jornalística; compreender os processos de construção do jornalismo esportivo.

Justificativa: Assim que é recebido na editoria de esporte da redação de um veículo gaúcho, o jornalista iniciante encontra-se diante de uma situação, no mínimo, embaraçosa. A ele, invariavelmente, é colocada a mesma questão: para que time torce? Colocar em discussão o motivo e a relevância da pergunta que funciona quase como um cartão de visita das empresas jornalísticas se impõe neste momento em que o público tem cada vez mais acesso ao conteúdo jornalístico, seja ele de opinião ou informação. O que se leva a crer que esta informação tem importância para o contratante. O trabalho pode ser importante na medida em que pretende dimensionar o quanto a paixão clubística interfere na atividade jornalística de opinião.

O país está às portas de sediar as duas maiores competições internacionais: A Copa do Mundo e as Olimpíadas. Por consequência, é de se esperar uma maior atenção do público em geral para o trabalho dos profissionais da imprensa esportiva.

Antes disso, deve-se considerar a importância do fenômeno futebol na história da sociedade brasileira. Trata-se de um esporte capaz de mobilizar a sociedade como nenhum outro até os dias de hoje foi capaz. E o jornalismo esportivo, desde seu início nas décadas de 20 e 30, é o espaço público onde esta mobilização é tensionada.

No Brasil, a incapacidade de combinar a paixão e a crítica tornou-se um traço recorrente, dominando em boa parte a cena pública invadida a todo momento pelo

futebol: é como se fôssemos obrigados a estar muito colados ao fenômeno ou muito fora dele. (WISNIK, 2008, p. 16)

No cenário gaúcho, a mobilização atinge uma das maiores rivalidades entre dois clubes: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional. Ela é destacada nacionalmente por profissionais que cobrem futebol fora do estado e referendada cada vez que estes tomam contato com esta realidade e a sentem *in loco* aqui no sul. A maneira como os jornais são diariamente cobrados e patrulhados por dividirem aritmeticamente o espaço (texto e foto) de suas páginas entre Grêmio e Inter acentua a observação desta rivalidade entre as duas torcidas que dividem o estado.

Para este pesquisador, a pesquisa tem aplicabilidade e perspectiva de retorno para a comunidade de jornalistas esportivos não só do Rio Grande do Sul, mas também para os de fora do estado, bem como para a formação de futuros profissionais da área.

Redes de conceitos: Os principais conceitos que serão abordados aqui são os gêneros jornalísticos lançando mão das contribuições principalmente de Luiz Beltrão, José Marques de Melo e Manuel Carlos Chaparro; a tribo e a comunidade jornalística destacada por Nelson Traquina; e o circuito comunicacional e os códigos presentes nos estudos de Stuart Hall. Quando o tema for a ética, Eugênio Bucci é quem terá maior destaque teórico, ressaltando que esta pesquisa também é uma compilação de contribuições não só do terreno teórico, mas também de quem tem experiência prática na área do jornalismo esportivo, pois penso que esta mescla é importante para o que se propõe a pesquisa.

Linhas de contextualização: Boa parte, se não a maior, das grandes coberturas de rádio, televisão e jornal no estado do Rio Grande do Sul é feita pela imprensa esportiva. A mobilização para grandes eventos intensifica a movimentação do departamento comercial das empresas jornalísticas. Os maiores índices de audiência em rádio e televisão estão na editoria de esportes. A proximidade da Copa do Mundo e da Olimpíada faz com que seja ampliado também o espaço para o esporte nas páginas de jornal.

O público receptor do conteúdo jornalístico nunca esteve tão próximo do emissor. Nos últimos tempos é também sujeito comunicante e sendo assim, exige ainda mais do profissional de imprensa. Exige informação, tensiona a opinião e cobra imparcialidade.

Recorte ou corpus da pesquisa: No intuito de elencar os traços identificadores do texto de coluna produzidos no Rio Grande do Sul, foi feita uma escolha de dois dos quatro jornais de maior circulação no estado. Ao optar pelo Correio do Povo e pela Zero Hora foi levado em consideração a tradição das instituições, a relevante circulação, a marca que eles

representam e a repercussão do conteúdo elaborado também pelos seus colunistas. No caso do Correio do Povo através de Hiltor Mombach e Carlos Corrêa e na Zero Hora, Diogo Olivier, Luiz Zini Pires, Wianey Carlet, Ruy Carlos Osterman e David Coimbra, nenhum deles declaradamente gremista ou colorado.

A título de organização e em função do tempo não muito extenso, foi estipulado um período para observação do material. Em uma região curtida na rivalidade, o GreNal, clássico entre os dois clubes que dividem ao meio o Rio Grande, é o pano de fundo para se materializar a questão dicotômica tão presente na história do povo gaúcho. Os cinco GreNais de 2012 são o recorte deste trabalho.

Capítulo1: *Futebol, cultura e mídia*, o primeiro capítulo deste trabalho relembra não somente o nascimento do futebol como esporte, mas insurge também com a pretensão de compor dois enquadramentos que ajudam a compreender as sensações e os comportamentos que o futebol é capaz de despertar. Sensações estas que podem transitar tanto no terreno dramático e lúdico quanto no doentio e comprometedor. Estes comportamentos carregam o DNA da paixão, razão pela qual acabam construindo fenótipos tão diferentes ao redor do mundo.

A partir do momento em que o futebol insere-se na sociedade – e aqui já falando da sociedade brasileira – ele passa a ser substância essencial no molde da cultura do país. Cenário representativo da nossa população é o futebol quem mostra o primeiro rascunho do processo de democratização da sociedade brasileira. E no período em que os veículos de comunicação de massa, em especial os jornais, percebem e decifram este perfil comum ao cidadão e o jogador de futebol, que o esporte passa a ser apropriado pelas multidões. Crônica esportiva e o futebol tupiniquim crescem juntos e criam o que denominamos *ambiente cultural complexo*.

Se a identidade de jogar bola da Seleção Brasileira ou do jogador brasileiro até hoje tem os mesmos trejeitos do cidadão comum – o malandro – o mesmo não pode ser dito em relação ao futebol. Como prática sim, o jogo disputado com onze atletas para cada lado é basicamente o mesmo daquele que somente as ondas do rádio registraram nas primeiras Copas do Mundo. A emoção disparada possivelmente também pode ser comparada. Como esporte, entretanto, o futebol sofreu alguns tristes desvios no percurso de sua própria história. Os anos deram a ele o status de negócio. E um negócio bilionário capaz inclusive de oferecer

uma reflexão se este banho de dinheiro não jogou pelo ralo a paixão por ver a bola estudando na rede.

Capítulo 2: *Jornalismo, suas fases, gêneros e tribos*, o segundo capítulo da pesquisa, enfoca os personagens participantes da história do futebol. Os jornalistas esportivos observam, recontam e emolduram o esporte bretão desde o seu nascimento no Brasil. Através do rádio a partir dos anos 20 e 30, passando pelas décadas de 40 e 50 com os impressos, chegando até os anos 90 quando a televisão finalmente coloca jogos do mundo inteiro ao alcance dos olhos espalhados pelos quatro cantos do planeta.

A globalização é apenas um dado evolutivo tangente à construção de uma parte importante da imprensa brasileira. A crônica esportiva nasceu no talento dos irmãos Nelson Rodrigues e Mário Filho. Eles registram sua marca sócio política da história do país, mas fundamentalmente na trajetória do jornalismo brasileiro. É o que podemos considerar o marco zero da Crônica esportiva brasileira.

Estudar a maneira como o texto de colunas se desenvolveu com o passar do tempo é uma oportunidade de discutir a “comunidade jornalística” e a particularidade desta na esfera da comunicação.

O desfecho deste capítulo é uma tentativa de ilustrar a raiz dicotômica do estado do Rio Grande do Sul. Tradicionalmente o povo é tido e conhecido como politizado e de personalidade forte. A história do gaúcho é recheada de episódios dicotômicos. A cultura do isso ou aquilo é um traço marcante da identidade local. No futebol este traço estende-se à rivalidade entre Grêmio e Inter, dois clubes de massa, com torcidas fanáticas e inseridos no contexto da cultura gaúcha. O GreNal, clássico centenário entre os dois clubes, por tudo que o envolve e mobiliza é o maior acontecimento esportivo da região sul. E ao mexer com a paixão do torcedor em um alcance diferente, interfere no modo de fazer jornalismo o por quem tem a responsabilidade de narrá-lo e reproduzi-lo jornalisticamente. Analisar tais alterações justifica também a escolha pelo objeto de pesquisa

Capítulo 3: *O prazer de ler jornal*, a terça parte do estudo é a pesquisa de campo. Que em um primeiro momento analisa os objetos as colunas de jornal de Zero Hora e Correio do Povo envoltas nos cinco GreNais de 2012, válidos pelo Campeonato Gaúcho e Campeonato Brasileiro.

O segmento de opinião nos dois principais jornais do estado reúne elementos peculiares, principalmente a obsessão pelo equilíbrio. A rivalidade entre os dois clubes é

perceptível na formação dos textos. O vocabulário, as expressões, os arquétipos fazem desta construção narrativa e opinativa uma maneira diferente de contar o futebol jogado nesta terra. É a partir dos dados e das observações coletadas durante a análise deste material que o processo das entrevistas tem início. Na sequência do capítulo, os jornalistas entrevistados expõem os seus sentimentos no campo da imprensa esportiva do estado. Os ângulos e as percepções de cada um acerca da paixão clubística, da interferência desta na rotina de trabalho, do compromisso com a ética e isenção e imparcialidade são temas que circundam o desenrolar da descrição do modo como é elaborado o gênero crônica esportiva.

Poucas praças do futebol brasileiro hospedam uma rivalidade futebolística tão forte quanto a que reside no Rio Grande do Sul. O estado mais ao sul do país marcado historicamente pela dicotomia do seu povo² tem no futebol também um traço marcante de identidade e reconhecidamente característico que talvez o diferencie de outros lugares. Aqui, em alguns casos, não basta torcer pelo Grêmio ou pelo Internacional. É preciso torcer com o mesmo fervor contra o rival, ou seja, a divisão entre o azul, preto e branco do Grêmio e o vermelho e branco do Inter sofre mais dois recortes, pois existem também os anti-gremistas e os anti-colorados.

É neste cenário que o jornalismo esportivo imerge diariamente na cobertura dos dois clubes da capital Porto Alegre. Noticiar os fatos e os acontecimentos de duas entidades centenárias e que juntas somam quase vinte milhões de fanáticos é um compromisso delicado³. Opinar, criticar, questionar e inquerir os dirigentes, os jogadores, os treinadores e em alguns casos até mesmo o comportamento dos próprios torcedores é outro desafio para o profissional habilitado para tal.

²A evolução histórica da formulação mítica do gaúcho, uma *raça teimosa em viver*, tem a marca dicotômica. Desde os Chimangos e Maragatos na Revolução Farroupilha, os que foram contra Getúlio Vargas, a favor da Ditadura Militar, PT ou anti-PT, gaúcho da cidade ou do campo, a favor da FORD ou da Copa do Mundo no Brasil, sempre houve o que se costuma chamar de “marcar posição”, não ser indiferente à nada. E evidentemente o futebol não está alheio a esta peculiaridade. Grêmio e Internacional nutrem uma rivalidade centenária e que é alimentada conscientemente pelos processos de produção jornalística.

³O Grêmio é o clube com o maior percentual de torcedores que responderam à pesquisa se identificando como Fanáticos, com incríveis 22,48% do total de torcedores, percentual quase 2 vezes superior à média nacional, que é de 12%. Ou seja, do total estimado de 7 milhões de Torcedores Gremistas, cerca de 1,6 milhão se enquadram na categoria Fanáticos, o terceiro maior contingente do Brasil. O time Gaúcho também é o que possui o menor % de torcedores que se enquadram como indiferentes, 7,6% do total. No total, 79% da Torcida Gremista é Engajada (Fanáticos +Torcedores), contra 21% de Descomprometidos, o que dá uma relação de quase 4 por 1 (índice de Engajamento 3,9), a maior entre os Clubes Brasileiros; Em seguida aparece o arquirrival INTERNACIONAL, com 19,4% de torcedores Fanáticos, um exército de 1,2 milhão de colorados. O clube também possui o segundo menor contingente de torcedores indiferentes, 8,2% do total; O fato de dois clubes do Rio Grande do Sul liderarem o Ranking não é surpresa e confirma uma característica forte dos Gaúchos, a do envolvimento (PLURI CONSULTORIA, 2012).

Neste trabalho, iremos apresentar o que pensam sete cronistas dos dois jornais de maior tiragem no Rio Grande do Sul acerca desta tarefa de lidar rotineiramente com a paixão clubística dos torcedores, paixão esta que, de alguma forma, os atinge também. Para se ter uma ideia, do grupo dos entrevistados, Hiltor Mombach, Diogo Olivier, Luiz Zini Pires e Wianey Carlet são colunistas diários enquanto David Coimbra e Ruy Carlos Osterman escrevem duas vezes na semana. Carlos Corrêa completa a seleção na condição de interino.

As edições analisadas do Correio do Povo e da Zero Hora reúnem os cinco GreNais do ano de 2012, definido o critério de separar o jornal da véspera, do dia e do dia seguinte às partidas que valeram pelo Campeonato Gaúcho e Campeonato Brasileiro daquele ano, totalizando, portanto 15 dias de coleta de material. As entrevistas com os personagens foram todas gravadas e realizadas nas redações dos respectivos veículos.

Nenhum dos entrevistados é declaradamente torcedor de Grêmio ou Internacional. Aqui se adiante prontamente também que descobrir ou muito menos revelar a preferência de um destes colegas de profissão não interessa de forma alguma a pesquisa. Penso que esta é uma informação inócua ao que se pretende discutir. Todos eles são tidos como isentos e aqui será respeitada esta condição. Qualquer outro relato, inconfidência ou informação que aponte alguma inclinação não será levado em conta. A ideia é propor uma reflexão sobre a experiência de produzir textos opinativos em um ambiente de tensão como é o do futebol gaúcho e que, em semana de GreNal, ganha ainda mais reverberação. Observar os componentes textuais e analisar o que também está nas entrelinhas do que foi dito durante as entrevistas é o que se almeja aqui. Quais são os sentidos despertados nas colunas, o que está por trás do que pensam estes colunistas esportivos e que estratégias jornalísticas eles utilizam são perguntas que busco responder ao cabo dessa pesquisa.

Sustentam este capítulo algumas contribuições importantes. Ronaldo Helal, Antonio Soares e Marco Antonio Santoro e a utilização da memória como ferramenta jornalística, Antonio Fausto e as estratégias de produção jornalística e a análise de Andrei Andrade em trabalho semelhante a esse a respeito de notícias de véspera de GreNal, que aqui serão adaptadas, pois o que está em análise é o gênero opinativo e não o informativo.

2 FUTEBOL, CULTURA E MÍDIA

2.1 A Origem da Paixão

2.1.1 Futebol é Sorriso

Estudar a relação da paixão clubística de um jornalista esportivo na sua atividade profissional diária é uma tarefa desafiadora em alguns sentidos. Primeiro, porque tal processo equivale metaforicamente a mexer em uma espécie de abelheiro. Ter acesso e tornar público as cores de um cronista é uma prática que, sob alguns olhares, infringiria preceitos éticos de coleguismo. E como já foi dito aqui, esta descoberta não vai além da curiosidade.

Em um segundo momento, diz respeito ao futebol propriamente dito. Afinal de contas, o que é futebol? A prática, o esporte, o fenômeno ou quaisquer que sejam os sinônimos que venham a aparecer ao longo deste trabalho, devem ser acolhidos uma vez que o futebol é estudado em diversas áreas como a sociologia, a antropologia, a ciência, a comunicação. Poderíamos dizer de antemão que futebol sequer tem plural, sendo, portanto único. Seria, entretanto, um argumento pobre, evidentemente.

O futebol nasceu na Inglaterra nos século XVIII. Para o Brasil foi trazido por Charles Müller no início do século XIX. Nos Estados Unidos ele não é o primeiro⁴, nem o segundo tão pouco o terceiro esporte praticado. Na China, provavelmente ele é praticado por milhões de pessoas que, ainda assim são minorias perto daqueles que optam pelo tênis de mesa⁵. Na

⁴ O futebol americano é a grande paixão esportiva dos americanos, que até 1985 preferiam o Beisebol. Segundo números divulgados no final de 2012, o soccer, como os americanos chamam o futebol, aparece na oitava colocação com 2% da preferência dos entrevistados, dividindo posição com o tênis, a natação e o golfe. Eis a lista: 1. Futebol americano profissional – 34%, 2. Beisebol – 16%, 3. Futebol americano universitário – 11%, 4. Automobilismo – 8%, 5. Basquete profissional – 7%, 6. Hóquei – 5%, 7. Basquete universitário – 3% e 8. Tênis, Natação, Golfe, Futebol – 2%. (Fonte: Harris Interactive (empresa de pesquisa) . Disponível em: <http://www.harrisinteractive.com/NewsRoom/HarrisPolls/tabid/447/ctl/ReadCustom%20Default/mid/1508/ArticleId/1136/Default.aspx>. Acesso em 1 jan. 2014).

⁵ O tênis de mesa é muito popular na China sendo o segundo esporte em popularidade. O país possui cerca de 10 milhões de praticantes federados. Tal popularidade é fruto da massificação promovida pelo líder comunista Mao Tse-Tung devido à adaptação do esporte à espaços reduzidos, ideal para o país mais populoso do mundo.2 No mundo, estima-se que há 300 milhões de praticantes ocasionais3 e cerca de 40 milhões de praticantes federados4 distribuídos entre 186 federações filiadas à ITTF, a Federação Internacional de Tênis de Mesa. (WIKIPEDIA, 2013). Acesso em 1 de janeiro de 2014.

Espanha, é plausível que o salário do craque português Cristiano Ronaldo⁶ do Real Madrid, clube mais popular do país, seja suficiente para comprar milhares de bolas e distribuir uma para cada criança da Papua Nova Guiné.

Nas favelas do Rio de Janeiro, o futebol é jogado ao pé dos morros. Um par de chinelos ou duas pedras são suficientes para sinalizar duas pequenas goleiras. Dois meninos são suficientes para iniciar uma partida. Em alguns casos, até um. Há alguns anos um comercial de televisão de um cartão de crédito ao representar um jovem jogando futebol no pátio de casa aproximou-se do sentimento que permeia esta pesquisa: a paixão. Sozinho (mas imaginando o barulho da torcida em um estádio lotado), o menino chuta a bola, erra o alvo, acerta uma torneira que passa a jorrar água. Ele olha para o lado para certificar-se de que ninguém observara sua falha, aproveita o rebote, marca o gol imaginário e dispara em comemoração correndo em ziguezague de braços abertos. “*Ter uma segunda chance. Não tem preço*” encerrava o texto da peça publicitária. Mais do que praticar futebol, é preciso senti-lo para começarmos a falar de paixão.

Em resumo, basta fazer da garagem, a goleira, pintá-la na parede ou apenas imaginá-la entre dois pontos de referência para *jogar bola*. No livro *Futebol ao sol e a sombra*, Eduardo Galeano traz uma passagem que serve de DNA para quem estuda futebol e o sentido que ele produz. “Uma jornalista perguntou à teóloga Dorothee Sölle: Como a senhora explicaria a um menino o que é felicidade? Não explicaria – respondeu. Daria uma bola para que jogasse.” (GALEANO, 2004, p. 204) A alegria metaforicamente descrita pela teóloga se vê materializada nos campos improvisados espalhados mundo a fora. Chico Buarque de Holanda na crônica *O Moleque e a bola* empresta sua genialidade para detalhar o que chamamos de pelada.

A pelada é a matriz do futebol sul americano hoje em dia, mais nitidamente do africano. É praticada como se sabe por moleques de pés descalços no meio da rua, em pirambeiras, na linha de trem, dentro do ônibus, no mangue, na areia fofa e em qualquer terreno pouco confiável. Em suma, a pelada é uma espécie de futebol que se joga apesar do chão. Nesse esporte descampado todas as linhas são imaginárias ou flutuantes como a linha de água no futebol de praia e o próprio gol é coisa abstrata. O que conta mesmo é a bola e o moleque, o moleque e a bola. (HOLANDA, 1998, *Jornal o Globo*)

⁶ A transferência de Cristiano Ronaldo do Manchester United para o Real Madrid em 2009 por € 94 milhões permanece como a mais alta da história pelo quarto ano consecutivo. Este recorde já dura quatro anos, o segundo maior período da história, atrás apenas da transferência de Diego Maradona do Barcelona para o Napoli em 1984, pelo valor equivalente a € 13 milhões, e que permaneceu como a maior transferência por oito anos. Fonte: PLURI CONSULTORIA. **As maiores transferências do futebol mundial**. Disponível em <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/pluri%20especial%20%20100%20maiores%20transferencias.pdf>. Acesso em: abr. 2013

O futebol jogado apesar do piso rompe fronteiras. Em diferentes lugares do mundo ele é praticado com a mesma e única regra: a de que não há regra, o que importa é o espírito desse jogo que, de alguma maneira, forma o craque. No livro *Pelada, uma volta ao mundo pelo prazer de jogar futebol*, a ex-jogadora Gwendolyn Oxenham percorre os quatro cantos do planeta em busca de histórias que legitimem o discurso de que o futebol é uma paixão inexplicável. Sua passagem pelo Rio de Janeiro quando a equipe que a acompanhou na pesquisa bateu bola com um grupo de garçons mostra isso.

Numa quadra de asfalto, debaixo das luzes, ficamos horas jogando. Deu 1h, 2h, 3h, 4h da manhã. Eu estava bocejando, flutuando. Bati as mãos contra as de Etevaldo depois que combinamos nossos passes para driblar um garçom que trabalhava no Beer Haven. Vi o cara grande no gol assoar o nariz num lenço de papel amassado, e também Reinaldo, sentado no meio da quadra, gritando de brincadeira enquanto alguém pulava por cima dele. Pouco antes do sol nascer, o jogo chegou ao fim. Etevaldo sentou no banco, colocando as mãos sobre os braços musculosos. Luke fez perguntas e eu fiquei ouvindo o tom constante da voz cansado do Etevaldo. ‘Eu lavo os pratos, varro o chão, coloco as cadeiras em cima da mesa e aí venho jogar, viver’. (OXENHAM, 2013, p. 62)

Todos os exemplos, do milionário futebol das estrelas planetárias como Cristiano Ronaldo, o da criança que abre um sorriso quando ganha uma bola, da pelada dos garçons até o do jogado no anonimato do fundo de quintal, teoricamente, têm a mesma origem: a paixão. E é ela que move este pesquisador a estudar a paixão pelo futebol, por um clube e os conflitos consequentes desta imersão apaixonada na rotina de uma profissão em que a paixão jamais pode sobrepor-se à razão.

2.1.2 O Planeta é uma Bola

Na discussão para segmentação dos capítulos deste trabalho, entendeu-se por necessária uma pequena contemplação de diferentes olhares sobre o futebol ao redor do mundo. A paixão, objeto de estudo aqui, concede exageros em alguns casos, bem como se esvai em meio ao romantismo em outros. É bem comum misturar na mesma panela a paixão, a rivalidade, a crença, a devoção e o fanatismo. Em outra o prazer, o lazer, o lúdico e o romântico e em uma terceira panela o circo, o espetáculo e por fim, o negócio.

Em *A bola corre mais que os homens*, Roberto da Matta faz uma tentativa de reunir todos os significados que envolvem o futebol.

Talvez o futebol seja capaz de tudo isso porque é uma atividade dotada de uma notável multidimensionalidade: uma densidade semântica complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente por meio de muitos planos, realidades e pontos de vista. Embora seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados parâmetros capitalistas e burgueses, ele não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. A começar pela possibilidade de projetar, no campo e na partida que produz, emoções, mitos e fantasias individuais e coletivas, tirando do espetáculo – como Nelson Rodrigues percebeu melhor do que ninguém – qualquer possibilidade “objetiva” ou unidimensional. (DAMATTA, 2006, p. 145)

Nestas páginas, todas as nuances do futebol são bem vindas para serem observadas e analisadas. Se com o passar do tempo o futebol mergulhou na indústria cultural⁷ e por consequência alterou talvez alguns de seus princípios, abriu as portas para a violência e para a corrupção, ainda assim, nada lhe tira a capacidade de mobilização, de interesse esportivo, cultural, econômico e porque não acadêmico também. Por isso, tudo o que circunda o meio futebolístico desde os jogadores, treinadores, dirigentes, espectadores, torcedores, imprensa e mídia, historiadores, patrocinadores, investidores, todos têm uma parcela de contribuição na tentativa de compreender o fascínio que é tecido ao final desta teia de relacionamentos. Em *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*, Hilário Franco Júnior posiciona o futebol ao lado das artes.

Ele, contudo, não se diferencia do cinema, do teatro, da literatura e das artes em geral. Assim como essas formas culturais, o futebol expressa, repensa e reconstrói idealmente a sociedade, ainda que à sua maneira em outro registro, com instrumentos próprios. Por canalizar com eficácia as esperanças e frustrações da sociedade, ele desperta emoção tão envolvente e adesão tão intensa que claramente se destaca de qualquer manifestação contemporânea. (JÚNIOR, 2007, p. 394)

Provavelmente quando foi inventando, o futebol não tinha ideia do alcance e da aceitação que teria nos quatros cantos do mundo em um período relativamente curto de tempo da humanidade. Ao colocarmos em pauta também a paixão, a pergunta clássica de quem veio primeiro, se o ovo ou a galinha não se faz necessária. Se a primeira bola foi chutada em meados do século XVIII, o nascimento da paixão pelo esporte tem data imprecisa, mas evidentemente esta veio depois. É possível afirmar que a paixão é o combustível do futebol. Sem ela o esporte minguaria, vira lazer e aproxima-se dos demais esportes de menor capacidade de mobilização praticados em qualquer lugar do mundo.

⁷ A indústria cultural é a designação proposta por Adorno e Horkheimer (1977) para compreensão dos novos modos de produção na cultura a partir das lógicas definidas pela consolidação do capitalismo e da sociedade de consumo.

Neste momento, entretanto, é preciso fazer uma ressalva importante. A paixão clubística não é totalmente igual à paixão pelo esporte bretão. A paixão pelo esporte não evoca necessariamente interesses pessoais na disputa de uma partida, por exemplo, enquanto a paixão clubística em alguns casos dispensa inclusive uma explicação razoável. “Suspeita-se que o sol é uma bola acesa, que durante o dia trabalha e de noite brinca lá no céu, enquanto a lua trabalha, embora a ciência tenha dúvidas a este respeito” (GALEANO, 2004, p. 203).

A “suspeita” levantada pelo escritor uruguaio faz parte da vertente mais lúdica acerca do futebol. *Futebol ao Sol e a sombra* é um fartíssimo leque de manifestações saborosas e generosas que ajudam a colocar o futebol na prateleira dos fenômenos complexos da natureza das relações humanas. Ainda que seja um jogo, o futebol mexe com as emoções do homem e não faz distinção do sexo, idade, cor, religião etc. Não à toa, ao longo do tempo estabeleceu-se mundialmente pelo caráter democrático. A partir das Copas do Mundo passou a ter maior visibilidade. Em 1930, data do primeiro Mundial, o primeiro país campeão do mundo foi o Uruguai. Não há nenhuma relação nisso, mas a sensibilidade encontrada pelo uruguaio para tratar do futebol não é encontrada em nenhum outro lugar, pelo menos no trabalho de pesquisa deste pesquisador. Suas palavras podem ser consideradas prova disso:

Quando termina a partida (...) e então o sol vai embora, e o torcedor se vai. Caem as sombras sobre o estádio que se esvazia. Nos degraus de cimento ardem, aqui e ali, algumas fogueiras de fogo fugaz, enquanto vão se apagando as luzes e as vozes. O estádio fica sozinho e o torcedor também volta à sua solidão, um eu que foi nós; o torcedor se afasta se dispersa, se perde, e o domingo é melancólico feito uma quarta-feira de cinzas depois da morte do carnaval. (GALEANO, 2004, p. 15)

A dramatização criada por Galeano de alguma forma coloca o torcedor como partícipe de um espetáculo. O *deixar de ser nós para voltar a ser eu* dá uma ideia de envolvimento da plateia com o palco, o estádio. Mais adiante, em “*Futebol ao sol e a sombra*” começa a aparecer uma outra versão do futebol. Qual seja o da abnegação, da identificação ferrenha e incondicional e que se assemelha ao comportamento religioso. “Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais.” (GALEANO, 2004, p. 40).

A um oceano de distância e no velho continente, a poesia de Galeano enxerga contrapartida no texto cru de Nick Hornby (2000). Em *Febre de Bola*, o autor do clássico livro *Alta Fidelidade*, relata o entrelaçamento da sua vida particular e da vida de torcedor do Arsenal, um dos times mais populares da Inglaterra.

Os ingleses, como já foi referido anteriormente, foram os inventores do futebol. De lá para cá, as pesadas butinas de cano alto e a bola de couro costurada à mão foram substituídas por chuteiras de peso pena e bolas fabricadas em série com material de última tecnologia. Atualmente, a *Premier League* (Liga Inglesa de futebol)⁸ é a mais atraente do mundo do ponto de vista do marketing esportivo, da organização, dos estádios modernos e da presença maciça do público a cada domingo. A terra da rainha é referência internacional na organização do espetáculo.

O sucesso britânico é fruto da reorganização forçada que o país se viu obrigado a enfrentar ao final dos anos 80, início da década de 90. Neste período, os *hooligans*⁹ assombraram o mundo espalhando violência, medo e morte por onde passaram afugentando as pessoas dos estádios, os jogadores estrangeiros dos campeonatos e por fim os recursos para os clubes. A ferida foi grande e o governo precisou intervir atuando fortemente na política de punições numa epopeia para coibir a violência. Os clubes se mobilizaram, investiram milhões de libras em segurança nos estádios e principalmente na educação e conscientização do público. Hoje, as arquibancadas distam dois metros do gramado, não há foço separando as cadeiras do gramado, não há invasões de campo e o torcedor é tratado como consumidor¹⁰.

O depoimento de Hornby não possui a sensibilidade e a suavidade de Galeano, mas contribui através de uma linguagem mais explícita para a tentativa de entender o incompreensível, que é a paixão pelo futebol, mais precisamente por um time específico, o Arsenal, de Londres. Alterou-se a forma de torcer e a paixão saiu intacta.

⁸ A competição foi formada como FA Premier League em 20 de fevereiro 1992, após a decisão dos clubes da Football League First Division de romperem com a Football League, originalmente fundada em 1888, para aumentarem suas receitas provenientes de direitos de televisão, que atualmente rendem um bilhão de libras por ano para transmissões domésticas. A Premier League é a liga de futebol mais assistida do mundo, transmitida em 212 territórios e em mais de seiscentos milhões de lares. Fonte: SITE OFICIAL DA PREMIER LEAGUE. Disponível em: <http://www.premierleague.com>). Acesso em 11 abr. 13.

⁹ O termo *hooligans* refere-se a um comportamento destrutivo e desregrado. Tal comportamento é comumente associado a fãs de desportos, principalmente adeptos de futebol e desportos universitários. O termo também pode aplicar ao comportamento desordeiro em geral e vandalismo, muitas vezes sob a influência de álcool e/ou drogas. O termo *hooligan* tem sido utilizado pelo menos desde meados da década de 1890 - quando foi usado para descrever o nome de uma gangue de rua em Londres - aproximadamente ao mesmo tempo que as gangues de rua de Manchester, conhecidas como as "Scuttlers" foram ganhando notoriedade. (Fonte: Wikipedia).

¹⁰ O consumo, tanto na perspectiva de Balman (2000) ou Canclinni (2991), estabelece outras relações sociais com dinâmicas específicas. O futebol, como grande negócio, insere-se nessas lógicas inclusive alimentando-se da mobilização passional dos torcedores. Também expressa as distinções sociais e as mobilizações econômicas.

O futebol é um ótimo jogo e tudo o mais, mas o que diferencia aqueles que se satisfazem com meia dúzia de jogos por temporada – assistindo às grandes partidas e se afastando das peladas, numa postura certamente sensata – daqueles que se sentem obrigados a comparecer em todos? Para que viajar de Londres a Plymouth numa quarta-feira, sacrificando um feriado precioso, para ver um jogo cujo resultado já foi efetivamente decidido na primeira partida em Highbury? E se a teoria do ato de torcer como terapia estiver perto da verdade, que inferno estará enterrado no subconsciente das pessoas que vão aos jogos da Taça Leyland DAF? Talvez seja melhor nem sabermos. (HORNBY, 2000, p. 17)

Ao encontro do relato de Hornby está o pensamento de que o torcedor se vê importante no aspecto psicológico que liga sua vida ao clube de coração.

Seguir determinado clube é acreditar, mesmo contra evidências racionais, que ele vá vencer. Como o futebol é jogo de muitos erros e pouca pontuação, mantém o torcedor em constante expectativa. Impotente na arquibancada, o adepto de um clube crê que sua fé e seu estímulo possam colaborar para que seus ídolos levem a divindade comum à vitória. (...) Torcer pela televisão ou pelo rádio é acreditar poder emitir na contramão das ondas hertzianas uma energia psíquica que deve contribuir para a vitória do time. Torcer supõe alterar a configuração de um evento, moldar psicicamente um fato para adequá-lo ao espaço do desejo. (JÚNIOR, 2007, p. 292 e 311)

Diversos trabalhos acadêmicos no Brasil exploram o futebol como objeto de pesquisa. Mais adiante neste capítulo iremos detalhar como este esporte cresceu do ponto de vista de mobilização popular e por consequência acabou sendo apropriado pela imprensa. Em sua dissertação de mestrado *O futebol midiático: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios de comunicação*, Patrícia Rangel de Moreira Bezerra sintetiza o significado do futebol para o povo brasileiro, pois segundo ela:

(...) o futebol está inserido na identidade da sociedade, faz parte da vida da ampla maioria dos brasileiros, é quase um “DNA” deste povo. Mesmo aquele que não gosta tanto do esporte, acaba tendo um time que simpatiza mais e numa Copa do Mundo assume a torcida pela seleção nacional. Desde pequenos recebemos um nome, uma religião e quase sempre um time para torcer. (BEZERRA, 2008, p. 18)

O DNA descrito por Bezerra é sem dúvida uma marca do povo brasileiro. Entretanto, até mesmo em outras culturas onde o futebol não está tão fortemente ligado à identidade de uma sociedade, ainda sim a paixão pelo esporte e a rivalidade entre os clubes pode sim ser marcante.

2.1.3 Eu Pertença à Bola

O comportamento do torcedor em dia de jogo dificilmente é reproduzido em outra situação. Talvez nos shows musicais em massa as pessoas assumam comportamentos próximos aos vistos nas partidas de futebol. Encorajam-se para manifestarem-se em grupo e produzir uma reação coletiva. Tomam atitudes em bando que não tomariam sozinhas. Dizem em público coisas que não diriam em casa. E ganham feições que não seriam reconhecidas no espelho. No futebol, isto que podemos chamar de *performance*¹¹ pode ser observado também em grupos nos estádios ou até mesmo solitariamente no sofá em frente à tv. O relato de Hornby ilustra esta mudança comportamental pela qual passa um indivíduo fanático.

Minha doença de sábado era tal que eu insistia em estar dentro do estádio logo depois de uma hora em ponto, cerca de duas horas antes do pontapé inicial; era um capricho que meu pai tolerava com paciência e bom humor, embora quase sempre estivesse frio e a partir de duas horas e quinze minutos meu nervosismo fosse tamanho que impossibilitava qualquer comunicação. (HORNBY, 2000, p. 24)

O exemplo inglês é apenas um dentre as dezenas que existem espalhados ao redor do mundo. A condição irracional nem sempre reconhecida acentua-se á medida que nas grandes praças esportivas as cidades se dividem entre duas agremiações. Poderíamos destacar na Europa, as italianas tradicionais Roma x Lazio, Inter de Milão x Milan, Juventus x Torino. Na Espanha, enquanto os gigantes Real Madrid x Barcelona dividem o país, Sevilha x Betis dividem a cidade de Sevilha. Na Inglaterra, os chamados *derbies*¹² acontecem em várias regiões. Em Manchester, Manchester United x Manchester City fazem o clássico do primo rico contra o primo pobre, respectivamente. Liverpool x Everthon dividem a terra dos Beatles enquanto que Arsenal x Tottenham fazem o mais antigo duelo da capital Londres. Na Alemanha¹³, Bayer de Munique x Schalque 04 ou Borussia Dortmund representam a ponta de cima do país que em média leva mais público aos estádios nas Ligas europeias.

¹¹ A performatividade, pensada tanto para estudos da política (BALL, 2001), como para os de gênero (BUTLER, 2008) podem também ajudar a compreender dinâmicas do futebol associadas às tramas estabelecidas entre passionalidade, espetáculo e disputas.

¹² Derbies: é um termo utilizado para tratar o encontro entre dois times rivais. Pode ser considerado um sinônimo de clássico.

¹³ Além de ter a maior média de público do Mundo, a Alemanha também possui o maior percentual de ocupação, com 95,4% dos assentos ocupados. Em segundo lugar, praticamente empatado, vem a Inglaterra, com 95,3%, seguido pelos EUA com 91,2% (PLURI CONSULTORIA, **Os maiores públicos do mundo**. Disponível em: <http://www.pluriconsultoria.com.br/relatorio.php?id=286>. Acesso em 20. Ago. 13).

Em determinados locais, entretanto, a rivalidade vai um pouco além. Na Turquia, considerado um dos países mais apaixonados por futebol, a violência é marca do encontro entre Galatasaray x Fenerbanche. A antipatia entre os dois clubes se dá devido à região onde se encontram. Istambul, a capital do país, é dividida pelo estreito de Bósforo, que conecta o Mar de Mármara e o Mar Negro e, fisicamente, separa a Europa da Ásia. O estádio do Galatasaray se encontra do lado europeu da cidade, reservada à aristocracia, enquanto que o estádio do Fener fica do lado asiático de Istambul, onde ficavam os plebeus. Na Escócia, a questão religiosa incendeia ainda mais a discórdia na cidade de Glasgow. O Rangers é um clube no qual boa parte de seus torcedores é devota do Anglicanismo, ou seja, seguidores político-religiosos da Rainha do Reino Unido. Sua torcida traz uma grande bandeira, onde está pintado o rosto da Rainha Elizabeth II. O Celtic, por outro lado, é o clube predileto dos escoceses de religião católica e dos irlandeses e descendentes residentes na Escócia, tendo milhares de torcedores entre os católicos das duas Irlandas. Sua torcida exibe uma bandeira alviverde com o retrato do falecido papa João Paulo II. Também no leste europeu encontramos o chamado “dérbie eterno”, nos Balcãs, em Belgrado, na Sérvia, região da antiga Iugoslávia. Nascidos com poucos meses de diferença, o Estrela Vermelha e o Partizan se originaram de dois órgãos políticos, como era comum nos países do leste europeu do pós-guerra. O Estrela foi criado em março de 1945 e representa o Partido Comunista. Já o Partizan foi fundado pelo Exército exatamente setes meses depois

No mercado Sul-Americano as grandes divisões, até em virtude da tradição do futebol nestes países, está concentrada em Brasil, Argentina e Uruguai. O pequeno território uruguaio praticamente divide-se entre os *hinchas*¹⁴ do tradicional amarelo e preto do Peñarol e o tricolor azul, vermelho e branco do Nacional. Na Argentina, Buenos Aires, assim como Londres, é a cidade com inúmeros clubes distribuídos pelas divisões do futebol nacional. O *Superclássico* reúne Boca Juniors, de origem pobre do bairro La Boca e o River Plate, situado em Nuñez, região melhor localizada na capital portenha. O clássico além da dimensão nacional concentra praticamente duas crenças, como relata mais uma vez Galeano.

¹⁴ Chamamo-nos HINCH.AS em homenagem a Prudencio Miguel Reyes, um humilde roupeiro do Clube Nacional do Uruguai, cujo trabalho era encher (hinchar) as bolas para sua equipe. Miguel era chamado de “Hincha” e seu apelido é a origem de um substantivo que seria universal. Reyes era um fanático incondicional. Encorajava os jogadores com uma paixão que contagiou o resto dos espectadores. Eles também começaram a se chamar como Hinchas, e o nome se estendeu para América Latina e o mundo. Cada país tem seu nome para seus torcedores, para seus “hinchas” (Fonte: HINCH.AS. Disponível em: <www.hinch.as>. Acesso: 19 Fev 2014).

Para o torcedor mais fanático, o prazer não está na vitória do seu próprio time, mas na derrota do adversário. (...) Creio que foi Oswaldo Soriano que me contou a história da morte de um torcedor do Boca Juniores, em Buenos Aires. Aquele torcedor havia passado a vida toda odiando o River Plate, como era sua obrigação, mas no leito de agonia pediu que o envolvessem na bandeira inimiga. E assim pode comemorar num último suspiro: ‘morre um deles’. (GALEANO, 2004, p. 111)

Em Rosário destaca-se a rixa entre Rosário Central x Newels Old Boys. Conta-se que há muitos anos um hospital da cidade organizou uma campanha para arrecadar fundos para combater a lepra e convidou os dois clubes da cidade para participar da campanha. O NOB concordou em participar, mas o Rosário Central não. Desde então, os jogadores e torcedores do Newell's são chamados de "leprosos", enquanto os do Rosário ficaram conhecidos como "canalhas".

O Brasil, por ter dimensões continentais, tem espalhada de norte a sul as cores que colore o futebol pentacampeão do mundo. As rivalidades são diferentes das dos nossos vizinhos. Enquanto lá a proporção por muitas vezes é nacional, aqui o âmbito é preponderantemente regional. Não há uma disputa nacional.

Em alguns casos a mídia acaba tratando determinado encontro como “um grande clássico do futebol brasileiro”, embora não seja uma partida de mobilização nacional. O eixo Rio-São Paulo possui uma característica em comum. Ambos estão divididos em quatro grandes clubes, o que acaba diluindo as rivalidades. No Rio de Janeiro está a maior torcida do país¹⁵ que veste o rubro negro do Flamengo, rival do Vasco da Gama, segundo clube mais popular dos cariocas. O embate entre os dois é o *Clássico dos Milhões*, numa alusão à enorme mobilização de suas torcidas. Na sequência, aparecem o verde, branco e grená do Fluminense e o tradicional preto e branco do Botafogo, que carinhosamente disputam o clássico *Vovô*, pois são os mais antigos entre os grandes.

Em São Paulo figura a segunda maior torcida do Brasil, a do Corinthians, com impressionante penetração nas camadas mais populares. O maior rival do Timão, como é conhecido o clube, é o Palmeiras, tradicional instituição de origem italiana. O São Paulo é a terceira força em torcida e carrega a áurea de ser um clube aristocrata desde a sua fundação.

¹⁵ Em pesquisa divulgada em fevereiro de 2013 pelo IBOPE, o Flamengo permanece como o clube de maior torcida do Brasil. A lista das dez maiores torcidas tem: 1º Flamengo (33,2 milhões, 17,2%), 2º Corinthians (25,8 milhões, 13,4%), 3º São Paulo (16,8 milhões, 8,7%), 4º Palmeiras (11,6 milhões, 6,0%), 5º Vasco da Gama (7,9 milhões, 4,1%), 6º Grêmio (7,7 milhões, 4,0%), 7º Cruzeiro (6,8 milhões, 3,5%), 8º Santos (5,2 milhões, 2,7%), 9º Atlético-MG (5 milhões, 2,6%) e 10º Internacional (4,8 milhões, 2,5%) (IBOPE, **As maiores torcidas do Brasil**. Disponível em: <http://blogdogersonnogueira.wordpress.com/2013/02/21/ibope-divulga-pesquisa-sobre-maiores-torcidas-do-pais/>) Acesso em 13. fev 2013.

Os três, Corinthians, Palmeiras e São Paulo formam o que ficou eternizado como *Trio de Ferro*. Não mais na capital, mas no litoral está o Santos. Clube que dispensa apresentações, pois foi onde nasceu e se eternizou Pelé¹⁶. Os feitos do rei, principalmente na década de 60 quando a fantástica equipe foi formada na baixada santista fazem do Peixe¹⁷ até hoje uma força dentro de São Paulo e fora do estado também. É o segundo time de muita gente não só de São Paulo, mas do Brasil todo.

Destacam-se em outras regiões as rivalidades entre dois clubes. Em Minas Gerais, Atlético Mineiro x Cruzeiro, no Pará, Paysandu e Remo, no Recife, Sport x Santa Cruz, em Florianópolis, Avaí x Figueirense, na Bahia, Vitória x Bahia, dentre outros confrontos que alteram a rotina de cidades e estados espalhados Brasil à fora. Por fim, no Rio Grande do Sul encontramos a rivalidade de Grêmio x Inter. Objeto de estudo desta pesquisa, ela será esmiuçada no decorrer deste trabalho.

A divisão da população de uma cidade em times rivais, claramente dualizada em algumas cidades, como acontece com Grêmio e Internacional, obedece para além dos perfis sociológicos, a uma necessidade antropológica: a de se dividir em clãs totêmicos mesmo no mundo moderno, e disputar ritualmente, num mercado de trocas agonísticas, o primado lúdico-guerreiro, como se não fosse possível ao grupo social existir sem suscitar por dentro a existência do outro – o rival cuja afirmação me nega me afirmando. (WISNIK, 2008, p. 51)

Mergulhar no universo apaixonado do futebol pode não ser um gesto intencional do indivíduo. Como veremos a seguir, a preferência clubística em alguns casos precede até mesmo o nascimento.

2.1.4 A Escolha

Arlei Sander Damo (2008), trabalha com o termo *pertencimento clubístico* para falar da relação de amor dos torcedores com seus clubes do coração e os jogadores agraciados com o dom de jogar bola. Os atletas dispõem de um dom, oferecem este ao espectador (torcedor), mas em troca são remunerados para tal. Enquanto isso, os apaixonados torcem para os clubes onde trabalham estes abençoados, independente do resultado por eles alcançados. Este vínculo com o clube, o autor denomina como uma espécie de dádiva sagrada que não pode ser

¹⁶ Na verdade, Pelé começou no futebol jogando pela equipe infanto-juvenil do Bauru Atlético Clube, time de futebol amador da cidade de Bauru, estado de São Paulo. Pelo Baquinho conquistou o bicampeonato da Liga Citadina em 1954 e 1955. Em 1956, Pelé foi levado por Waldemar de Britto, antigo meia-direita da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1934, para treinar no Santos e foi aprovado. (FONTE: campeosdofutebol.com.br) Acesso em 1 de jan. 2014.

¹⁷ A proximidade com o mar deu ao Santos um mascote específico, o peixe, que é como o clube passa a ser designado muitas vezes na crônica esportiva.

trocada, já que é herdada pelo indivíduo da rede de sociabilidade primária como uma espécie de pacto de sangue. (DAMO, 2008).

A irracionalidade no futebol, é importante observar, não deve estar obrigatoriamente ligada ao cenário hostil da violência. Quando começamos a investigar a origem das paixões pelos clubes conseguimos perceber que este termo registra outra conotação fundamental para entender (ou tentar pelo menos) os motivos que levam alguém a escolher este ou aquele distintivo para imprimir no coração. Como vamos ver a partir de agora, em muitas das vezes a escolha sequer existe. O indivíduo nasce com este assunto definido.

Inculcar o pertencimento clubístico é competência da rede de sociabilidade primária, normalmente de um familiar ou amigo muito próximo, o que acarreta a indexação do clubismo a outro sistema de pertença, no qual o fluxo de emoções e solidariedades é intenso. Dadas as influências da parentela consanguínea na escolha do clube, torna-se mais compreensível a razão pela qual o vínculo é considerado eterno – como diz o hino do Flamengo, “uma vez Flamengo... Flamengo até morrer”. (DAMO, 2008, p. 144)

Os indivíduos que conseguem deixar a barriga da mãe sem que alguém tenha definido por si a sua predileção clubística chegam tempo depois em momento em que é preciso fazer esta escolha (evidentemente que não estamos generalizando que isso ocorre com todo ser humano. O contexto trata daquelas pessoas que respiram futebol e que consideram esta passagem algo relevante). Não existe uma data preestabelecida nem tampouco a exigência de que a escolha é definitiva. Geralmente ela se dá ainda na infância, em casa ou quando esta “escapa”, acontece no ambiente escolar onde esta experiência pode ser dividida e compartilhada¹⁸.

No seu estudo sobre futebol, Wisnik abriu espaço para contar como este rito aconteceu na sua vida.

Em 1956, com sete ou oito anos de idade, me vi às voltas com a escolha do time a torcer. Para a criança já capturada pelo fascínio do futebol, talvez seja a primeira decisão pressentida como sendo um ato que alterará a sua vida inteira. Um rito de passagem oficiado no recesso de um foro íntimo imenso e quase virgem. Às vezes essa decisão pode vir pronta e dada pela tradição familiar, como numa sociedade tradicional que já filiasse o nativo a um clã. [...] A escolha do time de futebol

¹⁸ Dados de uma pesquisa realizada em Porto Alegre (Damo, 1998, pp. 75-85) revelam que, em praticamente 70% dos casos, a escolha do clube dito do coração é feita por influência da rede de sociabilidade familiar – sobretudo avô, pai, irmão, tio ou primo – ou muito próxima a ela – padrinho e amigos de infância e/ou adolescência –, e ocorre nos dez primeiros anos de vida. Quase a metade dos entrevistados disse ter-se definido por um clube antes dos cinco anos de idade, o que prova o quanto as crianças são influenciadas desde muito cedo; apenas 10% dos entrevistados declararam ter mudado de clube, sendo que mais de 85% afirmaram que não mudariam “jamais”. (WISNIK, 2008 apud DAMO, 1998, p. 75).

redobra, por um gesto nosso, a sujeição primeira a um nome, a inclusão na ordem da linguagem e a identificação inconsciente com um objeto de amor. Ou seja, reencena as bases do nosso processo de identificação, dando-lhe um fantástico teatro em que se desenvolver e se esquecer. Alimentado e açulado pelas motivações grupais e sociais, não é à toa que passamos a defendê-lo pela vida inteira, às vezes furiosa e desesperadamente. (WISNIK, 2008, p. 34)

Na mesma linha, contribuindo para a construção do caráter hierárquico da paixão pelo futebol, Damo, em sua pesquisa, reforça a ideia irracional deste processo e atenta para as consequências desta tomada de atitude.

Herdar a pertença significa habituar-se aos altos e baixos do desempenho dos times – à alegria pela vitória no jogo de domingo segue a tristeza pela derrota do time na quarta-feira, ano após ano, indefinidamente. O que chama a atenção no clubismo é que, tal qual no totemismo, as identidades são diacríticas e os sentimentos antitéticos. A desolação dos torcedores de um clube é o combustível para a euforia da torcida adversária. Aprender a amar o Inter, o Corinthians e o Cruzeiro, por exemplo, é tão importante quanto detestar, respectivamente, o Grêmio, o Palmeiras e o Atlético. (DAMO, 2008, p. 144)

A origem da paixão pelo futebol, o pertencimento clubístico e o caráter hierárquico deste processo que dá seguimento á paixão serve de suporte para começarmos a analisar outro ponto desta pesquisa. Se o futebol desperta tanto interesse e mobiliza de tal maneira, seria natural que ele crescesse como fenômeno de massa. Para que isso ocorra, ele é apropriado pela imprensa que décadas mais tarde transformaria o espetáculo de massa em espetáculo de mídia, segunda e terceira parte deste capítulo.

2.2 Ambiente Cultural Complexo

2.2.1 O Início da Crônica

O segundo capítulo deste trabalho aborda aspectos históricos da crônica esportiva no Brasil, mais especificamente a do Rio Grande do Sul, cenário escolhido para a presente pesquisa. Neste momento, entretanto, se vê como necessário fazer um pequeno resgate cronológico do surgimento da imprensa esportiva no país até o momento em que esta se consolida como partícipe também do futebol espetáculo, outro tema que abordaremos posteriormente.

O futebol e a crônica esportiva não nasceram na mesma data, é verdade. Mas é verdade que os dois cresceram juntos na mesma época. São contemporâneos e a infância de ambos registra uma dependência quase umbilical. Se o futebol alcançou as multidões, é porque se aproveitou muito da sapiência dos cronistas da época. E se os cronistas ganharam notoriedade é porque souberam aproveitar bem as oportunidades propiciadas pelo futebol. O final do século XIX e o início do XX pouco ou quase nada deram atenção para o esporte bretão, uma vez que este era preterido pelo remo ou pelo turfe, esportes mais tradicionais daqueles tempos. Fora isso, o desconhecimento das regras, o preconceito com seus praticantes e a democracia nele presente geravam uma enorme desconfiança em relação àquela que anos depois transformar-se-ia na paixão nacional do brasileiro. (até hoje o futebol é considerado pelo senso comum como o esporte mais democrático de todos, pois ignora sexo, idade, classe social, raça e cor).

Em *A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI*, Ronaldo Helal e Cesar Gordon sublinham a importância do futebol na formação da identidade e da autoestima do cidadão até então tupiniquim.

Mais do que uma paixão, o futebol foi um elemento primordial na história recente do país, em sua transição de uma sociedade rural para uma moderna sociedade urbana e industrial. Como vários estudiosos destacaram, o futebol no Brasil foi um poderoso mecanismo de integração social, de solidificação de uma identidade nacional, além de revelar certas características imaginadas da “alma brasileira”. Foi através do futebol que os brasileiros puderam integrar “Estado nacional e sociedade e sentir a confiança na nossa capacidade como povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, cantar com orgulho seu hino e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional”. (HELAL E GORDON, 2002, apud DAMATTA, 1994, p. 17).

Aos poucos, o futebol foi ganhando espaço. Nas preferências desportivas, na sociedade, nas páginas dos jornais e por fim no público. Bem antes de entrar no imaginário do povo, bem antes de estimular o ódio e o amor entre seus amantes, bem antes de tudo isso, a porta de entrada do futebol na sociedade brasileira deu-se exatamente pelo ângulo de menor apelo do futebol. Qual seja, o ligado à saúde, como esporte essencialmente comparado a qualquer outro. Na sua imersão literária *O futebol como objeto de investigação acadêmica*, o professor Tarcísio Normando, do Amazonas, ajuda a entender o processo de sedução que envolveu a bola e o brasileiro.

O football - tanto quanto os demais esportes trazidos por migrantes de boa estirpe do velho mundo -, enquadrou-se nos anseios elitistas de transformar as cidades brasileiras segundo representações das metrópoles europeias. Para tanto, absorveram os elementos necessários para identificação da elite urbana com uma vanguarda científica e/ou artístico-cultural. Nesse sentido, jogar futebol simbolizava estar conectado com um novo modelo de homem e, também, numa perspectiva macro, com um novo modelo de sociedade, no qual as otimizações físicas e urbanas davam a medida de inserção num padrão “civilizado”. Assim, o homem que viveu na Belle Époque, presenciou uma época de estranhamentos, na qual os emblemas de modernidade - como o futebol o era, causavam grande inquietação, pois moldavam uma nova paisagem que desconstruía modelos e apontava para novas formas de interação social. (NORMANDO, 2003, p. 1)

O momento de percepção da mídia da época (rádio, revistas e jornal, basicamente) em relação à aceitação que o futebol tinha nas pessoas, marca grosso modo o início da cobertura esportiva especializada. Como dissemos anteriormente, até então eram o turfe e o remo, entre outros, os esportes que ganhavam algumas linhas no noticiário. Ainda assim, o conteúdo era meramente informativo com os resultados das corridas, dos páreos, dos *matches*. Pela maneira como o texto era apresentado não é errado tratá-lo como uma pequena prestação de serviço para uma parcela pequena de interessados. Nada a comparar com o que viria a se tornar a cobertura que o futebol ganharia a partir principalmente dos anos 1940 com algumas figuras marcantes não somente na imprensa brasileira, mas da história do país. Nomes como os dos irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues ajudaram a elucidar o caráter da sociedade brasileira e mais do que isso, suas obras foram responsáveis por colocar o Brasil no mapa-múndi. Vale lembrar que o país estava em construção não apenas sócio político, mas cultural também. Neste contexto, a cidade do Rio de Janeiro foi o palco do ambiente cultural complexo emergente da relação futebol e mídia. Nos próximos parágrafos, tendo como principal referência a pesquisa de Helal e Gordon, discorreremos um pequeno resgate histórico da trajetória do futebol e da imprensa esportiva na vida do brasileiro.

Anos 1910 e 20: época de um futebol ainda amador e que não admitia até então a presença do negro entre os seus praticantes. Somente em 1923, o Vasco da Gama, campeão carioca daquele ano teve mulatos e negros no time e abriu assim as portas para as camadas populares no que seria o primeiro passo para o esporte deixar de ser de elite. Neste tempo também os jogadores passaram a receber remuneração dos clubes. O período denominado “profissionalismo marrom” antecedeu o profissionalismo propriamente dito que chegaria tempos depois.

Anos 1930: A profissionalização do esporte em 1933 sinaliza pela primeira vez com a possibilidade dos menos favorecidos ascender economicamente na sociedade. A década

registra também o livro *Casa Grande e Senzala*, do sociólogo Gilberto Freyre, obra importante ao apontar para a miscigenação do povo brasileiro, tema que posteriormente respingaria no DNA do futebol verde e amarelo.

Anos 1940: O futebol torna-se definitivamente popular, invade o cotidiano das pessoas e transforma-se em um elemento da cultura popular, fundamentalmente pela sensibilidade e genialidade de Mário Filho, pois como explicam Helal e Gordon.

(...) foi ele quem inventou o jornalismo esportivo como gênero no Brasil e fomentou o surgimento de um público de massa para o futebol, através de sua atuação em vários jornais importantes do Rio de Janeiro (O Globo, O Mundo Esportivo e Jornal dos Sports). Por esse canal, Mario Filho promoveu continuamente eventos públicos em torno do futebol, participou de forma ativa do debate sobre o fim do amadorismo e, em suas crônicas esportivas, passou a descrever as partidas de futebol como verdadeiros épicos, onde estavam em jogo valores humanos mais altos e não apenas disputas esportivas”. (...) Foi ele também o principal responsável pela construção do estádio do Maracanã, erguido no Rio de Janeiro especialmente para sediar a Copa do Mundo de 1950. De dimensões grandiosas, o Maracanã havia sido construído, segundo Mario Filho, ‘para exaltar o amor do brasileiro pelo futebol’. (HELAL E GORDON, 2002, p. 42).

Nesta época, Mário Filho escreve *O Negro no futebol brasileiro*, obra indispensável para entender o que estava acontecendo naqueles anos.

O jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol. [...] Os moleques do Retiro da Guanabara, não podendo ter nada disso. Nem o campo, nem a bola, nem a chuteira, nem as meias, nem as camisas. Jogando na rua, de pé no chão, com bola de meia. Quando cresciam e entravam para um clube pequeno, de gente pobre, estranhavam a bola, a chuteira. A bola enorme, dura, cheia demais, pesada de tanta lama das peladas. Lama que se entranhava no couro, que não saía. A bola dos campos, novinha, com cheiro de couro, brilhando, parecia envernizada, uma bola para cada jogo. Bola usada só para treino. Uma bola assim se podia chutar sem susto. Sem destroncar o dedo grande do pé. Coisa que acontecia comumente nas peladas. [...] Nesses contatos entre o campo e a pelada os moleques de pé no chão impressionavam os garotos de boas famílias. Que levavam para o colégio a notícia de um pretinho que ia ser um grande jogador de futebol. Só vendo o domínio de bola que ele tinha. (RODRIGUES, 2007, p. 73, 76 e 77)

No prefácio da primeira edição do livro, em 1947, Gilberto Freyre escreve.

O desenvolvimento do futebol, não um esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estiblo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Mario Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura. (FREYRE, 1947, p. 2).

Anos 1950: década que marca a primeira conquista do futebol brasileiro na Suécia, em 1958, reserva espaço para a presença atuante da intelectualidade a serviço do futebol. Através das crônicas, Mário Filho, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego, entre outros, a linguagem do povo, a vida cotidiana e os nossos costumes mergulharam nas páginas dos jornais. O Brasil ganha um estilo, em um primeiro momento de jogar futebol, mas na sequência, um estilo transformado em caráter e espírito.

Anos 1960: O segundo título da Copa do Mundo do Chile, em 1962, sob o comando de Mané Garrincha, o mais genuíno craque/personagem brasileiro ratifica a identidade do brasileiro detalhada e descoberta todos os dias nas crônicas dos intelectuais. O Brasil dentro de campo desbravando fronteiras era também o mesmo Brasil fora de campo desbravando um lugar entre as outras bandeiras.

Anos 1970: Depois de dois títulos transmitidos apenas pelas ondas do rádio, o Tri Campeonato em 70 no México é um marco para o torcedor brasileiro. Pela primeira vez a televisão pode mostrar os gols de Pelé e companhia. Se para a imprensa, o torneio era histórico, para o Estado ele tinha outro significado. Ainda em meio à ditadura militar, a Seleção Canarinho¹⁹ serviu de marionete para o discurso ufanista do “Brasil, ame-o ou deixe-o” do governo verde musgo.

Anos 1980: Passada a euforia das conquistas da Seleção, a década começa a mostrar o que até hoje é o futebol brasileiro. Enquanto o marketing esportivo engatinhava, outras formas de renda como a publicidade começam a aparecer, os clubes se mostram instituições mal administradas e sem capacidade de gerenciamento, a ponto da CBF dar início a um processo de enriquecimento sem que seus federados acompanhem e ou disfrutem dos dividendos. A revista Placar, fundada na década anterior mantém-se como única publicação voltada exclusivamente para o futebol e destaca-se por desvendar um dos maiores escândalos da história do futebol brasileiro: “A máfia da loteria” com a participação de jogadores, dirigentes e até membros da imprensa envolvidos na manipulação de resultados de partidas de futebol.

¹⁹Até a Copa de 50 quando o Brasil perdeu para o Uruguai em pleno Maracanã, a seleção usava as cores azul e branca. Depois do trágico acontecimento resolveu-se então promover um concurso nacional para a alteração no uniforme. Lançado pelo jornal carioca, Correio da Manhã, a promoção consistia na criação de um uniforme onde predominasse as cores da bandeira nacional. O vencedor foi o gaúcho, Aldyr Garcia Schlee, então com 19 anos. Surgia assim à camiseta amarela com detalhes em verde e o calção azul. A partir daí que foi criado o apelido de seleção Canarinho, devido à cor da camisa, amarela. (Fonte: SITE OFICIAL da CBF. www.cbf.com.br).

Anos 1990: Em que pese o tetra campeonato nos Estados Unidos em 1994, o período não aponta mudanças (para melhor) na parte administrativa dos clubes. Para piorar, a violência toma conta dos estádios, afasta o torcedor e empobrece o espetáculo. Fora de campo o governo, através da Lei Zico e depois da Lei Pelé tenta contribuir para solucionar os problemas do futebol brasileiro. Ambas tentativas, porém, infrutíferas. No âmbito da imprensa, a televisão a cabo chega ao país e dá os primeiros passos para cobertura esportiva 24h através de canais fechados. No rádio, o advento do celular muda para sempre a rotina de um repórter.

Anos 2000: O Brasil chega ao Penta na Copa do Japão e da Coréia do Sul, em 2002. O futebol atinge cifras nunca antes imagináveis e os jogadores milionários sobem a escada da fama e tornam-se celebridades. O cenário, entretanto, pouco se altera como é possível perceber na preocupação dos pesquisadores. O êxodo dos grandes craques brasileiros para o exterior e a consequente e necessária cobertura desta mudança coloca o futebol internacional cada vez mais próximo do público brasileiro. Camisas do Barcelona, Milan, Chelsea, entre outros, vestem crianças e adolescentes no Brasil.

A tensão entre a persistência de uma visão tradicional (romântica) e a tendência à modernização administrativa tornou-se um elemento importante para a compreensão do futebol no Brasil. Em geral, espera-se que a conciliação entre esses dois aspectos conduza o futebol brasileiro, outra vez, a uma fase dourada. No entanto, a própria ideia de “modernização” precisa ser problematizada, pois ela nem sempre significou a mesma coisa. (HELAL E GORDON, 2002, p. 50).

2.2.2 A Imprensa Escrita no Rio Grande do Sul

Assim como a sociedade, os jornais desenvolveram-se ao longo do tempo seguindo o viés capitalista. As primeiras publicações ainda do século XIX, boa parte delas partidárias, passaram a dar lugar a veículos independentes. À medida que os jornais foram tornando-se empresas em busca do lucro, o espaço publicitário invadiu as páginas dos periódicos em um movimento natural e que perdura até os dias de hoje. Além da informação e da opinião, a publicidade e a propaganda dão corpo ao jornal.

Atualmente, os dois jornais de maior circulação no estado são o Correio do Povo e a Zero Hora. Justamente por este fator e por reunirem o corpus de colunistas que procura-se estudar aqui, é que foram escolhidos como objeto da presente pesquisa.

O Correio do Povo foi fundado em 1895 por Caldas Júnior. Circulou de maneira ininterrupta até 1984, quando em crise, foi obrigado a encerrar as atividades, retomadas

posteriormente em 1986, já sob a direção de Renato Bastos Ribeiro. Breno Alcaraz Caldas foi quem mais tempo esteve em frente à direção, permanecendo por quase cinco décadas. No meio da década de 40, a empresa mudou de endereço. Deixou a Rua dos Andradas e transferiu-se para a Paissandu, que posteriormente recebeu o nome de Caldas Júnior, em referência ao fundador do grupo Caldas Júnior. O edifício Hudson, no centro de Porto Alegre, abriga atualmente as redações do CP e da Rádio Guaíba, ambos ligados nos dias de hoje ao grupo Record de Comunicação, conglomerado do bispo Edir Macedo, que em 2007 adquiriu as duas marcas de referência no jornalismo gaúcho, além da já extinta TV Guaíba.

Na última atualização de 2012 da Associação Nacional de Jornais, a circulação média diária do CP foi de 149.562 exemplares. Hiltor Mombach, editor de esportes, 37 anos de casa, há 20 tem uma coluna diária no jornal. Além dele, já opinaram nas páginas do CP outros nomes da crônica gaúcha como Ruy Carlos Osterman, Wianey Carlet, Ilgo Wink e Luis Carlos Reche. Carlos Corrêa é quem assume a coluna de Mombach de forma interina.

Zero Hora é uma adolescente perto do experiente Correio do Povo. Fundada em 1964, entretanto, cresceu muito em pouco tempo e, segundo dados da ANJ, hoje ocupa a sexta colocação dentre os impressos de maior circulação no país com 184.674 exemplares/dia. A primeira casa de ZH localizava-se na Rua Sete de Setembro, no centro, mas cinco anos mais tarde houve a mudança para o bairro Azenha, na Avenida Ipiranga, onde funciona até hoje a redação no mesmo prédio em que se concentram a Rádio Gaúcha e o outro jornal da casa, o popular Diário Gaúcho. Zero Hora é um dos oito jornais pertencentes ao conglomerado da RBS, de posse da família Sirotsky. Em 1957, Maurício Sirotsky Sobrinho fundou a Rede Brasil Sul, grupo que atualmente contempla 18 emissoras de televisão aberta (sendo a RBS a maior afiliada da Rede Globo), dois canais de TV fechada, 24 emissoras de rádio, além das plataformas digitais da empresa. Bem como no Correio do Povo, figuras de destaque no espectro esportivo tiveram coluna no esporte de ZH. Cid Pinheiro Cabral, Ibsen Pinheiro, Lauro Quadros, Paulo Roberto Falcão, João Carlos Belmonte, entre outros.

Instituição centenária, o Correio do Povo nasceu em um período delicado politicamente com a áurea da neutralidade. À época, o que se dizia era que o seu único compromisso era com a verdade, a ponto do jornal tornar-se uma espécie de autoridade no campo jornalístico. “Se a notícia saiu no Correio, é porque é verdade” era comum de se ouvir nas ruas. No livro *RBS: da voz do poste à multimídia*, Lauro Shirmer conta uma passagem que poderia mudar a história da imprensa no Rio Grande do Sul. Em posições contrárias às da

atualidade onde o grupo RBS praticamente domina a informação no estado, o grupo Caldas Júnior esteve perto de adquirir a Zero Hora.

O Dr. Breno, famoso homem de poucas palavras, ouviu calado e acabou murmurando, antes de mudar de assunto para falar em cavalos do prado: 'Eu vou pensar'. Dois dias depois Breno Caldas e Antônio Mafuz foram almoçar no restaurante do City Hotel, quando o dono do Correio, após enumerar uma série de razões para justificar sua negativa, concluiu: 'Em verdade, Mafuz, não compro jornais. O Correio já se acostumou a ver desaparecer os jornais que tentam lhe fazer concorrência. Vou esperar para assistir ao fim de mais este...' Este foi provavelmente, o maior erro estratégico cometido pelo dr. Breno Caldas, ao longo da gestão que levaria ao fechamento de seus jornais e à falência da Cia Caldas Júnior, em 1984, treze anos depois de ele ter deixado de comprar a Zero Hora. (SHIRMER, 2002, p. 72)

Lauro Shirmer também escreveu *A Hora, uma revolução na imprensa. As histórias de um jornal que provocou grandes transformações na imprensa e marcou época no Rio Grande do Sul*. *A Hora* foi fundada em 1954, em um formato standard, com matérias sem interrupção de uma página para outra com a diagramação pré-estabelecida. Teve caráter inovador tanto no uso de ilustrações bem como no aproveitamento de várias fotos, sendo inclusive pioneiro em destacar fotos em colorido. No que compete a este trabalho, vale ressaltar que *A hora* desde seu início cedeu significativo espaço ao esporte, de alguma maneira revolucionado a cobertura esportiva no estado. O próprio autor resgata um trecho de sua coluna *Nada como um dia depois do outro*, que muitos anos atrás dimensiona o que circunda um clássico GreNal.

Na hora de um GreNal só um inglês de anedota resiste à tentação de chamar um juiz de ladrão. E em última análise, acredito que o juiz de futebol foi criado inclusive para isso – servir de desculpa ao time que perde. Sim, porque, se ao perder um GreNal não se pode chamar o juiz de ladrão, o futebol morreria pelo suicídio em massa da torcida, dos dirigentes, dos jogadores e do técnico. (SHIRMER, 2000, p. 96)

Em outra passagem do livro, quem relembra as dificuldades de opinar na crônica esportiva é *Remy Gorga Filho*, na coluna *Futebol em poucas linhas*.

Com mania de correção (hoje se diz transparência, confessei na estreia minhas preferências clubísticas: fui, sou e serei colorado, escrevi e publiquei isto, com todas as letras. Mal podia imaginar que tal confissão iria provocar a reação de alguém da estatura moral do Dr. Fernando Kroeff, patrono do Grêmio, cujo gremismo o fez procurar a direção associada, inconformado com o fato de *A Hora* passar a ter uma coluna cujo titular se declarava colorado...(SHIRMER, 2000, p. 104)

Além de *A Hora*, destacamos três outros jornais que marcaram época na história da imprensa no Rio Grande do Sul: *Folha da Tarde*, *Folha da Manhã* e *Folha Esportiva*. Criada também pelo grupo Caldas Júnior, em 1934, *A Folha da Tarde*, circulou até 1984 e foi um

veículo importante nos tempos da ditadura militar do país, época em que a censura coibia fortemente o trabalho da imprensa, principalmente o segmento de opinião. Em formato tablóide, uma inovação naqueles tempos, o *Folha da Tarde* chegava às ruas no final da tarde, de alguma maneira, mudando o hábito dos leitores acostumados a lerem outros jornais nas primeiras horas do dia.

Anos mais tarde, em 1969, mostrando força como grupo de comunicação, a Cia Caldas Júnior lançou a *Folha da Manhã*. Matutina e em formato tablóide, a *Folhinha* foi criada para fazer concorrência com a *Zero Hora*, da RBS, mas durou pouco tempo, parando de circular em 1980. Sob a chefia de Ruy Carlos Osterman na metade dos anos 70, o jornal formou uma geração de repórteres investigativos, a citar Caco Barcelos, jornalista de destaque trabalhando hoje na TV Globo. Em depoimento informal para esta pesquisa, o jornalista Mário Marcos de Souza, que ao longo da carreira rodou por algumas destas redações, além de classificar o jornalismo da *Folhinha* como o melhor feito até hoje, comenta o processo do qual fez parte.

Quando entrei em jornal, em abril de 1970, a imprensa esportiva gaúcha estava em um processo de renovação completa. A ideia era fazer com que a chamada crônica esportiva fosse reconhecida como jornalismo esportivo. Melhoramos os textos, reduzimos adjetivos, extirpamos totalmente os chavões e os termos em inglês, limpamos a linguagem. E, acima de tudo, os repórteres eram orientados a ser profissionais, não amigos das fontes. Foi um processo longo e demorado. Como jornalistas, tínhamos de ficar distantes de paixões clubísticas. Sempre foi algo constrangedor no nosso meio admitir torcer para este ou aquele (hoje vale tudo, infelizmente). E a opinião passou a seguir também estes critérios. (Mário Marcos de Souza)²⁰

A *Folha Esportiva*: Nasceu, em 1937 com o nome *Folha da Tarde Esportiva*, como suplemento da *Folha da Tarde*, circulando às segundas-feiras, para a partir de 1949 ser rodada diariamente. Em 64 voltou a ser semanal e novamente em 69, já encartada na *Folha da Manhã*, passou a ser *Folha Esportiva*. O jornal, que dava atenção a outros esportes na época, marcou mesmo pela atenção que deu ao futebol, mais precisamente entre o final dos anos 60 e início dos 70. Neste período, finalmente a dupla GrNal passou a fazer parte do torneio Roberto Gomes Pedrosa (Robertão), que era o Campeonato Brasileiro de então, mas que não contava com a participação dos gaúchos. A *Folha Esportiva* acompanhou de perto um acontecimento histórico no que diz respeito às relações dos gaúchos com o restante do país. A CBD (antiga CBF) organizou no estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, em 1972 um amistoso

²⁰ Depoimento informal para o pesquisador.

entre a Seleção Brasileira x Seleção Gaúcha, formada apenas por jogadores de Grêmio e Inter. No trabalho de conclusão de graduação *Jean Marie, o Brasil vai até o Chuí: futebol e identidade gaúcha nas páginas da Folha Esportiva*, Rodrigo Catto de Cardia, reproduz um trecho da coluna de Lauro Quadros na *Folha Esportiva*. A partida terminada em 3 a 3 registrou o maior público da história do estádio: 110 mil pessoas que vaiaram a Seleção treinada por Zagalo.

O que estávamos pretendendo, afinal, jogar contra a Seleção ou ter nela representantes gaúchos por merecimento e justiça? Poderíamos, até, querer as duas coisas, não vejo incompatibilidade, mas jamais misturamos uma com a outra, estabelecendo uma alternativa pueril: ou nos convocam ou joguem conosco, pra ver o que é bom. (CARDIA, 2009, p. 61)

Importante neste momento destacar a relevância de Lauro Quadros na crônica gaúcha, em particular para esta pesquisa. Lauro é até hoje integrante no programa de rádio Sala de Redação. Idealizado por Cândido Norberto, em 1970, o programa nasceu dentro da redação do Jornal Zero Hora. O relato está presente em RBS, da voz do poste à multimídia, de Lauro Shirmer, em depoimento do próprio criador do programa a mais tempo no ar na história da Rádio Gaúcha.

A ideia tinha nascido comigo na TV, no morro Santa Teresa, onde a rádio Gaúcha tinha seus estúdios, e foi acolhida com entusiasmo pela direção da redação do jornal, na avenida Ipiranga, então exercida pelo jornalista Lauro Shirmer. Desde então, o veículo mais ágil, o rádio passou a beber diretamente da fonte mais rica de notícias, o jornal. (SHIRMER, 2002, p. 74)

O que nasceu com misto de leitura de notícias e discussões de invariáveis temas, prioritariamente o futebol, consolidou-se com o debate esportivo de maior repercussão no rádio gaúcho. Foi *Na Sala* que Lauro Quadros cunhou uma expressão “*Gangorra*”. O termo ganhou as ruas, os jornais, as rádios e ultrapassou o tempo. O termo é uma alusão à posição de Grêmio ou Inter, invariavelmente, sempre um por cima e o outro por baixo, ressaltando o traço dicotômico presente na cultura do Rio Grande do Sul. A expressão faz parte do vocabulário GreNal.

No final deste breve resgate histórico dos principais jornais que formam a vida da imprensa escrita no estado, não podemos deixar de citar pelos menos alguns outros periódicos que foram importantes como *Última Hora*, de Samuel Wainer, *Jornal do dia*, *O estado Rio Grande*, *Diário de Porto Alegre* e o *Diário de Notícias*, entre outros. Atualmente, além de Zero Hora e Correio do Povo, circulam em Porto Alegre também o *Diário Gaúcho*, *O Sul*, o *Jornal do Comércio* e o jornal *Metro*.

O *Diário Gaúcho*, do grupo RBS, foi fundado em 2000 e atende às classes designadas como populares. Não possui assinaturas e seus leitores o adquirem somente em bancas ou com os jornaleiros. No quadro de colunistas, apenas Pedro Ernesto Denardim figura como isento. Kenny Braga defende o Inter, Luis Carlos Silveira Martins, o Grêmio e Adroaldo Guerra Filho, embora colorado, não ocupa o espaço como espécie de tribuna. Pertencente ao grupo Pampa de Comunicação, *O Sul*, por outro lado, enfoca as classes com maior poder aquisitivo. Circulando desde 2000, foi o primeiro jornal a ser impresso totalmente colorido e reúne uma gama significativa de colunistas – nenhum cronista esportivo - que contemplam o formato parecido ao de uma revista. O *Jornal do Comércio* atende a outro público, como o próprio nome já diz. Fundado em 1933, ele circula em todo o estado e desde 1960, roda diariamente. Por fim, o jornal *Metro* chegou em 2010 a capital como uma experiência nova. A proposta sueca que ganhou a Europa desembarcou no Brasil em 2007, primeiramente em São Paulo. O jornal é distribuído gratuitamente em grandes pontos das cidades e oferece ao leitor uma ideia versátil e dinâmica de leitura. Leonadro Meneghetti, diretor do grupo Bandeirantes de Comunicação no estado, tem coluna semanal nas páginas de esporte, bem como Luís Carlos Reche.

2.2.3 A Apropriação do Futebol

Os anos 40 definitivamente aproximam futebol e o povo. Nos estádios lotados, os personagens não eram somente os jogadores frequentemente transformados em mitos. Nas arquibancadas, o torcedor sofrido, o cidadão comum também era protagonista. Seus dramas, suas histórias eram contadas através da pena dos cronistas. O futebol era um manancial de matéria prima para os dramas, os exageros os epítetos, as comparações, enfim, tudo aquilo que um escritor/jornalista procurava contar, através de uma boa história, estava presente no estádio. Dentro ou fora campo, indiferente. Essa apropriação foi logo percebida pelo operário. Os jornais passaram a vender mais e o intelectual não escrevia mais para o intelectual, mas para o povo.

É importante observar que contribuiu também para o sucesso do fenômeno de multidão que se tornou o futebol o fato dele naquela época não poder ser contado com imagens em movimento. As fotografias que ilustravam as matérias de jogo por exemplo eram insuficientes para recontar uma partida. O som do rádio levava para bem longe o imaginário

do torcedor no dia do jogo e as letras do jornal ajudavam a criar os heróis e vilões de cada domingo. Este processo consciente colaborou decisivamente para a fase romântica de o futebol receber a alcunha de romântica.

(...) os intelectuais que se dispuseram a buscar uma compreensão do futebol até meados do século XX, construíram uma percepção do esporte como uma ágil e poderosa forma de expressão do caráter nacional; uma codificação positivista da estrutura social brasileira: o indivíduo, valendo-se de características muito peculiares, sobressairia-se a quaisquer empecilhos à sua sobrevivência e/ou ao relacionamento social, e assim alcançaria o sucesso e aceitação coletiva. (NORMANDO, 2003, p. 5)

A opinião de Normando não explicita, mas serve para passarmos a falar com mais convicção sobre a participação de Mário Filho e Nelson Rodrigues no processo de elevação do respeito para com a crônica esportiva bem como, e mais importante, para a construção e afirmação da identidade nacional do brasileiro, fruto da capacidade mobilizadora que o futebol foi capaz de produzir. Vale lembrar o nome de Gilberto Freyre, que não fazia parte do grupo dos literatos, mas que contribui como sociólogo para ajudar a entender o fenômeno futebol brasileiro.

No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permite o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha. (NORMANDO, 2003, p.5)

Mário Filho e Nelson Rodrigues deram início ao que pode ser chamado de “indústria cultural” do futebol. O salto da crônica esportiva dentro do mundo do jornalismo é mérito dos irmãos. Foram eles quem massificaram o esporte e fizeram do Rio de Janeiro o grande polo da crônica esportiva nacional. Em 1931 é fundado o *Jornal dos Sports*²¹, primeiro jornal especializado em esportes do Brasil. Em *Os donos do espetáculo. Histórias da imprensa*

²¹O *Jornal dos Sports* foi um diário de notícias esportivas do Rio de Janeiro, tendo sido fundado pelo jornalista Argemiro Bulcão em 13 de Março de 1931. Sua última edição circulou no dia 10 de abril de 2010. Ficou famoso por suas páginas em cor-de-rosa. Apesar da semelhança com o jornal esportivo italiano *La Gazzettadello Sport*, a verdadeira inspiração para o cor-de-rosa foi o francês *L'Auto*. O *Jornal dos Sports* teve como um de seus proprietários o jornalista Mário Filho, que nas suas páginas escreveu uma série de crônicas defendendo a construção do estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 1950. Como homenagem, o estádio recebeu o seu nome. Depois de sucessivas trocas de comando, o *Jornal dos Sports* finalmente teve sua publicação encerrada em 2010. Em seu lugar, começou a circular no dia 12 de abril de 2010 o *tablóideJsports.com.br*.

esportiva do Brasil, André Ribeiro conta com riqueza de detalhes o nascimento do JS, e a ida de Mário Filho para o jornal até que ele finalmente assume como dono do jornal.

Pode parecer pouco, mas imprimir quatro páginas exclusivas de esporte diariamente era um negócio caro e imprevisível. O investimento que começou com apenas 6 contos de réis transformou-se no maior sucesso editorial da época e no atual maior acervo iconográfico esportivo do país, com quase 10 milhões de fotos e negativos. [...] A opção de Mário Filho por escrever de forma dramática situações que poderiam parecer corriqueiras aproximou definitivamente o torcedor do jogador e da vida do clube. A inteligência dos seus textos brotava de duas fontes bem distintas. Mário frequentava os estádios, sentia de perto as emoções do espetáculo, e ao mesmo tempo aprimorava os conhecimentos na roda de intelectuais que se encontravam assiduamente... [...] A ideia de Mário Filho era transformar o *Jornal dos Sports* em referência nacional. E assim foi durante os trinta anos que se seguiram. Em suas páginas, Mário fazia questão de ver artigos assinados por intelectuais e homens consagrados da literatura brasileira. (RIBEIRO, 2007, p. 73-74 e 90)

A partir de então os clubes aparecem mais para seus torcedores, os jogadores ganham mais fama, os campeonatos começam a ser mais valorizados e a aceitação do esporte fica latente. E referenda uma frase antológica de Nelson Rodrigues: “No futebol, o pior cego é o que só vê e a bola”.

Não é exagero afirmar que Mário e Nelson estavam à frente no tempo. Na *pesquisa Entre as quatro linhas: da crônica sobre o futebol ao colunismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista*, Eugenio Brauner reserva significativo espaço para a dupla fazendo jus à importância de ambos para a história da imprensa esportiva no país. Diz Nelson sobre o irmão:

(...) o que era e como era a crônica esportiva antes de Mário Filho? Simplesmente não era., simplesmente não existia. Sim, a crônica esportiva estava na sua pré-história, roendo pedras nas cavernas [...] até que um dia Mário Filho apareceu, havia também no seu texto uma visão inesperada do futebol e do craque, um tratamento lírico, dramático, humorístico que ninguém usara antes [...] a imprensa deixara de ser besta, Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público, graças a ele o leitor se tornou tão próximo tão íntimo do fato [...] e então o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página...eis o que queria dizer, Mário Filho foi no futebol um criador das multidões. (BRAUNER, 2007, p. 61)

As críticas ao modelo de jornalismo romântico serão destacadas mais adiante neste trabalho quando for relevante a discussão do gênero. A escola *Rodrigueana* carregava a marca da subjetividade em detrimento da objetividade. Nelson preferia as histórias do jogo a propriamente o resultado do enfrentamento.

Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: - a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime (...) é que atrás dela, há o homem brasileiro com o seu peito largo, lustroso, homérico. (RODRIGUES, 1993, p.104/ BRAUNER p. 65)

O Anjo Pornográfico²² criou a expressão *Complexo de vira-latas*. Uma representação social do brasileiro no futebol. Até o primeiro título mundial, Rodrigues dizia aos quatro ventos que o brasileiro humilde e receoso diante da felicidade foi personificado na fracassada derrota para o Uruguai na final da Copa de 1950, no episódio conhecido como *Maracanazzo*. Anos depois, Nelson, inserido no contexto de ufanismo nacional, pela ideia de renascimento do povo e da Seleção de Pelé e de Garrincha sacramentou que o país mostrava sinais de recuperação. O futebol mais uma vez servia como figura de linguagem. A expressão *A pátria de chuteiras*, ficou imortalizada na história do país.

No trabalho de conclusão de curso *Mídia, Futebol e Sociedade. Um estudo sobre a construção de representações sociais na editoria de esportes de Zero Hora*, Andrei Andrade contribui para mostrar o legado dos dois gênios da comunicação.

As gírias do torcedor presentes nas crônicas de Mário Filho aproximavam o jornal do público do futebol. Estes textos, de tom épico e dramático, ajudaram a tornar lendários alguns jogadores daquela época, como Heleno de Freitas, Zizinho e Domingos da Guia, todos eles estando presentes no imaginário social mais pelas histórias que os cercam do que propriamente pela carreira que construíram no futebol. O famigerado termo *Fla-Flu*, usado para referir à partida entre os clubes cariocas Flamengo e Fluminense, teria sido criação de Filho. (ANDRADE, 2010, p.17)

Na página seguinte, refere-se ao irmão.

Nelson Rodrigues criou personagens que se tornaram históricos no imaginário do futebol, e que até hoje são citados pela imprensa esportiva, como o “Sobrenatural de Almeida”, entidade que seria responsável pelos fatos inexplicáveis no futebol e a “grã-fina de narinas de cadáver”, senhora que, em pleno Maracanã, indagava “quem é a bola?”. A riqueza narrativa dos textos deste jornalista transcendia o esporte, que muitas vezes era apenas o pano de fundo para suas construções artísticas. Desta forma, ao lado do irmão, influenciou outros jornalistas importantes que começaram suas carreiras nesta época, como Armando Nogueira, Claudio Carsughi, Alberto Helena Junior, entre outros. (ANDRADE, 2010, p.18)

Se hoje o futebol brasileiro adquiriu uma identidade, o crédito deve-se a Nelson Rodrigues. E se hoje a imprensa brasileira tem um estilo, também deve a ele. Verdade que

²²O Anjo Pornográfico é o título que Rui Castro (1993) deu à biografia que produziu sobre Nelson Rodrigues.

nem a identidade nem o estilo são reconhecidos com igual proporção. Há quem considere ultrapassado o jeito malandro de jogar do futebol brasileiro. Do mesmo modo que há quem julgue inapropriado para os tempos de hoje fazer jornalismo com a mesma paixão que se fazia antigamente. Esta segunda assertiva é fundamental na presente pesquisa, pois lança a questão: a paixão atrapalha a prática jornalística?

2.2.4 Canal 100: a Materialização do Audiovisual do Futebol

No momento em que falamos sobre apropriação do futebol pela mídia, é impossível deixar de escrever algumas linhas sobre o *Canal 100*. Fundado por Carlos Niemayer em 1957 no Rio de Janeiro, o *Canal 100* é personagem de destaque da história do futebol e da mídia brasileira.

O cinejornal de vinheta inconfundível encerrou suas atividades no ano 2000, mas a sua contribuição para a indústria cultural do país e para o futebol principalmente foi enorme sob dois aspectos. Primeiro pela qualidade das imagens em planos diferentes, mais aproximados colocando o torcedor praticamente dentro do campo ao lado dos artistas da bola, pela narração com voz dramática e pela estética em preto e branco. Mas, sobretudo a importância do Canal 100 dá-se pelo segundo aspecto: o momento de seu surgimento. A década de 50 ainda era o tempo do rádio. Sendo assim, foi através dele que tempos depois, finalmente foi possível assistir o que Pelé e Garrincha aprontaram nos gramados da Suécia, em 1958. A televisão não existia.

O *Canal 100* era projetado nas salas de cinema de todo o país antecedendo os filmes de outros gêneros. Rápido e emocionante, teve no futebol carioca praticamente o seu único cardápio. Prova disso é a maioria das produções ser voltada para os clubes da cidade maravilhosa: *Histórias do Flamengo*, *Vasco Campeão*, *O Glorioso Botafogo e Fluminense Campeão*, além de *Saudades do Maracanã e Isto é Pelé*, entre outros títulos. Em seu blog, o jornalista Juca Kfoury reproduz um texto²³ do escritor e professor de literatura Flávio Carneiro, que nada mais é do que uma homenagem e um registro do que significava para o torcedor da época assistir o Canal 100.

²³ Disponível em: <<<http://blogdojuca.uol.com.br/2013/01/canal-100/>>>. Acesso em 22 fev. 2013

Quando as luzes da sala de cinema se apagavam, a tela se enchia de bolas coloridas de variados tamanhos, explodindo como se fossem fogos de artifício, e se ouvia em alto e bom som a musiquinha inesquecível: pananan nanammm... Nesse momento abriam-se, de par em par, as janelas do sonho. E por elas atravessávamos de corpo e alma, entregues à grandiosidade das imagens, à magia da câmera lenta, ao encanto de uma voz potente e familiar que narrava cada lance da partida como se fosse uma decisão de Copa do Mundo. (CARNEIRO apud KFOURI, 2013)

Muito tempo antes de o futebol tornar-se midiático, o *Canal 100* pode ser considerado uma pista de como o esporte seria explorado nas décadas seguintes. O imaginário do torcedor passa a ser trabalhado. O futebol vira um espetáculo.

2.3 O Futebol Midiático

2.3.1 A Viagem da Bola

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim de século, o futebol condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. [...] Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo pruro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade (GALEANO, 2004, p.10)

O desalento do escritor uruguaio para com o futebol, por mais que Galeano tenha sido reverenciado ao longo deste trabalho, não ganha eco no ponto de vista deste pesquisador. É impossível negar que em pouco mais de um século de existência o despretenso esporte bretão criado pelos ingleses tornou-se um fenômeno²⁴. E aqui, o apelido que Ronaldo, o maior goleador da história das Copas com 15 gols, recebeu na Itália, tem a ver com o crescimento da modalidade e evidentemente com a apropriação midiática que ele desencadeou. Logo, seria impossível manter o lirismo de *jogar pelo prazer de jogar*. Coisas que mobilizam as pessoas são apropriadas pela mídia e esta transforma isso em espetáculo. Não é à toa, portanto, que o futebol é um fenômeno no mundo todo. Não somente em razão dos números que ele mexe²⁵,

²⁴ A Inter não ganhava o Campeonato Italiano havia sete anos e Ronaldo, usando a camisa 10 (o seu característico número 9 pertencia ao chileno Iván Zamorano) não decepcionou o clube: encerrou o ano de 1997 com quatorze gols em dezenove jogos oficiais, e novamente eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA. A entusiasmada imprensa italiana o apelidou de *Il Fenomeno*. FONTE: WIKIPEDIA. Acesso em 1 de janeiro de 2014.

²⁵ Estimativa BCB para o PIB Brasileiro 2012: R\$ 4,1 Trilhões (US\$ 2,5 tri). Participação dos Esportes no PIB Brasileiro: 1,6% do PIB = R\$ 67 bilhões (equivale ao PIB da Sérvia. PESO DO ESPORTE NO PIB DE

mas pelo poder que exerce nas pessoas de todas as idades, sexo e cor, sem distinção alguma de classe social. E isso só pode ter a ver com o sentimento aqui estudado: a paixão que ele mobiliza. O espanhol Ferran Soriano escreveu *A bola não entra por acaso. Estratégias inovadoras de gestão inspiradas no modelo do futebol*. Nele, o então dirigente do Barcelona explica como em pouco tempo fez o clube da Catalunha sair de uma crise financeira para retomar a ponta da pirâmide mundial em visibilidade, lucros e títulos a partir da reconstrução administrativa e de marketing. Ele pode perceber não somente o horizonte a qual o Barça poderia chegar, mas enxergou e entendeu também a posição de um clube de futebol no cenário atual da indústria cultural.

Em sentido amplo, os clubes esportivos fornecem entretenimento a seus torcedores e ao público em geral. Também têm seus concorrentes, como o cinema, a televisão, o teatro ou qualquer outra forma de lazer. Porém, está claro que os clubes de futebol têm uma carga emocional muito superior para muita gente, e sua capacidade de representação do futebol em relação a outras formas de entretenimento de massa: os torcedores querem ganhar antes de se divertir ou, dizendo de outra forma, querem ganhar primeiro e se divertir depois. (SORIANO, 2010, p. 19)

Somente o tempo poderá provar o contrário, mas até hoje enquanto os salários dos principais jogadores do planeta são verdadeiras fortunas e o torcedor comum sofre para conseguir comprar um ingresso, os estádios continuam lotados. É legítimo questionar se a riqueza alcançada abruptamente não retira dos atletas o prazer de jogar, mas ainda assim é pouco para afirmar que isso seja suficiente para o torcedor perder o prazer de torcer. A atualidade mostra que alegria e o prazer não se perderam ao longo da viagem da bola.

O futebol é mais um produto da indústria cultural, não poderia ser diferente. Nenhum outro esporte no mundo, nem mesmo a reunião deles todos, as Olimpíadas, chama tanta atenção. Os números a seguir ajudam a entender a dimensão da convergência de fatores que colocam o futebol no topo de qualquer pirâmide. No artigo *O Futebol na Telinha: A Relação Entre o Esporte Mais Popular do Brasil e a Mídia*, Luisa Prochinik cita o texto de Dênis de Moraes.

Os Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas, renderam quase US\$5 bilhões com direitos de transmissão, patrocínios, anúncios em programas, merchandising, ingressos e

OUTROS PAÍSES: EUA = 2,1% (US\$ 427 Bi / R\$ 850 bi), Alemanha = 1,5% (+4,1% aa), Inglaterra = 1,8% (+4,1% aa – 1985-2008). Participação do Futebol no PIB Esportivo: 53% do Total (0,8% PIB Brasil) = R\$ 36 bilhões (Equivalente ao PIB do Paraguai) FONTE: (Fonte: PLURI CONSULTORIA) www.pluriconsultoria.com.br. Acesso em 1 de janeiro de 2014.

produtos alusivos. Resultados até modestos se lembrarmos de que o futebol mundial movimentava US\$250 bilhões por ano. (MORAES, 2008, p. 117 e 118)

Em outro trabalho, *Produção e consumo de megaeventos esportivos—apontamentos em perspectiva antropológica*, Arlei Sander Damo utiliza a expressão “cereja do bolo” para tratar a Copa do Mundo organizada pela Fifa.

(...) para sermos precisos deveríamos dizer Copa do Mundo de Futebol Masculino ou, seguindo Blatter, Copa do Mundo da FIFA, pois de fato ela detém os direitos comerciais sobre a competição. A razão é um tanto óbvia: além de ser o evento campeão de audiência – algo estimado em 6 bilhões de espectadores – é, provavelmente, aquele que consegue amealhar maior retorno em termos de patrocínio e comercialização – antes mesmo de a bola rolar, a FIFA havia arrecadado algo em torno de R\$ 5,6 bilhões em 2010, sendo que todas as previsões são de aumento de receitas para 2014. (DAMO, 2011, p. 83)

O estímulo ao consumo é uma prática incrustada na sociedade ocidental desde que o capitalismo americano tornou-se hegemônico em boa parte do planeta. De lá para cá, todos somos permanentemente consumidores. Seja de mercadorias, seja de produtos, seja de ideia e informação. A mídia coloca-se em ambiente de mediação com supostos de atender praticamente todas as necessidades e passa a ter uma ascendência ainda maior na vida das pessoas. E neste cenário, o futebol é uma bela matéria prima para ser explorada midiaticamente. Ele passa a ser entregue ao público na forma de produto e deste processo, os meios de comunicação de massa visam o maior lucro possível. Os MCM criaram uma nova ambiência sociocultural apontada através do conceito de midiaticização. (SANTOS E BRITTOS 2012). No artigo *Processos midiáticos do esporte: do futebol na mídia para um futebol midiaticizado*, Valério Brittos e Anderson dos Santos citam uma passagem do texto de Edson Gastaldo que reforça a ideia da espetacularização do esporte desde que este começou a ganhar espaço na vida urbana.

Mais do que fenômenos paralelos, esporte e mídia constituíram-se mutuamente. A característica “espetacular” (isto é, “para ser vista”) inerente às competições esportivas e seu poder de mobilização coletiva (pela metonímia que coloca nações ou bairros dentro de campos, pistas ou ringues) articulam-se perfeitamente com o surgimento de jornais impressos em rotativas, destinados a grande número de leitores, em pleno processo de expansão urbana na virada do século.”(GASTALDO, 2011 apud BRITTOS, 2012, p. 180)

A evolução natural do futebol amador e depois profissional até o futebol negócio invoca algumas alterações de rumo. No lugar em que o dinheiro prepondera, a paixão corre riscos.

2.3.2 O Poder do Futebol

À medida que o futebol fazia sucesso entre as pessoas e a mídia catalisava essa relação, a publicidade resolveu pegar carona e entrar neste círculo virtuoso. A primeira marca a lançar mão de um garoto propaganda do futebol brasileiro foi a Lacta. Nos anos 30 e 40, Leônidas da Silva, jogador com passagens pelo Botafogo, São Paulo e Flamengo era um dos destaques da Seleção Brasileira. De pele negra, o inventor da bicicleta (jogada em que o jogador pula de costas, gira as duas pernas como se estivesse pedalando e chuta a bola em gol) foi pioneiro no mercado publicitário. Leônidas fora apelidado pelo jornalista Raymond Thourmagem, da revista *Paris Match* de *Diamante Negro*. Tempos mais tarde, a marca de chocolate lançou uma barra com este nome, Diamante Negro, vendida até hoje.

Anos depois de Leônidas da Silva, outro negro, mas este com a alcunha de Rei do Futebol toma conta do nicho ainda incipiente. Pelé, após ser campeão do mundo com 17 anos de idade, em 1958, conquistar o bi quatro anos mais tarde, chega ao tri em um momento bem diferente. Além da consolidação no mundo do futebol, atinge o ápice da carreira em plena forma justamente no período em que a televisão em cores chega ao Brasil. A imagem de Pelé passa definitivamente a ser explorada. O futebol deixava de ser a única fonte de renda para um atleta de sucesso.

A televisão também contribuía para consagrar Pelé como mito. Tanto que, com as novas possibilidades de consumo, [...] ele se tornaria marca de vários produtos, desde camisas até bonecos de brinquedo. A partir daí, tendo o futebol e a propaganda como aliados, a televisão se tornaria uma poderosa arma de persuasão. (SAVENHAGO apud BRITTOS E SANTOS, 2011, p. 27).

Se no futebol, Pelé foi o rei, no marketing, o brasileiro que mais ganhou dinheiro explorando a imagem foi Ronaldo. Assim como Pelé, em 1994, Ronaldo tinha 17 anos quando o Brasil conquistou o tetra nos Estados Unidos. Verdade que apenas assistiu do banco de reservas as partidas, mas pouco tempo depois já nadava nos dólares, frutos de gols fenomenais e contratos milionários assinados fora de campo. Em 1996, aos 20 anos de idade, Ronaldo assinou com a Nike, empresa americana de material esportivo um contrato exclusivo e vitalício. Esta época foi o grande boom do marketing esportivo. O mundo da bola virou uma roda da fortuna.

(...) no conjunto, o futebol, visto sob a ótica global desse princípio, pode ser definido como uma codificação racionalizada que põe em jogo forças equivalentes

submetidas à concorrência, investido de planejamento tecnocientífico, incluindo-se num sistema de mercantilização sobreposta em que a sua imagem serve de suporte e isca para narrativas publicitárias e produtos, que servem de suporte e isca para o jogo, que serve de suporte e isca para logomarcas etc. (WISNIK, 2008, p. 127-128).

À exceção do início jovem no Cruzeiro e do final apoteótico quando virou um *case* de marketing no Corinthians, Ronaldo construiu toda a sua carreira no exterior. Infelizmente para o torcedor brasileiro, Ronaldo e tantos outros craques nasceram em um período em que o futebol no país submergia em crise administrativa, campeonatos mal organizados, calendário desumano, violência nos estádios e principalmente entregue nas mãos de dirigentes não profissionais como destaca Franklin Foer, no livro *Como o futebol explica o mundo*.

Enquanto o estilo brasileiro e alguns jogadores do país prosperam na economia global, o Brasil em si não. No mundo todo, o futebol não é conhecido pelo apego à ética. Mas os cartolas são uma casta especial. A cada vez que um astro em ascensão se torna um favorito dos torcedores, ele é vendido para a Europa. Não é somente a busca cobiçosa por salários; um número substancial de brasileiros prefere jogar em ligas tão pouco glamorosas quanto as das Ilhas Faroe, do Haiti e da Albânia do que permanecer em seu país. Estão fugindo dos caprichos dos cartolas, que a cada ano modificam as regras do Campeonato Brasileiro – em geral para beneficiar os clubes politicamente mais poderosos. Como Ronaldo disse aos repórteres em 1998: “Não haveria oferta que me fizesse voltar para o Brasil agora.” (FOER, 2005 p. 109)

Nos dias atuais, jogadores como o inglês David Beckham²⁶ gozam de um prestígio internacional mais em decorrência do que representam para seus fãs e patrocinadores do que propriamente pela sua qualidade futebolística. E tal acontecimento só se dá em virtude da força da mídia. É ela quem cria estes símbolos no esporte. Miller, Lawrence, McKay e Rowe (2011) trabalham com o conceito de “complexo esportivo-cultural midiático”, que tem profundas ligações com o processo de midiaticização vivenciado pelo esporte:

Este complexo de lugares coloca as mídias no coração das estruturas e práticas esportivas, porque sem a capacidade midiática para preencher os esportes de signos e mitos para grandes e diversas audiências através do globo, o esporte poderia ser relativamente menor e de uma popularidade anacrônica. A cobertura televisiva, especialmente na sua forma televisiva, tem se tornado a principal moeda na economia cultural do esporte. (BRITTOS E SANTOS, 2012, p. 186)

A participação da televisão no complexo ligado ao esporte, em virtude das cifras alcançadas, coloca perigosamente a mídia como detentora do espetáculo, quando na verdade

²⁶ Considerado uma das personalidades mais populares do esporte, em 2004, foi inserido pelo brasileiro Pelé no FIFA 100, uma lista com os 125 maiores jogadores vivos da história do futebol mundial. No mesmo ano, também foi incluído na lista da revista americana Time 100. É também considerado o jogador mais Pop Star da história do futebol mundial.

ela deveria promovê-lo apenas (e lucrar com isso, evidentemente). É o que acontece atualmente no Brasil. Todos os clubes da primeira e segunda divisões do Campeonato Brasileiro são bancados pela Rede Globo²⁷ com fatias de receitas proporcionais às audiências que suas torcidas proporcionam.

No exterior, o mesmo aconteceu a partir dos anos 90 quando foi quebrado o monopólio das televisões públicas. A chegada das redes privadas teve como efeito imediato a briga pelos direitos de retransmissão das partidas. A captação de recursos disparou, e os direitos de televisão passaram a ser uma fonte de renda dos clubes progressivamente mais importante que a venda de ingressos ou passes. A gestão dos direitos audiovisuais se transformou em parte fundamental do negócio do futebol. (SORIANO, 2010, p. 21)

Venda de atletas e quadro social são outras duas receitas corriqueiras de arrecadação de dinheiro, mas estão abaixo da verba da tv. Tal situação coloca os clubes em uma condição quase que de pedinte, pois é comum dirigentes admitirem publicamente que pediram adiantamento das cotas de televisionamento. Sendo assim, o espetáculo fica à mercê de quem o detém. Os jogos são disputados em horários conforme convier à grade de programação. Se o público não vai ao estádio, pouco importa. Em casa, diante do sofá, o (outro) público é bem maior e é nele que aposta a TV para ganhar mais lucro. Mais uma vez Britos e Santos contribuem ao trazer uma preocupação com o tratamento dado ao torcedor no futebol brasileiro.

Os torcedores se transformaram em consumidores de produtos ligados ao futebol, dentre os quais está a própria transmissão da partida, que hoje é vendida em pacotes separados via TV fechada. Gumbrecht (2007, p. 106) apresenta preocupações quanto a esta nova realidade, em que haveria uma “possível indicação de que o esporte, disfarçado de cultura do lazer, possa estar fugindo a seus limites convencionais e invadindo o resto de nossa vida, obrigando-nos a assumir o papel de consumidores permanentes do esporte, em vez de fãs”. (BRITTOS E SANTOS, 2012, p. 183-184)

Num espaço de tempo de aproximadamente oitenta anos, o torcedor de estádio mudou completamente de perfil. As imagens recuperadas do início da história do futebol brasileiro mostram o trabalhador, o operário, o estudante, o torcedor comum indo ao campo de radinho grudado no ouvido. O Maracanã, construído para a Copa de 50, no Brasil, e considerado o templo do futebol mundial, durante décadas destinou um espaço tradicional, democrático e folclórico. A *Geral do Maraca* fez história. Circundando todo o gramado, o espaço ficava

²⁷ Rede Globo: é um dos maiores conglomerados de comunicação do mundo. Atualmente, a emissora cobre 98,44% do território nacional, atingindo 5.482 municípios e 99,50% da população. (Fonte: SITE OFICIAL DA REDE GLOBO. Disponível em www.redeglobo.globo.com).

praticamente à beira do campo e nele todos os torcedores assistiam ao jogo de pé em um ângulo pouco privilegiado, para dizer o mínimo. Ali, a violência nunca teve lugar. Sucesso sim faziam os torcedores mais populares (lógico, o ingresso para esta zona era o mais barato) e de todos os clubes, misturados faziam a alegria de quem estivesse no estádio torcendo ou trabalhando. Na Geral, desfilaram personagens brasileiros e estrangeiros. Por ali passaram fantasias de Lula, Bin Laden, Bill Clinton, Super-heróis, além do tradicional pó de arroz da torcida do Fluminense ou até mesmo um Urubu, mascote vivo do Flamengo. A modernidade e as exigências de padrões internacionais nos estádios deram fim em 2005 à Geral e por consequência à alegria de 30 mil *geraldinos*, como eram conhecidos seus frequentadores.

Além do Maracanã, praticamente todas as praças do futebol brasileiro foram perdendo o caráter democrático. À medida que as demandas por segurança foram aumentando e o espetáculo foi ganhando forma, alguém teria que pagar por isso. E no Brasil, quem paga é justamente quem ganha pouco. Os ingressos estão cada vez mais caros e os clubes não demonstram habilidade para viabilizar o acesso do torcedor comum, aquele que ia de bonde ao Maracanã e que hoje vai para o estádio sem saber se vai voltar para a casa em virtude da violência²⁸. Às vésperas da Copa do Mundo no Brasil, 12 estádios²⁹ (entre novos e reformados) estão em obras superfaturadas, como de costume³⁰. O torcedor menos favorecido deverá assistir a Copa em casa. Literalmente.

A história mostra que o futebol evoluiu do amadorismo para o profissionalismo como meio de vida. Como já foi dito antes, não era plausível seguir jogando apenas por jogar e também por isso o esporte virou uma profissão. Rentabilíssima, diga-se de passagem, se

²⁸ Segundo matéria divulgada pelo programa Fantástico da Rede Globo do dia 15 de dezembro de 2013, 30 pessoas morreram somente neste ano, considerado o mais sangrento até hoje no Brasil. Conforme a reportagem, mais de 100 jovens já perderam a vida nos estádios desde 1999, fruto da violência entre as torcidas organizadas, em alguns casos, financiadas pelos próprios clubes. (Fonte: Disponível em <http://globo.com/rede-globo/fantastico/t/edicoes/v/brigas-de-torcidas-matam-30-em-2013-ano-mais-violento-do-futebol-brasileiro/3020583/>. Acesso em 1 de janeiro de 2014).

²⁹ 12 estádios: Mineirão (Belo Horizonte), Beira-Rio (Porto Alegre), Maracanã (Rio de Janeiro), Arena de São Paulo (São Paulo), Castelão (Fortaleza), Mané Garrincha (Brasília), Arena das Dunas (Natal), Arena Pernambuco (Recife), Arena Pantanal (Cuiabá), Arena da Baixada (Curitiba) e Arena Amazônia (Manaus) (SITE OFICIAL DA COPA DO MUNDO DO BRASIL. (Fonte: Disponível em: www.copadomundo2014-brasil.net) Acesso em 23 set. 2012).

³⁰ A previsão inicial dos gastos com o erguimento/reforma de todos os 12 estádios juntos era de aproximadamente R\$ 5,1 bilhões. Só que, no momento, já que há seis ainda a serem concluídos, o valor já saltou para cerca de R\$ 7,3 bilhões - um aumento de 43%. (Fonte: LANCENET, *Gastos com estádios para a Copa*. Disponível em http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/estadios-Copa-governo-populacao-brasileira_0_940705956.html) Acesso em 23 set. 2012).

observarmos os salários dos jogadores³¹ (fazendo a ressalva que estes simbolizam uma minoria, pois a esmagadora maioria dos jogadores³² de futebol, no Brasil pelo menos, sobrevive e não vivem do futebol, pois recebem salários modestos). Ao ampliarmos o olhar para o futebol, entretanto, poderemos fazer a ressalva que, ainda que seja um meio de vida, o futebol é insuficiente como prática para sobreviver sozinho. Por uma razão muito simples: ele se alimenta da paixão das arquibancadas e sem ela, nem mesmo os privilegiados resistem.

O espetáculo simplesmente míngua, como reflete Arlei Sander Damo no artigo *Dom, amor e dinheiro no futebol do espetáculo*.

Sem público não haveria espetáculo, tampouco reconhecimento e remuneração para o dom futebolístico. Sem o suporte do clubismo, o futebol não teria forjado um público fiel, e jamais teria alcançado tamanha popularidade. Nos tempos do amadorismo, em que ocorreu a diáspora esportiva, os clubes foram importantes centros de difusão do ideário romântico. [...] Não há como pensar o dom artístico e, particularmente, o dom futebolístico, sem o público, pois o dom não sugere substância, mas relação, troca, circulação. Na relação entre torcedores e atletas há uma série de regras de moral e de direito negociadas concretamente, e creio que elas não dizem respeito apenas ao âmbito esportivo. (DAMO, 2008, p. 143 e 147)

Damo investiga em mais de um trabalho a relação de troca entre o torcedor e o jogador. De um lado, quem sustenta financeiramente o espetáculo e o personagem e de outro quem é sustentado e protagoniza o espetáculo. Nesta relação, entretanto a paixão surge como um ingrediente indissolúvel e que não pode ser ignorada.

Pensada em termos exclusivamente financeiros, a paixão clubística é péssimo negócio, pois os torcedores nada podem esperar como retribuição material. Sob a égide do profissionalismo, regime econômico e jurídico vigente na atualidade, os jogadores ganham mesmo quando o time perde, ao passo que os torcedores perdem mesmo quando o time ganha; afinal, o dinheiro empenhado – direta ou indiretamente – jamais retorna. (DAMO, 2008, p.76)

Em alguns momentos desta rede de relacionamentos entre torcedores e clubes é natural que ocorra algum tipo de tensionamento. Muitos são os casos de tentativas e agressões a

³¹Ronaldinho Gaúcho, do Atlético-MG, é o jogador que mais ganha para jogar no Brasil: R\$ 10,8 milhões ao ano, seguido de Fred, do Fluminense, com R\$ 9 milhões/ano. (Fonte: Revista Época. Disponível em <http://epocanegocios.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2013/10/seis-dos-dez-maiores-salarios-do-futebol-brasileiro-sao-de-estrangeiros.html>).

³²Para a imensa maioria dos profissionais do esporte no Brasil, segundo informações da CBF, a realidade é cruel: dos 30.784 jogadores registrados no país, atualmente, 82% recebem até dois salários mínimos — no grupo, estão inclusos os atletas que jogam até de graça. Na outra ponta, um número bastante modesto de "sortudos" (2%) embolsa acima de R\$ 12,4 mil, 20 salários mínimos. Neymar, por exemplo, ganha 241 vezes esse valor. (Fonte: Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/triste-realidade-no-brasil-82-dos-jogadores-de-futebol-recebem-ate-dois-salarios-minimos-6168754.html>).

jogadores ou treinadores após derrotas, apedrejamento de ônibus em deslocamentos de delegações, protestos pacíficos (ou não) durante treinamentos e jogos, faixas hostilizando determinados jogadores etc. O caso mais recente ocorreu em 2011 envolvendo Ronaldinho Gaúcho, o Grêmio e o Flamengo. Dez anos depois de sua conturbada saída do clube gaúcho para o Paris Saint Germain da França, Ronaldinho esteve bem próximo de retornar para a casa onde cresceu e despontou para o mundo do futebol. Uma negociação dramática teve o desfecho favorável ao rubro-negro carioca e Ronaldinho optou pela segunda vez em preterir o Grêmio a outro destino. Em partida válida pelo Campeonato Brasileiro de 2011, Ronaldinho voltou ao Olímpico, estádio do Grêmio, onde foi recebido da forma mais hostil que um jogador poderia ter sido. Os gritos de “traíra”³³ e outros palavrões misturaram-se às milhares de cédulas de R\$2,00 com o rosto do atleta impresso. Não bastasse isso, a torcida exibiu uma bandeira com um desenho de Jesus Cristo na Santa Ceia cercado pelos 12 apóstolos. Um deles vestia a camisa 10 do Flamengo e tinha nas costas o nome “Judas”.

Comportamentos como esse ilustram até onde pode ir o limite do torcedor e a sua capacidade de produzir amor e ódio em uma arena como se costuma tratar um estádio de futebol. Amor, ódio, dinheiro e traição são valores permanentemente colocados à prova no espetáculo da bola.

Com a espetacularização do futebol os torcedores tornaram-se a única categoria de agentes amadores, na dupla conotação do termo. Por um lado, são os que amam efetivamente o clube, em certos casos entregando-se a ele por completo; por outro, no sentido depreciativo, são os que não dispõem de capitais futebolísticos para estar em campo, sendo obrigados a depositar suas fichas nos profissionais que os representam. Resta-lhes a co-participação, razão pela qual se diz que os torcedores não vão ao estádio para assistir a um jogo, mas para dar suporte a uma das partes envolvidas na disputa. (DAMO, 2008, p. 145)

A espetacularização interpretada por Damo é também definida por Hilário Franco Júnior como *A bola da fortuna*, a partir do momento em que o futebol é capaz de definir o futuro de uma pessoa.

Mais do que partidas, a Bola da Fortuna decide vidas. Ela enriquece (Pelé, Platini, Beckenbauer etc.), ela infla em demasia egos frágeis (Heleno de Freias, George Best, Maradona etc...), ela gera prestígio político (George Weah, Roberto Dinamite, Reinaldo etc...), ela gera rejeição (Barbosa), ela gera morte (Escobar, zagueiro colombiano assassinado porque marcou um gol contra na Copa de 94). (JÚNIOR, 2007, p. 340)

³³Termo que no futebol refere-se a quem não cumpre o que diz ou então que age de maneira inadequada.

2.3.3 João Saldanha

O capítulo *Futebol, Cultura e Mídia* chega ao fim depois de falar sobre a origem da paixão pelo futebol, o ambiente cultural complexo que ele produziu ao longo do tempo e o espetáculo midiático em que ele se transformou. Depois de tudo isso, é justo que um espaço especial seja reservado para um personagem, talvez o maior deles, ímpar na história do futebol e da imprensa esportiva brasileira: João Saldanha.

Um trabalho que tem a intenção de investigar o traço local da imprensa esportiva no Rio Grande do Sul não pode ignorar o fato de um dos maiores nomes da crônica brasileira ter nascido neste estado. Natural do Alegrete, João Saldanha fez toda a carreira no Rio de Janeiro, mas o cenho gaúcho esteve sempre presente por onde andou mundo afora. Nas páginas dos jornais, nos microfones das rádios ou diante da tela da televisão, sempre em território carioca, na TV Rio, em 1963 participou da célebre bancada da Grande Resenha Facit³⁴.

João Saldanha construiu uma marca: a de falar sempre a verdade e isto precisa ser registrado quando está em discussão o jornalismo, ainda mais quando esta verdade era empapuçada de coragem. Saldanha fez história enquanto a história do Brasil era feita. Viveu, sofreu e enfrentou a ditadura militar no terreno do inimigo ou na clandestinidade quando foi obrigado. Sua obra transcende a comunicação e o futebol.

João Sem Medo como foi apelidado por ninguém mais ninguém menos do que Nelson Rodrigues foi biografado por André Iki Siqueira no livro *João Saldanha, uma vida em jogo*. No prefácio escrito por Mário Magalhães, uma pequena amostra de quem foi esta figura.

O nome era João Alves Saldanha, às vezes João Alves Jobim Saldanha, quase sempre João Saldanha – mas para muitos, apenas João. Um jornalista que viveu intensamente a alegria e a angústia de dirigir a seleção brasileira durante a repressão política. Um homem corajoso, intempestivo, leal e intransigente. E sem dúvida, um personagem controverso. (SIQUEIRA, 2007, p.25)

Saldanha, além de gaúcho, fora maragato, gremista, botafoguense, colunista de jornal, comentarista de rádio e televisão. Formou-se jornalista e advogado. Na praia e na várzea

³⁴ O time estava montado, cada jornalista escolhido representava uma paixão do torcedor carioca. João Saldanha, Botafogo. Nelson Rodrigues, Fluminense. José Maria Scassa, Flamengo. Como Armando Nogueira também tinha uma queda pelo Botafogo, estava faltando um vascaíno para completar a equipe. Foi então que surgiu a indicação de Vitorino Viana, vascaíno e funcionário da Facit. (...) A mesa redonda transformou-se em programa obrigatório aos domingos para o torcedor carioca e eterno modelo para gerações futuras. (RIBEIRO, 2007, p. 191).

chegou a ser jogador de futebol. No final dos anos 60, época em que os torcedores de todas as torcidas viravam-se para a cabine de rádio no Maracanã onde ele comentava para saber suas opiniões sobre o jogo, foi convidado para treinar o Botafogo. Aceitou o convite do clube com qual mais tinha identificação e sagrou-se campeão. Não demorou a assumir o maior desafio de sua vida: treinar a Seleção Brasileira, que ele mesmo tratou de convocar pela primeira vez anunciando “as 11 feras de Saldanha”³⁵. O relato é do próprio treinador no livro *Quem derrubou João Saldanha*, de Carlos Ferreira Vilarinho.

Eu disse à imprensa que já havia sido convidado três vezes. Foi mentira, fui convidado cinco. [...] Aceitei porque achava que daria uma dimensão maior à luta que sempre travei na imprensa. Topei porque o nosso país precisa de alegria. E o futebol é a alegria do nosso povo. Sabia que ia me aborrecer muito, que iria lidar com a calúnia, a inveja, a intriga. Que ia lutar contra tudo. Todos os brasileiros têm o seu time, eu tinha o meu como brasileiro. Escalei o meu time. (VILLARINHO, 2010, p. 60)

Depois de classificar o Brasil para o Mundial do México, em 70, aconteceu o que se previa. Pressões políticas e um somatório de afrontas ocasionaram a saída de Saldanha da Seleção e de um inimigo íntimo no contexto dos militares à frente também do futebol brasileiro: “Participei da reunião mais sínica e ignominiosa de toda a minha vida. Tentaram a minha demissão e eu disse que não saía. Então me demitiram. As causas não foram reveladas.” (VILLARINHO, 2010, p. 194)

Dentre as várias histórias ligadas à vida esportiva de João Saldanha, a maior delas mistura-se ao nebuloso episódio de sua demissão. Questionado se acataria um pedido do então presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici para que convocasse o centroavante Dario, saiu-se com a resposta. “O presidente escala o seu ministério e eu escalo o meu time.” A recordação desta passagem dá início a listagem de algumas lembranças de pessoas importantes que ratificam o legado de Saldanha, falecido em 1990 durante a Copa do Mundo na Itália, para onde viajou a trabalho na função de comentarista.

Quem é que naquela época teria peito de dizer o que disse ao presidente da República? Tinha que ter peito e coragem, não era coisa para qualquer um”. (Gérson) Ele era muito enxuto no texto, quase telegráfico, nesse sentido um discípulo de Hemingway”. (Alberto Helena Jr) Uma pessoa autêntica. Idealista, sonhador, desejando a vida melhor

³⁵As feras de Saldanha: como ficou marcada a escalação da Seleção convocada por Saldanha pela primeira vez no dia do seu anúncio como técnico. Deixando dirigentes da CBD e imprensa perplexos, ele tirou do bolso um pedaço de papel e anunciou: “Félix, Carlos Alberto, Brito, Djalma Dias e Rildo; Piazza, Gérson e Dirceu Lopes; Jairzinho, Tostão e Pelé. Meu time são 11 feras dispostas a tudo. Irão comigo até o fim. Para a glória ou para o buraco”, disse Saldanha. (SIQUEIRA, André Iki. **João Saldanha: uma vida em jogo**. São Paulo, Cia Editora Nacional, 2007.).

para todo mundo. Eu queria ser como ele. Ele não representava, ele era. (Tostão) João é um personagem da história do Brasil, da vida política brasileira, da imprensa brasileira. Foi um gênio da raça. (Juca Kfourir) João, quanta falta você nos faz!” (Oscar Niemeyer) (SIQUEIRA, 2007, p. 516 a 520)

No segundo capítulo do trabalho, vamos abrir espaço para questões ligadas propriamente ao campo do jornalismo esportivo e do jornalista esportivo.

3 JORNALISMO, SUAS FASES, GÊNEROS E TRIBOS

3.1 Fases do Jornalismo Esportivo

3.1.1 Apropriações Dramáticas

Na segunda parte do primeiro capítulo deste trabalho fizemos uma rememoração década por década da história da imprensa esportiva no Brasil, desde o seu surgimento quando ocupava discretamente as páginas dos jornais até os dias atuais onde a segmentação das televisões a cabo, por exemplo, dispõe de conteúdo esportivo vinte e quatro horas por dia para o público de casa. Nas próximas páginas, a ideia é refazer a mesma trajetória, menos detalhada do que a anterior, mas com olhar mais reflexivo à luz da diferenciação do jornalismo especializado no esporte dividido em três épocas, desta vez distintas conceitualmente. A diferenciação que iremos utilizar está proposta na dissertação de Mariana Oselame *Fim da notícia: o engraçadismo no campo do jornalismo esportivo de televisão*. A divisão sugerida pela autora oferece brechas onde é possível discorrer acerca de detalhes que ajudam a identificar marcas da construção narrativa da crônica esportiva, ainda que a hipótese da pesquisadora refira-se primordialmente ao veículo TV. Os três períodos destacados são o *romântico*, que registra os primeiros movimentos da imprensa esportiva até a década de 70; o da *realidade*, onde estão agrupadas as décadas de 1980 e 1990 e por fim, o período chamado de *infoentretenimento* que data do início do século XXI e que está em andamento ainda.

Como veremos logo na sequência, a fase em curso do jornalismo coloca em discussão o próprio jornalismo, algo semelhante ao pensamento de quem põe em dúvida o caráter jornalístico revelado pelas máquinas de escrever dos irmãos Rodrigues e de todas as gerações que se identificam com os autores da época *Rodrigueana*. Se ao olhar para trás era possível enxergar traços não condizentes com a prática jornalística como o predomínio da subjetividade em relação à objetividade, boa parte do jornalismo hoje também não se reconhece fielmente como jornalismo diante do espelho. *Em Jornalismo esportivo não é só entretenimento*, Fábio de Carvalho Messa expõe uma divisão que dialoga com a estrutura que escolhemos utilizar.

Ao direcionarmos um olhar genérico e panorâmico à história do jornalismo esportivo no Brasil, vamos constatar pelo menos duas características inquietantes. A primeira é a de que o jornalismo esportivo é mero entretenimento, e a segunda é que

mais de 80% das temáticas noticiosas e das reportagens especializadas giram em torno de uma única modalidade desportiva que é o futebol. (MESSA, 2005 p. 1)

Iremos considerar apenas a segunda metade da afirmação do autor, pois caso assinássemos embaixo o que ele pensa sobre o jornalismo esportivo, seria fora de propósito ir adiante nos estudos do assunto. O segundo trecho do pensamento de MESSA, porém não pode ser negado. O futebol é o carro chefe da cobertura esportiva no Brasil sem sombra de dúvidas. As primeiras copas do mundo foram ganhas pelo Brasil quando o brasileiro ainda carregava nas costas o *complexo de vira-latas* e por isso, o sentimento exacerbado de libertação e de reconhecimento mundo a fora desabrochou e ganhou eco através das páginas dos jornais. A apropriação dos elementos dramáticos das conquistas futebolísticas atravessou os tempos, perpetuou-se no futebol brasileiro sendo ele vitorioso ou derrotado e estendeu-se também a outros esportes. Senna no automobilismo, Maria Esther Bueno e Guga no tênis, Oscar e Hortência no basquete, Bernardinho no vôlei, Nelson Pessoa no hipismo, Daiane dos Santos na ginástica, Éder Jofre no boxe, entre outros desportistas de destaque mundial, viraram heróis nacionais. Lógico que com a Seleção Brasileira fica mais fácil identificar este processo, mas nos dias de hoje nas colunas que não necessariamente falam em futebol e Brasil, o apelo dramático é traço recorrente. Leda Maria da Costa, no artigo *Futebol Folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia* contribui para esta linha de raciocínio.

No caso específico do futebol, mais do que a literatura a imprensa foi – e continua a ser – o principal veículo a partir do qual esse esporte prolonga sua vida para além dos noventa minutos, adentrando em nosso imaginário, em nossa conversa cotidiana, se perpetuando através de histórias e narrativas coletivamente compartilhadas. (COSTA, 2010, p. 66)

A primeira fase do jornalismo esportivo brasileiro proposta por Oselame, como já vimos anteriormente nesta pesquisa, priorizava a narrativa quase literária, onde o fictício em determinadas situações sobressaía o real. *O berro impresso das manchetes. Crônicas completas da Manchete Esportiva*, de Nelson Rodrigues, ajuda a enxergar a maneira como era produzido o texto da época. Durante a Copa de 58, na Suécia, o mundo passou a conhecer dois personagens do futebol brasileiro: um de pernas tortas.

Amigos: a desintegração da defesa russa começou, exatamente na primeira vez em que Garrincha tocou na bola. Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu. Como marcar o imarcável? Como apalpar o impalpável? Na sua indignação

impotente, o adversário olhava Garrincha, as pernas tortas de Garrincha e concluí-a: ‘-Isso não existe!’ E eu, como os russos, já me inclino a acreditar que, de fato, domingo Garrincha não existiu. (RODRIGUES, 2007, P. 396)

E o outro, o futuro rei

Sim, amigos: foi um som jamais ouvido, desde que se inventou o homem. Algo de bestial, de pré-histórico, antediluviano, sei lá. Nunca em nossa curta passagem terrena, conhecemos uma euforia assim brutal. Foi um desses momentos em que cada um de nós deixa de ter vergonha e passa a ter orgulho de sua condição nacional. E pergunto: como esquecer que foi Pelé, um garoto de cor, de seus 17 anos, quem nos arrancou, ontem, de nossa agonia e de nossa morte? ‘Garoto de cor’, disse eu. (RODRIGUES, 2007, P. 400)

O tempo passou, a narrativa jornalística aperfeiçoou-se, mas até mesmo no período, teoricamente, mais preocupado com a objetividade das informações, o lirismo pode ser notado na imprensa brasileira. Em 1982, na Copa da Espanha, a eliminação para a Itália, ficou marcada como *A Tragédia do Sarriá*. Anos depois, em 90 na Itália, um jogador virou vilão quase eterno. Dunga, capitão do Tetra em 1994, quatro anos antes foi o símbolo da derrota do que ficou conhecido como *A Era Dunga*. E em 1998, na França, a convulsão de Ronaldo poucas horas antes da final contra os donos da casa até hoje “esconde a verdade” por trás da goleada dos anfitriões. Para não falar somente de derrotas, a redenção do mesmo Ronaldo *Fenômeno* na Copa da Ásia em 2002 é outro episódio emblemático. Expostos todos estes exemplos, a diferença entre os períodos é que fossem na época romântica (e não televisiva é bom frisar) seria menor o interesse em dizer que a Itália jogou melhor do que o time de Telê Santana em 82; dirigentes e jogadores não se acertaram em relação à premiação a ser ganha em 90; e que Ronaldo, fora vítima de stress absurdo em 98 para triunfar quatro anos mais tarde após plena recuperação de uma grave cirurgia no joelho.

Muitas reportagens sobre futebol produzidas pela imprensa têm o excesso como marca forte, assim como o suspense, a polêmica e uma visão de mundo maniqueísta, dividida entre o bem e o mal, o certo e o errado, entre heróis e vilões. A ênfase no caráter dramático dos lances de uma partida, em cenas lacrimosas, em depoimentos eivados de emotividade, é constante em muitas reportagens. Tais características se exacerbam nas coberturas da participação da seleção em Copas do Mundo que frequentemente se configuram como um caldeirão de sentimentos diversos, acionados de acordo com o placar final do jogo. Caso o Brasil ganhe, tudo são risos e festa mesmo que antes do jogo a imprensa não tenha poupado a seleção de objeções e críticas. E quando o Brasil perde, tudo são lágrimas e parece errado, mesmo que no dia anterior não tenha faltado exaltação aos craques brasileiros. (COSTA, 2010, p. 68)

A registrar a aceitação dessa estratégia narrativa da imprensa pelos receptores dessas mensagens. A passagem do jornalismo esportivo para o jornalismo de entretenimento decerto

encontra guarida no público. E se é preciso entender o jornalismo esportivo, é preciso entender também o jornalista esportivo. Caso contrário, jornalista e público serão colocados no mesmo espectro, como indica a crítica a seguir.

O leitor/espectador não quer entender o esporte, não quer aprofundar os saberes sobre os esportes. Ele quer apenas uma divulgação de factoides acerca dos jogadores, equipes, técnicos, dirigentes, autoridades, campeonatos, olimpíadas, copas etc. Só se quer ficar a par dos escores dos jogos e também (pra não dizer principalmente) ler “notícia” de esporte como quem lê matérias de fofocas de revistas da tevê, sobre a vida de seus ídolos, para, quem sabe, poder acompanhar as coberturas que priorizem picuinhas, conflitos na vida privada, escândalos... O que se tem construído, na verdade, é uma cadeia de mitificações cíclicas, viciadas, que todos nós, jornalistas e leitores, acatamos e achamos que esse é o jornalismo esportivo.[...] Prefiro acreditar, então, que seja possível investir em divulgação científica sobre o esporte. Sem perfumaria mistificadora, sem essa dependência de comercialização, longe dessa perspectiva que alia o esporte a um mercado de bens simbólicos. (MESSA, 2005, p. 2)

Antonio Alcoba, um dos nomes de maior referência no jornalismo esportivo tem também uma visão acerca da conexão exitosa entre emissor e receptor no consumo das histórias contadas neste gênero. A resposta estaria na linguagem universal do tema.

Quizá una de las principales causas de ese interés de clientes y receptores de la prensa, la radio, latelevisión y [...] internet se deba a que los periodistas deportivos informan de un género específico comprensible a todas las mentalidades a través de un lenguaje universal que todos entienden, producto del espíritu y filosofía del deporte, como fenómeno cultural más seguido y practicado desde comienzos del pasado siglo y que va en aumento en este³⁶. (ALCOBA, 2005, p. 10)

3.1.2 Jornalismo Esportivo e Jornalista Esportivo

É imperativo iniciar a fala sobre jornalismo esportivo propriamente dito citando a introdução do *Manual do Jornalismo Esportivo* de Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.13)

A explicação para fazer a ressalva de que jornalismo esportivo é jornalismo encontra sentido na própria história da especialização. Nelson Rodrigues lá atrás dissera que fora o

³⁶ “Talvez uma das principais causas desse interesse de clientes e receptores dos jornais, rádios, televisão e (...) internet se deva ao fato de os jornalistas esportivos informarem sobre um gênero específico que é compreensível a todas mentalidades por meio de uma linguagem universal que todos entendem, produto do espírito e da filosofia do esporte como fenômeno cultural mais seguido e praticado desde começos do século passado e que está em ascensão neste século” (tradução livre).

irmão Mário Filho quem deu condições dignas à figura do jornalista esportivo, antes tratado com desrespeito. Nas redações dos veículos, as editorias de esporte e de polícia nunca gozaram do mesmo prestígio das demais e via de regra, acabam servindo como espécie de batismo dos focas. Em contra partida, boa parte dos ilustres jornalistas iniciou (e muitos terminaram) as carreiras no esporte, o que referenda a ideia de que além de uma editoria, trabalhar no esporte é passar por uma escola. Esta, porém, não é uma situação posta em clara evidência. Se o preconceito com este segmento existe ainda hoje, há de se encontrar uma explicação no passado. O espanhol Alcoba contribui agora com o contexto histórico de tal suposição.

Los primeros periodistas deportivos fueron tomados como periodistas de segunda, ya que el área que trataban estaba al alcance de cualquier pluma y cualquier periodista podía llevar a cabo la realización de esa información. El nuevo género periodístico no podía compararse con el de las otras secciones fundamentales de un medio de información: Internacional, Nacional, Local, Economía (...) Para escribir sobre esos asuntos era preciso una preparación y educación política, mientras que para comunicar y difundir el tema deportivo era innecesaria³⁷. (ALCOBA, 2005, p. 65)

Oselame (2013) denomina *engraçadismo* o processo em desenvolvimento de ascensão do jornalismo de entretenimento em detrimento do jornalismo de informação e por consequência, sem compromisso com a seriedade. Não podemos deixar de registrar que o esporte é um entretenimento, uma diversão muitas vezes, mas como também já vimos aqui, mais particularmente em relação ao futebol, além de envolver a emoção, tornou-se um negócio. Bilionário, que envolve interesses e que emprega. Tratá-lo apenas como entretenimento é subjugar sua capacidade de mobilização e sob um olhar mais aproximado é não tratar com seriedade e respeito quem acompanha tudo isto. O jornalista Milton Neves costuma dizer que “o futebol é mais importante das coisas menos importantes do mundo”.

A análise em pauta não se limita apenas à produção do material jornalístico. Impõe-se analisar também o recurso humano envolvido. A transição do jornalismo esportivo tradicional para o jornalismo de entretenimento está ligada diretamente à mudança gradativa de perfil dos profissionais desta área. Principalmente com a participação da televisão que tornou o esporte um espetáculo de mídia, o papel do jornalista ficou ainda em maior evidência. Se antes ele

³⁷Os primeiros jornalistas esportivos foram tomados como jornalistas de segunda, já que a área da qual tratavam estava ao alcance de qualquer caneta e qualquer um poderia realizar a tarefa de informar sobre esporte. O novo gênero jornalístico não poderia ser comparado com outras editorias fundamentais como Internacional, Nacional, Local, Economia (...) Para escrever sobre esses assuntos era preciso uma preparação e uma educação política, enquanto que para comunicar e divulgar o esporte, essa preparação não era necessária” (tradução livre)

figurava apenas como o contador de uma história, passou a ser também personagem desta história. E neste caso temos um problema. Os principais estudos sobre o jornalismo esportivo lançam mão dos exemplos televisivos, o que neste trabalho, a princípio, parece ser suficiente para expor os embaraços da função.

A cobertura alegre, descontraída, animada, não deveria nunca se confundir com programa humorístico. É um trabalho que é sério sem ser sisudo e respeita as regras do jornalismo como a acurácia. Não se faz sensacionalismo usando notícias inverídicas, sem nenhuma confirmação, fruto apenas de especulação para construir falsos debates e eletrizar os torcedores. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 94)

Muitas são as causas que implicam nos desvios de rota da prática jornalística como deveria ser. A compra dos direitos de televisão por parte de uma emissora, por exemplo, pode transformar o produto comprado em uma mentira. Não raras vezes jogos com estádios vazios são transmitidos sem que esta informação primordial seja repassada. Como o repórter vai dizer que a partida não tem apelo nenhum, o comentarista vai dizer que o jogo está uma porcaria se o produto foi comprado pelo seu patrão? Então, a saída é fugir dos fatos e trabalhar com os pormenores. Anima-se o público com as ferramentas disponíveis e se for o caso, “jogue junto”, nem que para isso, o preço a pagar seja a credibilidade do jornalismo.

O envolvimento profissional passou a ser muito mais intenso, o repórter passou a conviver com os atores [...] Essa vulnerabilidade exigia do profissional doses extras de equilíbrio, distanciamento e postura – numa palavra, ética – sob o risco de acusar reflexos em seu próprio discurso. [...] A vitória da seleção passou a ser “nossa vitória”, a medalha do judoca se transformou em “nosso ouro”.[...] o risco de um escorregão que comprometesse a credibilidade era enorme. (CARVALHO apud VILAS BOAS, 2005, p. 67).

Patrícia Rangel levanta a questão se jornalistas esportivos não se transformaram em artistas, pois a notoriedade atingida por meio da superexposição estimula os agentes desta comunidade a ingressarem no terreno em que não os compete neste espetáculo. No trabalho *O futebol midiático: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos* a autora conclui que:

A busca constante da isenção põe jornalismo e teatro em campos opostos, ainda que ambos sejam importantes para a sociedade em seus respectivos espaços. A emoção humana é tratada por cada um deles de forma diferente, um divulga e informa os dramas e as alegrias humanas, o outro as representa. O jornalista trata apenas com os fatos, os artistas vivem da ficção. (BEZERRA, 2008, p. 98).

A vertente do jornalismo do *engraçadismo* encontra resistência. Forte resistência, inclusive. São vários os exemplos de quem faz jornalismo preservando seus princípios

pétreos. Perfis bem diferentes capazes de clarear o horizonte de quem vai à universidade em busca de conhecimento específico e ingressa no mercado de trabalho com condição de fazer brotar o conhecimento adquirido temperado com estilo. O experiente comentarista da FOX TV Mauro Beting posiciona o profissional de imprensa diante do espetáculo.

O jornalista não promove. Não administra, não joga, não decide – por mais que alguns tantos queiram fazer tudo isso, e mais uns 10% na conta. Não é de nossa conta julgar, promover, fazer campanha, enfim tantas coisas que a imprensa faz indevidamente. (BETING, 2005, p. 24)

Na sequência, Paulo Vinicius Coelho, conhecido como PVC, comentarista dos canais ESPN, colunista do jornal Folha de São Paulo e destaque da nova geração de jornalistas esportivos indica o caminho a seguir.

O que importa é saber construir uma boa história, priorizar a informação, ter noção exata de qual é o lide da matéria que está por nascer e o encadeamento de ideias para tornar a história suficientemente atraente. Tudo isso é bom jornalismo. (COELHO, 2003, p.41)

Contemporâneo de PVC, Celso Unzelte, também comentarista dos canais ESPN, colaborador da revista Placar e historiador do futebol brasileiro antecipa a próxima parte do presente trabalho.

Para ser bom jornalista esportivo, não basta saber escalações de equipes e listas de campeões de cor, conhecer esquemas táticos, entender, enfim de futebol ou de outros esportes. A prática do (bom) jornalismo esportivo é antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas e de seus conceitos mais sagrados (e consagrados), como a objetividade e a imparcialidade. (UNZELTE, 2009, p. 9)

3.1.3 Paixão, Ética, Isenção e Imparcialidade

Após abordarmos a evolução do jornalismo e do jornalista esportivo, chegamos ao final desta primeira parte do segundo capítulo da pesquisa, talvez no ponto mais delicado quando se estuda o jornalismo: a ética. E à medida que estamos estudando em particular a editoria de esportes, a paixão – aqui abordada não pelo esporte, mas por um time de futebol – surge como ingrediente importantíssimo na autoanálise do fazer jornalismo. É desafiador produzir conteúdo seja ele informativo ou opinativo em um país em que o futebol é pauta do motorista de táxi ao relator da CPI da Nike³⁸. O tema candente no coração de quem lê, escuta

³⁸ Contou com declarações de Zagallo, João Havelange e do atacante Ronaldo. Em certo momento dos depoimentos, um parlamentar questionou quem deveria estar marcando Zidane no escanteio que originou o

e enxerga deve ser tratado com profissionalismo por quem o aborda. E isso, convenhamos, não é fácil, exige não só técnica, mas atenção, sensibilidade e noção jornalística.

Mauro Beting, palmeirense assumido, filho do histórico jornalista de economia e também palmeirense Joelmir Betting, descreve o que, para ele consiste o dever deste profissional.

O dever básico do jornalista é tentar ser imparcial e isento na mais parcial, subjetiva e passional área da imprensa. O cliente do nosso trabalho não é um mero leitor de economia, um telespectador de assuntos políticos, um ouvinte de *rock and roll*. É um torcedor. Um sujeito passional, que só quer a razão quando ela veste as mesmas cores do time dele. Tentar agradar gregos e corintianos é impossível. Tentar ser justo, equilibrado e respeitado é como treinar o time da Samoa Ocidental para ganhar uma Copa do Mundo. (BETING, 2005, p. 30)

Não há como mensurar a paixão de um torcedor ou o sentido de pertencimento clubístico de uma pessoa. No final de 2012, dezenas de milhares de fieis torcedores do Corinthians atravessaram o mundo e invadiram o Japão para ver o Timão ganhar do Chelsea, da Inglaterra. Uma epopeia em todos os sentidos, uma vez que financeiramente o investimento para fazer uma viagem daquele porte foi “privilégio” para poucos. Ainda mais se levarmos em conta que o torcedor corintiano é conhecido por ser maloqueiro e de pouca renda. Mas mesmo assim, como afirmar que os abnegados que cruzaram o planeta são mais apaixonados do que, por exemplo, um favelado que nunca foi a um estádio ou um presidiário que acompanhou e sofreu com o jogo apenas pelo radinho de pilha? Não há como medir as paixões. E é o jornalista esportivo muitas vezes o veículo desta emoção. É ele quem conta e reconta as histórias vividas dentro do campo de futebol. Entretanto, nem por isso, ele pode deixar influenciar-se por elas, pois caso contrário, estará ferindo o jornalismo, como critica

primeiro gol da França diante do Brasil na final da Copa de 98. O presidente da CBF na época Ricardo Teixeira foi acusado por Aldo Rebelo de fazer complô para tentar enfraquecer o trabalho das CPIs, por unir forças com Pelé, que antes o acusava de corrupção. Teixeira prestou esclarecimentos sobre a CBF, atividades pessoais e de suas empresas, como o restaurante carioca El Turf. Em janeiro de 2002, Teixeira obteve liminar da Justiça proibindo a impressão e distribuição do livro "CBF-Nike", de autoria dos deputados Sílvio Torres e Aldo Rebelo. A obra relatava todas as investigações que devassaram seus negócios. Atualmente Aldo Rebelo é ministro dos esportes, amigo pessoal e confidente de Ricardo Teixeira. Duas comissões foram formadas a partir do ano 2000. A primeira, na Câmara dos Deputados, ficou responsável pela investigação do contrato milionário entre a empresa Nike e a CBF, Ganhou o nome de CPI da CBF/Nike. A segunda, no Senado Federal, que ficou conhecida como a CPI do Futebol, investigaria, entre outras coisas, as dívidas dos clubes brasileiros com o INSS, que atingiam a marca de quase 200 milhões de reais. A criação da CPI da Nike foi motivada principalmente, por uma série de reportagens investigativas feitas a partir de 1999 pelo jornal Folha de S. Paulo sobre o contrato entre a empresa fabricante de material esportivo e a CBF. (...) A mais polêmica de todas as ingerências do patrocinador sobre a Seleção teria sido a decisão da Nike de obrigar Ronaldo a participar da final da Copa da França em 1998, mesmo tendo recém saído de um hospital. O craque fenômeno brasileiro e o técnico Zagallo chegaram a depor em Brasília para dar suas versões. (RIBEIRO, p. 296).

Clovis Rossi recordando a perda da Copa da França, em 1998, em depoimento no artigo *O estigma de ser jornalista esportivo*, de José Carlos Marques.

O jornalismo esportivo, no Brasil e em boa parte do mundo, é o único que tem licença, quando não estímulo, para ser descaradamente parcial. Não que haja imparcialidade absoluta nos demais segmentos do jornalismo. Quem conhece o governismo (seja qual for o governo) de uma parte dos meios de comunicação brasileiros sabe bem que a parcialidade é forte. Mas é envergonhada, disfarçada. (MARQUES, 2003, apud ROSSI, p. 7)

As críticas à maneira como o jornalismo esportivo é trabalhado no Brasil estendem-se ao perfil atual de alguns profissionais da área. Juca Kfoury, colunista da Folha de São Paulo, apresentador da rádio CBN, comentarista dos canais ESPN e nome presente no jornalismo investigativo e de oposição questiona o comportamento de alguns colegas.

Na imprensa esportiva brasileira, hoje, não sabemos se o cara é garoto propaganda, promotor de eventos, empresário de atleta, assessor de imprensa, se trabalha para um clube ou para uma mídia. Você não sabe se o jornalista recebe da CBF ou do jornal. Sem dúvida, há uma promiscuidade entre os jornalistas e a cartolagem, que faz com que eles se confundam. (KFOURI apud MARQUES, 2003, p. 6)

Juca, corintiano declarado, ocupa espaço na crônica esportiva brasileira há quatro décadas. Foi fundador da revista Placar, até hoje a principal publicação do estilo.

Assumir uma cor clubística e fazer-se respeitado no meio e no público é um misto de coragem e conquista nos dias atuais, onde a paixão das arquibancadas mistura-se à violência das ruas e o jornalista fica mais exposto. Nelson Rodrigues, por exemplo, fora um tricolor Fluminense incorrigível, mas aqueles eram outros tempos. O que não impede, porém de aprender com os mais antigos, como José Lins do Rego ao assumir espaço de colunista do Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro. “Nada de fingir neutralidade e nem de compor máscara de bom moço. Mas só direi a verdade. E este é um compromisso que estará acima do meu próprio coração de rubro-negro”. (BRAUNER, 2010 apud REGO p. 87). A passagem do escritor pelas páginas esportivas marcou sua vida.

A experiência de Zé Lins do Rego no jornalismo esportivo deixou o famoso escritor impressionado com a repercussão de suas palavras: “A um escritor vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria, as laranjas...os palavrões, deu-me a sensação de notoriedade verdadeira. Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente da paixão que a crítica literária ou jornalismo político. Tinha mais de vinte anos de exercício da imprensa e só com uma palavra arrancava, de uma multidão enfurecida, uma descarga de raiva como nunca sentira”. (RIBEIRO, 2007 p. 117)

Anos depois, Mauro Betting aperfeiçoa o discurso sobre a relação da paixão e da atividade jornalística profissional de um apaixonado.

Não há razão de ofício que faça renegar o amor pelo time do coração. Se um jornalista troca de time ou deixa de torcer, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão. [...] Entender essa paixão é um exercício racional do jornalista futebolístico. E ele precisa exercitá-lo. Pode torcer por um time. Mas não deve distorcer por ele. Como cidadão tem o poder de vestir a camisa que ama quando quiser. Mas como profissional, tem o dever de tentar enxergar o futebol em preto e branco. (BETING, 2005, p. 31)

Eugênio Bucci, em *Sobre Ética e Imprensa*, fala do mito da neutralidade.

Os jornalistas são pessoas reais que vivem em famílias, votam e torcem pelo time local. Espera-se que todas as lealdades pessoais sejam postas de lado quando se está tentando num papel profissional – mas os jornalistas nunca podem estar seguros de até que ponto são influenciados por fatores pessoais que controlam percepções e predisposições. (BUCCI, 2000, p. 22).

José Miguel Wisnik faz uma observação mais filosófica sobre o tema.

No Brasil, a incapacidade de combinar a paixão e a crítica tornou-se um traço recorrente, dominando em boa parte a cena pública invadida a todo o momento pelo futebol: é como se fôssemos obrigados a estar muito colados ao fenômeno ou muito fora dele. (WISNIK, 2008, p.16).

A capacidade de lidar com a paixão clubística ou ufanista em meio à atividade profissional traz consequências. Vez por outra, quem vive o futebol do lado de dentro como se costuma dizer tem dificuldade em enxergar quando esta capacidade se apresenta. Em 2010, na entrevista coletiva de anúncio dos 23 jogadores convocados pelo técnico Dunga para a Copa do Mundo da África do Sul, seu auxiliar técnico Jorginho proporcionou um momento de reflexão jornalística. Ele pediu licença ao treinador para responder uma pergunta de um repórter receoso em relação ao desempenho da Seleção no mundial. No texto *Cada um na sua*, publicado no jornal Lance! do dia seguinte, o jornalista André Kfourri, filho de Juca, reproduziu algumas palavras de Jorginho: “*se a Seleção chegar à final da Copa, isso é importante para você, é importante para mim, é importante para todos nós. Queridos, quantos de nós somos empregados por causa disso?*” Logo na sequência, Kfourri propôs um pensamento valioso para o início da presente pesquisa que trata de paixão, ética, jornalismo esportivo etc...

Não há nada de errado em torcer para o Brasil na “pessoa física”. Pelas lembranças da infância, pela boa relação com esse ou aquele jogador, pela identificação que se

tem com o nosso futebol. Desde que a “pessoa jurídica” não deixe de fazer as perguntas e as críticas que são necessárias.” (KFOURI, 2010)

A reflexão colocada em pauta por Kfourri tem sintonia com a avaliação feita por Ouhyudes Fonseca.

A maior liberdade de ação do repórter esportivo – mais concedida do que propriamente conquistada, se levado em conta o sistema social brasileiro – levou-o a ser considerado como um alienado, que não saberia fazer a ligação entre sua área de ação e o contexto geral da sociedade. (MARQUES, 2003, apud FONSECA).

Imparcialidade e isenção, requisitos básicos da função do jornalista são vistas geralmente com desconfiança pelo público. Na seara do jornalismo esportivo, onde a paixão está em jogo, aumenta-se ainda mais esta desconfiança. O futebol proporciona situações em que a ética é testada repetidamente, como relata o jornalista Elias Awad no texto *Um jogo muitas pizzas*, na coletânea *Formação e Informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos*.

Para nós jornalistas, ética é algo que nos atormenta de forma terrível. Diariamente somos colocados em situações em que buscaremos a ética para tomar determinado rumo de reportagem. O fator de desequilíbrio no jornalismo é que temos de ser éticos para falar da vida dos outros. Atletas, dirigentes, artistas, políticos... todos ficam na mira dos nossos microfones, canetas e teclados. (...) acredito que a forma correta de saber se você foi ou não ético é realizar o seu trabalho dentro do seu conceito sobre o tema. Chegar em casa à noite, colocar a cabeça no travesseiro e conseguir dormir tranquilo. Feito isso, pode ter a certeza de que andou na linha ética. (AWAD, 2005 p. 44-45).

Awad, atualmente especializado na produção de biografias, trilhou boa parte da carreira no jornalismo esportivo de rádio e televisão. Sua fala, portanto vem de um lugar diferente e carece de profundidade, ainda que contribua para o tema em debate. Outros dois autores vão além da experiência prática sugerida por Awad ao proporem uma reflexão mais densa acerca do fazer e do estudar o campo da comunicação. Para Nilson Lage:

Ética é o estudo dos juízos de valor (bem/mal) aplicáveis à conduta humana, no todo ou em um campo específico. Moral é o conjunto de regras de conduta consideradas eticamente válidas. (LAGE, 2009, p. 89) A ética, por seu conteúdo instável e complexo não pode se integralmente generalizada em mandamentos. Assim, se é reconhecido (não tanto pelas leis, mas pela consciência do ofício) o direito de o jornalista manter sigilo sobre suas fontes, isso se aplica a muitos casos, mas não a todos, e o discernimento de a quais casos se aplica envolve a consideração específica de razões e consequências. (LAGE, 2009, p. 91)

Para Eugênio Bucci, a comunicação é um campo de atuação conflitante e é necessário que haja o conflito. O autor vai a fundo na discussão do tema.

A ética jornalística é um sistema com uma lógica própria. Não é um receituário; é antes um modo de pensar que, aplicado ao jornalismo, dá forma aos impasses que requerem decisões individuais e sugere equações para resolvê-los. O que se deve ter em conta, de início, é que a prática do jornalismo não é auto-suficiente em sua dimensão ética, mas vai buscar em correntes filosóficas que trataram da ética em geral os parâmetros para enfrentar seus dilemas cotidianos. [...] A conduta ética é fruto da decisão do agente. [...] O agente goza de autonomia e, ao mesmo tempo, está atado aos valores sociais que lhe são exteriores, isto é, que representam para ele uma heteronomia. A busca do bom e do justo – que embora sejam conceitos cujos sentidos comportam variações entre os gregos, assim como o conceito de virtude, unificam o pensamento clássico sobre a finalidade da conduta ética – é portanto um objetivo simultaneamente individual e social. (BUCCI, 2000, p. 15. 16)

Este trabalho em alguns momentos procura colocar um espelho diante da imprensa para que possíveis imperfeições sejam apontadas. O exercício de investigar-nos, na opinião de Bucci, quando o assunto é a ética, é malquisto.

Os jornalistas não gostam muito de falar de ética jornalística. Na verdade, detestam. Sim, há exceções, mas a maioria detesta. Para a média dos profissionais de imprensa, ou o assunto parece representar elucubrações em torno do sexo dos anjos – um exercício portanto inócuo – ou é uma armadilha do inimigo, ou, finalmente, o caminho mais curto para melindrar o patrão ou o chefe. (BUCCI, 2000, p. 37)

A crítica de Bucci aos colegas ganha eco nesta pesquisa. Se a imprensa pode e deve criticar todos os setores, nada mais justo de que seja também incluída entre os criticados. Se o público é o fiel da balança da audiência, não pode ser o do comportamento e da postura. Esta análise precisa ser feita pelos colegas, ainda que esta não seja uma prática bem aceita.

Os jornalistas se recusam a prestar contas a quem quer que seja. O paradoxo, contudo, é apenas aparente: ao não falar de ética parece querer exprimir uma atitude de autonomia perante esferas externas, como a do poder e a dos negócios, mas no seu fundamento esta pretensa autonomia é apenas arrogância. Pode-se dizer que a arrogância jornalística não é outra coisa senão a afirmação de uma auto-suficiência ética. É como se a imprensa proclamasse: minha função é informar o público, mas os meus valores não estão em discussão. (BUCCI, 2000, p. 39)

O capítulo seguinte voltará a perpassar o assunto da ética no momento em que formos analisar a produção textual das colunas dos jornalistas.

3.2 Gêneros e Formatos

3.2.1 Informação x Opinião

Grosso modo, toda produção jornalística elaborada nas principais mídias, seja um programa de rádio, televisão, um site de internet ou um jornal divide o conteúdo entre

informação e opinião. Nos últimos tempos, muito em função do crescimento exponencial das redes sociais, percebe-se que a vertente opinativa ganha cada vez mais espaço e não somente nos veículos de comunicação tradicionais. O *twitter*, por exemplo, é uma rede onde todos expressam opinião. Não apenas os jornalistas que ainda não alcançaram credencial para tal em suas empresas, mas qualquer pessoa mesmo. O fenômeno recente sugere então um questionamento: antes não havia tanta opinião? Não, opinião sempre houve. O que ocorre agora é que não existe mais a necessidade da opinião ganhar publicidade por um veículo. Qualquer um dirige-se a quem quiser de maneira direta, através dos 140 caracteres do *twitter* ou por qualquer mensagem via *facebook*, para citarmos apenas duas das ferramentas de maior sucesso na rede. A mensagem sai do emissor para o receptor sem a figura de intermediários.

A opinião dentro dos veículos, pelo menos por enquanto, não teve alterada a sua importância no jornalismo. Na imprensa diária brasileira dividida entre opinião e informação, pesquisas do final do século XX e início do século XXI mostram que a informação ainda ocupa oito de cada dez centímetros-coluna das páginas de jornal. Ou seja, 20% estão resguardados para a opinião. (WOLLENNHAUPT, 2004)

Luiz Beltrão, considerado o pioneiro nos estudos acerca do jornalismo opinativo no Brasil, considera que a Opinião Pública nasce a partir do tripé: Opinião do editor, opinião do jornalista e opinião do leitor. O primeiro refere-se às convicções filosóficas do grupo (empresa), o segundo a um juízo manifestado pelo profissional sobre problemas em foco e o terceiro é emitido por entrevistas concedidas, por cartas ou atitudes que geram notícia. (BELTRÃO, 1980)

Neste trabalho, iremos considerar, até porque são o objeto de pesquisa, as opiniões emitidas pelos profissionais de imprensa nos jornais. Os colunistas de futebol, mais precisamente estão imersos no cenário em que o futebol está inserido. Em *A reportagem, teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, Nilson Lage aborda a construção da reportagem. O insight do repórter no momento em que a matéria é pensada pode perfeitamente adaptar-se ao processo de formação de uma coluna, pois os caminhos são parecidos.

Além de processar dados com autonomia, habilidade e reatividade, modela para si mesmo a realidade, com base no que constrói sua matéria. Pode-se chamar isso de intuição, faro ou percepção. Mas nada tem de mágico ou misterioso: é apenas uma competência humana que, como todas as outras, pode ser aprimorada pela educação e pelo exercício. (LAGE, 2009, p. 27-28)

Na dissertação de mestrado *O gênero coluna esportiva: informação e opinião*, Solange de Fátima Wollennhaupt expõe o leque de opções que surge quando esporte e comunicação se juntam no terreno acadêmico.

O esporte figura também como conteúdo de cada uma das quatro categorias funcionais da comunicação de massa (informação, persuasão, instrução e diversão), constituindo-se, portanto como potencial jornalístico. [...] Enquanto informação o esporte é tratado como notícia, constitui um dos ramos importantes da segmentação da indústria jornalística. Como persuasão, o esporte se faz propaganda, (...) pois financia seus agentes e gera divisas. [...] Como instrução, opera na preparação dos praticantes e na difusão da cultura esportiva. [...] E como diversão, permite que, sem sair de casa, os aficionados possam acompanhar os lances de uma partida de futebol, contemplar o desempenho dos ídolos... (WOLLENNHAUPT, 2004 p. 8-9)

No dia a dia das pessoas de uma sociedade em que é preciso trabalhar cada vez mais para prosperar, o senso comum obriga a dizer que tempo é o ingrediente mais valioso atualmente. A modernidade e a velocidade da transformação das rotinas e dos hábitos do homem impõem alterações significativas de cotidiano. E a mídia não fica à margem deste fenômeno. A convergência das funções de um telefone celular talvez seja o exemplo mais evidente. Tido e havido há tempos como uma mídia em extinção – mas que sobrevive galhardamente – o jornal também busca os seus recursos. Wollennhaupt cita Faria e Zancheta para explicar o que vem acontecendo.

(...) o texto jornalístico está em constante evolução, pois necessita conquistar e reconquistar o público, além de disputar espaço com a televisão e outros meios de comunicação. Assim, a linguagem usada nos jornais passou a ser mais mediana, ou seja, o mais próximo possível do coloquial, mas sempre atenta às regras de um português correto e de forma a não perder em informatividade. (WOLLENNHAUPT, 2004, apud FARIA E ZANCHETA, p.19)

E completa.

O jornalismo está num processo de transformações e reformulações constantes, e as influências recíprocas que as instituições recebem e exercem sobre a sociedade fazem com que os jornais se encontrem sempre frente à necessidade de conquista do público. Para tal, sai usados recursos que atraem a atenção do leitor, como fotos grandes e coloridas, ilustrações, gráficos explicativos, manchetes chamativas, títulos sugestivos. (WOLLENNHAUPT, 2004, p. 16)

Depois de Beltrão, José Marques de Melo é quem mais atualizou o cenário opinativo. Na carona dos estudos de seu antecessor, o autor observa um processo de fragmentação na opinião, o que gera até tendências conflitantes dentro de uma empresa, o que, segundo ele, é natural dentro de uma instituição que obedece uma organização plural.

A manifestação de opinião no jornalismo contemporâneo não é um fenômeno monolítico. Por mais que a instituição jornalística tenha uma orientação definida (posição ideológica ou linha política), em torno da qual pretende que as suas mensagens sejam estruturadas, subsiste sempre uma diferenciação opinativa (no sentido de atribuição de valor aos acontecimentos). As condições de produção do jornalismo atual exigem a participação de equipes numerosas, donde a impossibilidade de controle total do que se vai divulgar. (MELO, 2003, p. 101-102)

Marques de Melo, como já foi dito, de alguma maneira atualizou os estudos de Beltrão, que são da década de 80. Na citação a seguir é possível perceber a preocupação do autor para que a opinião do jornalista ganhasse eco.

As opiniões não são estáveis pela sua própria multiplicidade essencial, ‘a insegurança que as afeta intrinsecamente’, desde que se trata de opções entre alternativas igualmente aceitáveis/defensáveis. [...] é através dos meios de comunicação que as opiniões adquirem uma existência pública. Ao jornalista, pois, cabe a função de pregoeiro da opinião, a fim de que não fique ela restrita ao mundo privado das vivências de cada um, mas que ingresse no mundo de todos. (BELTRÃO, 1980, p. 18-19)

A opinião ao alcance de todos na rede ou cada vez mais presente nas páginas de jornal por autores alheios ao terreno jornalístico, não pode diminuir a relevância da opinião produzida e pensada por quem tem a obrigação e a formação profissional para isso, caso dos jornalistas. Portanto, ainda que o segmento opinião esteja mais multifacetado, faz-se necessário ainda a presença de figuras de referência neste aspecto para legitimar o que está escrito no jornal, como atesta Beltrão.

O jornal tem o dever de exercitar a opinião: ela é que valoriza e engrandece a atividade profissional, pois quando expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem estar e da harmonia do corpo social. [...] Diríamos que se trata da função psicológica, pela qual o ser humano informado de ideias, fatos ou situações conflitantes, exprime a respeito seu juízo. (BELTRÃO, 1980, p. 14)

3.2.2 Gêneros Jornalísticos

O agrupamento de conjuntos de emissões com propriedades comparáveis é o que Jost (2007) considera gêneros. Uma etiqueta colocada em um corpo textual com o objetivo de orientar o público diante dos produtos midiáticos disponíveis. A Espanha é a região mais fértil nos estudos dos gêneros jornalísticos. A origem destas pesquisas motivou-se pela necessidade

de distinguir o que era produção jornalística e o que era produção literária, posto que em alguns formatos elas se encontram e se misturam.

Várias tentativas ao longo do tempo foram feitas na expectativa de classificar e definir os gêneros. No Brasil, podemos destacar três autores. Os estudos de gêneros jornalísticos iniciam sempre a luz das contribuições de Luiz Beltrão e José Marques de Melo. Além destes, um mais recente não só agrega para a área, como também questiona os critérios de classificação dos gêneros jornalísticos de seus antecessores. Manuel Chaparro completa o trio que sustenta a coleta de informações para estudar principalmente os formatos coluna e crônica, que serão detalhados na sequência deste trabalho. A destacar de imediato, que Beltrão não conjectura a coluna dentro de sua organização de formatos agrupados dentro de jornalismo informativo, interpretativo e opinativo. Melo prefere dividir apenas entre jornalismo e informativo enquanto Chaparro lança mão da classificação por comentário e relato.

Para ilustrar o quadro comparativo dos três pesquisadores, nos valem do desenho proposto por Lailton Alves da Costa em *Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros: jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil*.(COSTA, 2008, p. 2 e 3)

AUTOR	GÊNEROS	FORMATOS
LUIZ BELTRAO	JORNALISMO INFORMATIVO-NOTICIA	Reportagem História de interesse humano Informação pela imagem
	JORNALISMO INTERPRETRATIVO	Reportagem em profundidade
MARQUES DE MELO	JORNALISMO INFORMATIVO	Nota Notícia Reportagem Entrevista
	JORNALISMO OPINATIVO	Editorial Comentário Artigo Resenha Coluna Crônica Caricatura Carta
CHAPARRO	COMENTÁRIO	Artigo Crônica Cartas Coluna

		Caricatura Charge
	RELATO	Reportagem Notícia Entrevista Roteiros Indicadores Agendamentos Previsão do tempo Cartas-consulta Orientações Úteis

Na mesma pesquisa, Lia Seixas questiona a divisão dos autores na medida em que trabalham com a tradicional divisão entre forma conteúdo. Segundo a autora, esse pressuposto gerou divisão por temas, pela relação do texto com a realidade (opinião e informação) e deu vazão ao critério de intencionalidade do autor, que realiza uma função (opinar, informar, interpretar, entreter). Para ela, a função deve ser vista dentro do contexto dos contratos de leituras desencadeados que implicam em cumprimento de poderes e papéis.

(...) os critérios de fundamentação destas teorias e classificações são frágeis suportes e não atingem os pilares destas estruturas que são os gêneros, embora aponte, aqui e ali, alguns nortes. Disposição psicológica do autor ou intencionalidade, estilo, modos de escrita ou morfologia, natureza do tema ou topicalidade (conteúdo), objetividade/subjetividade não diagnosticam as especificidades destas práticas sociais discursivas; embora as finalidades ou funções dos textos se aproximem mais de fundamentos válidos, como são as condições de êxito” (SEIXAS, 2004, p.1). (Costa, p. 4)

3.2.3 Coluna x Crônica

Formatos parecidos para quem não estuda comunicação, coluna e crônica possuem diferenças importantes, mas é aceitável que exista confusão na hora de identificá-las. Afinal de contas, a chamada *crônica esportiva* engloba dentre outros profissionais de imprensa, também os colunistas de jornal, por exemplo. A crônica de uma partida de futebol na página de jornal nada mais é se não o relato cronológico dos fatos ocorridos em campo temperados um pouco com uma leve pitada de subjetividade de quem a escreve. Não deve carregar a dose poética de uma crônica propriamente dita, pois naquele momento ela tem o papel apenas de recontar, documentar o jogo.

José Marques de Melo acredita haver ambiguidade na hora de definir coluna na imprensa brasileira. Para ele, a coluna não pode ser definida mais apenas como um espaço fixo, pois neste caso, a crônica, a resenha e o comentário entrariam no mesmo molde. O autor trabalha a ideia de colcha de retalhos, um conjunto de mini informações que a caracterizam. Esta pesquisa, porém, leva em consideração para trabalhar o termo coluna o principal aspecto definidor para o formato dissecado por Melo: “Fisionomia levemente persuasiva. Não se limita a emitir uma simples opinião, vai mais longe: conduz os que formam a opinião pública veiculando versões dos fatos que lhe darão contorno definitivo.” (MELO, 2003, p. 142)

É esta, na observação deste pesquisador a principal característica presente nos textos de colunas diárias. A opinião é emitida a partir de versões e não calcada sob um raciocínio mais elaborado ou articulado com pensamentos menos rasos. Outro autor, Manuel Chaparro vai um pouco além do que diz Melo. Para ele, a coluna...

(...) tem relevância especial a capacidade de potencializar a credibilidade dos conteúdos, pois, por ter autoria conhecida e especializada, a espécie agrega a respeitabilidade do autor à do jornal. É, também, provavelmente, a espécie que melhor estabelece, para o leitor, aquilo a que Tudorov chama de ‘expectativa de horizonte’, estimuladora da busca e da leitura de conteúdos. (CHAPARRO, 2008, p. 129)

A ausência de profundidade, a forma como o texto é proposto a estimular a rapidez da leitura e o processo ágil de reflexão talvez explique a popularidade dos colunistas junto ao público. Wollennhaupt contrapõe a ambiguidade sugerida por Melo, mas referenda a estrutura observada por Chaparro. Para ela, a coluna alcança sintonia por

(...) seu caráter sintético e nada ambíguo que conquista leitores pela razão psicológica de verem seus pensamentos refletidos em forma de texto. Por tratar de temas muitas vezes polêmicos, proporciona motivos para que sejam discutidas as ideologias de uma sociedade. A assiduidade permite um entrosamento maior entre o colunista e seus leitores. (WOLLENNHAUPT, 2004, p. 24)

A experiência de mais de três anos como assessor de futebol de um clube como o Grêmio oferece a possibilidade de observar o jornalismo do outro lado. O lado da vidraça, como se diz no senso comum. Aquilo que sai escrito nas colunas de jornais tem efeito sim em quem aparece citado, nem que o conteúdo não seja verdadeiro em sua totalidade. A comprovação está na segunda parte da resposta de Melo para a pergunta que ele mesmo se faz. “Como explicar a sobrevivência do colunismo na imprensa brasileira?”

O colunismo atende a uma necessidade de satisfação substitutiva existente no público leitor. Já que a maioria das pessoas está excluída do círculo reduzido dos colunáveis, dá-se-lhe a sensação de participar desse mundo através dos colunistas. Trata-se de uma forma de participação artificial, abstrata. Participam sem fazer parte. Acompanham à distância. O colunismo tem a função de balão de ensaio. Insinua fatos, lança ideias, sugere situações, com a finalidade de avaliar as repercussões. Isso se chama, em linguagem jornalística de plantar notícia. Da reação do público, estimulada por essas informações sutis, depende muitas vezes a tomada de decisões empresariais, políticas etc. (MELO, 2003, p. 143 e 144)

Ao contrário da coluna, a crônica possui um desenho mais elaborado, mais maquiado e preserva uma linguagem tipicamente brasileira, reservando espaço para pensamentos mais convictos, determinados, algo explícito nos textos de quem criou o formato lá atrás. Nelson Rodrigues, por exemplo. Para Melo, a crônica, do ponto de vista histórico, é o documento para a posteridade. Antes produzida apenas pelos literatos, chegou até o jornalismo justamente pelo seu caráter histórico de contar os fatos, dado que difere totalmente da coluna, pois tem traços poéticos permissivos, embora Melo (2003), chegue a dizer que a crônica é o embrião da reportagem. “A crônica moderna configura-se como gênero eminentemente jornalístico. Suas características fundamentais são: fidelidade ao cotidiano e crítica social.” (MELO, 2003, p. 156)

Segundo Beltrão, a crônica surgiu no momento em que as pessoas ansiavam por ler conteúdos mais próximos aos seus interesses e as matérias não traziam este conteúdo. Havia uma demanda por uma audiência específica e que encontrou cais no formato.

A crônica é a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor o seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos pessoais e coletivos. É menos ambiciosa que o artigo e menos rígida, pois na exposição e interpretação do tema abordado não se eleva a generalizações teóricas. (BELTRÃO, 1980, p. 67)

Sem nenhum correspondente em outro lugar do planeta, a crônica ganha destaque justamente por reunir em um mesmo espaço jornalismo e literatura, como aborda Chaparro.

A crônica é, no Brasil, uma espécie que traz para as páginas do jornal o talento literário de observadores atentos e argutos do cotidiano, capazes de descobrir no detalhe de um rosto, de uma lágrima, de um sorriso, de uma esquina vazia, de uma arquibancada cheia ou de um notívago perdido a representação dos encantos e desencantos da realidade mais complexa. O cronista é o olho poético do jornal a redescoberta diária da vida. Por isso, a crônica é jornalismo e literatura. (CHAPARRO, 2008. 131)

No futebol, já vimos anteriormente, que foi Mário Filho o responsável por acabar com a escrita de “fraque dos antigos cronistas esportivos”, oferecendo uma nova forma de escrita,

com um estilo mais simples. Seu irmão, Nelson Rodrigues, foi o maior nome deste gênero. Também no Rio de Janeiro, a figura de Armando Nogueira não pode deixar de ser lembrada, pois ele deu sequência ao estilo. No trabalho de conclusão de curso *Mito ou mero mortal: o personagem Messi na crônica esportiva brasileira*, Juliana de Brito situa Nogueira na história do jornalismo.

(...) foi Nogueira quem redefiniu a crônica de futebol ao criar uma linguagem “mítico-metafórica, inserindo nas crônicas aspirações humanas dos aficionados pelo esporte”. Sempre utilizando da subjetividade, Nogueira teria contribuído para a classificação da crônica de futebol como um subgênero, pois criava o imaginário do futebol. Também lhe eram característicos os recursos de “adjetivações valorativas, ritmo, jogo de imagens, subterfúgio da metáfora”. (BRITO, 2013 p. 23)

Na última parte deste trabalho saímos um pouco do cenário carioca para mergulhar no cenário gaúcho e observar o comportamento da comunidade que compõe a crônica esportiva no Rio Grande do Sul.

3.3 A comunidade e o GreNal

3.3.1 Comunidade Interpretativa ou Tribo Jornalística

Passada a abordagem teórica acerca dos gêneros jornalísticos, é chegado o momento de fazermos uma reflexão de cunho sociológico da práxis jornalística. Para isso, lançamos mão da contribuição dos estudos de Nelson Traquina a respeito das teorias do jornalismo. O intuito não é outro se não o de tentar compreender com maior clareza o que motiva ou o que acontece para que o jornalismo seja feito da maneira como é feito. O autor português no segundo volume de *Teorias do Jornalismo*, dentre outros assuntos, apresenta uma análise de diferentes comunidades jornalísticas espalhadas pelo mundo. O aspecto de comunidade abordado pelo filósofo ganha luz neste trabalho a partir do interesse na observação da cultura gaúcha em especial e no traço presente desta cultura também na imprensa, o que sublinha a identidade local detalhada mais adiante. Traquina desenvolve toda uma pesquisa com os jornalistas agregando critérios de noticiabilidade, valores-notícias, deveres e responsabilidades da profissão, sem destacar a posição que estes ocupam nas redações, o que não impede de utilizarmos seu legado aqui onde estudamos em particular os profissionais com função opinativa, formadores também de uma comunidade ou tribo jornalística.

O termo tribo tem o mesmo significado da expressão comunidade interpretativa. [...] Transmite mais claramente a ideia de que os membros desta comunidade interpretativa são similares ao biscateiro do antropólogo Claude Lévi-Strauss, isto é, o adepto do faça-você-mesmo no desempenho de muitas tarefas [...] O termo tribo transmite também a ideia de que os membros dessa comunidade são homens e mulheres de ação, marcados por uma atitude de anti-intelectualismo que é um constrangimento cultural no mundo do jornalismo. (TRAQUINA, 2008, p. 24)

A pesquisa empírica de Traquina aponta a confluência de características e representações sociais de grupos de jornalistas nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra e entre outros, em Portugal onde nasceu e onde tivera um acompanhamento maior do perfil de tais tribos. Os resultados de alguma maneira reproduziram uma partilha de ideologia profissional. Na colheita de depoimentos dos profissionais gaúchos sobre a paixão clubística podemos também notar um ponto comum: a preocupação com a isenção e a imparcialidade muito mais ligada à recepção do público do que realmente a uma técnica jornalística. Fechado o parêntese, de volta à pesquisa de Traquina, em vários locais ao redor do mundo, houve semelhança naquilo que os profissionais de imprensa pensam a respeito de suas próprias atividades, o que de certa forma reflete no material produzido padronizado pelas mesmas técnicas baseadas em valores jornalísticos parecidos também. Traquina classifica este processo de Comunidade Interpretativa Transnacional.

(...) é notável a partilha do mesmo *ethos* e conjunto de valores que fornecem um retrato claro da identidade jornalística. As cinco comunidades jornalísticas concordam da definição do papel do seu objeto central de esforço – as notícias – e as funções associadas às notícias numa democracia. (TRAQUINA, 2008, p. 178)

E completa quando encaminha e conclusão da hipótese levantada na obra. “(...) os jornalistas partilham, com variações de intensidade, um sistema de valores que fornece uma identidade clara do profissional, de tal modo que a tribo jornalística é transnacional.” (TRAQUINA, 2008, p. 190).

Ainda que o trabalho de campo de Traquina não tenha chegado ao Brasil, é possível apropriarmos de sua contribuição quando temos por objetivo conhecer um pouco mais de alguma comunidade jornalística e sua cultura. Para isto, ensina o autor, é preciso conhecer quem são seus agentes especializados.

(...) a sociologia do jornalismo aponta claramente para a tese de que a compreensão das notícias implica um conhecimento da cultura jornalística. Dito doutra maneira, não é possível compreender porque é que as notícias são como são sem uma compreensão dos profissionais que são os *agentes especializados* do campo jornalístico. (TRAQUINA, 2008, p. 14)

3.3.2 A Comunidade Jornalística do Esporte no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, os *agentes especializados* do campo jornalístico ligados ao esporte são profissionais inculcados na história do estado. O jornalismo esportivo no Rio Grande carrega uma vertente histórica do próprio povo gaúcho: a dualidade. A cobertura voltada prioritariamente para o futebol encontra neste estado uma das maiores rivalidades do país. De um lado o azul do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e do outro o vermelho do Sport Club Internacional. As duas torcidas dividem pela metade o Rio Grande e por consequência também os leitores de jornal. A polarização tão marcante ajuda a compreender porque, diariamente, os dois maiores jornais no estado dão tanta atenção para os clubes. Correio do Povo e Zero Hora destacam geralmente uma página somente de notícias para Grêmio e outra para o Inter em cada edição, o que dá uma ideia da dimensão do interesse do leitor pelas notícias dos seus clubes. Neste cenário, os cronistas esportivos também ocupam significativo espaço, escrevendo colunas nos sete dias da semana, - a maioria delas diária - o que permite dizer que o gaúcho é também um consumidor de opinião.

Todas as manhãs, as pessoas que querem saber o que está acontecendo no mundo leem o jornal, escutam a rádio, veem a televisão, ou navegam pela internet. [...] Os próprios meios de comunicação são os que se apresentam como os transmissores da realidade social. A virtualidade do discurso jornalístico informativo está nas suas pretensões referenciais e cognitivas. (ALSINA, 2009, p. 9.)

A afirmação de Rodrigo Miquel Alsina presente em *A construção da notícia* indica o anseio diário do cidadão comum pela notícia, mas é perfeitamente possível sugerir um interesse igual também pela opinião presente nos mesmos veículos. Assim como nas narrativas informativas, as narrações subjetivas também possuem um alicerce discursivo capaz de gerar interesse e mais do que isso, sentido. “Os jornalistas são, como todo o mundo, construtores da realidade ao seu redor. Mas também conferem estilo narrativo a essa realidade, e, divulgando-a, a tornam uma realidade pública sobre o dia-a-dia”. (ALSINA, 2009, p. 11)

Na carona de Alsina, Andrei Andrade justifica o porquê de o jornal manter-se firme na rotina das pessoas.

O prazer do hábito de folhear o papel, levá-lo para qualquer lugar, o encantamento com narrativas escritas e imagens bem exploradas são fatores que contribuem para a perenidade desta mídia. O jornal faz parte do cotidiano das pessoas, que podem

recebê-lo em casa ou comprá-lo na banca, mas mantém esse ritual sem substituí-lo por outras tecnologias. Ainda é uma incógnita se no futuro as novas gerações, que já crescem em frente à tela do computador, irão preservar este hábito. Estudos preveem o fim do jornalismo impresso em poucas décadas. Mas é difícil acreditar que isto de fato venha a ocorrer, justamente pela intensidade da experiência da leitura. (ANDRADE, 2010, p. 13)

A ambiência criada em virtude do clássico funciona como uma espécie de filtro para o processo de produção jornalística. Conta-se nas páginas de jornal aquilo que é sentido na rua. A paixão, o ódio, o amor por um clube, o negar a existência do outro sabendo que é a própria existência do outro que mantém viva a rivalidade, tudo faz parte do ambiente tensionado que é o de um jogo de futebol. E para fazer sentido é preciso ser contado desta maneira. Documentar é registrar a cultura de uma sociedade, como ratifica Ana Carolina Escosteguy, citando Storrey.

(...) através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstruir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e pelas mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. (ESCOSTEGUY apud STORREY, 2001, p. 26)

Andrade utiliza o termo *textura da experiência* para observar como a imprensa manipula a figura da rivalidade no processo de construção de sentido.

A rivalidade entre os clubes, por exemplo, é um dos principais ingredientes da repercussão no futebol na sociedade, e por isso é tomada pela mídia e tratada como uma novela diária. A imprensa faz a mediação entre o cotidiano dos clubes e a expectativa do torcedor, preferindo muitas vezes a especulação aos fatos. Neste estudo, a textura da experiência é considerada o fio que costura uma teia de sentido, como uma teoria que interliga todas as outras que são utilizadas, pois compreende-se aqui que tanto os mecanismos de engajamento textual, quanto a apropriação do imaginário social e os sentidos são estratégias da mídia de inserção na experiência cotidiana. (ANDRADE, 2010, p. 45)

O futebol é um evento popular. Usamos essa assertiva para tentar justificar o porquê do uso frequente de uma linguagem própria. Aqui não figuram apenas clichês, mas alguns sinais textuais que identificam o jornalismo esportivo. O leitor diário de futebol mais do que compreender, acostumou-se com o “*futebolês*”. A linguagem escrita, nesse processo, incorpora fórmulas estabelecidas na linguagem falada.

Nas colunas em que se comenta futebol, não é intenção explicá-lo ou compreendê-lo. A opinião esportiva funciona sim como um estopim para uma discussão na esfera pública. Concordar ou discordar do chamado especialista, no caso o jornalista esportivo, eis a questão.

Uma série de terminologias pode ilustrar esta linguagem compartilhada entre aquele que escreve e aquele que lê. “*Crise*” em GreNal é condição pré-estabelecida para o derrotado. Em nada tem a ver, por exemplo, com a crise econômica de uma nação ou até mesmo a crise econômica do próprio clube, ambas muito mais relevantes do que um revés após uma partida. Existe uma espécie de contrato com o leitor, se escreve dessa maneira, pois é desta maneira que o sentido do discurso é compreendido, como afirma Stuart Hall em *Codificação e decodificação*.

Não há discurso inteligível sem a operação de um código. Os signos icônicos são, portanto, signos codificados também – mesmo que aqui os códigos trabalhem de forma diferente daquela de outros signos. Não há grau zero de linguagem. Naturalismo e realismo – a aparente fidelidade da representação à coisa ou ao conceito representado – é o resultado, o efeito, de uma certa articulação específica da linguagem sobre o real. É o resultado de uma prática discursiva. (HALL, 2003, p. 393)

3.3.3. O GreNal e os Vínculos Construídos ao Longo de sua História

O GreNal faz parte do imaginário do torcedor gaúcho. Ele não precisa necessariamente decidir alguma coisa para assumir um caráter decisivo. São as marcas exploratórias da rivalidade que incrementam o espetáculo. Ao torcedor, evidentemente, interessa o resultado, embora demonstre também interesse em saboreá-lo antes mesmo de conhecer o sabor, que pode ser doce ou amargo. Se o GreNal pode ser visto também como uma festa, é verdade sob o olhar da imprensa, que o melhor então é esperar por ela. O jornalismo diário aproveita-se desta expectativa criada em torno de uma partida de futebol e constrói uma narrativa escrita com início antes de a bola rolar e fim depois do apito final do juiz. Narrativa repleta de significações advindas dos arranjos semióticos daquilo que Hall entende como signos. São vínculos construídos na ambiência cultural.

Poucas vezes os signos organizados em um discurso significarão somente seus sentidos literais, isto é um sentido quase universalmente consensual. Em um discurso de fato emitido, a maioria dos signos combinará com seus aspectos denotativos e conotativos. Pode-se, então perguntar por que manter esta distinção. É, em grande medida, uma questão de valor analítico. É porque os signos parecem adquirir seu valor ideológico pleno – parecem estar abertos à articulação com discursos e sentidos ideológicos mais amplos – no nível dos seus sentidos associativos (ou seja, no nível da conotação). (HALL, 2003, p. 395).

Reconstruir a história do GreNal ajuda na compreensão da apropriação simbólica dos media. O livro *A história dos GreNais*, dos jornalistas David Coimbra, Nico Noronha, Mário Marcos de Souza e Carlos André Moreira é fonte fundamental para estudar a origem da dramaticidade que envolve este jogo.

Seja isto uma virtude ou um defeito, desde sempre o Rio Grande do Sul esteve dividido. Chamam-se amavelmente de adversários os opostos, num eufemismo cavalheiresco para não designar inimigos aqueles que estão do outro lado. Grêmio e Internacional, Internacional e Grêmio fazem parte deste rosário de antagonismos que os gaúchos inventaram nos campos de batalha, espalhou-se pela política até chegar ao esporte. Se é que se pode incluir na categoria de esporte esta megarrivalidade que deixa perplexos os estrangeiros e literalmente divide o Rio Grande. (COIMBRA, 2009, contra capa).

Em 2009, o GreNal atingiu a marca centenária. Um século de vida de enfrentamento entre o azul e o vermelho. A expressão GreNal, entretanto surgiu anos depois, em 1926. E nasceu pela ideia de um jornalista de jornal.

Sentado à mesa do Café Colombo com os gremistas Armando Siaglia e Luiz Dautd, Ivo Santos Martins lamentava-se da sorte por um motivo um tanto prosaico. Redator do *Correio do Povo*, ele se cansava de escrever Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional cada vez que os demais se enfrentavam. É muito comprido – reclamava – Estava pensando um jeito de encurtar isso, de criar uma expressão que definisse o jogo. Inicialmente, Martins propôs Inter-Gre, mas como bom gremista, não queria colocar o Internacional na frente. Decidiu-se então por Grenal. (COIMBRA, 2009, p. 34)

O futebol é tratado como um espetáculo, pois é assim que o público o enxerga. Logo, é desta maneira que ele é “entregue” ao leitor em um gesto retórico da mídia. Os colunistas apropriam-se também do desenrolar dramático e lançam mão de habilidades que produzem este sentido para a sociedade. Chico Buarque disse certa vez que Rivelino não fazia ideia dos gols que havia marcado na sua memória (mas que de fato jamais fez).

O GreNal tem vida própria. Cada um entra para a história por ser único. A ele é distinta uma particularidade que o irá diferir de qualquer outro. Para contar um especificamente, porém, é usual reportar-se a partidas anteriores. É uma espécie de retroalimentação. Cada GreNal que surge alimenta-se de um pedaço de algum que já aconteceu. O viés surreal do primeiro clássico vencido pelo Grêmio por 10 x 0 dá-se mais pelo que a história registra do que pelo placar elástico, inimaginável nos dias atuais.

Naquele tempo não se cobravam ingressos. Além do mais, os dirigentes de ambas as agremiações pretendiam promover um jantar e um baile para depois do jogo. Havia

despesas a pagar, portanto. Os colorados anunciaram que a conta era deles. Os gremistas se ofenderam. De jeito nenhum, o Grêmio paga. Os colorados insistiram e os gremistas ameaçaram canelar a partida. (COIMBRA, 2009, p. 11)

Resolvido o imbróglio, disputada a peleja:

Às seis da tarde, juízes, jogadores e dirigentes foram até a sede dos Atiradores Alemães, ao lado da Baixada, e lá beberam cerveja e bailaram até a madrugada. Os colorados blindaram e homenagearam os vencedores, como rezava a boa educação, e aproveitaram a festa. (COIMBRA, 2009, p. 17)

Anos mais tarde, em 1969, o GreNal dos 20 como ficou conhecido, guardados os exageros, retrata com mais fidelidade a rivalidade criada ao longo do tempo e que dura até hoje.

Encerrada a confusão, o Grêmio desceu aos vestiários. O Internacional ainda tentou retornar a campo para continuar o jogo. Só então os colorados descobriram que apenas o meio-campista Dorinho não havia sido expulso. No Grêmio, o único a não levar cartão vermelho fora o goleiro Alberto³⁹. (COIMBRA, 2009, p. 125)

É comum a dramatização, a valorização exacerbada e a potencialização da importância de determinados atos estarem presentes nos textos informativos e opinativos. Termos como o herói, o vilão, entre outros costumam fazer parte da composição de uma coluna bem menos especulativa, pois não especula, determina. O tom da crítica está ligado diretamente ao resultado. Ao perdedor a crítica mais ácida, irônica talvez. Ao vencedor, os elogios. Ponderados ou não.

Buscar um responsável por este ou aquele acontecimento não é exclusividade do jornalismo. É da cultura brasileira. Sendo assim, é plausível que os responsáveis pela derrota ou pela vitória estejam claramente expostos nas letras de opinião.

Para ajudar a supor o que é a rivalidade GreNal, é necessário que se reporte a algumas formulações que falam sobre o que teriam sido as origens dos povos que constituíram a terra mais ao sul do território brasileiro.

Nascido na miscigenação íbero-afro-ameríndia, o gaúcho surge no sul do Brasil, a partir da descida dos bandeirantes paulistas, acompanhados dos agressivos mamelucos, mais conquistadores do que colonizadores [...] que procuram entre as tribos indígenas daqui a mão de obra escrava para as Minas Gerais e os trabalhos agrícolas do Planalto do Piratini. (ZATTERA, 1995, p. 43)

Posta a referência histórica, avança-se um pouco com a descrição cultural do gaúcho:

³⁹ Na verdade, os atletas foram excluídos e não expulsos, uma vez que o cartão vermelho foi instituído somente na Copa de 70.

Habitante do Rio Grande do Sul. Habitante do interior do Rio Grande, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lides campeiras. (61) “é o homem chamado gaúcho de todas as querências, do campo, da serra, do mar, da cidade. É o branco, o negro, o amarelo e o índio que se encontram aqui. [...] é o homem que conhece o seu estado e respeita a sua terra. [...] que cultiva seu chimarrão, sua pilcha e suas raízes. [...] É ser único e aí está a beleza de sê-lo. Sabe ainda que ser gaúcho...é ser gaúcho, tchê! E isso basta. (ZATTERA, 1995, p. 93)

À primeira vista, entretanto, tais considerações parecem ser insuficientes para definir um perfil comportamental que diferencie o gaúcho dos demais povos. A evolução histórica da formulação mítica *raça teimosa em viver* tem na dicotomia o seu traço talvez mais reluzente. Desde os Chimangos e Maragatos na Revolução Farroupilha, os que foram contra Getúlio Vargas, a favor da Ditadura Militar, PT ou anti-PT, gaúcho da cidade ou do campo, a favor da FORD ou da Copa do Mundo no Brasil, sempre houve o que se costuma chamar de “marcar posição”, não ser indiferente à nada. E evidentemente o futebol não está alheio a esta peculiaridade. Grêmio e Internacional nutrem uma rivalidade centenária e que é alimentada conscientemente pelos processos de produção jornalística. Esta contextualização é o que Alsina entende por construção social da realidade.

Mais ainda do que uma relação de produção e consumo de um bem cultural, a circulação de um noticiário impresso está ligada à anexação de sentido ao próprio ambiente histórico-social em que se vive. Porém, para que esta atribuição logre êxito frente aos indivíduos a que se destinam, é necessário que tal “construção social da realidade” estabelecida a partir da relação existente entre realidade e conhecimento (ALSINA, 2008) esteja intimamente ligada ao que o público-alvo entenda enquanto realidade que constitui e pela qual também é constituído. (ARAÚJO apud ALSINA, p.3).

No próximo capítulo faremos uma análise dos textos de colunas produzidas por jornalistas de Zero Hora e Correio do Povo em meio a uma semana de clássico GreNal. Observar quais são os traços marcantes destes textos bem como avaliar que sentido eles acabam produzindo. A última parte do trabalho reserva também o depoimento destes profissionais sobre a práxis diária e que interferências ela sofre no cenário exposto nas páginas acima.

4 O PRAZER DE LER JORNAL

Assim como na vida, no jornalismo é arriscado ser definitivo. No início do século XX, Graciliano Ramos cravou o que, no linguajar jornalístico, poderia ser considerado uma das maiores barrigadas⁴⁰ da história: “*Futebol não pega, tenho certeza; Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho*”. (COELHO, 2002, p.7). Ledo engano do escritor alagoano. Não só o futebol pegou como se tornou o esporte mais popular do Brasil, a ponto de os mais desavisados considerá-lo genuinamente brasileiro, e o mais popular do planeta⁴¹ também.

As explicações para o fenômeno de aceitação do futebol são muitas. Nenhuma outra prática mobiliza tantas pessoas ao redor do mundo e hoje, a estrangeirice sugerida por Graciliano Ramos é planetária, democrática e socialmente acessível a todas as classes. Em *A bola corre mais que os homens*, o antropólogo Roberto Da Matta faz mais uma tentativa de elucidar o caráter simbólico do jogo inventado pelos ingleses e incorporado pelos brasileiros.

Foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se (sem querer ou saber) no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e de igualdade. Não foi, então, através da escola, do jornal, da literatura ou do Parlamento e de algum partido político que o povo começou a aprender a praticar a igualdade e a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol. Esses eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um déspota, e o perdedor, vale repetir, não pode ser humilhado. Penso, portanto, ao contrário de muitos analistas antigos e modernos que somente veem esse esporte como um coadjuvante de uma ideologia de dominação, que foi esse vislumbre da igualdade como valor e escolha, contido no velho e bretão footballassociation, um dos traços que contribuíram para a sua popularização, tornando-o uma mania e um acontecimento festejado e amado pelo povo. (DAMATTA, 2006, p. 142-143)

Na imprensa, o futebol conquistou acolhimento à medida que reuniu multidões nos estádios, o que inclinou os donos de jornais a atentarem-se para este movimento. No Brasil especialmente onde futebol e crônica esportiva cresceram praticamente juntos, não demorou para que o esporte bretão ocupasse seu espaço. Nas décadas de 40, 50 e 60, o já citado Nelson Rodrigues marcou uma geração que levou para as páginas de jornal a emoção brotada das arquibancadas. Percebeu-se que o leitor e o torcedor eram a mesma pessoa e o

⁴⁰ Jargão jornalístico para erro grosseiro de apuração de notícia.

⁴¹ A FIFA, Federação Internacional de Futebol, possui atualmente 209 membros filiados enquanto a ONU, Organização das Nações Unidas, reúne 193 países, o que mostra a força do futebol no Planeta. Na China, por exemplo, mais de 26 milhões de pessoas praticam o futebol. A Índia, país sem tradição neste esporte, tem mais de 20 milhões de praticantes. O Brasil, com uma população chegando próximo aos 200 milhões, temos cerca de 13 milhões de praticantes. (FONTES: FIFA, ONU E UNIVERSIDADE DO FUTEBOL)

acompanhamento da reconstrução daquilo que fora sentido nos domingos de futebol passou a ser um hábito do brasileiro, indiferente ao surgimento de outros veículos como a televisão, que poderia revelar o que o rádio dizia acontecer, mas que na verdade só acontecia no imaginário do torcedor.

Os anos passaram e o jornal seguiu nas mãos do leitor tradicional. O nascimento da televisão e recentemente da internet, se alteraram a rotina de produção dos jornais, ainda não tiveram força para dizimar com o aficionado pelo papel. Resiste ainda o leitor que não abre mão de abastecer-se de informações com este veículo, como explica Andrei Andrade.

Ligar a televisão ou abrir um jornal na privacidade de nossa sala é envolver-se num ato de transcendência espacial: um local identificável – o lar – defronta e abarca o globo. Mas tal ação, ler ou ver, possui outros referentes espaciais. Ela nos liga aos outros, a nossos vizinhos, conhecidos e desconhecidos, que estão simultaneamente fazendo a mesma coisa (ANDRADE, 2010, p. 27).

Muito da identificação do leitor com o formato desta mídia dá-se pela maneira como o futebol é tratado nas páginas de jornal. Desde o *Jornal dos Sports*⁴², primeira publicação de maior repercussão nacional voltada exclusivamente para o esporte em especial para o futebol, o preto no branco de alguma maneira formaliza, dá voz, legitima e leva para a esfera pública o que se debate na esquina. A narrativa com linguagem de folhetim, com permissões poéticas em determinados momentos e que não aparece em outras editoriais, aproxima o discurso do especialista – jornalista – com o amador e não especialista – o torcedor.

Ao consumir produtos midiáticos, pelo rádio, pela televisão, pelo jornal, o consumidor quer se reconhecer naquele veículo, e quer reconhecer no que está consumindo sua inserção na sociedade imaginada. No caso do futebol, o torcedor, consumidor maior da mídia esportiva, quer saber que não está sozinho na sua paixão, quer reconhecer-se enquanto um ser inserido na sociedade pela preferência clubística. O jornalismo esportivo, para tanto, evoca em seu discurso códigos que são comuns do imaginário social e os emprega em seus textos, em sua argumentação. (ANDRADE, 2010, p. 35)

No Rio Grande do Sul, este processo não é desconsiderado. Pelo contrário, os dois maiores jornais do estado cedem diariamente significativo espaço em suas edições. O formato

⁴²Em 1931, o jornalista Argemiro Bulcão, percebendo o crescimento da popularidade do futebol e o pouco espaço destinado a ele no noticiário, decidiu arriscar. Criou o primeiro jornal diário de esportes do Brasil, o *Jornal dos Sports*, que sobreviveria até 2007. Foi nas mãos de Mário Filho, entretanto, que o JS ganhou popularidade. O irmão de Nelson Rodrigues primeiro começou a escrever no periódico a convite do fundador, mas anos mais tarde pode administrar o jornal esportivo de maior sucesso da história da crônica brasileira. (FONTE: OS DONOS DO ESTPETÁCULO: HISTÓRIAS DA IMPRENSA ESPORTIVA NO BRASIL).

tabloide tanto do Correio do Povo quanto da Zero Hora e a rivalidade latente entre Grêmio e Internacional fomentam a lenda de que no Rio Grande, o jornal é lido de traz para frente, numa referência ao local onde se encontram as notícias esportivas. Em ambos os casos, a editoria de esportes está localizada nas últimas páginas..

4.1 Das Estratégias dos Jornais

Este trabalho tem como objeto de pesquisa 52 colunas de jornal dos cronistas esportivos de Zero Hora e Correio do Povo bem como as entrevistas com estes, focalizando a cobertura em uma semana de GreNal, maior acontecimento futebolístico do estado. Nada impede, porém, a busca de outros argumentos que ajudam a compreender o enquadramento dos impressos diante dos acontecimentos de relevância. Para tanto, contribuem os trabalhos *Futebol, imprensa e Memória*, de Antonio Jorge Soares, Ronaldo Helal e Marco Antonio Santoro sobre a Seleção Brasileira nas Copas de 70, 98 e 2002; e *Joelho aprisionado: estratégias midiáticas e o Caso Ronaldo*, de Antônio Fausto Neto, que investiga as consequências da primeira lesão da carreira do Fenômeno.

A cultura jornalística se faz discurso através de diferentes regras que vão definindo os modos através dos quais o acontecimento é tecido. De certa maneira, uma das regras desta modalidade de discurso se constitui a capacidade que tem para trabalhar o próprio acontecimento sob um aspecto antecipatório. A máquina de produzir sentido está lá à espreita do que nela pode ser processado. (NETO, p. 5)

O aspecto antecipatório salientado por Neto no intuito de trabalhar o acontecimento pode ser observado no trecho da coluna de Diogo Olivier no dia do GreNal que seria a última partida do estádio do Grêmio, o Olímpico, pois sua demolição anunciava-se próxima. “*O clássico começa às 17h e termina às 19h. Os gremistas ficarão lá, sentados no galho da árvore centenária para ela não ser cortada. Senhores, preparem-se. A história vos espera*”.(OLIVIER, ZH, 2-12-12). A carga dramática já costumeira nesse tipo de jogo, desta vez ultrapassa a partida e gera nexos de sentido na atmosfera criada. O *Senhores* pode ser um recado para os jogadores ou até mesmo para os torcedores que participarão no espetáculo.

No acompanhamento dos desdobramentos da recuperação de Ronaldo após a lesão mais grave do jogador sofrida no ano 2000, Neto percebeu que em diferentes veículos, os discursos em torno do episódio foram contraditórios e nem todos verdadeiros. Ao analisar

aqui o que antecede e o que sucede um jogo da magnitude do GreNal, o processo verifica-se parecido. A produção de sentido dada pela narrativa depende do enquadramento.

(...) se tratando dos enquadramentos dos media pode-se supor que estes estarão sempre prontos para operar e se fazer operar em cima do sucesso e/ou dos percalços do outro. Sempre mobilizarão, na forma de discursos retomados, saberes outros, na forma de falas, para caucionar seus modos de dizer e de produzir sentidos. Nestes termos, Ronaldo possivelmente, nunca escapará dos dispositivos de produção midiáticas, cujos enunciados se engendram em enunciações povoadas por este "cintilar" de imaginários. (NETO, p. 24)

Outro dispositivo dos impressos é lançar mão da memória como estratégia de narrativa. Helal, Soares e Santoro percebem que o acionar de silêncios e esquecimentos por parte dos mídia funciona, uma vez que a memória possui pretensão de verdade.

Os jornais têm sido um dos mais relevantes veículos de manutenção e “construção” da memória. Rememorar qualquer evento que ligue o presente ao passado tornou-se um dos motes do fazer jornalismo. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte. [...] De fato, a tradição é construída pelas demandas do presente de afirmação de identidades, seja coletiva ou individual. [...] A memória de vitórias e derrotas da seleção brasileira de futebol “funciona” como um mecanismo de defesa contra a imprevisibilidade do jogo. Como estratégia jornalística, tal ação coloca o presente em continuidade com o passado, fornecendo elos identitários e geracionais e apresentando o esporte como um “drama” que coloca a identidade em permanente tensão. (SOARES, 2004, p. 63)

A simples escalação de um jogador aciona em quem tem a responsabilidade de opinar a estratégia descrita acima. No processo de construção de sentido, na afirmação da rivalidade, na busca por personagens, Hiltor Mombach desperta a memória para explicar o que, para ele, foi um erro do técnico do Inter: *“Mais grave: não escalou e desescalou Índio, amuleto do time em GreNais, zagueiro goleador que cresce na adversidade”*. (MOMBACH, 27-08-13)

A memória documentada em jornal reforça o discurso dos especialistas. Portanto é natural que o jornalista especialista em seu texto se locuplete deste elemento no intuito de referendar o que está dizendo.

Os jornais não manipulam uma visão da sociedade brasileira sobre o futebol. Porém, eles maximizam ou reforçam o imaginário que nossa sociedade tem sobre o futebol. A memória funciona, assim, como um importante mecanismo de reforço identitários. O ato de rememorar, que inclui os esquecimentos, auxilia a reconstruir e traduzir aquilo que se idealiza ser o futebol brasileiro e o nosso povo. De fato, o futebol é um bom tema para contarmos histórias que gostamos de ouvir sobre nós mesmos. (SOARES, 2004. P. 66)

Será que a afirmação não serve também para o Rio Grande do Sul? O discurso onipresente da rivalidade repetido cada vez em que Grêmio e Inter se encontram nada mais é do que contar repetidamente histórias que gostamos de ouvir.

4.2 O Futebol e a Paixão no Jornalismo

O jornalista Mauro Betting cunhou uma frase polêmica a respeito da relação do jornalista com o clube do coração. “*Não há razão de ofício que faça renegar o amor pelo time do coração. Se um jornalista troca de time ou deixa de torcer, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão*”. (BETING, 2005, p. 31). Posta em análise, a afirmativa do comentarista deveria provocar uma reflexão. Afinal de contas, na esfera do futebol, talvez o único profissional que tem colocado em dúvida o seu profissionalismo em virtude de uma preferência clubística é o jornalista, pois teoricamente ele deve ser isento e imparcial.

A escolha por um time de futebol em algumas famílias antecede o nascimento da criança que talvez nem nome tenha. É considerado *viracasaca* aquele que conscientemente troca de lado, altera o seu destino clubístico como torcedor. Voltando ao futebol, logicamente, uma minoria é que consegue trabalhar no lugar onde sente o coração bater diferente. O futebol é profissional dizem todos. Os jogadores, os treinadores, os árbitros, os preparadores físicos, os médicos, os advogados, os fisioterapeutas, os patrocinadores, hoje em dia inclusive os dirigentes trocam de camisa em prol do profissionalismo. Ao jornalista, entretanto, não é permitida a declaração pública de sua raiz, pois automaticamente sua credibilidade estará posta em cheque. E isso é reconhecido pelos próprios jornalistas, conforme relatos neste trabalho. Somente aos jogadores é relativizada a vida que têm antes e depois de conhecer o futebol, como ilustra Hilário Franco Júnior em *A dança dos deuses*, no que ele considera a metáfora psicológica.

É indiscutível que no mundo contemporâneo o ambiente do futebol é dos mais intensos do ponto de vista psicológico. Nos estádios, a concentração é total. Vive-se ali situação de incessante dialética entre o metafórico e o literal, entre o lúdico e o real. O que varia conforme o indivíduo considerado é a passagem de uma condição para a outra. Passagem rápida no caso do torcedor, cuja regressão psíquica do lúdico dura algumas horas e funciona como escape para as pressões do cotidiano. Passagem lenta no caso do futebolista profissional, que vive quinze ou vinte anos em um ambiente de fantasia, que geralmente torna difícil a inserção na realidade global quando termina a carreira. (JÚNIOR, 2007, p. 303)

A carreira de um profissional de imprensa é bem mais extensa do que a maioria dos jogadores, mesmo em relação àqueles que decidem seguir no futebol depois de parar de jogar. A carreira de treinadores não ex-jogadores também não preenche o mesmo espaço de tempo da de um jornalista que começa na função mais básica do jornalismo – a de repórter – e segue até virar comentarista, apresentador, editor ou especializar-se como repórter definitivamente. É a imprensa quem dá voz à roda da fortuna, embora os jornalistas não se beneficiem dela. Não há futebol sem público. A contribuição da imprensa em contar e recontar as histórias dos protagonistas da bola é também recriar significados expostos no jogo, mas que nem todos enxergam. Nem sempre o futebol é compreendido por quem o pratica. A compreensão de suas inúmeras nuances não necessariamente está dentro das quatro linhas e ou ao alcance de quem pisou no gramado.

Onde o futebol apresenta imensa capacidade de criar novos significados é fora de campo. As discussões de torcedores e os comentários de jornalistas comprovam isso. Se cada pequeno lance desencadeia longos debates, é porque é possível atribuir a todos eles diferentes significados dentro da lógica do jogo. (JÚNIOR, 2007, p. 367)

No Rio Grande do Sul, onde a rivalidade é diferente da carioca ou da paulista, pois não se divide entre quatro clubes grandes, são apenas dois, a preocupação em manter em segredo as cores existe até hoje. Prova disso é o relato de Paulo Sant’ana, gremista assumido, à revista *Porto Alegre é TOP*, lembrando o que aconteceu depois de uma revelação feita em sua coluna de jornal em 1971: “*Fiz uma coluna inteira relacionando os mais destacados repórteres, comentaristas e narradores do rádio, do jornal e da televisão do Rio Grande do Sul. E disse para quais clubes cada um deles torcia. Eles quase me mataram*”(REVISTA PORTO ALÉGRE É TOP. Ano 2, n. 2. Dez. 2012).

Na última parte deste trabalho a ideia é fazer um levantamento do que pensam sobre este e outros assuntos ligados à rivalidade os columnistas de Zero Hora e Correio do Povo. Para análise, foram escolhidos os cinco GreNais de 2012, válidos pelo Gauchão e Brasileirão daquele ano. Para efeito de organização, cada partida recebe um arquétipo, o que de certa forma, ajuda no processo de memorização de cada enfrentamento.

O primeiro disputado naquele ano foi o *GreNal do Vuaden*, numa referência à arbitragem contestada de Leandro Vuaden. O clássico seguinte ficou marcado como o *GreNal do Roger*, pois o ex-jogador do Grêmio comandou de forma interina o time, um dia antes da apresentação de Vanderlei Luxemburgo no clube. O terceiro jogo da temporada entrou para a história como o *GreNal do Gandula*, uma vez que Luxemburgo acabou expulso após

desentender-se com um gandula. O quarto enfrentamento entre as equipes foi no estádio Beira-Rio em obras para a Copa do Mundo, criando um cenário estranho para o local, o que culminou no *GreNal do Coliseu*. Por fim, o encontro que encerrou o ano seria o último jogo da história do estádio do Grêmio e por isso será lembrado como o *GreNal da Despedida do Olímpico*.

Nos textos analisados foi possível observar a ocorrência de palavras e expressões referentes à influência platina e à exploração forçada da rivalidade existente entre os times. Entre as expressões que sintetizam essa proximidade com a região do Prata estão termos como “passar por cima”, presente no texto de Carlos Corrêa; “terra arrasada”, na coluna de Diogo Olivier; e “time sem alma”, em David Coimbra. Hiltor Mombahc também utiliza esse recurso com expressões como “fazer valer o hino”, da mesma forma que Luiz Zini Pires se refere, em uma das colunas, a um “time com cara”. Outras palavras, como “superação” e “duelo” são utilizadas neste contexto.

A principal característica observada, no entanto, é a “retroalimentação” da rivalidade GreNal. Nos dias que antecederam e sucederam os clássicos, foi recorrente a utilização de palavras como “bravura”, “épico e “heróis”, exacerbando uma rivalidade que já é conhecida e dando a ela, inclusive, contornos “épicos”, de “guerra”. Tal formatação rotineira, exemplificada no quadro que segue este parágrafo, não favorece a criação de um texto que fuja desse padrão que contempla a exploração dos elementos destacados anteriormente. Prova disso é a recorrência, além das palavras citadas, de outras expressões como “últimas fichas”, “time ideal”, “surpresa” “favoritismo”. É possível perceber, inclusive, que a linguagem usada – e bem aceita no jornalismo esportivo – ganha espaço em outras páginas do jornal.

QUADRO COM OS DADOS DAS COLUNAS

	GreNal do Vuaden:	GreNal do Roger:	GreNal do Gandula	GreNal do Coliseu	GreNal da Despedida
Carlos Corrêa	favorito, passar por cima, motivar, favorito, ficha um,	apostas, últimas fichas, portões fechados, surpresa, terrorismo			

	justiça, ousado	psicológico, favoritíssimo, arriscar, favoritismo desfeito, injustiça, mudou a cara			
Diogo Olivier		estreante, terra arrasada, recuperar prejuízo, time do coração, favorito, disposição	tensão Oscar, sonho, invenção, mistério, usina para acender uma lâmpada, encher a banheira com a torneira fechada	mistério, ambiente leve, coelho da cartola, reinventar a roda, predestinado, conjunto, terra arrasada, justiça, invencionisse	coelho da cartola, treino fechado, história, favoritismo, despedida, rivalidade, papelão
David Coimbra	personagem, aparafusado na máquina, Douglas é um Capitu, time sem alma, D´Ale protagonista		argentinos de verdade x argentinos genéricos	Bravura	épico, sem herois
Hiltor Mombach			mistério, surpresas, surpresas, favorito, fator local, motivado, fazer a diferença, empenhar mais, justiça, favoritismo, personagem, deu conta do recado	tendência, dúvida, equipe encaixou, time não acertou, dúvida, esquema ideal, sem invenção, cresce na adversidade, amuleto, invenções, coerente, crise, deslanchar	fazer valer o hino, nostalgia, gigante mundial, emoção, adeus Olímpico, favoritismo, equipe encaixada, estragar a festa, épica, água no chope, nostalgia, resultado justo.
Luiz Zini Pires		interino, surpreendeu, organizado	caso Oscar, mistério do ar, equipe	time organizado, maturidade	time com cara, dúvida, fim de uma

			ideal		era
Ruy Carlos Osterman			Caso Oscar, atrativos	impacto emocional, sigilo	perdas e arrependimentos, resultado é que vale mais superação
Wianey Carlet	favoritismo, irracional fazer projeção, arriscar prognóstico, superação, alívio, favorito, proeza, predestinado	time pronto, interinos, equipes iguais, celebridade, superior, mereceu resultado, soberba	caso Oscar, andorinha só, mobilizar	favoritos, expectativa, duelo, fator local, castigo, convicção	o grande dia, feiticeiros, afrontar a lógica, chope aguado, momento histórico, medo

O futebol gaúcho dada a influência da região do prata orgulha-se de ostentar valores como a garra e a superação, característicos dos nossos vizinhos uruguaios e argentinos. Por isso é comum em jogos importantes como o GreNal a descrição de determinados comportamentos que se sobrepõem a questões técnicas e táticas, por exemplo. É difícil saber se esse pensamento parte da rua para o campo ou do campo para a rua. O que importa observar é que a tradição se explica com a função de

Inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.(CARDIA, 2009, p.36)

Márcia Benetti (2008), que estuda o jornalismo como gênero discursivo diz que é possível analisar uma sociedade pelo discurso que ela produz. No caso em questão – o GreNal e o sentido que ele desperta nos leitores – construiu-se ao longo do tempo um modelo textual para ser narrado. Qual seja, o de explorar determinadas angulações como a temática especulativa em relação às escalações das equipes que mexe com o imaginário do torcedor, a exacerbação da emoção e a necessidade de responsabilizar agentes da partida, traços comuns nas colunas aqui analisadas.

Para que esse discurso aconteça, os interlocutores devem reconhecer as permissões e restrições dos sistemas de formação do jornalismo, sendo capazes de reconhecer os elementos que definem o gênero. “O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que eles estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência (CHARAUDEAU, 2006. p. 68)”. É o que Charaudeau define como contrato de comunicação. (BENETTI, 2008. p.5)

O contrato de comunicação explorado pela autora encaixa no que veremos logo adiante. Nos depoimentos dos jornalistas nas próximas páginas é possível perceber que as colunas muitas vezes são escritas da forma que são, pois é assim que o público se acostumou a vê-las. Com textos curtos interrompidos por intertítulos, com informação misturada à opinião e com ausência de pensamentos mais profundos. Fugir ou escapar por algum caminho, mesmo que o espaço seja livre, é arriscar a credibilidade. E este risco, poucos correm.

A credibilidade deriva da compreensão (social) de que o jornalismo é uma prática autorizada a narrar a realidade. Essa autoridade emerge de um percurso histórico desse modo de conhecimento, inscrito na trajetória da sociedade moderna, fundado em sua missão pública e em princípios relativamente consensuais na comunidade dos jornalistas. (BENETTI, 2008. p.7).

Nas entrevistas realizadas para esse trabalho, a ideia de consenso endossado por uma comunidade interpretativa é reiterada em diversos momentos, conforme será demonstrado na sequência.

4.3 Entrevistando os Colegas

Em janeiro de 2012, quando este trabalho começou a ganhar corpo deixando de ser um projeto para encaminhar-se como uma pesquisa, um dos primeiros questionamentos que me fiz foi: “ouvir quem?”. Naquele início, ainda titubeante, a definição pelo período – de fevereiro a dezembro de 2012, intervalo em que foram realizados cinco clássicos entre Grêmio e Internacional – ajudou-me nesse sentido. Os GreNais mobilizam de tal maneira a editoria de esportes de uma redação de jornal que, em algum momento, dentro do período recortado para análise das colunas, praticamente todos os colunistas estariam contemplados.

Com o transcorrer do ano, isso se confirmou. Ainda que nem todos escrevessem suas colunas na sequência dos dias analisados, a presença esporádica de algum deles também era bem vinda para a observação. Seriam em um primeiro momento seis os entrevistados – cinco

da Zero Hora (David Coimbra, Ruy Carlos Ostermann, Diogo Olivier, Luiz Zini Pires e Wianey Carlet) e um do Correio do Povo (Hiltor Mombach). No primeiro mês do período que compõe o corpus desta pesquisa – fevereiro de 2012 – quem ocupava o espaço de opinião do colunista Hiltor Mombach era Carlos Corrêa, interino, de uma geração bem diferente da do titular. A presença desse jornalista entre os colunistas analisados poderia ampliar o horizonte da análise e, por isso, Carlos Corrêa foi incluído no grupo a ser analisado.

Como critério de escolha destes profissionais, respeitei não somente a periodicidade da coluna, mas a relevância deste grupo para o enriquecimento do trabalho, pois o que é escrito nestas colunas repercute na esfera pública. Fora isso, alimentei desde o início a expectativa de que a pesquisa ganharia importância com o resultado das entrevistas. As observações das performances textuais contribuíram também para a elaboração do questionário, em que pese algumas ideias estivessem pré-estabelecidas independentemente do que encontrasse na narrativa opinativa.

Ao esmiuçar o texto das colunas é possível enxergar os elementos caracterizadores do formato, principalmente a capacidade de potencializar a credibilidade daquilo que está sendo escrito. Introduzir pequenas informações ou até mesmo especulações tão tradicionais em semana de GreNal funciona como elemento de persuasão do texto de coluna à medida em que a reflexão ou provocação proposta ali ganha alcance ao chegar na esfera pública e assume presunção de veracidade. O recorte preponderante na maioria dos textos dos colunistas impede, aparente e propositalmente, a construção de raciocínios elaborados. À exceção feita por David Coimbra, poucos são os casos de análises mais contundentes e elaboradas. Não é o propósito deste trabalho estudar a recepção do leitor, mas, com base na análise das colunas, é possível imaginar que os textos dinâmicos e curtos são bem aceitos pelo público.

Na elaboração do pequeno questionário aplicado aos colunistas previamente selecionados, alguns temas precisavam estar presentes em todas as entrevistas. Nem todas as perguntas foram repetidas ao conjunto de entrevistados durante as conversas. Ética jornalística, como lidar com a paixão clubística e as fontes, a rotina da semana GreNal, isenção e imparcialidade, identidade gaúcha, o compromisso com a verdade, foram os temas que deram suporte às entrevistas. O bom relacionamento que tinha nos veículos em que eles atuam certamente contribuiu para a imediata aceitação para que eu fosse recebido no ambiente de trabalho dos meus colegas. Os sete entrevistados foram ouvidos uma única vez, sendo

todos eles submetidos basicamente às mesmas questões, totalizando cinco dias de visitas aos prédios do Correio do Povo e da Zero Hora.

4.4 Nas Linhas e nas Entrelinhas

A primeira visita foi no Correio do Povo no dia 15 de maio de 2013, redação onde já havia trabalhado como repórter e setorista por um ano. A apresentação do tema da pesquisa antes do gravador ser ligado aparentemente não alterou o comportamento dos entrevistados já acostumados com este tipo de procedimento. Aparentemente porque assim que o gravador é ligado, a postura muda. O fato de o material colhido vir a tornar-se público – mesmo que no ambiente acadêmico – provoca uma leve alteração, por vezes cautelosa, como indica uma resposta de Mombach à pergunta “*tuas fontes sabem para que time torces?*”, ao que ele respondeu: “Sabem que sou Guarany de Garibaldi”. O fato provocou gargalhadas a quem estava perto.

Carlos Corrêa, por outro lado, ao abordar o mesmo assunto logo na sequência afirmou que quando fora setorista de Grêmio e de Inter, algumas fontes sabiam sim sua preferência clubística. E sabendo do significado desta “informação” para o público gaúcho, lembrou o que fez na primeira vez que teve a responsabilidade de assumir um espaço de opinião no jornal. “Eu brinquei na primeira vez que fiz a coluna coloquei uma foto minha quando pequeno com a camisa do Inter e outra foto com a camisa do Grêmio.” O gesto indica uma preocupação com o público leitor e não necessariamente com o exercício do livre opinar.

Como a pergunta “*qual o time tu torces?*” não contemplava o questionário, nenhum entrevistado revelou a preferência clubística. Houve ao longo dos diálogos oportunidades para que isto fosse dito espontaneamente, o que não aconteceu, fazendo crer que esta é uma preocupação latente no jornalista esportivo gaúcho. Tal fato acontece porque independentemente da idade do profissional ele “conhece a aldeia”, como se diz no estado. E por ser conhecedor do viés dicotômico e feroz que ilustra a sociedade gaúcha, o mais seguro, jornalisticamente falando, é manter-se alheio ao azul ou ao vermelho. Conhecer o público para quem se está escrevendo é uma habilidade presente nas colunas dos jornalistas aqui pesquisados. Este conhecimento construído interfere na maneira como o GreNal é narrado, atestado em alguns depoimentos que confirmam a alteração de rotina da semana do clássico. Nas palavras de Diogo Olivier: “Não somos uma ilha. As demandas mudam o leitor cobra

mais. Aumenta o cuidado para ser equânime. Às vezes a margem pra fazer uma brincadeira é menor porque o torcedor enxerga tudo de uma maneira diferente”. Diante do mesmo questionamento, Ostermann preferiu adotar uma postura mais clássica ao assumir a alteração do ambiente tensionado característico véspera de GreNal. “Eu trato de esfriar um pouco essa relação e não esquentá-la. Até porque os elementos básicos para uma conclusão de uma desavença entre os clubes, eles são muito modestamente explicados”.

Ao contrário do que relatei como experiência em todas as redações que passei, a pergunta “para que times torces” não foi feita para Luiz Zini Pires quando chegou em Zero Hora. Ao comentar a relação com as fontes, lembrou o início no jornal e expôs um ponto de vista capitalista no qual, de alguma forma, o jornalista também está inserido, e que, segundo ele, pode fazer com que soe simpático o êxito futebolístico do rival para qual ele torce, ainda que não revele quem é. “Quando fui contratado não me perguntaram qual o meu time. Nem quando fui setorista, o jornal me perguntou. Quando fiquei colunista também o jornal não me questionou se era gremista ou colorado. Estou a serviço do leitor. Não estou preocupado com Grêmio e Inter. Claro, como jornalista gostaria que os dois vencessem sempre. Porque aí o meu espaço aumenta, o jornal vende mais, vai ser melhor pra saúde financeira da empresa etc. Quando Grêmio e Inter estão no topo, a Zero Hora vende muito mais. E isso é bom, porque aqui na empresa temos participação nos lucros.”

Revelar ou não o time do coração é um questionamento provocador. Percebe-se que digerir este tema não é uma tarefa fácil. Conviver com ele então, muito menos. Existem colunistas identificados com Grêmio e Inter, mas que não fazem parte deste trabalho. Para Wianey Carlet, não levar esta informação para o leitor tem uma explicação. “Acho que no momento em que alguém diz que tem simpatia por esse ou por aquele, o adversário passa a duvidar de tudo aquilo que tu dizes. Porque sempre tem a suspeita de que ele está dizendo pra defender ou ir a favor do clube que torce. Ou seja, ninguém acredita na honestidade de quem diz o clube que torce.”

David Coimbra pensa diferente. Sua preocupação é com a função que exerce e não com a consequência que o exercício do opinar pode causar. “Tu dizer o time que tu torces ou o partido que tu votas não quer dizer que tu vai ser sincero na tua análise. Isso quer dizer que tu está sendo transparente de certa forma, na tua opção particular, mas eu acho que isso é particular, de foro íntimo. No meu caso eu quero passar pras pessoas que isso realmente não importa pra mim. O que tem importância é a minha análise.”

4.5 Íntegra das entrevistas com os Colunistas de Zero Hora e Correio do Povo

DIOGO OLIVIER: ZERO HORA DIA 17 MAIO DE 2013

Como enxerga a maneira como se opina futebol aqui no RS?

Primeiro observo uma característica do jornalismo aqui do sul importante no contexto nacional sempre foi um jornalismo engajado. Porto Alegre chegou a ter cinco jornais. (...) Temos uma tradição muito crítica. A nossa crônica esportiva é por definição muito crítica e nem sabemos por quê. Viemos herdando isso. O Muricy Ramalho diz que treinador que conseguir passar pelo Rio Grande do Sul está preparado para trabalhar em qualquer lugar. É da nossa cultura e às vezes acho até que a gente exagera, talvez por receio de não ser oficialista. A gente é mais crítico em alguns setores do que em outros lugares. Talvez seja também pela dicotomia pela rivalidade, ou se é uma coisa ou outra, e Inter ou Grêmio (...) A gente acaba fazendo uma crítica forte para um lado as vezes até sem querer acaba fazendo uma crítica forte para o outro lado também para equilibrar a balança. Este tom crítico é bem representativo da crônica gaúcha.

A tua paixão primeira foi pelo que? Esporte, time ou profissão?

Talvez não acreditem nisso, mas desde sempre eu quis ser jornalista. Não era por motivo nobre, mas desde que eu era guri eu via muito noticiário de televisão e repórter viajando e me parecia agradável contar histórias e passar por lugares diferentes (...) Com seis anos passei em um concurso de redação da escola onde eu estudava. (...) Antes de qualquer coisa eu curti o jornalismo.

Então pra ti não existe a questão de administrar a paixão clubística?

Sinceramente não tenho uma preocupação com isso. O jornalismo tem uma parte que é técnica. Existem ferramentas que se cumpridas, tu escreve sobre o que tu quiseres, culinária, polícia. Se está diante de um fato, vai atrás, conversa com fontes, confirma com outras. São elas que te guiam. Não é se tu torce para fulano ou torceu para beltrano que vai fazer diferença ainda mais trabalhando em um jornal como a Zero Hora em que os leitores são colorados ou gremistas, isso se quer faria sentido sobre qualquer aspecto esse tipo de coisa.

Qual a primeira coisa que tu te preocupa na hora de escrever a coluna?

Notícia porque tem um conceito que eu aceitei quando assumi. Não há muito espaço para achismo principalmente pra quem esta chegando. As pessoas querem saber a opinião do David Coimbra, da Martha Medeiros, do Paulo Santana não querem sabe o que eu penso. (...) Só dar opinião não acrescenta muito e não é assim que eu acho que vá conquistar a credibilidade das pessoas. Colunista não é isolado no jornal. Hoje o colunista não pode dizer o que o on-line já disse, o que a rádio há disse, a gente tem que conseguir entregar algo diferente pra o leitor que vai nos consumir. E a maneira mais rápida de fazer isso é sendo o velho e bom repórter. Com material exclusivo. Então a minha primeira preocupação é conseguir algo que seja só meu. Claro que eventualmente eu comento não posso me esconder atrás de informação e deixar de dizer aquilo que eu penso.

Te policia?

Não. Às vezes deve ter equilíbrio no caso de notícias. (...) É importante porque o leitor gosta do equilíbrio. Se um dia a notícia for do Inter é interessante repetir depois duas vezes com o Grêmio, mas é claro que isso não pode ser uma regra. Se o técnico do Inter quebra a perna eu não posso inventar uma doença para o do Grêmio. Não é assim que funciona. Mas ter cuidado com o equilíbrio de espaço é importante.

A semana GreNal muda a rotina?

Muda porque não somos uma ilha. As demandas mudam o leitor cobra mais. Aumenta o cuidado para ser equânime. Às vezes a margem pra fazer uma brincadeira é menor porque o torcedor enxerga tudo de uma maneira diferente. Ele precisa acreditar que o teu trabalho é sério; não adianta fazer uma brincadeira descompromissadamente sem nenhuma maldade e o torcedor entender tudo errado, aí tu não está comunicando e acaba perdendo o teu único patrimônio que é a tua credibilidade. (...) sem dúvida é uma semana diferente. Nem uma decisão de Libertadores é tão importante no coração do torcedor como uma semana de GreNal.

O que é ética no jornalismo?

Não é uma ética diferente o fundamente é quando for estudante levar a sério a vida acadêmica, discutir ética n faculdade e depois no trabalho procurar seguir todas as regras

jornalísticas. Acho que isso é a ética jornalística mais importante. É não ter a preocupação de deixar a vaidade passar na frente e do furo. O risco de um erro não pode ser maior do que o princípio. É melhor perder uma matéria do que dar alguma coisa sem a certeza de que tu seguiste todos os tramites. O jornalismo existe para fazer o bem público, para melhorar o país. (...) Basicamente a ética jornalística é a ética pública. Estamos aqui para servir as pessoas.

Tem diferença entre isenção e imparcialidade?

Tu sempre toma parte por alguma coisa. Sempre que tu escreves é por um viés, por um ponto de vista, sempre toma partido. Sempre temos que buscar a isenção. Nunca vamos conseguir atingir a isenção absoluta porque as pessoas enxergam tudo a sua forma. Mas assim, a busca da isenção com critério ouve fulano, ciclano, ouvir os dois lados. (...) Tem que buscar, mas nós nunca vamos conseguir ser totalmente isentos sob esse ponto de vista filosófico. Mas a gente tem que tentar. Isso é um respeito pelo leitor.

As tuas fontes sabem o teu time?

Nunca disse e também nunca me perguntaram. E se me perguntarem eu não digo por que eu não acho isso importante. As fontes são o fundamento do jornalismo, aquele caderninho de telefone que todo mundo tem que ter. Eu ligo até quando não é pra conseguir matéria, pra conseguir informação. Não podemos ser nem tão distante que ela não te diga as coisas nem tão próxima que ela diga e tu fique constrangido de contar. Eu tenho um caso clássico que é com a família do Ronaldinho. Vi ele crescer aqui porque eu era setorista do Grêmio na época. Me dava bem com a família dele, mas eu nunca fui a uma festa dele na boate ou no sítio mas ele sempre soube que se eu fosse e visse algo, eu iria dizer. Quando nasceu o filho dele ele escondeu, eu descobri e publiquei mesmo que a família não quisesse. Claro que eu não descobri pela família, foi lá pelo hotel das Laranjeiras. A minha relação com ele não me impediu de publicar o que ele não queria. Se tu deixar isso claro para as fontes não tem problema algum. Elas têm que saber que são fontes, não são amigos.

O jornalista Mauro Betting usa uma frase quando fala sobre paixão clubística: “Se você conhece um jornalista que não seja apaixonado por um clube, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão”. O que tu achas disso?

Uma boa frase de efeito. Para fazer uma investigação sobre violência de torcidas, descobrir as divisões políticas de um clube e o próximo reforço, cobrir eleições, saber que será o próximo treinador, obter informações sobre aquela briga no vestiário, analisar o desempenho de um time ou sentir o calor do estádio o que importa é a paixão pelo jornalismo, e não pelo clube. A paixão do jornalista deve ser a reportagem. É ela que deve nos servir de combustível no dia-a-dia. Que deve consumir cada minuto do seu dia: consolidar fontes, oferecer o contraditório, corrigir o erro, conferir dados, ponderar os dois lados, meditar sobre questões éticas. Tanto faz se é setor ou segmento de opinião. A gente nunca pode deixar de ser repórter. É preciso respeitar o jornalista que revela o clube que torce ou que um dia torceu (Mauro Beting é um exemplo de bom jornalista, vale dizer), mas deve-se fazer o mesmo com quem entende, como eu, que essa revelação será sempre um filtro entre o profissional e seu leitor.

O jornalista André Kfourri defende a ideia de que existe a "pessoa física" e a "pessoa jurídica" do repórter. O primeiro é aquele que tem suas preferências, suas cores etc... e o segundo é o que carrega isso, mas que não deixa que essa bagagem interfira no trabalho. Ele cita o exemplo de cobertura de Copa do Mundo. Para o jornalista pouco importa se o Brasil segue adiante na competição, o que interessa é contar a Copa. Não devemos torcer (no trabalho) pelo Brasil porque somos brasileiros. Somos jornalistas. O que tu pensas disso?

Concordo, embora prefira simplificar as imagens. Basta utilizar as ferramentas do jornalismo, debatidas no fundamental ambiente acadêmico. Confesso que não entendo esta necessidade de saber o time do jornalista. Se existe essa necessidade, então tenho razão: tal revelação será um obstáculo, em algum momento, na relação entre o profissional e o seu trabalho. O leitor (ouvinte, internauta, leitor, telespectador) tem o direito de analisar o trabalho do jornalista sem filtros.

HILTOR MOMBACH: CORREIO DO POVO DIA 15 MAIO DE 2013

O que percebe de diferente na maneira como se conta futebol nas colunas do CP?

É que do outro lado tem um leitor que é diferente, aqui nós temos um vínculo dos torcedores com Inter e Grêmio que me parece ser maior do que nos outros estados. E isso gera uma cobrança maior. Tem que ter muito cuidado com o que tu escreves.

O que surgiu antes, a paixão pelo esporte, clube ou pela profissão?

Comecei na rádio Garibaldi, depois passei pelo colégio Champagnat onde fui locutor de peças etc... O jornalismo quando comecei na Puc não sabia q iria para o esporte quando comecei na folha da tarde. Dei a sorte de começar no amador. Até então a minha identificação era com o Guarani de Garibaldi e o Fins de Carreira, um time amador. Grêmio e Inter naquela época eram numa coisa muito longínqua. Só existia o rádio praticamente, não tinha grêmio e Inter na televisão. Pela TV tupi chegava somente os jogos do Rio. Então a minha identificação foi com o jornalismo, mas por exclusão.

Quais as dificuldades da rotina?

Tem uma palavra que define tudo: credibilidade. Quando abro a coluna pra dar uma informação, é preciso saber se eu chequei a informação e mesmo assim a gente comete equívocos. Às vezes plantam, vai para outro caminho. Hoje o politicamente é muito grande porque tem gente sempre te acompanhando, não só jornalistas. Então quando eu dou informação é quero ter crédito. Quem me passou esta informação é uma pessoa séria. Eu conseguir checar a informação para torná-la pública. E quando for para dar opinião, que ela seja isenta.

Qual a tua primeira preocupação quando inicia a coluna?

A gente fica calejado. Lá atrás ficava receoso em apontar favorito. Criei normas pra mim, clichês, favorito não ganha jogo. A nossa vida é feita de chavões. Eu criei uma frase “sempre tem um, mas em tudo.” Eu não sou definitivo na avaliação do futebol. Já aprendi lições com jogador de carreira encerrada dá a volta por cima, que time pequeno também ganha de grande. Exemplo Inter e Barcelona e Inter e Mazembe. Uma coisa que eu não arrisco é resultado de jogo.

Como percebe a rivalidade e como ela repercute na tua escrita?

Eu diria que tu tens que ser cuidadoso. No momento em que tu faz uma aposta em um Grenal por exemplo. Isso é perigoso e eu não faço mais. Há quem faça e acaba se dando mal. Acho que quem está do outro lado ele prefere que use o clichê ou o chavão a fazer gracinha com aposta. Hoje a pessoa que está do outro lado é muito mais informada do que era há quinze

anos. Eu não faço gracinhas. Não tem como fugir disso, o máximo que me permito é apontar e justificar um favorito, mas sempre ressaltando que favoritismo não ganha jogo.

Isso não é policiamento?

É, tu sabes que não pode jogar com a informação. A questão de ter mais ibope na coluna não é com surpresas, o que te traz retorno é justamente esse comedimento. Tu saber que os jogos não se definem na coluna, mas no campo. Mesmo o torcedor tem este comportamento. Ele é muito menos passional do que era há vinte anos. (...) tu escreve para quem é consciente e que não gosta de quem arrisca porque acha que conhece mais. Eu tenho uma frase de cronistas de antigamente. “Eu não sou comentarista de resultado.” Eles tentavam atribuir a eles uma soberba: eu não sou o cara do povo que analisa resultado. Não, todos nós somos analistas de resultados.

O que é ética jornalística pra ti?

É um termo muito abrangente. O que me guia é o respeito ao outro jornalista. Eu toda vez que retiro informação de alguém eu dou o crédito. Eu jamais critiquei um profissional de imprensa, nem publicamente nem particularmente. Isso é ética. Eu respeito quem dá opinião porque sei que isso é muito difícil.

Qual a diferença entre isenção e imparcialidade?

Tem uma pequena diferença embora as coisas se misturem a não ser que seja identificado com algum clube de futebol tu tens que ser isento e imparcial. Ainda mais aqui no Rio Grande do Sul onde as pessoas te policiam tanto que uma palavra é suficiente pra tentarem te identificar se tu é gremista ou colorado. Uma vez um cara me disse “desde que tu é editor tu fizeste 4 mil títulos com o grêmio e 2800 com o Inter então tu só pode ser gremista doente. Aí eu justificava...(…) mas era uma paranoia. Mas eu acho que essa paranoia está se esvaindo. Hoje um cara com quinze anos não tem mais a preocupação de identificar se um sujeito é gremista ou colorado. Ele tem a preocupação se o cara é coerente, imparcial, isento e se ele tem crédito.

As fontes sabem o time que time torce?

Todas sabem que eu sou Guarani de Garibaldi.

Existe mudança de rotina na semana GreNal?

Muda tudo. Eu não sei se aumenta a tiragem. Tu percebes que há uma agitação de quem te lê, o numero de e-mails aumenta muito e aí sim tem q se policiar para dar equilíbrio com informações de grêmio e de Inter. Se tu chega a dar três manchetes de Inter e duas do Grêmio, tem que dar a terceira de grêmio também mesmo que não tenha nada. Porque não adianta, as pessoas acham que ali é que está o equilíbrio e não no colunista equilibrado. Não é só em jornal, acho que os outros veículos também se policiam nesse sentido.

O jornalista Mauro Betting usa uma frase quando fala sobre paixão clubística: “Se você conhece um jornalista que não seja apaixonado por um clube, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão”. O que tu achas disso?

Jornalistas que cobrem futebol têm clube. Uns torcem mais, outros menos. Como regra geral, quem escolhe trabalhar no setor de esportes de um veículo de comunicação é porque gosta de futebol e quem gosta de futebol torce por um time. Há certo exagero na afirmação de que o jornalista tem que ser apaixonado por um clube. Conheço muitos que não são apaixonados.

O jornalista André Kfourri defende a ideia de que existe a "pessoa física" e a "pessoa jurídica" do repórter. O primeiro é aquele que tem suas preferências, suas cores etc e o segundo é o que carrega isso, mas que não deixa que essa bagagem interfira no trabalho. Ele cita o exemplo de cobertura de Copa do Mundo. Para o jornalista pouco importa se o Brasil segue adiante na competição, o que interessa é contar a Copa. Não devemos torcer (no trabalho) pelo Brasil porque somos brasileiros. Somos jornalistas. O que tu pensas disso?

Não dá para separar assim. Falo por mim, não pelos outros. Dá para torcer pelo Brasil numa Copa do Mundo e ser frio na avaliação em caso de eliminação.

CARLOS CORRÊA: CORREIO DO POVO DIA 15 MAIO DE 2013

Percebe diferença do jeito de contar futebol aqui?

Aqui tem o lance de a rivalidade ser acirrada. Parece-me que não pode falar bem de um sem falar bem do outro com medo de pareça que está sempre equilibrado, mesmo quando os fatos não estão equilibrados. Manter equilíbrio mesmo quando ele não é real.

Há então um auto policiamento?

Tento não me policiar muito, mas percebo um policiamento externo. Se tu comprar um tênis vermelho é colorado débil mental, mas se tiver um outro tênis azul, é um gremista débil mental. Eu tento me equilibra no sentido de espaço, pra equilibrar a estrutura da coluna. Mas se o fato chama mais para um, não vejo problema.

O que surgiu antes, a paixão pelo esporte ou pelo time?

Acho que esporte antes. Eu brinquei na primeira vez que fiz a coluna coloquei uma foto minha quando pequeno com a camisa do Inter e outra foto com a camisa do Grêmio. Claro que me lembro de o torcer mais por um time. Às vezes o torcedor não entende muito, mas quando começa a trabalhar com o futebol, o fator paixão vai caindo vertiginosamente a ponto de quando tu é repórter e vê um gol em uma decisão, tu tá preocupado em anotar quem fez o gol. E outra, tu vê tanta coisa nos bastidores que acaba se afeiçoando pelas pessoas, e não pelo clube.

Tu achas que com o passar do tempo se administra essa paixão?

Acho que sim. Primeiro que nem Inter nem Grêmio colocam comida no meu prato nem dinheiro no meu bolso. A gente tem que ser profissional. Se for dar uma de torcedor, vai acabar perdendo o teu espaço, o teu emprego porque resolveu torcer pelo Inter ou pelo Grêmio? Acho que dá para administrar sem problema.

Qual a tua primeira preocupação ao escrever a coluna?

Fechar ela (risos). Como substituo o Hiltor, que é um cara que dá muita informação e tem muito mais fonte que eu. Não podia tentar fazer uma coluna que nem a dele não teria como. Eu tento fazer de outro jeito, com informações, mas não descontraído pro lado do jornalismo engraçadinho, mas de outra forma. E tem uma coisa que é pessoal, eu poderia dar muito mais opinião. Mas eu tenho uma auto crítica, uma posição que é que ninguém liga para a minha opinião. Acho que se todo o espaço de colunas fosse dado para informação seria muito melhor do que opinião. Opinião cada um tem a sua.

O que é ética pra ti?

Acho que é estar comprometido com a verdade tentando fazer o certo sem sacanear ninguém. Alguém te dar uma informação em off é para continuar em off. Se tu perder uma fonte por agir o contrário, podes perder todas as outras fontes por causa disso. (...) fazer o que ficar de bem com a tua consciência.

Qual a diferença entre isenção e imparcialidade?

Acho que é mais fácil ser imparcial do que isento. Como editor, o simples fato de escolher uma matéria já mostra que tu fez uma avaliação do que julga mais importante. (...) Acho que é uma linha tênue, para escapar um pouco é difícil. As redes sociais são tentadoras. (...)

As fontes sabem o teu time?

Não sei todas, mas muitas sabem. No Inter e no Grêmio sabiam.

Existe mudança de rotina na semana GreNal?

Aqui no CP não temos programação semanal é o dia depois do outro. Já são tantos GreNais que o que nos preocupamos hoje é não cair em clichês. Percebo mais em vésperas de jogos decisivos. Acho que o GreNal do olímpico teve mais pelo ingrediente emocional

O jornalista Mauro Betting usa uma frase quando fala sobre paixão clubística: “Se você conhece um jornalista que não seja apaixonado por um clube, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão”. O que tu achas disso?

Primeiro, acho um tanto quanto presunçoso o jornalista se gabar de entender tanto assim de paixão, seja por um clube seja pelo que for. Cabe como frase de efeito, mas não sei se resiste a uma análise um pouco mais profunda, afinal cada um tem seus parâmetros e eles podem variar bastante. Acho que sim, alguém apaixonado por um clube pode ser um ótimo jornalista de esporte. Mas acho que alguém que não o seja, pode ser tão bom quanto. Em qualquer cultura onde o futebol tem um espaço destacado, e vivemos em um país assim, surge como lógico que os jornalistas que trabalhem com esporte sejam (ou tenham sido) torcedores de um clube em especial. No entanto, tenho minhas dúvidas se essa paixão toda referida pode trazer tantos benefícios assim em uma reportagem. Mais ainda, tenho dúvidas de que ela seja vital. Pode ajudar, pode atrapalhar ou pode simplesmente não fazer diferença alguma. Faria-me

mais sentido essa relação de paixão em uma crônica, por exemplo. Acredito que a capacidade de um bom jornalista se fundamente em outros fatores, que vão desde a observação à capacidade de investigação, entre outros. Até porque tenho como princípio que o bom jornalista é um bom jornalista e ponto, não apenas um jornalista esportivo.

O jornalista André Kfourri defende a ideia de que existe a "pessoa física" e a "pessoa jurídica" do repórter. O primeiro é aquele que tem suas preferências, suas cores etc... e o segundo é o que carrega isso, mas que não deixa que essa bagagem interfira no trabalho. Ele cita o exemplo de cobertura de Copa do Mundo. Para o jornalista pouco importa se o Brasil segue adiante na competição, o que interessa é contar a Copa. Não devemos torcer (no trabalho) pelo Brasil porque somos brasileiros. Somos jornalistas. O que tu pensas disso?

Acho que faz sentido, até porque é o tipo de preocupação que, acredito eu ao menos, existe quase que unicamente entre torcedores, e não entre os jornalistas. É natural, ainda mais no Brasil onde o futebol tem um papel tão importante, que jornalistas tenham suas preferências clubísticas. Não acho, no entanto, que elas influenciem no trabalho. Primeiro, porque não faria sentido até mesmo em termos de mercado. Um profissional que deixar seus sentimentos clubísticos falarem acima do aspecto profissional, corre o risco de perder o emprego por causa disso. Eu pelo menos, prezo mais meu emprego do que o clube que torço. Afora isso, à medida em que se trabalha com futebol, a visão romântica que existia nos tempos de torcida vai dando espaço ao conhecimento de um mundo muito menos atraente do que parecia. A partir do momento em que você percebe que os envolvidos tratam tudo como um negócio, não há como manter a mesma visão romântica de antes. Desta forma, a torcida pode acontecer - até porque é um sentimento e sentimentos dificilmente são controláveis -, mas não creio que ela vá se refletir no produto final. Ou ao menos não deveria.

RUI CARLOS OSTERMANN: ZERO HORA 01 DE NOVEMBRO DE 2013

O jornalista Mauro Betting usa uma frase quando fala sobre paixão clubística: “Se você conhece um jornalista que não seja apaixonado por um clube, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão”. O que o senhor acha disso?

(Risos) Isso é um exagero do Mauro, mas é uma das tantas afirmações que podem ser feitas, afinal esta é uma questão ancestral do futebol. O futebol é um conflito e tem que ser resolvido por A e B. Se você fizer opção por A, B fica desmerecido. Então se você quiser analisar os dois juntos, a primeira coisa é reduzir a paixão. E isso é um aprendizado que as pessoas precisam desenvolver. As pessoas não precisam ser necessariamente sempre assim primitivas, inéditas. Podem ser mais meditativas, cognitivas, e prolongar a relação. E na medida em que prolonga a relação percebe uma série de fatores que se rebelam, se combinam, o que é o jogo de futebol. No qual o azar e a sorte participam muito e que por consequência você precisa ser um julgador com uma grande isenção. Ter a capacidade de analisar tudo o que está acontecendo e de que modo pode se desenvolver. E para isso você tem que abrir mão de olhar apenas um lado. E é nisso que reside a minha posição. Sempre fui assim, olhei os dois lados. Nunca fui um torcedor, nem na infância em São Leopoldo torci pelo Aimoré ou pelo Nacional e assim me profissionalizei e essa foi minha opção. E ele não é ruim não.

O senhor identifica diferença entre isenção e imparcialidade?

São conceitos que se aproximam. A imparcialidade é quando de fato você não tem um lado. E isso é um princípio importante porque se coloca distante dos fatos e próximos de todos eles. A isenção faz parte disso de certa forma. É não se deixar contaminar pela emoção pela paixão, ficar apenas no importante. Mas elas estão sempre próximas.

É desafiador escrever uma coluna diária?

Muito. Isso que estou dizendo é profissional. A função de analista é uma coisa. Torcedor é outra coisa. Recentemente uma pesquisa mostrou que os torcedores daqui são os mais fanáticos. Não gosto do termo, prefiro fervorosos. E o que é isso? Um binômio. Realmente a terceira alternativa não existe aqui. Ou é Grêmio ou é Inter e a consequência disso é uma mobilização muito alta, talvez só similar em Minas Gerais com Cruzeiro e Atlético-MG.

Ao conversar com seus colegas, eles reconhecem que o GreNal mobiliza uma redação. O senhor percebe que na semana do clássico, a rotina muda e isso interfere inclusive na hora de escrever a coluna?

Sempre. Tem dias em que escrevo sobre algo que ninguém está se envolvendo e aí você pensa em conquistar o leitor. Mas diante de um GreNal que mobiliza, gera discussão, você tem que

levar isso. Eu trato de esfriar um pouco essa relação e não esquentá-la. Até porque os elementos básicos para uma conclusão de uma desavença entre os clubes, eles são muito modestamente explicados. No geral você tem o efeito, o barulho, o grito, mas aquilo que é a trama aquilo que de fato foi feito em benefício dessa ou daquela circunstância, isso raramente se tem acesso.

No jornalismo, trabalhamos com a verdade. Se o colunista não informa o leitor qual o time de sua preferência, a verdade fica comprometida?

Desde que ele seja claro com o leitor, não. De que modo procede, acho que é uma relação honesta. Esclarece claramente que caminhos por onde andar e até onde vai se posicionar perante os episódios. Você não fecha com questões com as quais não concorda. Você toma até posições que favorecem um grupo ou outro. Isso não tem nenhuma importância. Isso faz parte do jogo da opinião, da compreensão, do entendimento.

As fontes não lhe cobraram ao longo da sua carreira a sua cor?

Não. Sempre me relacionei bem. Tenho amigos queridos dos dois lados. São pessoas que sempre entenderam muito bem a minha posição e me trataram com muita categoria. Eu vou nos dois estádios com a mesma naturalidade e atitude e recebendo a mesma compreensão. Mesmo que aja vez por outra um maluco que seja capaz de dizer alguma coisa, mas maluco tem em todas as partes. Não há como evitá-los. É preciso conviver com eles.

LUIZ ZINI PIRES: ZERO HORA 01 DE NOVEMBRO DE 2013

O jornalista Mauro Betting usa uma frase quando fala sobre paixão clubística: “Se você conhece um jornalista que não seja apaixonado por um clube, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão”. O que o senhor acha disso?

É uma frase interessante, mas não entra muito nas redações. Porque todos os jornalistas que militam no futebol de alguma forma cresceram gostando de um time, continuam gostando do time enquanto escrevem e vão continuar gostando depois. Mas isso não quer dizer que eles precisem passar para o texto a paixão pelo clube. Eles têm que passar a paixão pelo futebol especialmente àqueles que não são declarados. Não tenho nada contra os que falam o time.

Cada um escolhe o seu caminho, mas eu acho que antes de tudo o jornalista precisa ter a paixão pelo futebol. É esta que o move não a paixão clubística. Esta fica de lado quando começa a escrever sobre futebol. O que vale é a emoção pelo futebol e não pelo clube, caso contrário estará enganando o leitor. O jornalista sério tem que ter comprometimento com o futebol e não com o seu time.

No jornalismo, trabalhamos com a verdade. Se o colunista não informa o leitor qual o time de sua preferência, a verdade fica comprometida?

Pelo contrário. O leitor não busca a informação que o agrada. Ele busca informação pelo seu time, pelo jogo, mas não específica de um jornalista que torce pelo seu time. Eu acho que ele não quer a informação de um torcedor. Acho que quer a informação mais isenta, mais correta e isso não quer dizer que torço pra o time B vou fazer matéria contra o time A. Não, vou fazer uma matéria sobre o jogo entra A e B que eu vi. Isso não é desonestidade. Isso é um compromisso que tenho com o jogo. Claro que você pode errar, às vezes tu observa o jogo de uma maneira diferente da do leitor. Recebo diversos e-mails concordando e outros perguntando: que jogo tu viu? Isso que é legal. Eu acho que o leitor mais inteligente busca a contradição. Ele não quer alguém que fale o que ele também viu. Ele quer outra opinião. Não existe desonestidade. É preciso fazer as críticas sem qualquer subterfúgio.

A semana GreNal pelo que ouvi até agora dos relatos de outros colegas altera a rotina de trabalho De alguma maneira, neste momento, tu te policias na hora de escrever tua coluna?

Eu acho que no começo da carreira, sim. Quando começa a conhecer jogadores, entrevistar treinadores, conhecer um pouco mais o futebol tu começa a ter opinião diferente. Perde o ardor de jovem quando torcia e ia pro estádio. Porque tu não és mais o torcedor. Tu não tens camisa em casa, não vai ao estádio torcer, mas é um profissional do assunto. Não pode mais misturar as coisas. Mas evidente que tu queres que teu time ganhe, mas não te envolve como antes. Tem outro comportamento. Talvez no começo tu realmente sintas alguma coisa, mas depois não. Tu tens que dar opinião acima de tudo. Tu não podes te importar com o que os torcedores vão pensar de ti. Tem que escrever o que tu pensa, mas de maneira profissional e ética sem se tolher.

Na tua opinião, aqui no Rio Grande do Sul se narra futebol em jornal de uma maneira diferente, até pela cultura do estado?

Não sei. A minha coluna tem muita informação. No Rio Grande do sul tem muitos profissionais que fariam sucesso em qualquer lugar do Brasil. Aqui há uma rivalidade muito forte sem igual no país. As opiniões aqui são fortes de alguns comentaristas porque eles vivem muito o futebol. A demanda é de 24h. Não há muita diferença entre os colunistas daqui e de fora ao mesmo tempo. Existem muitos preparados e outros nem tanto. Quem dá esse retorno é o próprio leitor, eu acredito. Eles que definem o que é bom e o que não é.

Na tua opinião existe diferença entre isenção e imparcialidade?

Eu não entendo muito disso. Acho um pouco jogo de palavras. Tem que ter compromisso com o teu trabalho, com a tua carreira, teus procedimentos, com o que escreves com quem está do outro lado. Não pode agir como torcedor na coluna. Se às vezes alguém age é porque errou. Jornalista também erra. Mas o ideal e correto é se portar como profissional, mas como tu lidas com emoção, às vezes se sai um pouco dos trilhos porque somos seres humanos. No meu caso eu tento sempre me basear por uma visão do jogo em cima do que aconteceu e não deixar me envolver por paixão. Acho que paixão tem que ter pelo trabalho e pelo futebol. Não por um clube, mas se tem, tem que deixar fora do trabalho, se não, não é justo. Imagina ter uma coluna das mais lidas do estado e tomar partido pra um lado só. Somente se eu colocasse lá em cima na coluna “esta coluna está a serviço de determinado clube” e isso não é o meu caso. A paixão pelo clube não pode entrar. Jogador erra, médico erra e às vezes nós erramos pela emoção, pela paixão, pelo momento, nós erramos também. Pela série de coisas que movem um jogo de futebol.

As tuas fontes sabem o time que tu torces?

Nunca escondo. Se me perguntam eu digo. Time não é o problema. O problema é o que eu escrevo. Se as pessoas me cobram o time eu apresento o que eu escrevo. Essa é minha carteira de identidade. Se eu tivesse intenção de defender um time, meu editor não aceitaria e eu sairia do jornal. E o jornal também não tem essa preocupação. Quando fui contratado não me perguntaram qual o meu time. Nem quando fui setorista, o jornal me perguntou. Quando fiquei colunista também o jornal não me questionou se era gremista ou colorado. Estou a serviço do leitor. Não estou preocupado com Grêmio e Inter. Claro, como jornalista gostaria

que os dois vencessem sempre. Porque aí o meu espaço aumenta, o jornal vende mais, vai ser melhor pra saúde financeira da empresa etc. Quando Grêmio e Inter estão no topo, a Zero Hora vende muito mais. E isso é bom, porque aqui na empresa temos participação nos lucros.

WIANEY CARLET: ZERO HORA 29 DE OUTUBRO DE 2013

O jornalista Mauro Betting usa uma frase quando fala sobre paixão clubística: “Se você conhece um jornalista que não seja apaixonado por um clube, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão”. O que o senhor acha disso?

Eu considero o Mauro muito bom analista de futebol, muito bom comentarista, mas onde a paixão entra ela desvirtua deforma e distorce e faz que a opinião não seja boa equidistante dos fatos e equilibrada. Eu discordo dele frontalmente. Acho que quanto mais distante das paixões o cronista for melhor será o resultado do seu trabalho

Pela tua experiência, acredita que aqui no Rio Grande do Sul se conta futebol de uma maneira diferente de outras praças?

Acho que sim de forma mais neurótica. É diferente, mas não melhor. O grenalismo aqui acaba influenciando, inibindo e obstaculizando o livre exercício do pensar e do analisar. É diferente sim. Acho que se não houvesse essa pressão, a crônica seria melhor.

Então de alguma maneira isso interfere na hora de pensares a tua coluna?

É que eu não dou a mínima. Tenho blog, e-mail publicado. Leio alguns e não leio mais para não ter problema de fígado. Na maior parte das vezes são pessoas que aproveitam o anonimato e que não tem responsabilidade. Eu não sei com quem estou falando, só sei que eles incomodam muito. Por isso procuro evitar pra não me incomodar, mas não me atrapalha. Eu dou a minha opinião. Se gostar gostou se não gostar azar

Não te policia então de alguma maneira na hora de opinar?

Nem um pouco. Esse ano escrevi dois posts que deram mais de cem mil acessos cada um. Não tenho pressa em ter razão. Tenho é que ter convicção no que escrevo. Se for verdade, não me interessa se o mundo gosta ou não gosta. A minha verdade vai pra coluna. E depois a gente

espera o tempo para mostrar quem tem razão. Mas isso também não interessa, porque depois esquecem.

A verdade não fica comprometida se tu não dizes para o teu leitor o time para qual torces?

Não. Eu sou um caso diferente. Era do interior numa cidade onde não tinha futebol. Meu pai não gostava de futebol, nunca tive uma flâmula de futebol na minha casa. Entrei pro futebol quando vim para Porto Alegre e comecei a trabalhar. Não sabia nem as regras do futebol. Mas acho que no momento em que alguém diz que tem simpatia por esse ou por aquele, o adversário passa a duvidar de tudo aquilo que tu diz. Porque sempre tem a suspeita de que ele está dizendo pra defender ou ir a favor do clube que torce. Ou seja, ninguém acredita na honestidade de quem diz o clube que torce.

Tu identificas alguma diferença entre isenção e imparcialidade?

Acho que são a mesma coisa. Imparcialidade é ver com racionalidade absoluta e sem comprometimento motivado por paixão. A isenção é a mesma coisa. Dar uma opinião sem que qualquer fator que não seja apenas o teu pensamento em relação aquilo. Eu não vejo diferença.

DAVID COIMBRA: ZERO HORA 30 DE OUTUBRO DE 2013

O jornalista Mauro Betting usa uma frase quando fala sobre paixão clubística: “Se você conhece um jornalista que não seja apaixonado por um clube, troque de jornalista. Ou ele não entende de futebol ou não entende de paixão”. O que o senhor acha disso?

É imprescindível que o apaixonado por futebol seja em algum momento apaixonado por um time. Torceu se interessou porque se não, vai se interessar menos pelo futebol e não ser tão dedicado ao esporte.

A paixão então é anterior ao jornalismo?

Quase sempre. O jornalista gosta do time quando criança. Depois com o tempo a gente vê algumas coisas que de alguma forma a paixão vai arrefecendo. Tu vai ficando mais racional,

tentando enxergar os outros lados também, até porque é uma imposição da profissão. A profissão acaba suplantando a paixão.

Tuas fontes sabem o time da tua preferência?

Eu tento não dar importância pra isso. Pra mim a minha profissão é mais importante do que isso. Quando me perguntam qual é o meu time eu respondo “não vou dizer”. Por quê? Eu quero poder criticar e elogiar independente de pré julgamentos. Ah tu está dizendo isso porque é gremista ou colorado. Eu quero não ser ponderado, não ser equânime. Quero chegar e dizer algo que não seja do senso comum e não ser acusado de ser apaixonado por te dito isso

Não te policia de alguma maneira então na hora de opinar?

Não. Escrevo o que penso. Não faço nada que ofenda as outras pessoas. Se tenho vontade de escrever, escrevo. Não quero ser obrigado a ser ponderado pra mostrar a minha equidade da análise. Quero poder dizer algo fora dos parâmetros, da análise cordata.

Na tua visão, aqui no estado se conta futebol de uma forma diferente?

O Rio Grande do Sul tem essa coisa da cobrança que tem que ser igual para os dois lados como não tem em outros lugares. E isso acaba criando uma escola diferente. E aqui a escola de rádio é diferente do restante do Brasil. A Rádio Gaúcha e a antiga Rádio Guaíba criaram uma escola de jornalismo. Se criou um tipo de jornalista que não existia em outros estados. Existem ainda hoje aqui os multiumídia que ocupam muito espaço. Rui, Lauro, Santana com coluna diária em jornal, comentários na TV, na rádio, comentários de jogo. Era uma presença muito grande desses jornalistas que não vai acontecer mais.

Pra ti, existe diferença entre isenção e imparcialidade?

Existe no jornalismo. Aquela coisa do cara tentar ser isento, mas vai ser parcial no sentido que tudo que ele for fazer será a partir de um ponto de vista. Que tem a ver com a sua história, com sua maneira de pensar, etc. A imparcialidade não existe. São conceitos que se confundem. Tu sempre vai estar analisando a partir de um ponto de vista então por isso que tu vai ser parcial

Ao não informar ao leitor o time para qual torces, a verdade não fica comprometida?

Acho que não. É uma questão de foro íntimo. Ele tem que ser verdadeiro na análise dele. Eu acho que as pessoas percebem isso. Ah, o cara está sendo sincero no que está analisando. O Cid Pinheiro Cabral, que era colorado e todo mundo sabia que era colorado dizia: “eu confio na inteligência do leitor”. Acho que a gente tem que fazer isso mesmo. Tu dizer o time que tu torces ou o partido que tu votas não quer dizer que tu vai ser sincero na tua análise. Isso quer dizer que tu está sendo transparente de certa forma, na tua opção particular, mas eu acho que isso é particular, de foro íntimo. No meu caso eu quero passar pras pessoas que isso realmente não importa pra mim. O que tem importância é a minha análise.

5 CONCLUSÃO

Ousando parafrasear o vaticínio de Graciliano Ramos sobre o futebol no Brasil, diria que *o desequilíbrio não pega. Não entra na terra da paranoia*. No Rio Grande do Sul, a dualidade característica do povo gaúcho tem no jornalismo de opinião mais um dos seus tentáculos. Quando o assunto é futebol e a rivalidade GreNal então, não há saída conhecida. Ou envereda-se para o equilíbrio ou se mergulha no desconhecido.

Desconhecido porque não existe desejo em conhecê-lo. Movimentar-se na direção imprecisa não parece ser a intenção desta parte da imprensa. A construção de um modelo de opinião ao longo do tempo colocou este modelo em uma espécie de pedestal de cristal que não pode ser tocado. Existe a necessidade de ser equilibrado, pois o leitor cobra este equilíbrio. O jornalismo, por teoria, tem o dever de ser equilibrado, mas é bom lembrar que ele também resguarda lugares para o desequilíbrio. Quem disse que a opinião tem de ser equilibrada? Não está havendo uma confusão semântica com o termo ponderada? A equidade deve estar no informar, não no opinar. Na terra da coragem, a liberdade parece amedrontar. Bucci (2000) ensina que é permitido ao jornalista ter medo. “A transparência depende do conhecimento que cada um é capaz de ter de si, de seus valores, de suas convicções e até mesmo de seus medos”.

O prazer de ler jornal descrito em parte deste trabalho, no que diz respeito à editoria de esportes, encontra explicação no contrato de experiência de leitura entre o especialista e o amador, o jornalista e o leitor. O primeiro alimenta o segundo com a rivalidade que brota das ruas. Devolver esta rivalidade nas páginas de jornal é um gesto retórico consciente nas redações. Por isso, também o gênero opinativo lança mão dos mesmos códigos do informativo. A valorização dramática em termos como *heróis, terrorismo psicológico e mistérios* e a repetição de clichês como *o favorito e a surpresa para o jogo* são ingredientes substanciais para a manutenção da rivalidade. E o jornalismo serve-se disso também, pois pra ele, a rivalidade interessa.

A rivalidade latente no futebol gaúcho e explicitamente explorado pela crônica gaúcha é um dos símbolos que discutimos neste trabalho. Os Estudos Culturais de Stuart Hall (2003) conversam com o a maneira como Roberto da Matta (2006) enxerga o futebol. Um esporte capaz de colaborar na construção de uma sociedade. Para os dois, os símbolos constroem de alguma forma a sociedade e o futebol é muito mais do que um jogo com vinte e dois

jogadores correndo atrás de um pedaço de couro enquanto uma multidão os acompanha vidrada até que a bola encontre as redes.

É natural, conforme a maioria dos relatos aqui expostos, a preocupação de não escorregar da linha do equilíbrio. Uma vez em que a simples informação (para o público) da preferência clubística do jornalista coloca sob suspeita a sua atividade profissional. Via de regra até pela cronologia dos fatos, a paixão por um time desperta antes da paixão pelo jornalismo. Não há como inverter esse processo. É preciso conviver com a patrulha do leitor, como ilustra Hiltor Mombahch na entrevista: *“Uma vez um cara me disse: desde que tu é editor tu fizeste 4 mil títulos com o grêmio e 2800 com o Inter então tu só pode ser gremista doente. Aí eu justificava...(...) mas era uma paranoia.”*

Isenção e imparcialidade, pelo menos no recorte com estes profissionais, são conceitos não dominados totalmente. O que se tem domínio quase que absoluto é com a ideia de equilíbrio. Trabalhar em cima deste conceito nem mesmo quando a verdade ficar comprometida e a realidade apontar a gangorra inclinada. A tensão despertada pelo futebol, aqui representado na semana GreNal, desabrocha um turbilhão de sensações que precisam estar no jornal. E as emoções devem estar expostas igualmente e neste caso o jornalismo age como mediador da rivalidade.

O equilíbrio escutado em vários momentos durante a pesquisa de campo indica realmente uma maneira peculiar de se narrar futebol no Rio Grande do Sul. Wianey Carlet chega a admitir que não fosse assim, a crônica poderia ter mais qualidade: *“Acho que sim, de forma mais neurótica. É diferente, mas não melhor. O grenalismo aqui acaba influenciando, inibindo e obstaculizando o livre exercício do pensar e do analisar. É diferente sim. Acho que se não houvesse essa pressão, a crônica seria melhor.”*

Conclui-se que não é livre realmente o exercício do opinar sobre futebol no estado. A trincheira da rivalidade esconde sim um auto policiamento não admitido. Mas ao não medir (ou medir) esforços para se atingir o tal equilíbrio, surge justamente o policiamento para ser equânime, quando não há este dever obrigatório. Alterar a forma de opinar seria um passo em falso. Não se sabe, embora se imagine como o leitor reagiria. E pelo jeito vamos continuar sem saber.

A preocupação com o público interfere diretamente no dia a dia do colunista. Retira a espontaneidade do opinar, opina-se e expõe-se menos algo, bem distante do início do gênero criado pelas penas de Nelson Rodrigues e Mário Filho, embora o trabalho aqui não se valha

de comparações. Pode ser talvez, o primeiro passo para uma pesquisa futura. Um segundo passo no estudo do segmento de opinião no Rio Grande do Sul tem dois caminhos a percorrer no intuito e no exercício de descobrir-se um pouco mais.

De um lado, traçar o comparativo com os profissionais da ativa de outras praças também importantes no país onde as rivalidades e os parâmetros são outros. O público é outro com outras características e outro perfil, a priori. Por outro lado, o presente trabalho pode servir como início de uma investigação de estudo de recepção. O público gaúcho consumidor de futebol preocupa-se até que ponto com a informação da preferência clubística de quem emite opinião e compartilha informação? Qual a relevância desta informação para quem está do outro lado do jornal, da televisão ou do rádio? Desvendar a cor de um cronista aqui no Rio Grande do Sul parece ser muito mais um gesto curioso do que um mergulho reflexivo da importância desta questão.

O olhar do cronista de jornal no Rio Grande do Sul enxerga além do esporte. A rivalidade entre gremistas e colorados é apenas mais uma na sociedade gaúcha. Cardia (2009), fala em anseio pela afirmação nacional propondo uma reflexão de que a construção da figura do gaúcho, por mais marginalizada que tenha sido em alguns momentos históricos do país, é sim uma figura brasileira. O discurso constantemente reatualizado na história do estado é presente no discurso construído nas páginas esportivas.

Está incrustado no povo gaúcho a ideia de dualidade e o sentido produzido pelo discurso da imprensa quando se trata de GreNal é o mesmo. Aproveitar-se das diferenças, elaborá-las e criar um ponto de vista que não se distingue muito do de quem não tem a obrigação de pensar o jornalismo: o leitor. O efeito deste discurso se mostra no momento em que a emoção que gera a semana GreNal tensiona o ambiente da redação e, segundo os relatos dos jornalistas, tensiona também o público leitor.

A perspectiva criada no texto da coluna é apenas mais uma dentre tantas que brotam no noticiário esportivo ou nas redes sociais, trazendo para a realidade atual. Entretanto, o que difere esta perspectiva das demais é que ela é feita por um especialista. Só que para este especialista comunicar-se com seu público, ele precisa além de conhecê-lo, saber como também ele se comunica.

Neste ponto, a linguagem da coluna de jornal caracteriza o gênero. O objeto futebol da maneira como é tratado tem alcance. É perceptível o consenso entre o comunicador e o

comunicado. Entre opiniões, informações, especulações, discussões e contradições, todos se entendem.

Não há como representar um GreNal sem envolvê-lo em signos. O efeito causado pela narração da maneira como é feita é o resultado da própria prática discursiva. A rivalidade sempre existiu desde o momento em que os clubes se descobriram antípodas. O que mudou agora no aspecto da cobertura jornalística é que se percebe a interferência do receptor na produção da mensagem, fruto da expansão co-circuito comunicacional sugerido por Hall. A estrutura produzida interligada entre produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução.

Ao não revelarem suas cores clubística, os jornalistas esportivos podem ser analisados por dois pontos de vista. Não se sentem á vontade para saciar esta curiosidade do público ou então fazem questão de sonegar esta informação.

No momento das entrevistas com os jornalistas foi possível perceber que os relatos aqui reproduzidos não necessariamente condizem com a verdade, o que julgo indiferente para o resultado da pesquisa. Assumir diante do gravador uma resposta imprecisa revela, na conclusão deste pesquisador, que o assunto paixão clubística interfere sim no exercício do pensar a coluna. Não necessariamente no escrever. Foi nítido nas entrelinhas das conversas uma preocupação em não revelar-se. E o subterfúgio foi o de oferecer uma resposta falsa ou sair-se com uma postura mais clássica diante de um tema delicado. A diferença de gerações entre os entrevistados pouco alterou a ideia batida de que a paixão arrefece com o passar do tempo da carreira do jornalista e os obstáculos indigestos que esta profissão resguarda.

Não é possível saber com certeza qual a paixão que sustenta o jornalista esportivo. A paixão pelo clube nasce antes, mas a paixão pelo esporte futebol parece ser mais importante à medida que permite ao profissional aumentar o campo de atuação. Seu clube do coração passa por períodos cíclicos de crise e a paixão pela reportagem é que deve desabrochar nestes momentos. Concluindo, a paixão clubística é sim um traço da identidade local no estado, mas não a ponto de comprometer a credibilidade da imprensa do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA, Antonio. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.
- _____. **La Prensa Deportiva**. Madrid: Universidade Complutense de Madrid, 1999.
- _____. **Deporte y Comunicación**. Madrid: Dirección General de Deportes de la Comunidad Autónoma de Madrid, 1984.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- AWAD, Elias. **Um jogo, muitas pizzas**. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.
- BETING, Mauro. **Pago para ver**. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CARVALHO, José Eduardo de. **O discurso esportivo**. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar. Travessias para a nova teoria dos gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- COIMBRA, David e Nico Noronha, Mário Marcos de Souza e Carlos André Moreira. **A história dos Grenais**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- DAMATTA, Roberto, **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais – Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

HALL, Stuart. **Codificação e decodificação**. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Brasília: Editora UFMG, 2003.

_____. **Estudos Culturais e seu legado histórico**. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Brasília: Editora UFMG, 2003.

HORNBY, Nick. **Febre de bola**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

JÚNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

OXENHAM, Gwendolyn. **Pelada**. Uma volta ao mundo pelo prazer de jogar futebol. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**. Histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

ROLNIL, Suely. O mal estar na diferença. In Anuário Brasileiro de Psicanálise. São Paulo: PUCSP, 1995. Disponível em <http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Malestardiferenca.pdf>. Acesso em 12/03/2014.

SIQUEIRA, André Iki. **João Saldanha: uma vida em jogo**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2007.

SORIAN, Ferran. **A bola não entra por acaso**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo**. Relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009.

VILARINHO, Carlos Ferreira. **Quem derrubou João Saldanha**. Rio de Janeiro: Livrosdefutebol.com, 2010.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ZATTERA, Véra Beatriz Stedile. **Gaúcho – Iconografia (séculos XIX E XX)**. Porto Alegre: Palloti, 1995.

TRABALHOS ACADÊMICOS

ANDRADE, Andrei. **Mídia, Futebol e Sociedade**. Um estudo sobre a construção de representações sociais na editoria de esportes de Zero Hora. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

ARAÚJO, Aline Loise Queiroga de. **Gêneros Jornalísticos: interação e conhecimento nos jornais impressos de São Luiz – MA**. Mídia Cidadã, II Conferência Sul-Americana e VII Conferência Brasileira. Belém do Pará, 2011.

BENETTI, Márcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, 2008.

BEZERRA, Patrícia Rangel de Moreira. **O Futebol midiático: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008.

BRAUNER, Eugênio. **Entre as quatro linhas: da crônica sobre futebol ao columnismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista**. Porto Alegre, 2010.

BRITO, Juliana de. **Mito ou mero mortal: o personagem Messi na crônica esportiva brasileira**. São Leopoldo: UNISINOS, 2013.

BRITTOS, Valério Cruz e Anderson David Gomes dos Santos. **Processos Midiáticos do esporte: do futebol na mídia para um futebol midiaticizado**. COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO. Ano 9, v.9, n.26, São Paulo, 2012.

CARDIA, Rodrigo Catto de. **Jean Marie, o Brasil vai até o Chuí: futebol e identidade gaúcha nas páginas da Folha Esportiva**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

COSTA, Lailton Alves da. **Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil**. ENCIPECOM, 2008.

COSTA, Leda Maria da. **Futebol Folhetinizado**. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. Comunicação e esporte, v.17, 2010.

DAMO, Arlei Sander. **Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo**. RBCS, v. 23, n.66, 2008.

_____. **Produção e consumo de megaeventos esportivos – apontamentos em perspectiva antropológica**. COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO. Ano 8, v.8, São Paulo, 2011.

HELAL, Ronaldo e Cesar Goldon. **A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI**. ECO-PÓS, v.5, n.1, 2002.

MARQUES, José Carlos. **O Estigma de ser jornalista esportivo**. A discriminação do profissional de esporte na imprensa brasileira. Minas Gerais: INTERCOM - PUC, 2003.

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo Esportivo não é só entretenimento**. 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo.

NETO, Antônio Fausto. **O joelho aprisionado. Estratégias midiáticas e o “Caso Ronaldo”**.

NORMANDO, Tarcisio Serpa. **O futebol como objeto de investigação acadêmica**. Revista Digital – Buenos Aires, ano 8, n.58, 2003.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Fim da notícia: o engraçadismo no campo do jornalismo esportivo de televisão**. Porto Alegre: PUC - RS, 2012.

PERES, Ana Maria Clark. **Chico Buarque e o futebol**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

PROCHNIK, Luisa. **O futebol na telinha: a relação entre o esporte mais popular do Brasil e a mídia**. Rio de Janeiro: INTERCOM, PUCRJ, 2010.

SOARES, Antônio Jorge, Ronaldo Helal e Marco Antônio Santoro **Futebol, imprensa e memória**. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. UNISINOS, 2004.

WOLLENHAUPT, Solange. **O gênero coluna esportiva: informação e opinião**. Santa Maria: UFSM, 2004.

TEXTOS RETIRADOS DA INTERNET

HOLANDA, Chico Buarque de. **O moleque e a bola. O Globo, Rio de Janeiro**. Disponível em: http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/artigo_moleque.htm. Acesso em 22 fev. 2013.

KFOURI, André. **Cada um na sua**. Lancenet, São Paulo, 13 mai. 2010. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/andrekfour/2010/05/14/camisa-12-2/>. Acesso em: 13 mai. 2010

KFOURI, Juca. **Canal 100**, São Paulo, 13 jan. 2013. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2013/01/canal-100/>. Acesso em 22 fev. 2013

OUTRAS FONTES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS. **Jornais no Brasil**. Disponível em <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em 23 dez. 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL: Disponível em: <http://www.cbf.com.br>. Acesso em: mai. 2013.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL. **Fifa Associações**. Disponível em <http://www.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html>. Acesso em 31 dez. 2013.

FUTEBOL NA REDE: **Quem foi Charles Müller**. Disponível em <http://www.futebolnarede.com/espec/hist.php>). Acesso em: ago. 2013.

HINCH. A rede social do futebol. Toda a paixão em um só lugar. Disponível em: <http://www.hinch.as/#/> Acesso em 19 fev. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO E ESTATÍSTICA **As maiores torcidas do Brasil**. Disponível em: <http://blogdogersonnogueira.wordpress.com/2013/02/21/ibope-divulga-pesquisa-sobre-maiores-torcidas-do-pais/>) Acesso em: fev. 2013.

LANCE NET. **Gastos com estádios para a Copa**. Disponível em http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/estadios-Copa-governo-populacao-brasileira_0_940705956.html) Acesso em: set. 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Países Membros**. Disponível em: <http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/paises-membros/>. Acesso em 31 dez. 2013.

PLURI CONSULTORIA. **As maiores transferências do futebol mundial**. Disponível em <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/pluri%20especial%20%20100%20maiores%20transferencias.pdf>). Acesso em: abr. 2013.

PLURI CONSULTORIA. **As torcidas mais fanáticas do país**. Disponível em <http://www.pluriconsultoria.com.br>. Acesso em: 30 dez. 2013. PORTO ALEGRE É TOP. **Sant'Ana, o filósofo pop**. Ano 2, n. 2, dez. de 2012.

PREMIERE LEAGUE: Disponível em: <http://www.premierleague.com>. Acesso em abr. 2013.

REDE GLOBO. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com>. Acesso em: abr. 2013.

SITE OFICIAL DA COPA DO MUNDO DO BRASIL. Disponível em: www.copadomundo2014-brasil.net) Acesso em: set. 2012.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. **Futebol e os números**. Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/Coluna/6475/buscar>. Acesso em 31 dez. 2013.

ENTREVISTAS REALIZADAS

CARLOS CORRÊA. **A paixão clubística no colunismo esportivo gaúcho**. (15 de maio de 2013). João Paulo Jobim Fontoura. Redação do Jornal Correio do Povo.

DAVID COIMBRA. **A paixão clubística no colunismo esportivo gaúcho** (30 de novembro de 2013). João Paulo Jobim Fontoura. Redação do Jornal Zero Hora.

DIOGO OLIVIER. **A paixão clubística no colunismo esportivo gaúcho**. (17 de maio de 2013). João Paulo Jobim Fontoura. Redação do Jornal Zero Hora.

HILTOR MOMBACH. **A paixão clubística no colunismo esportivo gaúcho** (15 de maio de 2013). João Paulo Jobim Fontoura. Redação do Jornal Correio do Povo.

LUIZ ZINI PIRES. **A paixão clubística no colunismo esportivo gaúcho** (1 de novembro de 2013). João Paulo Jobim Fontoura. Redação do Jornal Zero Hora.

RUY CARLOS OSTERMANN. **A paixão clubística no colunismo esportivo gaúcho** (1 de novembro de 2013). João Paulo Jobim Fontoura. Redação do Jornal Zero Hora.

WIANEY CARLET. **A paixão clubística no colunismo esportivo gaúcho** (29 de outubro de 2013). João Paulo Jobim Fontoura. Redação do Jornal Zero Hora.

COLUNAS ANALISADAS

CARLET, Wianey. **Silêncio**. Zero Hora, Porto Alegre, 4 fev. 2012. p. 37.

_____. **Favoritismo**. Zero Hora, Porto Alegre, 5 fev. 2012. p. 45.

_____. **Surpresa**. Zero Hora, Porto Alegre, 6 fev. 2012. p. 15

_____. **GreNal**. Zero Hora, Porto Alegre, 21 fev. 2012. p. 37.

_____. **GreNal de interinos**. Zero Hora, Porto Alegre, 22 fev. 2012. p. 37.

_____. **Melhor em tudo**. Zero Hora, Porto Alegre, 23 fev. 2012. p. 45.

_____. **Quem ri por último**. Zero Hora, Porto Alegre, 28 abr. 2012. p. 43.

_____. **GreNal é GreNal**. Zero Hora, Porto Alegre, 29 abr. 2012. p. 45.

_____. **Dois favoritos**. Zero Hora, Porto Alegre, 26 ago. 2012. p. 55.

_____. **Time é que ganha**. Zero Hora, Porto Alegre, 27 ago 2012. p. 19.

_____. **O grande dia**. Zero Hora, Porto Alegre, 2 dez. 2012. p. 44.

- _____. **Chope agitado.** Zero Hora, Porto Alegre, 3 dez. 2012. p. 40.
- COIMBRA, David. **A diferença dos 10.** Zero Hora, Porto Alegre, 4 fev. 2012. p. 42.
- _____. **O máximo e o mínimo.** Zero Hora, Porto Alegre, 6 fev. 2012. p. 2.
- _____. **100% argentinos.** Zero Hora, Porto Alegre, 30 abr. 2012. p. 2.
- _____. **Vitória coma cara da resistência.** Zero Hora, Porto Alegre, 27 ago. 2012. p. 2.
- _____. **O futebol faltou à despedida.** Zero Hora, Porto Alegre, 3 dez. 2012. p. 2.
- CORRÊA, Carlos. **Mais do mesmo.** Correio do Povo, Porto Alegre, 4 fev. 2012. p. 22.
- _____. **Todas as previsões do GreNal.** Correio do Povo, Porto Alegre, 5 fev. 2012. p. 26.
- _____. **Gre-Nal. 2 a 2 para o Inter.** Correio do Povo, Porto Alegre, 6 fev. 2012. p. 26.
- _____. **Interpretações** Correio do Povo, Porto Alegre, 21 fev. 2012. p. 22.
- _____. **Obsessão.** Correio do Povo, Porto Alegre, 22 fev. 2012. p. 24.
- _____. **Vontade.** Correio do Povo, Porto Alegre, 22 fev. 2012. p. 26.
- MOMBACH, Hiltor. **Oscar, a decisão.** Correio do Povo, Porto Alegre, 28 abr. 2012. p.23.
- _____. **Sem favorito.** Correio do Povo, Porto Alegre, 29 abr. 2012. p.26.
- _____. **Ganhou quem jogou mais.** Correio do Povo, Porto Alegre, 30 abr. 2012. p.28.
- _____. **Das costuras.** Correio do Povo, Porto Alegre, 25 ago. 2012. p.24.
- _____. **GreNal.** Correio do Povo, Porto Alegre, 26 ago. 2012. p.24.
- _____. **Vitória da convicção.** Correio do Povo, Porto Alegre, 27 ago. 2012. p.28.
- _____. **Até a pé nós iremos.** Correio do Povo, Porto Alegre, 1 dez. 2012. p. 22.
- _____. **Nostalgia.** Correio do Povo, Porto Alegre, 2 dez. 2012. p.19.
- _____. **No empate deu Inter.** Correio do Povo, Porto Alegre, 3 dez. 2012. p.27.
- OLIVIER, Diogo. **O estreante.** Zero Hora, Porto Alegre, 22 fev. 2012. p. 35.
- _____. **Um novo Grêmio.** Zero Hora, Porto Alegre, 23 fev. 2012. p. 41.
- _____. **Tarde de segredos.** Zero Hora, Porto Alegre, 28 abr. 2012. p. 40.

- _____. **Ai, se eu te pego.** Zero Hora, Porto Alegre, 29 abr. 2012. p. 43.
- _____. **GreNal do gandula.** Zero Hora, Porto Alegre, 30 abr. 2012. p. 5.
- _____. **Mistério Zero.** Zero Hora, Porto Alegre, 25 ago. 2012. p. 47.
- _____. **Os meus palpites.** Zero Hora, Porto Alegre, 26 ago. 2012. p. 44.
- _____. **A razão da vitória.** Zero Hora, Porto Alegre, 27 ago. 2012. p. 41.
- _____. **O menino foi ver o passado.** Zero Hora, Porto Alegre, 1 dez. 2012. p. 40.
- _____. **A história vos espera.** Zero Hora, Porto Alegre, 2 dez. 2012. p. 41.
- _____. **Despedida de respeito.** Zero Hora, Porto Alegre, 3 dez. 2012. p. 5.
- OSTERMANN, Ruy Carlos. **Atrativos maiores.** Zero Hora, Porto Alegre, 29 abr. 2012. p. 43.
- _____. **Sentimentos do GreNal.** Zero Hora, Porto Alegre, 26 ago. 2012. p. 44.
- _____. **Impossível despedida.** Zero Hora, Porto Alegre, 2 dez. 2012. p. 41.
- PIRES, Luiz Zini. **Tarde de segredos.** Zero Hora, Porto Alegre, 28 abr. 2012. p.41.
- _____. **Vermelho no GreNal.** Zero Hora, Porto Alegre, 26 ago. 2012. p.45.
- _____. **Vitória dupla no Beira-Rio.** Zero Hora, Porto Alegre, 27 ago. 2012. p.19.
- _____. **Os humildes e os bravos.** Zero Hora, Porto Alegre, 1 dez. 2012. p.41.
- _____. **Do GreNal ao Japão.** Zero Hora, Porto Alegre, 2 dez. 2012. p.38.
- _____. **O clássico dos seis volantes.** Zero Hora, Porto Alegre, 3 dez. 2012. p.19.

ANEXOS – AS COLUNAS DOS JORNAIS

30 ■ SÁBADO | 4 de fevereiro de 2012

Esportes

futebol@correiopovo.com.br

Vuaden apita o clássico

Leandro Vuaden venceu Márcio Chagas da Silva no sorteio da Federação Gaúcha e vai apitar o Gre-Nal de número 390. Este será o segundo clássico consecutivo dele e o sexto na carreira. Vuaden é considerado o melhor árbitro gaúcho na atualidade e em 2011 foi o principal árbitro do Brasileirão.



FABIANO DO AMARAL

Teixeira demite o tio

O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, demitiu da entidade o próprio tio. Marco Antônio Teixeira trabalhava como secretário-geral desde o começo do mandato de Teixeira, nos anos 80. A CBF ainda não informou a razão pela qual Marco Antônio foi desligado da entidade.

CORREIO DO POVO



Técnico (D) afirma estar com saudades do maior clássico do Estado, no qual já marcou quatro gols pelo Grêmio

A pressão continua

Apesar da vitória sobre o São Luiz, Gre-Nal é decisivo para Caio Júnior

A vitória diante do São Luiz não amenizou o clima de pressão em cima de Caio Júnior. O resultado era praticamente obrigação diante de um adversário modesto do interior do Estado. Os três pontos vieram, porém a boa atuação ainda não, tornando ainda mais importante o Gre-Nal de domingo.

Em um momento ainda de afirmação do time, um confronto com o maior rival poderia ser um complicador. Uma derrota acarretaria um clima tenso no Olímpico. O clássico, no entanto, é visto com bons olhos pelo técnico. "Estou com saudades de Gre-Nal. Fiz quatro gols e venci

Caio Júnior em Gre-Nais

■ 30/07/83 - Grêmio 0 x 1 Inter
■ 27/11/83 - Inter 2 x 2 Grêmio
■ 08/12/85 - Grêmio 2 x 1 Inter
■ 23/03/86 - Inter 0 x 1 Grêmio
■ 11/05/86 - Grêmio 1 x 3 Inter
■ 09/07/86 - Inter 2 x 2 Grêmio
■ 20/07/86 - Grêmio 1 x 0 Inter
■ 18/03/87 - Inter 2 x 2 Grêmio
■ 29/03/87 - Grêmio 2 x 1 Inter
■ 05/04/87 - Inter 0 x 1 Grêmio
■ 31/05/87 - Inter 1 x 1 Grêmio
■ 28/06/87 - Inter 0 x 0 Grêmio

a maioria", exalta.

O seu retrospecto, nos tempos de jogador, é bom. Em 12 jogos,

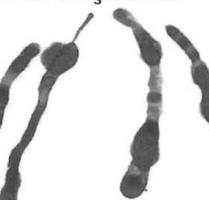
obteve cinco vitórias, cinco empates e duas derrotas. A estrela foi em 1983, em um clássico de reservas. O primeiro gol veio na decisão do Gaúcho de 1985. Os outros três gols foram dois anos depois. Comemorou ainda o tricampeonato gaúcho em cima do histórico rival (85, 86 e 87).

A partida de amanhã pode lhe trazer tranquilidade no cargo. Atualmente existe a sombra de Vanderlei Luxemburgo. A vitória exorcizaria, momentaneamente, esta possibilidade. Se vier ainda com uma boa atuação, a primeira da temporada, mostrará que é possível fazer uma grande campanha à frente da equipe.

Alex Silva deve assinar terça-feira

A parte mais complicada da contratação de Alex Silva pelo Inter foi superada ontem. O jogador aceitou a proposta salarial oferecida pelos dirigentes colorados e confirmou que deve chegar na próxima terça-feira para fazer exames médicos e assinar o contrato. O Flamengo, dono dos direitos federativos do jogador, não se opôs ao empréstimo, sobretudo por não estar utilizando Alex Silva. Além disso, o clube carioca vive intensa crise financeira e não consegue pagar os salários do zagueiro – e de todo o seu grupo de atletas – em dia nos últimos meses.

O empréstimo por um ano de Alex Silva está fechado, mas o Inter ainda tenta convencer o Flamengo a vender os direitos federativos do zagueiro. Ele tem contato até 2014. As tratativas entre os dirigentes cariocas e colorados devem seguir até o início da



semana, quando o jogador deve apresentar-se em Porto Alegre. "O negócio está bem adiantado. Faltam pequenos detalhes com o Flamengo", disse o empresário do jogador, Luiz Taveira.

O meia Dátolo ganhou condição legal de jogo ontem. Dorival Júnior afirmou que, embora o argentino não esteja fisicamente 100%, deve chamá-lo para compor o grupo para o Gre-Nal.

Definitivo: Inter não terá futsal

O projeto de o Inter voltar às quadras de futsal em 2012 morreu de forma definitiva. Ontem, o vice-presidente de serviços especializados, Luciano Davi, confirmou o desfecho negativo da empreitada por falta de patrocinadores. O grupo de jogadores, que já estava todo contratado, e a comissão técnica já foram comunicados. O orçamento do projeto era de R\$ 150 mil mensais.

A equipe colorada seria comandada pelo experiente técnico Jarico. Entre os jogadores, destaque para o goleiro Bilica, campeão da Liga Nacional 2011 pelo Santos, e o pivô Tostão, que tinha trocado a ACBF, de Carlos Barbosa, para jogar pelo Inter.

A formação do time de futsal chegou a ser anunciada no site oficial do Inter. O clube, porém, só entraria com a marca.

leja no Blog

http://www.correiopovo.com.br
/blogs/hiltormombach

Hiltor Mombach

CARLOS CORRÊA – Interino – carlos.correa@correiopovo.com.br

Mais do mesmo

Tudo Gre-Nal é a mesma coisa. Dirigentes colorados dando o Grêmio como favorito e os gremistas devolvendo a responsabilidade. Não só é do jogo, como é mais do que esperado. Ou alguém achava que na quinta-feira Paulo Pelaipe diria que o Grêmio iria passar por cima do Inter ou então Fernandão garantiria uma vitória vermelha, mesmo com time reserva? Apesar da expressão que dava a entender uma certa irritação depois da vitória sobre o São Luiz, aposte que Pelaipe e Odoné estão adorando os comentários sobre o maior poderio vindo do Beira-Rio. Na prática, pode até não funcionar, mas que será utilizado como forma de motivar o vestiário tricolor, não resta dúvida alguma.

Para a zaga

A direção do Grêmio não fala em nomes, mas admite estar em negociação com um zagueiro. Enzo Pérez, do Benfica, vinha sendo especulado. O repórter William Lampert, no entanto, ligou para jornalistas de Portugal e lá não se cogita a vinda do jogador para o Olímpico.

Para o meio

Paulo Pelaipe garante que não é blefe e que o Grêmio não fará nova investida em Giuliano enquanto os valores estipulados pelos russos do Dnipro não mudarem. A expectativa no clube é de que um novo meia possa ser anunciado dentro de um prazo de dez dias.

BRUNO ALENCASTRO



Roupa nova I

Esteticamente, começou bem a parceria entre o Inter e a Nike. O modelo titular lançado com festa ontem é bonito por uma razão muito simples: não tem muita invenção.

Roupa nova II

A camisa reserva deve ser apresentada ainda na primeira quinzena de fevereiro. Uma linha de roupas mais casuais ligadas ao clube também está sendo desenvolvida, mas ficará para mais adiante.

Roupa nova III

A Nike foi pega de surpresa pela rivalidade Gre-Nal. O planejamento inicial era, sim, estreitar a camisa nova no Grêmio. No entanto, para correr menos riscos, ficou mesmo para o jogo de Libertadores.

P&R

Cá estamos de volta para substituir, nos próximos 30 dias, o titular Hiltor Mombach, que neste momento goza de férias em alguma praia paradisíaca da América Central ou Oceania. E assim como em 2011, um espaço da coluna fica reservado para responder às perguntas de você, você e você aí em casa. Corneteir a gente é liberado, só não vale se perder em xingamentos – nenhuma novidade para quem já acompanha o blog CP Futebol Clube, onde também assinam o setorista de Inter e sobrinho da Tia Nene, Fabrício Falkovski, e o setorista de Grêmio, William Lampert, que na definição do Fabrício, "se desossar, não dá um croquete". Fora isso, está valendo, é só mandar para um e-mail carlos.correa@correiopovo.com.br ou então no Twitter mesmo, que é @carlitorcorrea. Não precisa ser necessariamente pergunta só sobre futebol ou esportes, mas adianto que não domínio coisa alguma de literatura russa, a indie que eu estava torcendo no "BBB" já caiu fora e que não importa o roteiro, sempre vou achar bom um filme que tenha a Scarlett Johansson.

David Coimbra

david.coimbra@zerohora.com.br



Como acabar com os acidentes de trânsito

Os bretões, circunspectos no clima e na geografia e, por consequência, na alma, resistem historicamente a mudanças. Não por acaso, ainda se orgulham da sua monarquia de quase um milênio de idade e dos seus povoados irreduzíveis ao Mercado Comum Europeu. No século 19, no auge da Revolução Industrial, eles, que sempre olham para as novidades com desconfiança, olhavam com desconfiança para o automóvel movido a gasolina. Acharam aquilo muito perigoso. Aprovaram a chamada "Lei da Bandeira Vermelha", que só permitia a circulação de um carro se fosse precedido por um homem que, 60 metros adiante, tremulasse uma bandeira vermelha de dia e balançasse uma lanterna à noite. Para não correr o menor risco de não ser visto pelos pedestres, o homem tinha de, ao mesmo tempo, soprar uma corneta. Mais: a velocidade do automóvel era limitada a 6,4 quilômetros por hora, que, segundo os ingleses, era o máximo que o cara da bandeira vermelha seria capaz de alcançar. Os ingleses só foram abolir essa lei quando já pisavam nos portões do século 20, um tempo que, você sabe, se moveria sobre pneus.

Essa lei britânica, hoje, é o sonho de quem acredita que as pessoas se amariam mais se andarem de bicicleta. De fato, ninguém haveria de acusar o legislador de não tentar preservar a vida humana. Se a Lei da Bandeira Vermelha continuasse em vigência, as estatísticas de acidentes de trânsito cairiam e, de quebra, haveria outra profissão: a do sujeito que carregava a bandeira e soprava a corneta. Quer dizer: a Lei da Bandeira Vermelha só trazia benefícios. Assim como só trazia benefícios a Lei Seca dos Estados Unidos dos anos 30. E outras leis restritivas do comportamento humano.

Mas o ser humano tem a teimosa tendência de buscar o prazer e o conforto, a despeito da lei. É por isso que certas imposições são burladas. A cerveja foi proibida nos estádios, mas o torcedor continua bebendo. Bebe um pouco antes, bebe logo depois, ou bebe durante, iludindo a vigilância. Com a Copa do Mundo, a cerveja voltará por um mês. É uma desmoralização da lei. Afinal, se para o legislador a cerveja é tão nociva, como pode receber permissão, ainda que temporária? Por um mês a cerveja não fará mal? Justamente no mês da Copa? Às vezes, não basta a boa intenção para tornar a lei boa.



O bem da saída

A saída de Douglas não é suficiente para devolver ao Grêmio a personalidade que o Grêmio perdeu com a saída de Jonas, mas sem a saída de Douglas o Grêmio não reencontraria a sua personalidade.

As diferenças dos 10

Douglas talvez seja mais habilidoso do que D'Alessandro. Douglas foi dotado com a técnica em estado puro, é algo que nasceu com ele, que recebeu por herança genética. Só que D'Alessandro é muito melhor do que Douglas.

D'Alessandro não se contentou com o que a Natureza lhe deu. D'Alessandro aprendeu e aumentou seu patrimônio futebolístico com a inteligência.

Nem Douglas nem D'Alessandro marcam. Não é isso que se exige de um meia com as características deles. Mas D'Alessandro desce até as sombras da intermediária defensiva para receber a bola e, ao recebê-la, seja de um erro do adversário, seja de um passe lateral do volante amigo, ele a retém, gira sobre o próprio corpo, uma piorna fixa no pé direito, e ele descobre o espaço e ele toca e se adianta e recebe mais à frente e toca de novo e de novo se desloca. Com D'Alessandro, o time evolui.

D'Alessandro pouco desarma o inimigo, é verdade, mas ele está sempre fechando um corredor. A bola não passa por ali porque D'Alessandro está ali.

D'Alessandro é um protagonista; Douglas, um coadjuvante. Essa a diferença básica entre eles. Douglas, quando foi bem no Grêmio, tinha um Jonas a centralizar o jogo. Jonas saía da área, entrava na área, caía para a esquerda e para a direita, recuava à linha divisória, gritava e comandava.

E conclui.

Jonas é um protagonista. Jonas fazia com que Clementino e André Lima jogassem. E Douglas também. Jonas seria craque, se tivesse a habilidade de Douglas. D'Alessandro seria craque, se tivesse a qualidade do arremate fino de um Zico, de um Maradona, de um Messi, de um Rivelino. Não sendo craque, basta ao Inter que D'Alessandro seja fundamental. E D'Alessandro é.

Um Capitu

Quando Douglas se transformou em personagem principal do time do Grêmio, o time do Grêmio faliu. Não por culpa de Douglas, porque quem tem Douglas tem de saber quem é Douglas.

Douglas, aparafusado no centro da máquina, sempre será uma peça imóvel, quase inútil. Ele está lá, parado, enquanto as coisas acontecem alhures. Deixou uma porta aberta e alguém terá de fechá-la.

Sendo ele, e não um Jonas, a liderança técnica, o time se contamina por sua pachorra, por seu toque de dedo e meio, por seus olhos de ressaca. Douglas é

um Capitu.

Não por causa de Douglas, mas por causa do lugar em que puseram Douglas, o Grêmio perdeu a personalidade. Tornou-se um time sem alma e sem saber o que quer da vida. Um time tem que saber o que quer da vida, assim como qualquer pessoa tem que saber o que quer da vida.

Não existe uma única forma de viver, nem uma única forma de jogar uma partida de futebol, mas é preciso saber de que forma se quer viver e de que forma se quer jogar uma partida de futebol.

A primeira infância

Comeci a desenvolver uma tese sobre o Grêmio no Sala de Redação de sexta, mas tratava-se de um raciocínio um pouco mais alentado, então, claro, não deu para ir adiante, não haveria mesmo tempo. Agora há espaço. Assim, aí vai: o Inter, historicamente, demonstra mais interesse do que o Grêmio em ganhar o clássico. É um traço que vem da origem dos dois clubes. O primeiro Grêmio foi o jogo formador da personalidade colorada. Ao levar 10 a 0 do Grêmio, os colorados pioneiros definiram como principal objetivo do clube superar o rival. O Inter precisou de seis anos para vencer um Grêmio.

Enquanto isso, os gremistas se mantinham numa postura olímpica, superior, quase indiferente. Essa atitude prosseguiu anos a fio e só foi mudar quando o Inter passou a bater sistematicamente o Grêmio, lá nos anos 40, com o Rolo Compressor. Mas a transformação profunda só foi desencadeada nos anos 50.

Hoje, é evidente, Grêmio e Inter são clubes muito parecidos, da mesma grandeza, com torcedores em todos os estamentos da sociedade. Mas, como Freud já ensinou, a marca da primeira infância é a marca mais profunda.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do David em

A coluna do David é publicada às terças e sábados

DILOGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br



WIANEY CARLET

wianey.carlet@zerohora.com.br

Um frio de tirar as unhas

Esta é daquelas histórias do futebol, que só um papo sem oficialidades como o que mantive com **Marcelo Moreno** dia destes são capazes de revelar. O frio da Ucrânia, não raro de -30°C, obrigava os médicos a arrancar as unhas dos pés do centroavante. Elas congelavam, preteavam, inflamavam e quebravam nos treinos, fulminadas pelas temperaturas inclementes que não respeitavam meias duplas e chuteiras. "Jogar longe do frio é bom, mas jogar com unhas é melhor ainda", me disse o centroavante do Grêmio, que teve um aliado insólito em sua decisão de voltar ao Brasil, como se vê.

O apartamento em Porto Alegre já está escolhido. Moreno vai morar no bairro Bela Vista.

E jogar o Gre-Nal de amanhã com unhas.



RODRIGO MENDES

Nova safra

O atacante **Rodrigo Mendes**, 36 anos, que fez carreira no Flamengo e no Grêmio, se aposentou de vez. Vai ser técnico. É aluno do curso de treinadores que está sendo realizado na Granja Comary (RJ), promovido pela CBF em parceria com a PUC-MG. A palestra de abertura foi de Mano Menezes. Rodrigo decidiu morar em Porto Alegre, onde cursa administração na ESPM.

A guerra vai começar

A Divisão de Acesso do Gaúcho está esquentando motores. O Brasil, de Farroupilha, um dos favoritos – bateu na trave no ano passado, caindo no quadrangular final após uma campanha irrepreensível na fase de grupos – vem com estrutura forte. O técnico será **Leandro Machado**, ex-Inter, Verdy Tokyo, América-MG, Náutico e vários clubes do Interior. O Brasil está acertado com alguns jogadores da primeira divisão. Os atacantes **HyanTony**, do Canoas, e **Kito**, do Veranópolis, se apresentam ao final do Gaúcho 2012.

É bom se puxar mesmo: este ano caem seis times.

A guerra começa em março.

Fator Ronaldinho

"A regalia de um atleta de alto nível é o salário. Não tenho que ter amizade próxima com o Ronaldinho, mas faz-lo cumprir com suas obrigações. Minha relação com ele é profissional"

WANDERLEY LUXEMBURGO, ex-técnico do Flamengo

"Medo do Ronaldinho? Ele pode não ter trabalhado comigo ainda, mas já ouviu falar. É o cara que vai decidir para mim. Não vou para o Flamengo criar problema"

JOEL SANTANA, novo técnico do Flamengo



Terno e gravata

Começo de ano é período de movimentação não apenas de quem veste calção e chuteiras, mas também terno e gravata. **Newton Drummond**, ex-Inter, deve deixar o comando executivo de futebol do Vitória-BA. Está em Porto Alegre.

Em São Paulo, o nome dele é cogitado pela Portuguesa.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em diogo.olivier@zerohora.com.br e no twitter em [diologozero](https://twitter.com/diologozero)

O anúncio - 1

O anúncio impactante publicado pela Nike em 13 páginas desta edição de ZH é resultado de um trabalho cuidadoso. Uma pesquisa foi encomendada para saber exatamente como atingir o coração do torcedor que será o seu consumidor na parceria com o Inter. Formadores de opinião em vários setores foram ouvidos. O resultado é o que se vê na manchete desta página: antes do talento, o gáudio exige garra.

O episódio **Douglas**, do Grêmio, é um exemplo clássico. Caiu em desgraça no Grêmio apesar de todo a sua técnica ao ganhar o carimbo de descompromissado.

O anúncio - 2

A escolha de **D'Alessandro** como garoto-propaganda não é só por que ele já é atleta da Nike. Ele virou modelo também por unir os dois atributos. Só garra, como se sabe, não ganha jogo.

O tamanho do CT

Vinte hectares. Este é o tamanho da área onde será erguido o futuro CT do Inter, com dinheiro captado pela Andrade Gutierrez através da legislação de incentivo ao esporte. Terrenos em Gravataí e Guaíba foram examinados, mas a ideia é encontrar algo mais perto. Ao vasculhar o mercado, os dirigentes se espantaram com a quantidade de áreas existentes nestas dimensões em Porto Alegre. O problema é o preço. Quanto mais central, mais caro.

Silêncio

Uma onda de pavor começa a baixar sobre Porto Alegre diante da perspectiva de, por falta de estádio, os gaúchos serem descredenciados pela Fifa para receber jogos do Mundial de 2014. O repórter **Rodrigo Muzell** alinhou ontem meticuloso inventário do processo que se iniciou em maio de 2009, quando a capital gaúcha foi contemplada pela Fifa, até os dias atuais, cobertos pelo silêncio da Andrade Gutierrez, empresa construtora que não faz uso e nem desocupa a moita.

Financiamento

O Inter cumpriu a sua parte: aprovou a minuta do contrato e se colocou à espera da AG para a assinatura. A construtora recebeu a minuta aprovada e mergulhou no mais impensável silêncio. Estaria buscando financiamento para a obra. Neste ponto, destaca-se imponente contradição: pela sua grandeza patrimonial de grandes obras em vários pontos do mundo, dizia-se que a Andrade Gutierrez era capaz de obter qualquer financiamento, apenas com um telefonema. Ou a empresa não tem este poder todo ou a explicação é outra.



Especulação – Dois altos empresários do ramo da construção civil tiveram acesso à minuta do contrato e concluíram que o acordo favorecia mais ao Inter do que à construtora. Eles acreditam que, tendo se dado conta da sua desvantagem, a AG estaria buscando parcerias e garantias, fato que estaria atrasando o início das obras.

Equívoco – Em uma das suas escassas notas de esclarecimento, a Andrade Gutierrez ressaltou que se tratava de um negócio entre duas entidades privadas e entre elas tudo seria acertado. Engano, senhores! O assunto envolve devedores interesses do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre. Não se trata, portanto, de um negócio entre duas instituições particulares apenas porque carrega no seu bojo inegável interesse público. A Andrade Gutierrez está preocupando mais do que o Inter. E o seu silêncio, com ares de descaço, afronta o Rio Grande do Sul e sua Capital.

Responsabilidade

Se o Beira-Rio não estiver pronto para receber os jogos da Copa de 2014, serão imensos os prejuízos morais e financeiros. Creio que desde já a Andrade Gutierrez deve ser notificada de que será responsabilizada judicialmente se, por sua negligência e (ou) incompetência, todos estes danos acabarem se concretizando.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em wianey.carlet@zerohora.com.br

VEM AÍ O MAIOR CAMPEONATO DE VARZEA DO MUNDO.

SAIBA MAIS: WWW.POLAR.RS

A CEVA OFICIAL DO FUTEBOL DE VARZEA.

SE FOR DIRIGIR NÃO BEBA.

CORREIO DO POVO

DOMINGO | 5 de fevereiro de 2012 | 23

Esportes

esportes@correiodopovo.com.br

Giba passa por cirurgia

Capitão da seleção, Giba será submetido, dia 13, à primeira cirurgia em 20 anos de vôlei. O ponta sente dores na canela esquerda desde o Sul-Americano disputado no ano passado – a lesão foi agravada com a disputa da Copa do Mundo. Segundo os médicos, Giba tem uma fratura por estresse na tibia.



Lixeira à prova de bombas

A sede dos Jogos Olímpicos de 2012 contará com uma inovação para evitar ataques com bombas. Com lixeiras com uma tecnologia à prova de explosivos serão instaladas em Londres antes do início do evento. As latas serão envoltas por telas de LCD que trarão cotações econômicas e notícias.

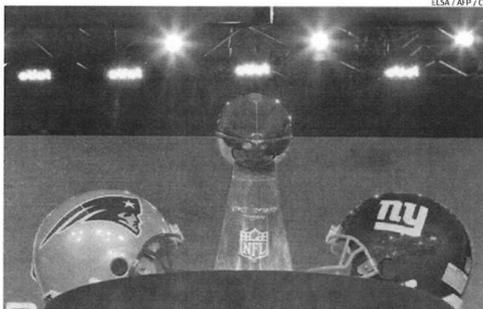
Estados Unidos de olho no Super Bowl

Patriots e Giants se enfrentam na decisão da liga de futebol americano

Os Estados Unidos vão parar. Em todos os cantos do planeta também estará alguém acompanhando o evento que, em termos de audiência, perde apenas para a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Neste domingo, às 21h30min (de Brasília), New England Patriots e New York Giants se enfrentam no Super Bowl XLVI, no Lucas Oil Stadium, em Indianápolis, na decisão do título do futebol americano.

O confronto é uma reedição do Super Bowl XLII, quando o Patriots chegou com amplo favoritismo. Vinha invicto. No entanto, comandado por Eli Manning, o Giants surpreendeu e levou o título da NFL, a liga do futebol americano.

Neste ano não há favorito. A campanha do New England foi mais sólida. Na temporada regular foram 13 vitórias e três derrotas.



Partida será uma reedição do Super Bowl XLII, vencido pelo Giants, de Nova Iorque

Já o New York cresceu na reta final, depois da campanha irregular na primeira fase, com nove vitórias e sete derrotas.

Tom Brady, astro do Patriots e marido de Gisele Bündchen, aposta em uma torcida especial. "Espero que tenhamos torcedo-

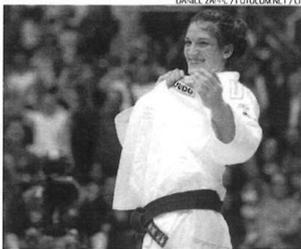
res por lá (Brasil). Eu sei que a família da minha esposa estará torcendo fortemente por nós", revelou o quarterback. O intervalo também é sempre uma atração especial: já teve Michael Jackson e Rolling Stones. Desta vez, porém, o show será de Madonna.

Mayra luta no Grand Slam de Paris

Garantida nos Jogos de Londres, a judoca gaúcha Mayra Aguiar disputa neste domingo o Grand Slam de Paris, a última grande competição que garante pontos para o ranking classificatório para as Olimpíadas. Terceira melhor do mundo na categoria até 78 kg, Mayra é uma das cabeças de chave do torneio. Na estreia, ela terá pela frente a francesa Marjorie Ulrich. Se vencer, Mayra encara a japonesa Ruika Satō.

"É uma verdadeira prévia dos Jogos Olímpicos, pois todas as principais adversárias da Mayra irão participar. Vai ser muito difícil, mas ela está preparada", analisou o técnico da judoca na Oi/Sogipa, Antônio Carlos Pereira (Kiko). Há menos de um mês, a gaúcha ganhou ouro no IJF Masters do Casaquistão.

Depois do Grand Slam de Paris, Mayra participará do Grand Prix de Düsseldorf, na Alemanha, na segunda quinzena de fevereiro. A última competição oficial antes das Olimpíadas será o Pan-Americano, em abril.



Para a gaúcha, torneio será uma prévia das Olimpíadas

Leandrinho quer jogar em Londres

Dispensado da disputa do Pré-Olimpico de Mar del Plata, quando a seleção masculina de basquete conquistou a vaga olímpica após 18 anos de ausência, Leandrinho manifestou interesse em defender o Brasil na Inglaterra. "Houve razões para eu e o Nenê ficarmos fora do Pré-Olimpico", explicou o ala. "Tudo depende do técnico. Se ele nos convocar, iremos fazer o nosso melhor para ajudar a equipe. O técnico sabe o que ele tem que fazer para me encaixar no grupo e, qualquer que seja a função que ele der pra mim, ficarei feliz", disse.

Esportes na TV

- 9h25 – ESPN e Sportv 2, futebol italiano: Genoa x Lazio
 - 9h25 – ESPN Brasil, futebol holandês: Ajax x Utrecht
 - 9h30 – Sportv, showbol carioca: Botafogo x Volta Redonda e Flamengo x América
 - 11h30 – ESPN Brasil, futebol inglês: Newcastle x Aston Villa
 - 12h – ESPN, futebol italiano: Milan x Napoli
 - 12h – Sportv, futebol italiano: Juventus x Siena
 - 13h – Sportv 2, judô, Grand Slam, Etapa de Paris
 - 13h45 – ESPN Brasil, futebol inglês: Chelsea x Manchester United
 - 15h – ESPN, futebol espanhol: Sevilla x Villarreal
 - 17h – ESPN, futebol, Copa Africana: Gana x Tunísia
 - 17h – Premiere, ppv, futebol, Gaúcho: Caxias x Juventude
 - 18h – Sportv 2, futebol francês: Marseille x Lyon
 - 19h30 – Premiere, ppv, futebol, Gaúcho: Grêmio x Inter
 - 19h30 – Sportv, futebol, Paulista: Ponte Preta x São Paulo
 - 21h – ESPN, futebol americano, NFL, Superbowl: New York Giants x New England Patriots
 - 22h – Sportv 23, basquete masculino, Sul-Americano: Final
- Qualquer alteração na programação é de responsabilidade das emissoras de TV.



http://www.correiodopovo.com.br /blogs/hiltormombach

Hiltor Mombach

CARLOS CORRÊA / Interino – carlos.correa@correiodopovo.com.br



Todas as previsões do Gre-Nal

Alguns filmes que eu vi no cinema já estão passando nos canais só de clássicos, mas ó, estou longe de estar velho (nada contra, que fique claro). Mas acho que lá se vão uns bons 20, 25 anos de Gre-Nal. Tempo mais do que suficiente para saber que o clássico funciona dentro de uma certa lógica. As surpresas acontecem, mas, na maioria das vezes, o favorito ganha. Agora, se tem uma coisa que não adianta, não muda nunca, são os discursos depois da partida. As entrevistas de quem ganha e de quem perde são basicamente as mesmas, você só precisa trocar o nome da vez e a data. Por isso, vamos às previsões para o Clássico deste início de noite / final de tarde em Forno Alegre.

Discurso azul

Se vencer: "Passaram a semana falando que o Inter era melhor, nos menosprezaram. Está aí a resposta. Esse grupo tem brio. Isso aqui é o Grêmio".

Se perder: "O adversário tem um time entrosado há mais tempo, estamos apenas no início de um bom trabalho. E, ah, a Arena está quase pronta".

Discurso vermelho

Se vencer: "Essa vitória mostra que acima de tudo temos um grupo qualificado, independentemente de quem o Dorival escalar para jogar".

Se perder: "Nosso foco está voltado para a Libertadores, queremos o tri. Obras? Beira-Rio? O contrato vai ser assinado ainda neste mês".

Inter

Dorival Júnior vai escalar um time com alguma surpresa que na verdade vai estar sendo cogitada desde sábado pela manhã. Ou seja, surpresa mesmo só se jogar o Fernandão.

O Inter começará o Clássico com duas cartas daquelas tipo Jogo da Vida: "Você tem direito a um gol em Gre-Nal". Uma delas se chama D'Alessandro e a outra atende por Índio.



Grêmio

Kléber vai sofrer uma falta, reclamar, botar o dedo na cara do adversário, ser empurrado e levar cartão amarelo, quiçá um vermelho. Mas cada vez que pegar na bola, vai levar perigo ao gol de Muriel. Ou de quem for o goleiro.

Mário Fernandes vai estar no Olímpico na hora marcada. O que, né, já é uma notícia e tanto para a torcida tricolor.

FABIANO DO MAZAL

Aqui perto

Em algum lugar de Porto Alegre (ou do Litoral, já que é verão e quem pode, foge do calor), Celso Roth vai dar um sorriso de canto, seja qual for o resultado, ciente de que poderia fazer mais por aqueles que saírem de campo derrotados.

Longe daqui

Em algum lugar do Rio de Janeiro ou em algum salão de beleza, Vanderlei Luxemburgo negará com veemência, mas estará dando aquela seceda amiga no Grêmio, ciente de que pode ser o próximo ficha 1 no estádio Olímpico.

P&R

A pergunta de hoje, é claro, tinha que ser relacionada ao Gre-Nal e foi enviada pelo amigo Márcio Diehl Fort, via Twitter (quer mandar também, manda para @carlitocorrea): "Quem tem mais a perder se o Inter escalar os reservas. O Grêmio, o Caio Júnior ou o Novileto?".

Buenas, antes de mais nada, acho que faltou uma alternativa na sua questão. E o Inter? Quem mais perde com o Inter escalando os reservas é o Inter, claro. Se os reservas fossem melhores que os titulares, eles eram titulares, não reservas. Só em concurso de beleza que a Miss Simpática é mais bonita que a Rainha. No futebol, os bons são titulares e os... ah... menos bons são reservas. Logo, se você quer ganhar o jogo, joga com os melhores, joga com os titulares. Ah, não pode? Bom, isso é outra história. Mas que perde, perde. Mas enfim, respondendo à pergunta. O Novileto não perde muito, porque a torcida do Grêmio vai igual e o espaço dos colorados no Olímpico é tão pouco que os que vão já lotam. Sobrariam duas alternativas. Eu chutaria C, de Caio Jr.

121



ZERO HORA > SEGUNDA | 6 | FEVEREIRO | 2012



Tudo que o Inter queria O máximo e o mínimo

David Coimbra



david.coimbra@zerohora.com.br

O Inter voltou do intervalo mais animado, mais aguçado, tentando jogar e não apenas se defender. Deu certo. O Grêmio seguiu levemente melhor, mas aí o único titular do Inter entrou em ação.



Empate em 2 a 2 no Gre-Nal de ontem, no Olímpico, era tudo que o Inter queria. Ou quase tudo: melhor, só mesmo a vitória. Porque o Inter entrou em campo com camisa alternativa e os 10 jogadores de linha reservas, estreou (bem) mais um argentino e descansou seus titulares para a Libertadores. Já o Grêmio não evoluiu no Campeonato Gaúcho, não aproveitou a oportunidade para bater o rival e ainda perdeu seus dois laterais por lesão.

Mas no início o Grêmio fez valer de sobejo a vantagem de jogar com seus titulares. O time de Caio Jr se impôs com naturalidade desde o primeiro minuto. E não é força de expressão – a um minuto e meio, Marquinhos levantou a bola para Moreno, que, no meio da área, cabeceou para trás, nas mãos de Muriel. Esse lance de precoce foi um símbolo da proposta de jogo do Grêmio. Moreno fixou residência na área do Inter, como se fosse um farol para os jogadores de meio-campo e para os laterais, que não pararam jamais de procurá-lo. Aos três minutos, Julio César cruzou uma bola para ele, e Fabrício salvou no último instante para escanteio. Um minuto depois, a jogada se repetiu. Desta vez Moreno conseguiu tocar na bola de cabeça, mas ela saiu fraca. Aos sete, Moreno cabeceou de novo, Leandro tocou para o gol e o árbitro assinalou

(corretamente) impedimento. Aos 14, mais uma vez a bola chegou a Moreno na marca do pênalti, ele bateu de voleio e a bola explodiu na cabeça de Bolívar. Aos 19, Moreno chutou de perna esquerda, para fora.

Moreno, Moreno, Moreno. Ele era o dono do jogo. Mas, para a surpresa de Moreno, do Grêmio, dos gremistas e talvez até dos colorados, foi o Inter que abriu o placar. Aos 21 minutos, Dátolo recebeu a bola na intermediária, mandou um espingardaço de perna esquerda, o tiro ricocheteou em dois jogadores do Grêmio e entrou. Não foi culpa de Victor, foi mérito da canhota poderosa de Dátolo. Esse meia-esquerda argentino, que fez sua estreia no Inter, foi a melhor notícia do clássico para a torcida colorada. Mostrou habilidade, interesse e agressividade.

De resto, o meio-campo do Grêmio dominou o setor sem sobressaltos, apesar da sonolência de Marco Antônio. A primazia gremista ocorria graças a Fernando e Marquinhos, a dupla de volantes que fazia o jogo começar com qualidade. Às vezes até se aventuravam no ataque, como um lance aos 36 minutos do segundo tempo em que Fernando passou em velocidade por meta-de do time do Inter e quase marcou. Mas quem marcou mesmo foi o outro volante. Foi Marquinhos quem, aos 27 minutos, cobrou a falta que devia ser um levantamen-

to, mas que acabou entrando no gol do Inter, empatando o Gre-Nal. Quatro minutos depois, em nova cobrança de falta, Moreno foi empurrado por Josimar dentro da área: pênalti. Moreno, que no meio da semana disse ter sonhado que marcaria um gol no clássico, pediu para cobrar. Cobrou e o sonho se tornou realidade.

O primeiro tempo terminou com o Grêmio sofrendo duas perdas graves: os laterais Mário Fernandes e Julio César saíram por lesão, Julio César no joelho, Mário Fernandes no ombro, podendo ter que passar por cirurgia. O Inter voltou do intervalo mais animado, mais aguçado, tentando jogar e não apenas se defender. Deu certo. Aos poucos, os reservas do Inter foram se acomodando na partida, foram se tornando mais ousados. Aos 29, numa cobrança de escanteio da esquerda, Bolívar cabeceou no meio da área e empatou a partida.

O Grêmio seguiu levemente melhor, mas aí o único titular do Inter entrou em ação. Muriel praticou três defesas cinematográficas em três cabeçadas: Moreno, aos 30 minutos, e Kleber, aos 45 e aos 49. O jogo terminou com a torcida gremista vaiando o próprio time, inconformada pelo empate com os reservas do rival. O que é um retrato do jogo: o Grêmio fez o máximo que pôde, e não foi suficiente; o Inter fez o mínimo necessário, e de mais não precisou.

GAUCHÃO, TAÇA FIRATINI, 5ª RODADA, 5/2/2012



GRÊMIO	INTER
Victor	Muriel
M. Fernandes (Gol.) 44/79'	Elton
Douglas Groll	Bolívar
Naldo	Jackson
Julio César (Gol.) 25/79'	Fabrício
Fernando	Josimar
Marquinhos (G. Silva, 31/25')	Sandro Silva
Marco Antônio	João Paulo (Mk) 35/29'
Leandro	Dátolo (Franco) 21/29'
Kleber	Gilberto (Fres, 22/25')
Marcelo Moreno	Jé

Técnicos:
Caio Júnior

Gols: No primeiro tempo, Dátolo (I), aos 21min, Marquinhos (G), aos 27min, e Marcelo Moreno (G), aos 33 min. No segundo tempo, Bolívar (I), aos 29min. **Cartões amarelos:** Naldo (G), Elton, Josimar, Bolívar (I). **Árbitros:** Leandro Vuaden, auxiliado por Julio Cesar Santos e José Franco Filho. **Reserva:** R\$ 369.288,75. **Público:** 19.458 (16.663 pagantes). **Local:** Estádio Olímpico.

PRÓXIMO JOGO - GAUCHÃO
8/2/2012, QUARTA-FEIRA, 22H
YPIRANGA X GRÊMIO
PRÓXIMO JOGO - LIBERTADORES
9/2/2012, QUINTA-FEIRA, 20H
INTER X JUAN AURICH

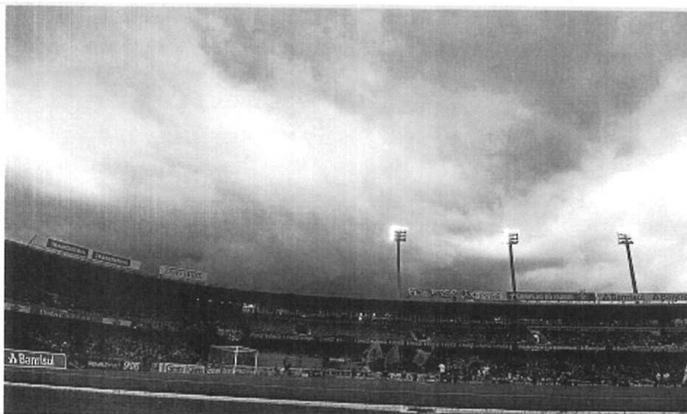


Bola Dividida

EDITORIA DE ESPORTES
esportes@zerohora.com.br

WIANEY CARLET

wianey.carlet@zerohora.com.br



ALVARO COSTA

Tempo fechado, jogo aberto

Parecia que o firmamento cairia sobre o Olímpico. Com a noite expressa antes das 19h, os refletores foram ligados, e a torcida procurou abrigo onde era possível. Menos mal que a tempestade ameaçadora acabou se transformando em uma chuva fininha, e o clássico correu em gramado adequado.

Palermo, o fim

O ex-atacante do Boca Juniors Martín Palermo, 38 anos, recebeu a homenagem de 60 mil torcedores em sua partida de despedida, na Bombonera. Estavam lá o tenista Juan Martín del Potro e o atacante Carlos Tévez, do Manchester City, da Inglaterra. Tévez assistiu dos camarotes, não entrou em campo. Carlos Bianchi e Roberto Baggio treinaram os dois times e em campo estavam Abbondanzieri, Oscar Córdoba, Serna, e Schelotto. Foram 237 gols pelo Boca e sua carreira tem passagens pelo Estudiantes, Villareal, Betis e Alavés.

Quem paga R10

Com a indecisão da Traffic em solucionar os salários atrasados do Ronaldinho, o Flamengo terá que providenciar o quase R\$ 1 milhão mensal prometido ao craque. Sem acordo, o clube pode romper com a empresa de marketing esportivo.

Mais reunião

O Conselho de Gestão do Inter se reúne às 13h de hoje com uma questão ao mesmo tempo intranferível e rotineira: arranjar um jeito de deflagrar a reforma do Beira-Rio. A direção não fixa novos prazos, sob pena de cair no ridículo. A cada promessa não-cumprida cresce a sensação de impotência dos dirigentes e de desleixo dos empreiteiros. Pelas declarações de ontem do vice-presidente Luís Anápio, o tormento do Inter é a falta de solução por parte de Andrade Gutierrez.

— Nós (no Inter), fizemos de tudo, mesmo o que não depende do clube — resigna-se Luís Anápio.

Sobre a chance de a Copa ser realizada na Arena, Anápio foi: — Existe evidente atraso, mas isso depende da Fifa, de mais ninguém.



Os Blatter

Sobre a Copa no Brasil, o presidente da Fifa, Joseph Blatter, tem opiniões conflitantes: primeiro, neste fim de semana disse que o país vai organizar um "Mundial extraordinário". Logo em seguida, porém, Blatter não se conteve e relacionou os problemas de organização: os estádios estão atrasados, mais do que o razoável, os aeroportos continuam na mesma, as rodovias ainda dependem de investimento. Por último, o dirigente alertou para a falta das garantias das autoridades.

Ainda será um Mundial extraordinário.

Briga aqui e lá

A torcida do Inter brigou entre si antes do Gre-Nal, mesmo em um clássico sem o nervosismo típico de jogo decisivo. Em São Paulo, os torcedores do Palmeiras e do Corinthians se pegaram na Marginal do Tietê e houve gente presa. A temporada começa com os ânimos acirrados, apesar do exemplo egípcio.

Surpresa

Conhecidas as escalões da Dupla, antes do Gre-Nal, era obrigatório projetar vitória do Grêmio. O Inter escalou Muriel, único titular, e acabou o jogo com Jackson, Mike e Fred, três garotos que recém estão surgindo. O Grêmio, diferente, mandou sua equipe titular para o clássico. A partir das escalões, tornou-se o favorito. O resultado, entretanto, surpreendeu. O empate foi quase uma proeza para o Inter.

Agressão

Kleber disputou o Gre-Nal sob a denúncia de sua esposa, registrada na polícia, de que foi alvo de agressão por parte do "gladiador", na sua casa. Seria um episódio privado se não tivesse acabado em uma delegacia de polícia. Kleber no Gre-Nal, não foi tão valente. Pouco apareceu.



Arbitragem — Leandro Vuaden é um grande árbitro, o melhor do Brasil. No Gre-Nal, porém, não confirmou suas negáveis virtudes. Falton-lhe critério na aplicação de cartões, permitiu jogadas violentas e puniu com cartão amarelo outras menos graves. Não interferiu no escoro. No intervalo, expulsou Dorival Júnior por reclamação.

Destaque — Marcelo Moreno, mais uma vez, destacou-se no Grêmio, Marquinhos teve ótimo desempenho e Marco Antônio sobressaiu-se com passes corretos. No Inter, Muriel garantiu o empate e Dátolo, fora de forma e sem qualquer entrosamento, mostrou que é um jogador voluntarioso, participativo, que não teme arriscar a chute e tem personalidade interessante. Cansou, não conseguiu acabar o jogo.

Estrela — Bolívar não é mais titular do Inter, mas continua forte a sua influência no vestiário e no campo. É uma liderança especial. Jogador predestinado, marcou o gol de empate, com a cabeça.

Confissão — Marquinhos, sobre o primeiro gol do Grêmio: "fui cruzar e fiz o gol". Uma cobrança venenosa. Muriel foi atrapalhado por Kleber que encobriu a sua visão.

Foi bem — Fernando foi o único volante típico, escalado por Caio Júnior. Jogou com imposição e qualidade técnica, jogador preciso.

Prejuízo — Caio Júnior precisou substituir os dois laterais do Grêmio, lesionados, ainda na etapa inicial. Foi um prejuízo e tanto. A saída de Mário Fernandes, aliás, empobrecer o lado direito do Grêmio.

Erro — Gilberto deslocado para o lado e Jô centralizado foi, talvez, um equívoco de Dorival Júnior. Tanto quanto substituir Gilberto e manter Jô, esforçado, mas dispersivo.

ZEROHORA.COM



Seu imóvel no negócio

48 x R\$ 3.995,32
+ Entrada e reforços.

3 dormitórios com 2 garagens.

Plantão no local:
São Luís, 600
9991.9545

Lovely Santana

NNAZALE

Informações referentes ao apto. 912 mais Box. Entrada de R\$ 91.592,13 mais 3 meses de 6 em 6 meses. Correção INCC até entrega. Após IGF, mais 1%. Inscrições meramente ilustrativas.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em wp.clicfbs.com.br/wianeycarlet

VEM AÍ O MAIOR
CAMPEONATO DE
VÁRZEA DO MUNDO.

SABIA MAIS:
WWW.POLAR.RS

Polar
EXPORT

A CERVEJA OFICIAL DO
FUTEBOL DE VÁRZEA.

SE FOR DIRIGIR NÃO BEBA.

CORREIO DO POVO

TERÇA-FEIRA | 21 de fevereiro de 2012 | 23

Esportes

esportes@correiodopovo.com.br

Dez libras para entrar no Parque Olímpico

■ Marcada para o dia 27 de julho, a cerimônia de abertura dos Jogos de Londres poderá ser acompanhada por meio de telões instalados no Parque Olímpico. Quem quiser participar do evento, no entanto, terá que desembolsar 10 libras (cerca de R\$ 27). A decisão do Comitê Organizador dos Jogos revoltou os londrinos. Membro da Assembleia da cidade, Tony Arbou protestou afirmando que é surpreendente ter que pagar para ver televisão. Cerca de 22 mil ingressos serão vendidos.

COI pede maior participação feminina

■ No último dia da 5ª Conferência Mundial Sobre Mulheres e Esporte promovida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), ontem, em Los Angeles, os 800 delegados dos 135 países participantes assinaram um termo sugerindo a maior participação das mulheres nos altos cargos de responsabilidade. O texto da "Declaração de Los Angeles" também comemora a grande participação feminina em Londres, quando a presença de atletas masculinos e femininos será a mesma.



Maria Portela (E) deve ganhar mais posições no ranking mundial após a prata conquistada no GP de Dusseldorf

Judocas encaminham 14 vagas em Londres

Pela primeira vez na história, Brasil deve competir em todas as categorias

Se a contagem dos pontos do ranking mundial terminasse hoje, a seleção brasileira de judô classificaria, pela primeira vez na história da modalidade, uma equipe completa para os Jogos Olímpicos. E como até 30 de abril o cenário não deve sofrer muitas alterações, já é possível afirmar que é apenas uma questão de tempo para que o feito histórico se concretize.

Hoje, o Brasil conta com atletas na zona de classificação dos 14 pesos do judô. Até na categoria

70 kg, que há um ano estava desacreditada, o país terá uma representante. Com a prata ganha domingo no Grand Prix de Dusseldorf, na Alemanha, Maria Portela se aproximou das 14 primeiras colocadas do ranking – até a última atualização da lista, a gaúcha ocupava a 19ª posição.

Assim que forem confirmadas as 14 vagas da seleção de judô, a delegação brasileira para os Jogos de Londres pulará de 148 para 162 classificados. Para que ocorra a confirmação, é preciso

que os brasileiros estejam entre os 22 melhores colocados na lista, no masculino, e no grupo das 14 primeiras do ranking, no feminino. Três judocas da Oi/Sógipta estão entre os prováveis convocados: além de Maria Portela, Felipe Kitadai, no peso até 60kg, e Mayra Aguiar, da categoria até 78kg, líder do ranking mundial.

Pelos critérios da Federação Internacional de Judô, deve ser respeitado o limite de apenas um atleta por nacionalidade em cada uma das categorias do esporte.

Estado e prefeitura assumem obra federal



■ Ao contrário do compromisso assumido durante a campanha pelos Jogos de 2016, o governo federal não tocará as obras do Parque Olímpico e do Parque Deodoro. Pelo acordo que deve ser firmado nos próximos dias com as ministras da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, e do Planejamento, Miriam Belchior, o governo do Estado assumirá a obra do Parque Deodoro. Já a Prefeitura do Rio de Janeiro tocará a construção do Parque Olímpico (foto), coração dos Jogos, em Jacarepaguá.

Em Doha, Jogos serão em outubro

Candidata à sede dos Jogos Olímpicos de 2020 ao lado de Baku (Azerbaijão), Madri (Espanha), Tóquio (Japão) e Istambul (Turquia), Doha promoverá o evento entre 2 e 18 de outubro caso seja a cidade escolhida na eleição de 7 de setembro de 2013. O motivo é simples: o forte calor dos Emirados Árabes. Os organizadores da candidatura ainda garantiram que todas as instalações serão climatizadas.

Esportes na TV

■ 14h45 – ESPN Brasil, futebol, Liga dos Campeões da Europa: CSKA Moscou x Real Madrid
 ■ 17h30 – ESPN, futebol, Liga dos Campeões da Europa: Napoli x Chelsea
 Qualquer alteração na programação é de responsabilidade das emissoras de TV.

(Heia) Blog <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach>

Hiltor Mombach

CARLOS CORRÊA / Interino – carlos.correa@correiodopovo.com.br

Interpretações

Entrevista de Paulo Pelaipe foi um prato cheio para quem adora ficar tentando decifrar qual o sentido por trás de cada frase. Sem Caio Júnior, todas as apostas pareciam estar sendo feitas na direção de Vanderlei Luxemburgo. Só que o diretor de futebol, quase que do nada, começou a tecer elogios para Dunga. E é aí que começam as interpretações: 1) Ao elogiar Dunga, Pelaipe sinaliza que este é o técnico da sua preferência. 2) A intenção seria despistar, tirando as atenções do verdadeiro alvo, Luxemburgo. 3) Falar bem de Dunga seria um recado a Luxemburgo, como um aviso do tipo "não pede uma Bhablônia para assinar que você não é a última Trakinas de morango do pacote".

Custo/Benefício

Tanto Luxemburgo como Dunga são bons técnicos – e é claro que o currículo de Luxa é muito melhor. Só que, na prática, toda contratação traz um certo risco, resta saber quanto se pagará por isso. E nesse quesito, todos sabemos que a conta com Luxemburgo é mais cara.

Explicações

O movimento Grêmio Independente deve protocolar, ainda esta semana, no Conselho Deliberativo um pedido para que o diretor de futebol Paulo Pelaipe explique aos conselheiros questões relacionadas às contratações feitas na temporada e os custos delas.



Tudo fechado

■ O Inter fechou os treinos ontem à tarde no Beira-Rio. A poucos quilômetros dali, no Olímpico, o técnico-interino Roger trabalhava com os jogadores também com os portões fechados. E válido, claro, até porque os treinadores adoram dizer que só assim para treinar jogadas de bola parada, por exemplo. E também para por aí, já que ninguém imagina que tanto Roger como Dorival Júnior possam preparar alguma surpresa para o clássico de amanhã. As escalações ao menos devem ser as mais previsíveis.

Feriado

Quem diria, a eterna festa que é a CBF vai favorecer o Inter. Como o recesso na entidade só termina amanhã, não há tempo para tirar o nome de Oscar do BID. E assim, o meia está garantido no Gre-Nal.

Zorro

Perguntado sobre a possível saída de Ricardo Teixeira da CBF, Andrés Sanchez disse que de só termina amanhã, não há tempo para tirar o nome de Oscar do BID. E assim, o meia está garantido no Gre-Nal.

P&R

■ "Se você tivesse dinheiro suficiente para contratar o Vanderlei Luxemburgo, o Dunga, o Adilson ou o Felipe, qual deles você traria para treinar o Grêmio?" – João Fonseca, Canoas (RS).
 ■ Primeiro, João, vamos deixar uma coisa bem clara. Um técnico de clubes top de linha hoje em dia não ganha menos que R\$ 150 mil – e eu sou da tese que técnicos e jogadores têm mesmo que receber fortunas porque os clubes lucram muito às custas deles. Mas enfim, se eu tivesse, sei lá, R\$ 200 mil e pudesse escolher... Na boa? Eu pagaria a grana, iria para Bora-Bora, esqueceria futebol por uns tempos e só voltava para cá quando desligassem o forno que virou Porto Alegre.

DIOGO OLIVIER diogo.olivier@zerohora.com.br



Sobre Wanderley

A pergunta é: qual Luxemburgo assumirá o Grêmio, se de fato for ele o eleito? Aquela do Palmeiras dos anos 90, o dos duetos mágicos com o Grêmio de Felipão? O campeão invicto da Copa América de 1999 e do Pré-Olímpico de 2000, pela Seleção, com passagem pelo Real Madrid (foto), esta uma façanha? O da triplice coroa do Cruzeiro, quando conquistou o quarto de seus cinco Brasileirões passando dos 100 pontos?

Ou virá o Luxemburgo que a partir de 2005 viu os títulos se esconderem no âmbito regional, com demissões por maus resultados e até ameaça de rebaixamento? Não há como saber. O que se pode afirmar com certeza é: Wanderley Luxemburgo será o treinador de maior currículo e títulos já contratado pelo Grêmio desde a sua fundação.



ARMANDO TERRA/REUTERS

Bateu, levou

As três últimas frases de "Eterno Agradecimento", post escrito por Wanderley Luxemburgo em seu blog, ao deixar o Flamengo:

- Aos que não gostam do meu trabalho, a minha compreensão e respeito. Aos meus desajustes declarados, o meu desprezo.

É uma característica sua. Ele vai para o confronto, se irrita, reclama do árbitro quase sempre, cobra críticas, compra brigas.

Com o colunista Renato Maurício Prado, de O Globo e Sporty, coleciona enfrentamentos ácidos.

Moleado e os russos

Além dos dragões chineses atrás de D'Alessandro, dos europeus que sempre rondam Leandro Damiao e do acordo com Delyr Sonda para manter Kleber, o Inter sofreu assédio russo por Rodrigo Moleado. Aconteceu há 40 dias. A oferta foi de 5 milhões de euros.

O presidente Giovanni Luigi recusou. Apesar das pequenas façanhas, de recusa o rótulo de "dirigente que não vende". Sabe que, na próxima janela de transferência, será difícil escapar. É o modelo do Inter: formar, vender, abrir espaço para o próximo, vender de novo.

Messinfonia

Na Catalunha, é assim. O Barça se confunde com o sentimento de nacionalidade, então quem é de lá abraça a causa de peito aberto. É preciso dar um desconto para o jornal Sport, portanto. Eles torcem mesmo, e ainda alfinetam o Real Madrid. Mas a manchete para os quatro gols de Messi no 5 a 1 sobre o Valencia é bárbara.

O Barcelona é uma orquestra que joga por música, onde cada acorde encontra no argentino a grande inspiração. É a Messinfonia.

ZEROHORA.COM

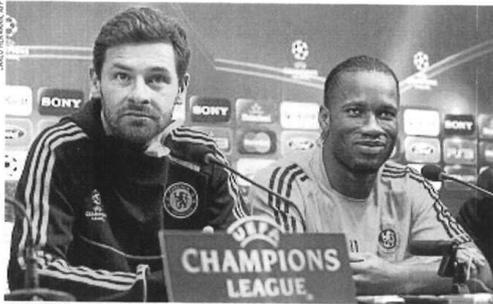
Lêla o blog do Diogo em [link] e no twitter em [link]

VEM AÍ O MAIOR CAMPEONATO DE VÁRZEA DO MUNDO. SAIBA MAIS: WWW.POLAR.RS

A OBRA OFICIAL DO FUTEBOL DE VÁRZEA. SE FOR DIRIGIR NÃO BEBA.

Placar ZH

vitórias faltam para Victoria Azarenka quebrar a marca de Maria Sharapova, que, em 2008, conseguiu a maior série invicta em início de temporada ao ganhar os 18 primeiros jogos.



Técnico do Chelsea, André Villas-Boas (E) aposta no atacante Drogba (D)

Real e Chelsea em campo

Com os favoritos Real Madrid e Chelsea disputando jogos difíceis fora de casa, reconhecem hoje as partidas de ida das oitavas de final da Liga dos Campeões da Europa. As 15h, os espanhóis enfrentam o CSKA Moscou no frio da Rússia (ESPN Brasil e ESPN HD). Já os ingleses, às 17h45min, visitam o Napoli no caldeirão do Estádio San Paolo (ESPN e ESPN HD). Amanhã, o Olympique, de Marselha, recebe a Inter, de Milão, e o Bayern, de Munique, enfrenta o Basel, na Suíça. Com dez pontos de vantagem sobre o Barcelona no Campeonato Espanhol, o Real encaminhou o título nacional. Agora, os comandados do técnico José Mourinho podem se focar no principal objetivo da temporada: a conquista do décimo troféu da história do clube na Liga dos Campeões. Mesmo favorito, pois está com 100% de aproveitamento e não sofreu um gol sequer fora de casa desde o início da competição, o

Oitavas de final

HOJE	CSKA Moscou	x	Real Madrid
	Napoli	x	Chelsea
AMANHÃ	Basel-SUI	x	Bayern, de Munique
	Olympique	x	Inter, de Milão

Real deve ter uma partida difícil na Rússia, onde a temperatura prevista para hoje pode chegar a 10 graus negativos.

Na Itália, a partida entre Napoli e Chelsea pode ser decisiva para o futuro do técnico da equipe inglesa, o português André Villas-Boas. O Chelsea venceu apenas uma das seis últimas partidas que disputou e foi vaiado por sua torcida após o empate em 1 a 1 diante do Birmingham. Já os italianos, que contarão com o apoio da sua fãntica torcida, estão invictos em casa há 11 partidas em competições europeias.

Gaúcho 2012

Camisa 10 do Caxias, Diego Torres está fora do Gaúcho. O jogador teve constatado o rompimento do ligamento cruzado do joelho e precisará operar. A recuperação leva, em média, seis meses. Amanhã, contra o São José-PoA, o time da Serra disputa uma vaga nas semifinais da Taça Piratini. O jogo, no Estádio Centenário, está marcado para as 19h30min. Já dois times que não se classificaram para as quartas de final trocaram de treinador. O Cerâmica, de Gravataí, substituiu Lico Freitas por Hélio Vieira. No Ypiranga, de Erechim, Leocir Dall'Astra assumiu no lugar de Joel Costa.

Internado

Devido a problemas respiratórios, o ex-atacante Eusebio, de 70 anos, uma das lendas do futebol mundial, foi internado pela terceira vez em menos de dois meses. Eusebio já foi atendido em dezembro para tratar uma dupla pneumonia e em janeiro por causa de uma cervicalgia aguda. Nascido em Moçambique, ex-colônia portuguesa, Eusebio, que ganhou o apelido de "Pantera Negra", foi eleito o melhor jogador europeu em 1965. Pela seleção portuguesa, com a qual terminou em terceiro lugar na Copa do Mundo de 1966, marcou 41 gols.

Pugilistas

Os pugilistas ingleses Dereck Chisora e David Haye podem ser presos na Alemanha por conta da briga que protagonizaram durante entrevista, em Munique, no sábado. Chisora é acusado de ter causado dano intencional, o que poderia fazer com que pegasse uma pena de até cinco anos. O pugilista ainda está ameaçado de perder a licença para lutar concedida na Inglaterra. Haye pode ser condenado por até dez anos pela acusação de provocar lesões graves.

Agenda

HOJE: Libertadores – Peñarol x Atlético Nacional, Bolívar x Unión Española e Arsenal Sarandí x Zamora. Italiano – Bologna x Fiorentina. ONTEM: Argentino – Tigre x San Martín*. Espanhol – Zaragoza 0x2 Betis. Português – Vitória de Guimarães 1x0 Benfica.

*Não encerrado até o fechamento da edição

Marca histórica

A vitória do Oklahoma City Thunder sobre o Denver Nuggets foi marcada por uma atuação histórica de três jogadores. Kevin Durant, Russel Westbrook e Serge Ibaka fizeram, juntos, 105 pontos dos 124 anotados pelo Oklahoma, contra 118 do Denver. Durant, ala-pívô, foi o responsável por 51 pontos. Westbrook, armador, anotou 40. O pivô Ibaka fez 14 pontos, apanhou 15 rebotes e ainda bloqueou 11 arremessos. É a primeira vez na história da NBA que um time consegue sair de quadra com um jogador com 50 ou mais pontos, outro com 40 ou mais, e um terceiro atleta com um triplo-duplo (dois dígitos em três fundamentos).

Hoje na TV

- RBS TV (51) 3218-5676
- 12h45min: Globo Esporte
- TVCOM (51) 3218-5676
- 19h2min: TVCOM Esportes
- BAND (51) 2101-0010
- 11h15min: Jogo Aberto
- NET 4004-7777
- SKY 4004-2808
- SPORTV
- 11h45min: C Goll
- 23h: Sportv News
- ESPN
- 17h30min: Liga dos Campeões da Europa, Napoli x Chelsea
- ESPN Brasil (11) 3677-7700
- 14h45min: Liga dos Campeões, CSKA Moscou x Real Madrid
- 23h: Sportcenter
- ESPN HD
- 14h45min: Liga dos Campeões, CSKA Moscou x Real Madrid
- 17h30min: Liga dos Campeões da Europa, Napoli x Chelsea
- 22h: Basquete universitário, Oh USA Illinois x Ohio State
- 0h (quarta-feira): Basquete universitário, MS USA Kentucky x Mississippi State
- BANDSPORTS
- 10h: Liga dos Campeões de Vôlei da Europa, Novosibirsk x Arkas Irmir
- 12h e 23h: Bandsports News

A programação divulgada é de responsabilidade das emissoras e está sujeita a alterações

Bola Dividida



LUIZ ZINI PIRES
 COLUNA EDITORIAL DE ESPORTE
 luiz.zini@zerohora.com.br



WIANEY CARLET
 wianey.carlet@zerohora.com.br



Abaixo de zero

Na grama sintética do Estádio Luzhnik, em Moscou, o Real Madrid enfrentará, hoje, o CSKA, na primeira partida das oitavas de final da Liga dos Campeões 2011/2012. Na hora do jogo, a temperatura deverá roçar os -10°C. Ontem (foto), os espanhóis treinaram com -8°C. A ESPN Brasil exibe a partida às 14h45min. Não é só no Gaúcho que os jogadores enfrentam temperaturas extremas.

Pós-Teixeira

O desconforto dos presidente das federações de futebol dos estados brasileiros, como a gaúcha (FGF), não é com Ricardo Teixeira, no comando da CBF desde 1989. Mas com o processo da sua sucessão, caso se confirme.

A grande maioria não quer ver José Maria Marin, 79 anos, vice-presidente da entidade no comando durante a Copa. Quer novas eleições logo.

Se o pleito chegar, os votos pingarão nas urnas em nome do advogado Marco Polo del Nero, 71, ex-dirigente do Palmeiras e poderoso presidente da Federação Paulista de Futebol. Ele é o candidato favorito das federações.

O gaúcho Francisco Novelletto é um nome forte, mas não tentará nada agora; só em 2015, quando se encerraria a gestão de Del Nero na CBF.

Ontem, muitos duvidavam que Teixeira, que está nos EUA, volte ao Brasil depois do Carnaval. As articulações continuam.

Avaliação

O departamento de árbitros da FGF deu nota oito (em média) aos juizes, entre jovens e mais experientes, que apitaram os jogos da primeira fase da Taça Piratini.

O árbitro que ganhou os maiores elogios foi Anderson Daronco, que é de Santa Maria e recém chegou aos 31 anos de idade.

Solidão

O presidente Paulo Odone está muito pressionado no Olímpico. Seu poder político no Grêmio nunca foi tão frágil.

Coleção

Em 13 meses, o Grêmio busca seu quinto técnico.

Inflação

Preço da nova camisa da Nike do Inter em loja especializada da Capital: R\$ 249.

Tiro curto

Dos oito classificados para a fase final da Taça Piratini, três são da Capital (Inter, Grêmio e São José), três da Serra (Caxias, Juventude e Veranópolis), um do Vale do Sinos (Novo Hamburgo) e outro do Vale do Taquari (Lajeardense). A viagem mais longa será a do São José, que rodará 134 quilômetros para enfrentar o Caxias, amanhã.

Televisão

Nas receitas de venda dos direitos de TV, a Dupla estacionou nos R\$ 55 milhões per capita nesta temporada, os mesmos valores de Fluminense, Botafogo, Cruzeiro e Atlético-MG. Os gaúchos estão no Grupo Três, acima de Bahia, Coritiba, Atlético-PR, entre outros, mas bem abaixo dos líderes Flamengo e Corinthians (R\$ 84 milhões) e de São Paulo, Vasco, Palmeiras e Santos (R\$ 75 milhões).

Folga

Os times brasileiros da Libertadores não entram em campo nesta semana.

Gre-Nal

A decisão da Taça Piratini pode ter sido antecipada para as quartas de final. Por mais que os clubes do Interior mereçam respeito e especial consideração de todos, Inter e Grêmio sempre despontam como favoritos no Gaúcho. Amanhã tem Gre-Nal, no Estádio Beira-Rio, e, como qualquer clássico, o favoritismo pode se desfazer pelo comportamento combativo do desafiante. Para este jogo, o Inter é o favorito e o Grêmio o time que desafia este favoritismo. Alguns indícios objetivos apontam o Inter como a equipe melhor preparada para vencer a decisão na Quarta-Feira de Cinzas. Exemplos:

- Classificação – O Inter terminou esta fase em primeiro lugar e o Grêmio só conseguiu a quarta e última vaga do seu grupo porque o Cruzirinho perdeu seis pontos no tapetão.
- No último Gre-Nal, realizado no Olímpico, os titulares do Grêmio não conseguiram vencer os reservas do Inter. Deu empate.
- Na rodada de sábado passado, o time principal do Grêmio foi derrotado pelo São José no Estádio Passo d'Arca enquanto os reservas colorados bateram o Pelotas no Beira-Rio.
- O Inter tem um time pronto e entrosado enquanto o Grêmio ainda está contratando e recebendo reforços. Faz muita diferença.
- O Inter é, pois, favorito, mas, claro, sem garantia de vitória.

Segunda esposa

– Diz-se que a primeira esposa constrói e a segunda desfruta. O substituto de Caio Júnior contará com um ou dois zagueiros experientes, Souza, Christian Rodriguez e Bertoglio enquanto Caio Júnior teve que se virar com Gilberto Silva, Marquinhos, Grolli, Naldo e Marco Antônio, entre outros. Caio foi a primeira esposa.



Calor – A reportagem da Rádio Gaúcha mediu a temperatura, ao sol, antes, durante e no início da etapa final dos jogos de sábado passado, em Porto Alegre. Os termômetros apontaram mínima variação. Significa que começando às 16h20min ou às 18h, não faria diferença alguma. Marcar jogos para as 21h de um sábado de Carnaval também geraria protestos indignados de muitos torcedores gaúchos. Qual seria a melhor solução? Na verdade, restaria apenas uma: não realizar jogos diurnos no Rio Grande do Sul durante o verão. E não ter, por efeito, Campeonato Gaúcho. Resumindo: não existe boa solução.

Perguntinhas – Cláudio Duarte, ex-treinador de Grêmio e Internacional, entre outros clubes, analista esportivo e palestrante motivacional, envia indagações interessantes:

- Maior competição entre clubes de todo o mundo (Liga dos Campeões da Europa) tem partidas em gramado sintético.
- Copa Sul-Americana de Clubes tem partidas em gramado sintético.
- Campeonato Italiano (entre os quatro maiores torneios do Mundo) tem partidas em gramado sintético.
- A Liga Europa tem partidas em gramado sintético.

Questões:

- Por que valorizar as desculpas, dando eco às mesmas?
- O gramado sintético do São José, de Porto Alegre, não é padrão Fifa?
- Trabalhar as 16h20min é crime? Ou vamos antes perguntar aos agricultores, aos operários da Arena e a tantos outros?

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Zini em www.zerohora.com/blog/zini siga Luiz Zini Pires pelo Twitter em @blogdozini

NA TIM, QUANTO MAIS AMIGOS, MELHOR.
É PRA TI: O QUE #QUANTOMAISEMELHOR?

Envie um tweet dizendo o que #QUANTOMAISEMELHOR no veranico gaúcho e concorra a prêmios. Saiba mais em WWW.TIM.RS

TIM. PATROCINADORA OFICIAL DA DUPLA GRE-NAL.

TIM
 Você, sem fronteiras.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em www.zerohora.com.br/wianeycarlet

CORREIO DO POVO

Vice-presidente do COI deixa o cargo

■ A decisão do governo italiano de não apoiar a candidatura de Roma à sede dos Jogos de 2020 motivou a renúncia do vice-presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Mario Pescante. O italiano, cujo mandato terminaria no próximo ano, justificou a saída afirmando que a desistência criou uma situação embaraçosa para ele no COI. "O primeiro-ministro não compartilhava nossa ideia de que os Jogos poderiam servir como investimento", explicou Pescante.

Esportes

esportes@correiodopovo.com.br



QUARTA-FEIRA | 22 de fevereiro de 2012 | 19

Mais uma vaga olímpica

■ O número de brasileiros garantidos em Londres subiu para 149 após as eliminatórias da Copa do Mundo de saltos ornamentais. César Castro ficou em 18º no trampolim de 3 metros e avançou à semifinal, que ocorre hoje. Ele ainda terá que ser convocado, já que a vaga é do país, e não do atleta.



Campeão das duas últimas temporadas da Fórmula 1 foi o melhor no primeiro dia de testes no circuito de Montmeló

Dono dos títulos da F-1 de 2010 e 2011, o alemão Sebastian Vettel estabeleceu o melhor tempo no primeiro dia da segunda série de testes coletivos, ontem, no circuito da Catalunha – um resultado mais do que esperado, já que o modelo RB8-Renault tem se mostrado veloz, regular e confiável. A surpresa foi mesmo a Lotus, do campeão do mundo de 2007, o finlandês Kimi Raikkonen, que abandonou o treino que se estenderá até a próxima sexta e só voltará a testar no último período, de 1º a 4 de março, também em Barcelona.

James Allison, diretor técnico da Lotus, não especificou o problema, mas muito provavelmente se trata de um falha estrutural no monocoque, componente central do carro. O fato surpreende em função, principalmente, de no ensaio de Jerez de la Frontera, no início do mês, Raikkonen e seu companheiro, o francês Romain Grosjean, terem deixado

uma boa impressão do modelo E20-Renault. Enquanto isso, as equipes que permanecerem realizando os testes coletivos terão a oportunidade de tentar descobrir os detalhes que fazem do modelo RB8, desde já, um monoposto bastante eficiente. Ontem, por exemplo, ficou claro que os componentes da suspensão traseira são carenados. Eles direcionam os gases do escapamento para a porção inferior do aerofólio traseiro. O efeito é o aumento da velocidade de escoamento do ar na área, sob o aerofólio, reduzindo a pressão aerodinâmica. A solução do projetista da Red Bull, Adrian Newey, deverá ser copiada em breve pelos concorrentes.

Foi ela que ajudou Vettel a registrar 1min23s265 na melhor das suas 79 voltas no traçado catalão de 4.655 metros. Hoje, o espanhol Fernando Alonso volta a pilotar a Ferrari F2012 e, nos dois dias seguintes, será a vez de Felipe Massa.

Dupla conquista 50ª vitória na classe Star

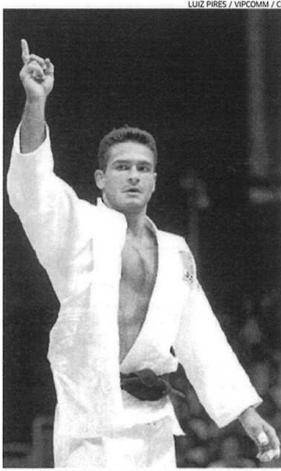
■ Invictos há um ano, Robert Scheidt e Bruno Prada garantiram mais uma conquista, ontem, na represa de Guarapiranga, em São Paulo. Os velejadores da classe Star venceram o Campeonato Paulista como parte da preparação para Londres. O título, o 50º ganho pela dupla, veio depois de seis vitórias em seis regatas.

Guilheiro também chega à liderança

Depois da gaúcha Mayra Aguiar, que assumiu a primeira colocação da categoria até 78 kg com a medalha de ouro conquistada no Grand Slam de Paris, ontem foi a vez de Leandro Guilheiro chegar ao topo do ranking mundial no peso até 81 kg.

O judoca, que treina forte para o Pan-Americano de abril, no Canadá, nem precisou subir no tatame para chegar à ponta. "Estou muito tranquilo. Desde dezembro, por causa dos descartes, eu já sabia que seria o número 1. É legal ser o primeiro do ranking, mas não era o meu objetivo. O objetivo era classificar para a Olimpíada", disse.

Guilheiro chegou aos 1.390 pontos, superando o então melhor judoca da categoria, o sul-coreano Jae-Bum Kim, que agora tem 1.346. Bronze em Atenas-2004 e em Pequim-2008, o judoca



Assim como Mayra, Guilheiro agora é o número 1

Esportes na TV

- 14h55 – ESPN Brasil, futebol, Liga Europa, Manchester City x Porto
 - 15h30 – Sportv, futebol francês: Sochaux x Lille
 - 17h30 – ESPN Brasil, futebol, Liga dos Campeões: Base x Bayern Munique
 - 17h30 – ESPN, futebol, Liga dos Campeões: Napoli x Chelsea
 - 19h30 – Sportv, futebol, Paulistão: Santos x Comercial
 - 19h30 – Premiere, ppv, futebol, Gaúcho: Caxias x São José
 - 20h45 – Fox Sports, futebol, Libertadores: Universidad de Chile x Godoy Cruz
 - 22h – Premiere, ppv, futebol, Gaúcho: Inter x Grêmio
 - 23h00 – Fox Sports, futebol, Libertadores: Vélez x Chivas
- Qualquer alteração no programação é de responsabilidade das emissoras de TV.



<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach>

Hiltor Mombach

CARLOS CORRÊA / Interino – carlos.correa@correiodopovo.com.br

Obsessão

As primeiras fundações da Arena ainda não estavam prontas e a direção do Grêmio já tinha uma obsessão: disputar a Libertadores no primeiro ano do novo estádio. Caio Júnior, em momento algum passava a segurança de que a vaga estaria assegurada. Quando o cargo ficou novamente livre, outros nomes foram cogitados no Olímpico. Há gente muito importante e influente na direção que queria porque queria Dunga na casamata. O presidente Paulo Odone achou melhor não arriscar novamente e fincou pé em Luxemburgo. Das opções disponíveis no mercado, é o nome que mais minimiza os riscos que sempre são inerentes a qualquer contratação que seja feita.

O tempo passa

Anote aí na agenda. Se ambos avançarem, Grêmio e Palmeiras se enfrentam pelas semifinais da Copa do Brasil dia 13 ou 20 de junho no Olímpico. Felipão na casamata do adversário e Luxemburgo na tricolor. Quem cogitasse isso em 1995 seria chamado de lunático.

Terrorismo

Tenho a nítida impressão de que o Grêmio sabe que Oscar tem condições legais para jogar o Gre-Nal de hoje. Mas nem por isso o clube abriria mão de fazer um terrorismo psicológico, afirmando que cabe ao Inter analisar as consequências jurídicas que podem surgir.



MAURO HORITA / AE/CP

Mais fortes e mais previsíveis

■ O instituto alemão IFFHS divulgou ontem a relação do que, para eles, são os mais fortes campeonatos nacionais do mundo. O Brasileirão está em quarto, atrás do inglês, espanhol e italiano. Não sei que critérios eles levam em conta, mas fiz um levantamento rápido aqui no qual a gente percebe que os tais "melhores" são na real "previsíveis", já que sempre ganham os mesmos times. Nos últimos dez anos, o Brasileirão teve seis diferentes campeões. Já Inglês, Italiano e Espanhol tiveram três. Certo está o Muricy Ramalho quando diz que o Brasileirão é o mais difícil do mundo.

Gre-Nal

A contratação de Luxemburgo acabou deixando o clássico em segundo plano no início da semana. *Meno male* que agora todas as atenções se voltam para dentro de campo. Onde, hoje, o Inter é favoritíssimo.

Material girl

Rola na Internet o papo de que o show de inauguração da Arena seria com a cantora Madonna. Ligo para Eduardo Antonini, presidente da Grêmio Empreendimentos. "Nada definido sobre o show", ele responde.

P&R

■ "Bom-dia, meu caro Carlos. Escrevo para perguntar se você acha que haverá um crescimento no setor de manicures em Porto Alegre em virtude das recentes contratações feitas pelas equipes gaúchas. Um abraço" – Jorge T. Lee, Foz do Iguaçu (PR).

■ Muito esportinho, Jorge. Primeiro, façamos justiça: pelas equipes gaúchas não, né. É uma só e ela fica pras bandas da Azenha. Olha, o que eu vou te dizer? Se a chegada do reforço azul contribuir para o aumento do número de empregos de nossa prezada Capital e a expansão de um mercado, que assim seja. A hora é agora, gurias!



Oscar em campo

Antes de o Gre-Nal começar, Oscar foi um dos personagens da semana. O Inter assegura a sua escalação no clássico. O Grêmio trata de fazer pressão psicológica e ameaça ingressar no TJD pedindo os pontos do jogo. Ontem, no Olímpico, chegou a circular uma suposta resposta da CBF sobre a situação legal de Oscar.

Por que sim?

Rogério Pasti
diretor jurídico do Inter

"Ele tem contrato em vigor com o Inter e está registrado no BID (Boletim Informativo Diário, da CBF) como nosso jogador. O acórdão do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo não manda reverter o registro dele, do Inter para o São Paulo, mas, sim, diz que o contrato entre ele e São Paulo é válido, e não nulo", para fins de mensurar a indenização que será revertida em favor do vencedor da ação (o contrato original entre São Paulo e Oscar é válido até 5 de dezembro, e a multa rescisória é de R\$ 9 milhões). Com todo o respeito ao Grêmio, acredito que eles tentaram passar de fase dentro de campo, não se valer mais uma vez das decisões do Tribunal. Mas, se for o entendimento do Grêmio representar o Inter ou o atleta, estaremos prontos para a defesa. Comprovando, mais uma vez, como já foi feito pela CBF e pela Conmebol, a regularidade da inscrição do jogador e, portanto, a sua correta condição de jogo, tanto na Libertadores quanto no Gaúcho."



FERNANDO GOMES, 80, PIRATINI

Por que não?

Kalil Abdalla
diretor jurídico do São Paulo

"É perigoso, para o Inter, utilizá-lo. O Inter pode se incomodar. Enquanto ele não tiver ganho de causa na Justiça, o assunto não se encerrará. O Inter corre, sim, o risco de perder os pontos, pois há essa decisão judicial que determina que o contrato dele com o Inter não tem mais valor. Antes, em primeira instância, o nosso contrato com ele foi determinado como irregular. Agora, não mais. Não tem o que se discutir. Mas advogados gostam de brigar, é normal. Se eu fosse do Inter, não o escalaria. O argumento do Inter, alegando que enquanto ele estiver no BID pode jogar, porém, é forte. Já pedimos à CBF para retirar do BID o contrato dele com o Inter, mas isso ainda não foi feito. Nem o será amanhã. É Quarta-feira de Cinzas, imagine se eles vão trabalhar no Rio. A verdade é que ainda não começou a correr o prazo para o cumprimento do acórdão. Começa amanhã (hoje), mas acredito que a CBF fará a alteração no BID somente na quinta."

DIÓGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br



O estreante

Não poderá haver terra arrasada para nenhum lado em caso de eliminação no Gre-Nal de hoje, disputado sob o impacto do anúncio de Wanderley Luxemburgo no Grêmio. Há o retorno para recuperar o prejuízo. Mas Gre-Nal nunca é algo menor. É sempre diferente. Por isso será assim - diferente - também a minha coluna, que tratará de **Fabrizio Neves Corrêa**, 37 anos, árbitro estreante em clássicos. Ah: confira no blog a entrevista completa com ele. Fabrizio é um bom papo.



DAVAL MACHADO DO OLÍMPICO

Uma boa ideia

Ontem choveu uma chuva abençoada no meio da tarde, o que talvez elimine a sensação de que vivemos dentro de um forno ligado no máximo durante o verão. Mas, se o bafo voltar, hipótese jamais descartada em Porto Alegre, o árbitro do Gre-Nal e personal trainer tem a solução: deixar a camiseta do uniforme na geladeira e só tirá-la para entrar em campo. Se a geladeira tiver freezer, melhor. Fabrizio diz que é uma maravilha. Vou experimentar. Transformar o congelador em guarda-roupa é uma ideia tentadora.

O time do coração

Chegará o dia em que um árbitro gaúcho poderá revelar o time do coração? Fabrizio acha que nunca. Ele está certo. Se você diz o time que torce, o time que um dia simpatizou ou ainda o que achou que torcia, a contaminação é imediata. O risco de o olhar sobre o seu trabalho ganhar o filtro da cor clubística é grande. Nem todo mundo que gosta de futebol precisa ter um clube desde sempre, apesar de os fundamentalistas te ameaçarem por pensar assim. Então, Fabrizio é IPA, onde estudou e foi zagueiro.

Bate-papo com o árbitro

O que você pedirá aos capitães?
Que ajudem, monitorando seus times na parte disciplinar.
É o jogo mais importante da sua carreira?
No momento, sim. Arbitragem é momento.
Você apita muitas faltas ou deixa o jogo rolar?
Deixar o jogo rolar é subjetivo. Tento cumprir as 17 regras.
Algo especial na preparação para o Gre-Nal?
Normal. Já entrei em contato com o quinteto.
Quinteto?
Serão cinco árbitros: eu, os dois auxiliares e mais dois atrás das goleiras. Não tem sido assim sempre, mas no Gre-Nal será. No mais, é descansar e terminar de ler este Luis Fernando Veríssimo (o romance *Décima Segunda Noite*).

O serviço do clássico

Gaúcho - Taça Piratini - Quartas de final - 22/2/2012



Arbitragem

Fabrizio Neves Corrêa, de 37 anos, é professor de educação física e estreante em Gre-Nal. Será auxiliado por Altemir Hausmann e José Javel Silveira.

O jogo no ar

A **GAÚCHA** transmite a jornada a partir das 21h.

A **TV P&B** passa o Gre-Nal ao vivo para todo o Estado.

Ingressos tricolores

Arquibancada inferior, R\$ 60; arquibancada superior, R\$ 70. Venda a partir das 9h na bilheteria social do Olímpico. Não haverá privilégio para associado. São 2,8 mil ingressos destinados ao Grêmio.

Ingressos colorados

A venda de ingressos no Beira-Rio começará a partir das 14h, na bilheteria C. A partir das 17h, as entradas também serão vendidas na bilheteria G. O preço dos ingressos: cadeira numerada R\$ 80; arquibancada inferior, R\$ 60; e superior R\$ 70 (sócios têm 50% de desconto). Os portões serão abertos às 19h.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/pt/blog e no twitter em [ptcolague](https://twitter.com/ptcolague)

VEM AÍ O MAIOR CAMPEONATO DE VÁRZEA DO MUNDO.
SAIBA MAIS: WWW.POLAR.RS
A BEVA OFICIAL DO FUTEBOL DE VÁRZEA.
SE FOR DIRIGIR NÃO BEBA.

Bola Dividida



LUIZ ZINI PIRES
 COLUNISTA DE FÉRIAS E FOLGAS
 luiz.zini@zerohora.com.br



WIANEY CARLET
 COLUNISTA DE FÉRIAS E FOLGAS
 wianey.carlet@zerohora.com.br



Douglas real

Com status de líder do time, Douglas, 30 anos, jogava no Grêmio sem medo da balança e o peso era segredo de Estado.

No Corinthians, onde é reserva do ex-colorado Alex, não só lembrou que está 1,5kg acima do peso ideal, como aceitou naturalmente a ausência da lista de jogadores que enfrenta, hoje, a Portuguesa, no Pacaembu.

– Ele mesmo já disse que está um pouco acima do peso. Mas perdeu bastante desde que chegou aqui (São Paulo) – informou o preparador Fábio Mahseredjian, ex-Inter. Douglas precisa melhorar arranque, velocidade e resistência. Tite não pediu o jogador. A contratação foi ordem da diretoria paulista.

Notícia

Wanderley Luxemburgo no Grêmio foi tema em sites esportivos da Europa.

Incrível!

Média de Messi na temporada: 1,05 gol por jogo ou 42 sacudidas de rede em 40 apresentações.

Rotina

Raros são os clubes de ponta (ou não) que garantem um período de adaptação aos treinadores recém contratados. A Itália, neste caso, imita o Brasil. Em 24 rodadas da Série A, 13 treinadores foram demitidos. Vinte clubes disputam o campeonato.

Atenção

A BM está preocupada com a torcida gremista no Gre-Nal. Vai reforçar o policiamento no Beira-Rio e no Olímpico, especialmente depois do jogo.

Experiência

Árbitro de três Copas, hoje comentarista da FOX, Carlos Simon vê Fabrício Corrêa, 37 anos, no melhor momento da carreira de 10 anos. "É o jogo que faltava. Se for bem, vai crescer muito", diz o ex-árbitro por telefone, desde o Rio, onde trabalha.

Simon lembra que Corrêa, estreante em Gre-Nal, fez um ótimo Brasileiro em 2011 e que é um árbitro mais técnico (seu forte) e menos disciplinador (uma carência): "Acho que o bandeirinha Allemir Hausmann, que é da Fifa, vai conversar com ele. No Gre-Nal é preciso muita, mas muita atenção com os jogadores". Nos cálculos de Simon, Corrêa é o quarto árbitro gaúcho, atrás de Leandro Vuaden, Márcio Chagas e Jean Pierre Lima. "Mas tem todas as armas para fazer um grande clássico", reforça.

Sem Gre-Nal

Márcio Chagas fazia um excelente Brasileiro no ano passado. Sofreu uma lesão muscular em setembro. Só reapareceu em janeiro, no Gaúcho. Entrou nos sorteios dos dois clássicos da temporada. Perdeu ambos. Aliás, o problema muscular de Chagas, em 2011, abriu espaço para Fabrício Corrêa trabalhar no Brasileiro. A CBF gostou dele.

Boa cabeça

Pessoas próximas a Oscar não notam sinais de intranquilidade no jogador nestes dias de duelo entre Inter e São Paulo na Justiça. Todos elogiam seu comportamento.

Nas férias, quando casou, em São Paulo, não pediu presentes. Solicitou cestas básicas a famílias necessitadas em Americana (SP). Ai, somou 2,5 toneladas de alimentos.

Gladiador

Kleber é fã do futebol de Fernando e Mário Fernandes. É só elogios.

Negócios

Os dois maiores empresários do futebol gaúcho, Gilmar Veloz e Jorge Machado, trabalham forte ao lado do Grêmio.

Gre-Nal de interinos

Considerando profissionais que são efetivos nos seus cargos, o Gre-Nal desta noite estará repleto de interinos. Roger Machado é o mais ilustre deles. Orientará o Grêmio sabendo que apenas guarda lugar para Wanderley Luxemburgo. Oscar também jogará, momentaneamente, na condição de interino. Ninguém sabe se a Justiça do Trabalho manterá o craque no Beira-Rio ou determinará a sua volta para o São Paulo. O Grêmio segue contratando. Esta noite, jogam os interinos de Bertoglio, Christian Rodriguez e dos zagueiros que virão. No Inter, Dorival Júnior escalará os interinos de Tinga, Nei e Guinazu. Será, portanto, um clássico de muitos interinos, fato que, de certa forma, torna as equipes, se não iguais, pelo menos não tão diferentes.

Peso extra

Está depositada sobre os ombros de Dorival Júnior a carga pesada de ter que encarar o Gre-Nal na condição de favorito. Se vencer, só terá cumprido o dever. Se perder, contudo, terá caído para um adversário que está, momentaneamente, em condição inferior. Do outro lado, Roger Machado vai levinho para o clássico. Se ganhar, terá sido uma proeza e tanto. E se perder, desde que não seja por goleada, terá sido um resultado aceitável. A comparação focando os dois treinadores vale, também, para os times.



Celebridade – Wanderley Luxemburgo, mais do que um grande treinador, é uma celebridade. Nem sempre o seu nome esteve associado a boas atitudes, mas, certamente, construiu sua imagem de competência por conta de muitos títulos, ideias próprias, avançadas e uma capacidade singular de comunicação. O Grêmio contrata um ótimo profissional, que não é, todavia, um Houdini. Para levar o Grêmio ao encontro do seu passado de conquistas, precisará de material humano qualificado. Será respeitado no vestiário e cumprirá contrato até o fim.

Público – Como tem sido, menos de três mil ingressos serão destinados ao torcedor gremista. É possível, até provável, que nem todos sejam vendidos. E os colorados, preencherão o seu espaço, no Beira-Rio?

Protesto – Antes mesmo que o Gre-Nal seja jogado, impõe-se uma dúvida: o Grêmio protestará contra a inclusão de Oscar? No Beira-Rio, acredita-se, firmemente, que enquanto o nome de Oscar constar no BID como jogador inscrito pelo Inter, poderá ser escalado sem riscos. Gremistas ilustres, porém, defendem que a publicação do acórdão já coloca Oscar em condição irregular por ter contrato com dois clubes. O tapetão ainda será o foco de muitas discussões.

Não enrola – Paulo Pelaipe tem exercido a sua função de diretor executivo com elogável transparência. Não revela tratativas negociais, mas se os repórteres descobrem algum negócio em andamento, ele não nega. Tampouco dissimula situações desconfortáveis. Nos últimos dias, com franqueza absoluta, tem manifestado aos microfones sua inconformidade com o fato de o Grêmio só ter alcançado classificação para as quartas de final do Gaúcho pelo fracasso do Cruzeiro no tapetão que lhe retirou seis decisivos pontos. Pelaipe não teme a verdade.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Zini em www.zerohora.com/blog/zini, siga Luiz Zini Pires pelo Twitter em @biogozini

Quer viver feliz em Gramado?
 Você tem mais 2 chances.

VALE DAS HORTENSÍAS

Só mais 2 unidades

2 e 3 dormitórios
 Rua Bela Vista, 55 - Fone 51 9814.0473
 Ao lado do Hotel das Hortênsias

NAZALE
 Imóveis em Gramado - Cidades do Sul
 Unidade comercial: www.nazale.com.br

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em wp.ric05.com.br/wianeycarlet

30 ■ QUINTA-FEIRA | 23 de fevereiro de 2012

Esportes

esportes@correiopovo.com.br
 Editor interno: Carlos Corrêa
 Editor assistente: Rafael Peruzzo



http://www.correiopovo.com.br
 /blogs/hiltormombach

Hiltor Mombach

CARLOS CORRÊA / Interino - carlos.correa@correiopovo.com.br

Vontade

Se um time é melhor, mais técnico, tem melhores jogadores ou não, tudo isso conta em uma partida de futebol, e muito. Mas só isso não basta. É preciso querer vencer. A história do Gre-Nal está recheada de exemplos em que o favoritismo se desfaz quando a bola rola. Ontem, não foi preciso mais do que meia dúzia de minutos para que se percebesse quem queria mais a vitória. O Inter jogava com a empolgação de quem se aquecia em um bobinho. Os jogadores do Grêmio iam para cada dividida acreditando que, em caso de uma má jornada, seriam chamados no RH para serem comunicados da dispensa. Só vontade não ganha jogo. Mas quem quer ganhar está bem mais perto da vitória.

Roger

Que não se faça a mesma injustiça daquele Gre-Nal de Rivera, quando a vitória foi atribuída a Renato Portaluppi, que até no hotel ficou. Assim, que não se atribua o sucesso gremista ontem a Vanderlei Luxemburgo. Quem mudou a cara do Grêmio foi Roger Machado.

Pedreira

A classificação no Gre-Nal ontem tem que ser comemorada pelos gremistas. Mas é bom que se diga que, para conquistar a Taça Piratini, tem uma pedreira depois de amanhã. O Caxias venceu com autoridade de São José por 2 a 0 e vai jogar a semifinal em casa.

Técnicos

■ Dia de Gre-Nal. Como acontece em todos os clássicos, a imprensa passa o dia no hotel onde os dois clubes ficam concentrados. Qual não foi a surpresa dos repórteres quando perceberam que no mes-



PAULO NUNES

mo hotel onde estavam os jogadores do Grêmio, também estava hospedado o recém-saído Caio Júnior. Que, claro, chamou também a atenção dos fotógrafos que registraram a chegada dele. Foi quando o treinador se irritou e questionou por que estavam batendo fotos dele, que não havia motivos para tal. Antes de ser treinador, Caio Júnior também foi jogador. Ou seja, são anos suficientes de prática no mundo do futebol para saber que, sim, ele ainda é notícia, ainda mais se tendo sido demitido no domingo, aparece no mesmo hotel onde está toda a delegação gremista na quarta-feira. Bem mais calmo, por motivos óbvios, quem apareceu por lá foi Vanderlei Luxemburgo, que teve então o seu primeiro contato com o grupo de jogadores que passa a dirigir hoje.

Ainda Teixeira I

Versão que corria nos bastidores ontem a respeito do presidente da CBF. O Ministério Público e a Polícia Federal estariam investigando Ricardo Teixeira. Como a informação chegou também ao dirigente, ele que não é bobo nem nada, não deve retornar ao país. Mas isso não significa renúncia. Teixeira pode só licenciar-se da CBF.

Ainda Teixeira II

Por que licenciar-se? Porque uma renúncia deverá ter como consequência uma nova — e imprevisível — eleição. Já a licença garantiria José Maria Marin no poder, o que, na prática, significa Marco Polo Del Nero, presidente da Federação Paulista de Futebol no poder. E assim, mesmo de longe, Teixeira teria um aliado no comando.

P&R

■ "Caio Júnior, quando chegou ao Grêmio, disse que queria montar um time à la Barcelona. Falcão, quando chegou ao Inter, disse que queria montar um time à la Barcelona. Tu não achas que, em nome do planejamento eficiente dos clubes, quando um treinador chegar afirmando querer montar um time à la Barcelona, ele já deveria ser demitido logo após sua apresentação?" — Rodrigo Fattori, Farruquilha (RS).

■ Não, Rodrigo. Mas com uma condição. Desde que ele seja o Guardiola e traga consigo o Xavi, o Iniesta e aquele outro lá, o Messi.

Novidades nas provas hípicas

■ O calendário de provas da Sociedade Hípica Porto-alegrense (SHPA) terá duas novidades em 2012. Um novo torneio, chamado Summer Jumping, começa a ser disputado no sábado, na pista de grama. Cavaleiros e amazonas vão saltar em quatro provas: 0,95cm, 1,05cm, 1,15cm e 1,25cm, a partir das 14h. São esperados 100 conjuntos.

Marta volta a jogar na Suécia

■ A jogadora brasileira Marta foi apresentada ontem como reforço do Tyresö, da Suécia. A atacante, que por cinco vezes ganhou o prêmio de melhor do mundo da Fifa, acertou contrato de um ano. Marta disse estar feliz por "voltar a sua segunda casa". Ela atuou no futebol sueco entre os anos de 2004 e 2008, na equipe do Umea.

Caxias bate São José e vai às semifinais

■ ALFREDO POSSAS | possas@correiopovo.com.br

OCaxias confirmou o favoritismo e se classificou para uma das semifinais da Taça Piratini ao derrotar o São José por 2 a 0, ontem à noite, no estádio Centenário, em Caxias do Sul. Contando com o apoio da torcida, que compareceu apesar da chuva em Caxias do Sul, o time da Serra foi melhor no primeiro tempo, quando dominou e criou as melhores oportunidades de gol. Mas só conseguiu abrir o escore aos 32 minutos, quando o lateral-direito Michel cruzou para a área, o atacante Vanderlei subiu no meio da defesa do Zequinha e colocou no canto direito da meta defendida pelo goleiro Tiago Volpi, 1 a 0.

O Caxias voltou do intervalo com a intenção de administrar a vantagem e tentar o segundo gol em um contra-ataque. O time da Capital reagiu, equilibrando as ações e tentou empatar, mas não conseguiu boas finalizações. O jogo prosseguiu igual quase até o final, quando o lateral-esquerdo Fabinho disparou em um contra-ataque e cruzou para Juninho escorar de cabeça e marcar mais um, aos 44 minutos. Após o segundo gol, a torcida do Caxias fez a festa no estádio Centenário.



Vanderlei marcou o primeiro gol na vitória do Caxias

Vasco na final da Taça Guanabara

O Vasco da Gama derrotou o Flamengo por 2 a 1, ontem à noite, no Engenhão, e decidirá a Taça Guanabara — o primeiro turno do campeonato estadual do Rio de Janeiro — com o vencedor de Botafogo x Fluminense, que fazem a outra semifinal hoje, às 21h, também no João Havelange.

Até então invicto em clássicos no Engenhão, o Flamengo largou na frente com um gol de Wagner Love, de fora da área, aos 12 minutos de jogo. Aos 14, o veterano Juninho Pernambucano chutou da intermediária, Felipe largou nos pés de Alessandro, que empatou. Diego Souza fez o gol da vitória aos 33 minutos da etapa final.

No Paulistão, o Corinthians isolou-se na liderança com a vitória de 2 a 0 sobre a Portuguesa, ontem à noite. Mas o Palmeiras pode chegar aos mesmos 23 pontos se ganhar hoje do Oeste.

Demais resultados do ontem: Mogi Mirim 1 x 0 São Caetano, Ponte Preta 1 x 0 Ituano, Paulista 0 x 1 Botafogo, Linense 1 x 1 Mirassol, Santos 2 x 0 Comercial e Braganantino 3 x 3 São Paulo. Hoje, além de Palmeiras x Oeste, tem Guarani x XV de Piracicaba, Catanduvense x Guaratinguetá, Catarinense Hermann Aichinger 2 x 2 Chapecoense, Metropolitano 1 x 2 Criciúma, Joinville 3 x 0 Avaí, Figueirense 4 x 0 Brusque.

Strongest recebe o Juan Aurich

The Strongest e o Juan Aurich abrem hoje a 2ª rodada do Grupo 1 da Libertadores, no estádio Hernando Siles, em La Paz, na Bolívia, às 22h45min (de Brasília). As duas equipes são adversárias de Inter e Santos, que se enfrentarão no dia 7 de março, na Vila Belmiro. Ainda hoje jogam pelo Grupo 3, Universidad Católica x Junior Barranquilla.

Na terça-feira, em Montevideo, o Peñarol foi goleado pelo Atlético Nacional, 4 a 0. Os outros jogos: Cruz Azul 4 x 0 Deportivo Toluca; Bolívar 1 x 3 Unión Española; Arsenal 3 x 0 Zamora.

Esportes na TV

- 16h — ESPN Brasil, futebol, Liga Europa: Valencia x Stoke
 - 16h — ESPN, futebol, Liga Europa: Athletic Bilbao x Lokomotiv Moscou
 - 16h — ESPN, futebol, Liga Europa: Manchester United x Ajax
 - 18h — ESPN Brasil, futebol, Liga Europa: Atlético de Madrid x Lazio
 - 19h — SporTV, basquete masculino, NBB: Tijuca x São José
 - 21h — SporTV, futebol, Paulista: Guarani x XV de Piracicaba
 - 21h — SporTV 2, basquete masculino, NBB: Fla x Joinville
 - 20h30 — Fox Sports, futebol, Libertadores: Olimpia x Lanús
 - 22h45 — Fox Sports, futebol, Libertadores: Universidad Católica x Junior de Barranquilla
 - 23h15 — Space, basquete NBA: NY Knicks x Miami Heat
- Qualquer alteração na programação é de responsabilidade das emissoras de TV.

PAGUE METADE DA PARCELA DA CONTRATAÇÃO POR MEIO DE FGTS

HS consórcios
Uma empresa do Grupo Herval

Sua Casa por **R\$ 183,02**

O SEU VEÍCULO USADO VALE COMO LANCE

Seu Veículo por **R\$ 120,10**

Seu Caminhão por **R\$ 406,96**

ESTAMOS CONTRATANDO PARA SUA REGIÃO

CORRETORES AUTORIZADOS
TRABALHE CONOSCO!

www.hsconsorcios.com.br 0800 644 9007



Cotação

MURIEL
Ficou exposto pelas falhas da defesa e teve azar no primeiro gol.

NOTA 6

ELTON
Mal posicionado no gol de Kleber, foi envolvido pelo ataque gremista.

NOTA 4

ÍNDIO
Abaixo da sua média no clássico. Sofreu com as falhas de marcação no meio.

NOTA 5

MOLEDO
Espanou tudo até quando pôde, mas não foi o suficiente para impedir os gols.

NOTA 6

KLEBER
Discreto, teve problemas para parar o xará gremista.

NOTA 4



SANDRO SILVA
Esforçado e, muitas vezes, um marcador solitário. Foi mal substituído.

NOTA 7

BOLATTI
Perdeu o duelo com Souza. Precisa do faz-tudo Guiñazu.

NOTA 4

OSCAR
Marcado, não conseguiu repetir as últimas atuações. Perdeu um gol no final da partida.

NOTA 6

D'ALESSANDRO
É homem-Gre-Nal. Ontem, não foi.

NOTA 4

DAGOBERTO
Um lançamento brilhante para Damião. Sempre buscou tabelas no ataque.

NOTA 6

DAMIÃO
Sumido, até marcar um gol de... Damião.

NOTA 7

JOÃO PAULO
Correu, correu e correu. E foi só.

NOTA 5

JÔ
Mal foi visto em campo.

NOTA 4

JOSIMAR
Entrou no lugar de Elton e pouco ajudou.

NOTA 5



Na disputa entre Dagoberto e Léo Gago, dois estreantes em Gre-Nal, o segundo conseguiu marcar e viu o time rumar para a semifinal

VICTOR
Uma grande defesa ao final do jogo credenciou o time para a semifinal.

NOTA 7

GABRIEL
Mais preocupado com a marcação.

NOTA 7

GILBERTO
Improvizado, teve boa atuação e quase fez um gol.

NOTA 7

NALDO
Teve muito trabalho contra Leandro Damião.

NOTA 6

JULIO CESAR
Voltando de lesão, não se expôs muito na partida.

NOTA 6



FERNANDO
Bem até errar o passe que deu início ao gol de Damião.

NOTA 5

LÉO GAGO
seguro na marcação a Oscar e um gol na estreia.

NOTA 7

SOUZA
Marcou, armou e chutou a gol.

NOTA 6

MARCO ANTÔNIO
Uma assistência perfeita para Kleber.

NOTA 7

MARCELO MORENO
Preso à marcação da zaga.

NOTA 5

KLEBER
Esforço, indignação, vitória pessoal sobre a zaga, e um gol.

NOTA 9

VILSON
Entrou para segurar o jogo e ainda comprou briga com Bollati.

NOTA 5

ANDRÉ LIMA
Substituiu Kleber, quando o Grêmio já vencia.

NOTA 5

BRUNO COLLAÇO
Foi a campo para dar novo fôlego à defesa.

NOTA 5

DIÓGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br



Um novo Grêmio

Repare a foto abaixo. Ela é emblemática. Do jeito que o Grêmio disputou o Gre-Nal, ficou parecendo que o problema era mesmo Caio Jr. Nunca se viu tanta disposição neste Gauchão, mas vá lá: em clássico, todos correm mais. Só que Caio era contra Gilberto Silva na zaga. Chegou a jogar com um volante apenas, contra os três de ontem – Fernando, Gilberto Silva e Souza, todos de qualidade. Assim, pela primeira vez em 2012, o meio-campo marcou de verdade, em vez daquela imensidão de espaços oferecidos ao adversário. Foi a diferença no primeiro tempo, somada a uma providência do interino Roger: Kleber e Marcelo Moreno, às costas dos volantes do Inter, poderiam ter liquidado o jogo. O Inter ainda não havia sido marcado assim, e acusou o golpe. D'Alessandro e Oscar recebiam a bola de costas, castrando os armadores de Dorival Jr. O gol de Kleber, a 20 minutos do segundo tempo foi um prêmio ao empenho do Grêmio, muito superior do início ao fim.

O favorito enredou-se em seu favoritismo. E o Grêmio, antes esfarrado, agora emerge de casa arrumada, renascido com Wanderley Luxemburgo estreando na semifinal da Taça Piratini. É a força do Gre-Nal.



O Gre-Nal de Luxemburgo

Wanderley Luxemburgo esteve presente na preleção do interino Roger aos jogadores no Hotel Deville, minutos depois de chegar a Porto Alegre ao lado do empresário Gilmar Vêloz e do diretor Paulo Peltajpe. Entendeu que ir ao Beira-Rio poderia tirar o foco do time no Gre-Nal e até criar alguma confusão, por conta da rivalidade.

O novo técnico do Grêmio assistiu ao clássico na casa do vice-presidente Ricardo Vontobel.

O lateral do campeonato

O primeiro turno nem terminou ainda. Há muito por acontecer, eu sei. Mas pelo que vi até agora, Júlio César e Kleber terão que jogar muito para superar o lateral-esquerdo Fabinho, do Caxias, neste Gauchão.

Ele é veloz, tem força e possui uma virtude nem tão comum assim nos dias de hoje para a posição: cruzamento em curva, preciso, na cabeça do centroavante. A jogada do segundo gol do Caxias na vitória sobre o São José, ontem, é de aticar o olho dos dirigentes de Grêmio e Inter.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/olivier e no twitter em [diogo_olivier](https://twitter.com/diogo_olivier)

ZERO HORA QUINTA-FEIRA, 23 DE FEVEREIRO DE 2012

Esporte 45

Bola Dividida



LUIZ ZINI PIRES

DESPORTIVISTA E CRÔNICA DO DIA
luiz.zini@zerohora.com.br

WIANEY
CARLET

wianey.carlet@zerohora.com.br



Beira-Rio, Quarta-feira de Cinzas

O inesperado segundo Gre-Nal da temporada, filho do formalismo do Gauchão, não atraiu o torcedor. Culpa da Quarta-feira de Cinzas, do Carnaval, da ressaca do feriadão e do dia 22 de fevereiro, uma semana antes do fim das férias de verão. O mau momento gremista na Taça Piratini ajudou. A estreia do colorado Dagoberto no clássico não atraiu o fã. O próximo será no final de abril ou começo de maio, se a Dupla alcançar as fases decisivas da Taça Farrroupilha.

1 O Grêmio do interino Roger surpreendeu o Inter no primeiro tempo. Apareceu organizado, muito mais do que nas semanas que teve Caio Júnior no comando, e dominou. O Inter, que sentiu falta de Néi, Tinga e Guiñazu, perdeu a disputa no meio-campo. Souza foi um dos nomes, Marco Antônio o outro. O Grêmio parecia mais disposto, interessado.

2 O segundo tempo exibiu um Inter mais animado, mais ligado. Mas o Grêmio, com Kleber, fez o 2 a 1, o seu primeiro em um Gre-Nal. A partida do Inter foi sem brilho. O Grêmio fez o seu melhor jogo em 2012. Continua na Taça Piratini. Surpreendentemente, o Inter, que fazia melhor campanha, ficou no meio do caminho. O Gre-Nal é o jogo mais imprevisível que existe.

3 O vazio das arquibancadas não afetou o ânimo dos jogadores. O Gre-Nal foi disputado em alta voltagem. O jogo é único, sempre imprevisível, contagia naturalmente os 22 em campo, seja o jogador gatinho ou não. Todos querem vencer.

4 O Grêmio pisou no Beira-Rio, ontem, ligado no Olímpico, onde, às 11h de hoje, apresenta Wanderley Luxemburgo, o segundo técnico da temporada. Tentará recomeçar 2012 exatos 54 dias depois do primeiro dia de janeiro. Dez meses antes da inauguração da Arena, o Grêmio ainda não consegue exibir um time de acordo com a grandiosidade do novo estádio, apesar dos altos investimentos da direção. Lixa é a última aposta da gestão Paulo Odono, 13 meses no comando, cinco treinadores.

Dinheiro

O Grêmio fechou 2011 pagando dois técnicos, Julinho Camargo e Celso Roth. Abre 2012 igual. Paga Caio Júnior e Wanderley Luxemburgo. Aliás, Lixa vai receber R\$ 6 milhões do Flamengo por quebra de contrato.

Ruído

A relação da torcida do Fluminense com Abel Braga não é boa. Mas seu cargo não está ameaçado.

Seis meses

Entre setembro de 2011 e fevereiro de 2012, Alexandre Pato, do Milan, jogou 16 vezes, marcou quatro gols.

Libertadores

Goleiro do Santos, adversário do Inter, dia 7, Rafael deve ser cortado da lista de Mano Menezes para o amistoso da Seleção contra a Bósnia-Herzegovina, terça-feira, na Suíça. Ele sente dores sistêmicas nas costas e no ombro.

Melhor em tudo

O Grêmio venceu porque foi superior ao Inter em todos os quesitos. Teve posse de bola, marcou e não permitiu que os colorados jogassem e foi muito mais eficiente no seu ataque. O Inter esteve irrecorrível. Meio-campo desanimado, sem força de contenção e mínima capacidade de criação. Roger organizou o Grêmio, e o Inter não conseguiu superar a disposição do adversário. Marco Antônio jogou como ainda não havia jogado desde que chegou ao Olímpico. Léo Gago foi um gigante na marcação, e Souza, enquanto aguentou, desequilibrou taticamente em favor dos gremistas. No Inter, D'Alessandro não compareceu ao clássico, e Dorival ainda cometeu um equívoco monstruoso ao substituir Sandro Silva, o melhor do meio, e deixar Bolatti e sua exasperante lentidão. O Grêmio venceu porque mereceu o resultado, e o Inter, seja por soberba ou por surpresa, saiu de campo da única maneira que poderia ter saído: derrotado.

Frase infeliz

Romário, referindo-se a Pelé, fez frase antológica. Disse o baixinho: "O Pelé, de boca fechada, é um poeta". O Brasil inteiro se divertiu com a tirada de Romário. Neymar, contrapondo-se a graça e inteligência do ex-craque, hoje deputado federal, perdeu excelente oportunidade de manter a boca fechada quando declarou, falando de Ricardo Teixeira: "Eu acho que ele é um ótimo presidente da CBF". O senso crítico de Neymar é um desastre. Pudera, jovem e milionário, o atacante acha graça de incêndio.



Mudanças – Oito integrantes da direção da Fifa reuniram-se ontem em Assembleia Geral. Na alentada pauta de debates, incluíam-se algumas alterações na regra, entre as quais a adoção, definitiva, de árbitros atrás das goleiras. Aumentar o número de olhos que fiscalizam os jogos é medida que já deveria ter sido tomada. É desigual a concorrência da televisão, com suas dezenas de câmeras, e os árbitros. O resultado deste confronto visual é extremamente negativo para os arbitragens. Parece que os apitadores estão cada vez mais incompetentes.

Autonomia – Árbitros colocados atrás das goleiras veriam as jogadas de área de frente. Poderiam identificar com muito maior clareza que os árbitros de campo as irregularidades que acontecem nas áreas vitais do campo de jogo. Seriam flagradas infrações cometidas por atacantes e, principalmente, pênaltis feitos por defensores. Porém, para que houvesse plena eficácia com a inclusão de árbitros atrás das goleiras, eles precisariam desfrutar de autonomia para punir atos faltosos. Aos árbitros principais caberia retreinar, após rápida consulta, as anotações dos auxiliares de fundo. Seria ótimo para o futebol. Difícilmente um jogo terminaria sem a marcação de pênaltis. Mais gols seriam feitos e melhoraria a disciplina dos atletas.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Zini em www.zerohora.com/blog/zini siga Luiz Zini Pires pelo Twitter em @blogzozini

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em p.clicres.com.br/wianeycarlet



INFINITY DO INTER
O único pré ilimitado de verdade e agora deixa você mais perto do Colorado.

VOCÊ GANHA

- Notícias diárias via SMS
- Escalação e alerta de gols
- Hino e papel de parede

Promoção Infinity Yo: taxa fixa de R\$ 0,25 por dia em chamadas para TIM local e 000 via 41. Benefício válido de 3/9/2011 a 31/3/2012. O conteúdo embarcado nos chips é gratuito. Faça a sua inscrição, consulte o regulamento em www.tim.com.br

R\$ 0,25/DIA
PARA QUALQUER
TIM DO BRASIL



STIM - SEM TRAFEGAR.

**VENI AÍ O MAIOR
CAMPEONATO DE
VÁRZEA DO MUNDO.**

SAIBA MAIS:
WWW.POLAR.BR



**A CERVEJA OFICIAL DO
FUTEBOL DE VÁRZEA.**

SE FOR DIRIGIR NÃO BEBA.

CORREIO DO POVO

SÁBADO | 28 de abril de 2012 | 31

Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

Rodada da Segundona tem três jogos

» A 15ª rodada da Segundona começa hoje com 3 jogos, todos marcados para as 15h30min. Pela Chave 1, confronto de desesperados entre o Farroupinha e o 14 de Julho no estádio Nicolau Fico. Quem vencer deixa a zona de rebaixamento. Na Chave 2, na Montanha dos Vinhedos o líder Esportivo recebe o Panambi, ameaçado de cair. E no Arthur Mesquita Dias, o ameaçado Sapucaense enfrenta o União Frederiquense.

Atlético Mineiro tenta vaga na decisão

» O Atlético Mineiro necessita apenas de um empate, hoje, diante do Tupi, para avançar à decisão do Campeonato Mineiro. O jogo será disputado no estádio Arena do Jacaré, em Sete Lagoas, a partir das 18h30min. Na partida de ida, as duas equipes ficaram no 1 a 1, em Juiz de Fora. O vencedor pegará na decisão América ou Cruzeiro, que se enfrentam amanhã, com vantagem do Coelho, que venceu no domingo passado por 3 a 2.

Confirmada a saída de Pep

Guardiola deixa o Barcelona após quatro anos e auxiliar assume o cargo

Como era esperado, Pep Guardiola anunciou ontem sua saída do comando do Barcelona após quatro anos. O seu substituto, porém, não virá de fora como se imaginava. Quem assume o time mais vitorioso dos últimos tempos é o auxiliar-técnico do clube catalão Francesc Tito Vilanova, que assumirá após o término desta temporada.

No período em que ficou no cargo, Guardiola conquistou 13 dos 17 títulos disputados, entre eles dois Mundiais e duas Ligas dos Campeões. Além disso, o Barcelona é o tricampeão espanhol, mas dificilmente ganhará o atual campeonato, pois está sete pontos atrás do Real Madrid, faltando quatro rodadas para o final. O treinador, no entanto, ainda terá a chance de conquistar a Copa do Rei, marcada para o dia 25 de maio, contra o Athletic Bilbao no Vicente Calderón.

A saída do treinador não tem qualquer relação com os fracassos recentes na Liga dos Campeões e na Liga Nacional. Guardiola já tinha decidido deixar o clube no final do ano pas-



Treinador revelou ter tomado a decisão em dezembro passado

sado, por conta do desgaste provocado pelo cargo, mas esperou até agora para confirmar sua saída. O presidente Sandro Rosell insistiu com sua permanência, inclusive lhe oferecendo o salário que quisesse.

Sobre Vilanova, o presidente do Barcelona afirmou que era a aposta mais lógica. "O novo treinador devia conhecer a equipe

por dentro, seu modo de jogar. Eu disse para Guardiola que Tito representa os valores do clube. Ele é diferente de Pep, porém trabalhará com o mesmo perfil", concluiu o dirigente. O próprio Guardiola apoiou a ideia. "O Barcelona acertou em cheio. Tito é uma pessoa de muita personalidade e conhecido dos jogadores", finalizou.

Aberta licitação sobre Arena

O prefeito José Fortunatti assinou ontem o edital de licitação para as primeiras obras no entorno da Arena. A verba, de pouco mais de R\$ 15 milhões, será utilizada para efetuar melhorias nas avenidas Voluntários da Pátria e Padre Leopoldo Brentano e Rua O1, que circunda o novo estádio.

A cerimônia ocorre no início da tarde. O prazo estimado para a conclusão da obra é de 12 meses, resultando na pavimentação das vias e infraestrutura,

que incluem drenagem, sinalização e esgoto da região. "Temos um prazo de um ano. Vamos tentar apressar. É uma obra que precisa ser feita com muito cuidado técnico", destacou o prefeito José Fortunatti.

Parte do investimento vem de emenda parlamentar, originalmente de R\$ 20 milhões, mas que teve apenas R\$ 8,7 milhões liberados. O restante do valor necessário para essas primeiras obras, R\$ 6,4 milhões, será bancado pelo município.

Placar CP

■ INGLATERRA – 36ª rodada: Everton x Fulham, Stoke x Arsenal, Sunderland x Bolton, Swansea x Wolverhampton, West Bromwich Albion x Aston Villa, Wigan x Newcastle e Norwich x Liverpool.

■ ESPANHA – 36ª rodada: Getafe x Mallorca, Levante x Granada, Espanyol x Sporting Gijón, Real Sociedad x Racing Santander e Villarreal x Osasuna.

■ ITÁLIA – 35ª rodada: Cagliari x Chievo Verona, Palermo x Catania e Roma x Napoli.

■ ALEMÂNHA – 33ª rodada: Kai-

serslautern x Borussia Dortmund, Wolfsburg x Werder Bremen, Schalke 04 x Hertha, Borussia Mönchengladbach x Augsburg, Freiburg x Colônia, Hamburg x Mainz 05, Hoffenheim x Nuremberg, Bayern Munique x Stuttgart e Bayer Leverkusen x Hannover 96.

■ ARGENTINA – Torneio Clausura, 12ª rodada, ontem: Estudiantes 0 x 2 Vélez Sarsfield. Hoje: San Martín x Godoy Cruz, Newell's Old Boys x All Boys, Boca Juniors x Colón e Independiente x Banfield.

Esportes na TV

- 8h25 – ESPN, futebol inglês, 2ª divisão: Southampton x Coventry City
- 10h25 – ESPN Brasil, futebol alemão: Bayern x Stuttgart
- 10h55 – ESPN, futebol inglês: Stoke City x Arsenal
- 12h55 – ESPN, futebol espanhol: Levante x Granada
- 13h10 – ESPN Brasil, futebol russo: Zenit x Dynamo Moscou
- 15h40 – ESPN Brasil, futebol italiano: Roma x Napoli
- 16h – SporTV, futebol, Paulista: Troféu Interior: Mogi x Oeste e Bragantino x Mirassol
- 16h15 – SporTV 2, futebol português: Marítimo x Porto
- 22h30 – ESPN, basquete NBA: Dallas x Oklahoma

A programação é fornecida pelas emissoras de televisão e é de sua responsabilidade.

Novo Hamburgo desiste da Série D

» O Novo Hamburgo não aceitou a vaga na Série D do Brasileiro. O próximo na "fila" é o São José, que tem até quarta-feira para decidir se joga ou não a Série D.



http://www.correiodopovo.com.br
/blogs/hiltormombach

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



Oscar, a decisão

O ministro do Tribunal Superior do Trabalho Guilherme Caputo Bastos concedeu liminar em habeas corpus que autoriza Oscar a exercer livremente a sua profissão, participando de jogos e treinamentos em qualquer localidade e para qualquer empregador, "conforme sua livre escolha".

Venho recebendo e-mails de leitores indignados. Dizem que a decisão enfraquece os clubes formadores de jogadores. Isto não apenas não é verdade como aqui se dá exatamente o contrário. De Caputo Bastos: "Ao prever a pactuação de cláusula penal para hipóteses de rescisão unilateral do contrato de trabalho, autoriza ao atleta profissional se desligar da entidade desportiva a que vinculou mediante a contraprestação pecuniária previamente acordada".

"Acrescento que a cláusula penal é uma compensação pecuniária pela rescisão unilateral do contrato e não uma condição essencial para tanto, sob pena de inviabilizar o distrito nos casos em que fixada em valores elevados, tolhendo do empregado de suas liberdades fundamentais enquanto vigente o contrato de trabalho.

Logo, rescindido unilateralmente pelo atleta profissional o contrato de trabalho, surge, para ele, a obrigação de pagar a respectiva cláusula penal, somente. O inadimplemento desta obrigação de pagar, por sua vez, não autoriza a entidade desportiva prejudicada cobrar do devedor a prestação pessoal de serviços."

Ainda I

Do SP: "A única preocupação que temos, portanto, refere-se à segurança jurídica e aos efeitos prejudiciais que a inédita decisão poderá trazer para todos os clubes brasileiros que, a prevelecer o entendimento apontado, poderão ver seus melhores atletas seguirem o mesmo diapasão de Oscar, para se transferirem livremente para outros clubes, inclusive do exterior, conforme o interesse de seus empresários, sem qualquer compensação financeira imediata".

Mistério I

Dorival Júnior e Luxemburgo não definiram Inter e Grêmio para o Gre-Nal que definirá o outro finalista do Campeonato Gaúcho. Imagino que não há muito mistério para se fazer e que não teremos surpresas neste domingo. Inter que, como se sabe, não contará com Nei, Kleber, D'Alessandro, Oscar e possivelmente Dagoberto, cinco titularíssimos.

Tiro Livre

■ Postarei neste sábado no meu blog (www.correiodopovo.com.br) texto de Antonio Carlos de Azambuja. Trata-se de uma complementação sobre os direitos pertinentes aos associados do Grêmio que devem ser preservados na migração para a Arena.

■ Do site do Inter: "O Inter ainda aguarda pela publicação do nome de Oscar no Boletim Informativo Diário (BID) para poder utilizar o jogador em uma partida oficial. Na noite da última quinta-feira (26/4), o Tribunal Superior do Trabalho concedeu uma liminar liberando o meia para exercer sua profissão no clube que quiser. No entanto, a decisão ainda precisa ser reconhecida pela CBF para que o jogador tenha o vínculo restabelecido com o Inter. A tendência é que o trâmite seja executado somente na próxima semana; portanto, Oscar não atuará no Gre-Nal".

■ O Corinthians havia faturado R\$ 55 milhões com a TV em 2010. Este valor saltou para R\$ 112,5 milhões em 2011. A arrecadação total ficou nos R\$ 290,5 milhões. A do Inter foi de R\$ 175,6 milhões em 2011

DIVISÃO DE ACESSO

Interior inventa um novo futebol

RAFAEL DIVERIO

No interior do Rio Grande do Sul, existe um esporte mais forte do que o futebol. A bola é redonda. O placar é contado pelo número de gols. A torcida preenche a arquibancada. Mas não é exatamente futebol.

Neste esporte, chutes para a torcida e carrinhos em gramados embarrados são comemorados como gols pelos torcedores. E o seu campeonato chama-se Divisão de Acesso.

Saiba mais, nesta página, sobre o torneio que está perto de encerrar a primeira fase.

rafael.diverio@zerohora.com.br



Fortes emoções

Nenhum time teve mais emoções do que o Panambi até agora. Duas façanhas foram contra o Glória: no primeiro turno, jogando em Vacaria, a equipe perdeu por 4 a 1, com um a menos, até os 20 do segundo tempo. Conseguiu a reação e venceu por 5 a 4. No segundo turno, após levar 2 a 0, alcançou a virada com gols aos 44 e aos 46 minutos da etapa complementar. Já na última rodada, o time venceu o Sapucaense até os 44 do segundo tempo por 3 a 2. Teve um pênalti a favor. Perdeu e ainda levou gol no contra-ataque: 3 a 3 e frustração geral.



O grupo mais definido

Na Chave 2, há definições. Esportivo, Glória, União Frederiquense e Passo Fundo estão classificados. Sapucaense e Juventus, de Santa Rosa, estão rebaixados. O Milan, de Júlio de Castilhos, respira por aparelhos para não cair, já que está a seis pontos de Panambi e Santo Ângelo. Estas duas equipes, inclusive, deverão brigar pela última vaga à próxima fase. O Brasil, de Farroupilha, está bem próximo da classificação.

GENARO PASTEL/REUTERS/LEMON



Do lanterna para o líder

Só na Divisão de Acesso a direção do líder do grupo contrata o técnico do último colocado. Foi a situação vivida pelo Brasil de Pelotas, nesta semana. O xavante lidera a Chave 1. Ficou na ponta por 14 rodadas com o treinador Luizinho Vieira, ex-atacante e ídolo do clube. Mesmo assim, decidiu pela demissão do treinador.

Para seu lugar, foi escolhido Marcelo Rospide (foto), que comandou internamente o Grêmio, em 2009. Só que Rospide treinava, até então, o Guarani, de Venâncio Aires, lanterna da competição.

Equilíbrio na chave

Equilíbrio é o substantivo ideal para definir a situação do Grupo 1. Entre o Brasil de Pelotas, primeiro, e o Rio Grande (ambos na foto), penúltimo, apenas nove pontos de diferença (25 a 16). Até a rodada anterior, o primeiro rebaixado e o quarto colocado tinham o mesmo número de pontos. Não há classificados nem rebaixados, ainda que o xavante esteja virtualmente na próxima fase, e o Guarani, de Venâncio Aires, praticamente rebaixado.

Classificação*

GRUPO 1	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Brasil-Pel	25	15	7	4	4	26	19	7
2º Guarany-CA	24	15	7	3	5	23	12	11
3º Inter-SM	24	15	6	6	3	18	18	0
4º São Paulo	23	15	7	2	6	20	24	-4
5º Riograndense	22	15	6	4	5	23	18	5
6º Farroupilha	20	15	6	2	7	20	22	-2
7º Farroupilha	19	15	5	4	6	16	16	0
8º 14 de Julho	19	15	5	4	6	16	18	-2
9º Rio Grande	16	15	4	4	7	23	26	-3
10º Guarani-VA	14	15	3	5	7	20	32	-12

GRUPO 2	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Esportivo	29	15	9	2	4	20	14	6
2º Glória	28	15	9	1	5	27	19	8
3º União-FW	26	15	8	2	5	25	20	5
4º Passo Fundo	26	15	7	5	3	23	14	9
5º Brasil-Far	25	15	7	4	4	23	14	9
6º Santo Ângelo	20	15	6	2	7	17	18	-1
7º Panambi	20	15	6	2	7	23	29	-6
8º Milan	14	15	4	2	9	15	23	-8
9º Sapucaense	12	15	3	3	9	17	24	-7
10º Juventus	11	15	2	5	8	10	25	-15

*Os seis primeiros de cada grupo passam à próxima fase, e os três últimos de cada um são rebaixados

16ª rodada

SÁBADO	15h30min	15h30min	15h30min
17h	18h30min	19h	19h

Quem ri por último

Oscar está livre para jogar onde quiser. Desde o dia 21 de março, quando o TRT devolveu ao São Paulo o vínculo do jogador, são-paulinos paulistas e "gaúchos" se esmeraram em distorcer os fatos e confundir a opinião pública. Pensaram, certamente, que a mentira pode sufocar a verdade, sempre e para sempre. Não pode, embora aconteça, eventualmente. A seguir, os fatos, apenas fatos. Por hora, impõe-se lembrar que "ri melhor quem ri por último".

Primeira mentira – Repetiu-se, exaustivamente, que o Inter havia pirateado Oscar. O jogador teria sido arrancado do Morumbi e levado para o Beira-Rio. Engano, digamos assim. Sentindo-se prejudicado, Oscar fez o que qualquer cidadão civilizado deve fazer: buscou amparo na Justiça do Trabalho. Ganhou em primeira instância, ficou livre para empreender voos próprios e assinou, então, contrato com o Inter. A decisão da Justiça era tão provisória como a que restaurou o vínculo do jogador com o São Paulo. No Tribunal Superior do Trabalho (TST), será decidido quem tem razão. Se Oscar perder, terá de indenizar o São Paulo. Se vencer, estará livre, definitivamente, sem custos.

Liberdade – Oscar, enquanto corre o processo, estava mantido em cativeiro, amarrado a uma decisão absurda da Justiça do Trabalho que, ao notificar a CBF da sua decisão provisória, cassou o direito de Oscar trabalhar aonde quisesse. Posição vergonhosa, pois não se espera que um tribunal trabalhista pisoteie a Constituição Federal e obrigue um trabalhador a prestar serviços para um empregador que rejeita, mantendo-o amarrado ao cepo infame.



Pressões – A cada vitória que obtinha, o São Paulo largava uma nota oficial constringendo e pressionando Oscar e o próprio Inter. Em posição própria de um déspota imperial, o presidente Juvenal Juvêncio ignorava os ditames constitucionais e ameaçava todo o mundo, como se portasse a espada do castigo final. No momento em que o ministro Caputo, do TST, liberava Oscar, ninguém do São Paulo quis comentar a decisão. O colírio se transformara em ardida pimenta.

Capítulo final – O último capítulo desta novela jurídica acontecerá nos gabinetes do TST. A discussão entre Oscar e São Paulo continua. Os ministros do TST decidirão quem tem razão e qual o tamanho da indenização que deve ser paga pela parte derrotada. O Poder Judiciário existe para mediar e julgar conflitos.

Futuro – O São Paulo, maliciosamente, justificou suas pressões com a alegação de que o caso serviria para moralizar as relações trabalhistas entre clubes e jogadores. Por outro caminho, é o que acontecerá.

Formadores – Como ficarão os clubes formadores se, doravante, qualquer jogador poderá buscar rompimento de contrato, na Justiça? Ora, é preciso confiar no Judiciário, apesar do mau exemplo de São Paulo. Quanto à segurança dos clubes, ela continuará não existindo. A legislação proíbe contrato entre clubes e garotos com menos de 16 anos. Até então, qualquer jogador poderá ser capturado por empresários gananciosos e inescrupulosos e ir embora. Uma solução precisa ser encontrada para proteger os clubes que investem na formação de jogadores. Mas já era assim antes do "Caso Oscar".

40

Esporte/GRE-NAL

ZERO HORA SÁBADO, 28 DE ABRIL DE 2012



Às vésperas do clássico que decide vaga na final do Gauchão, colonistas de ZH foram ao Beira-Rio e ao Olímpico, onde os treinos de ontem foram fechados

Tarde de



DIOGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br

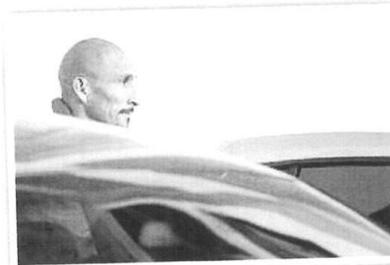
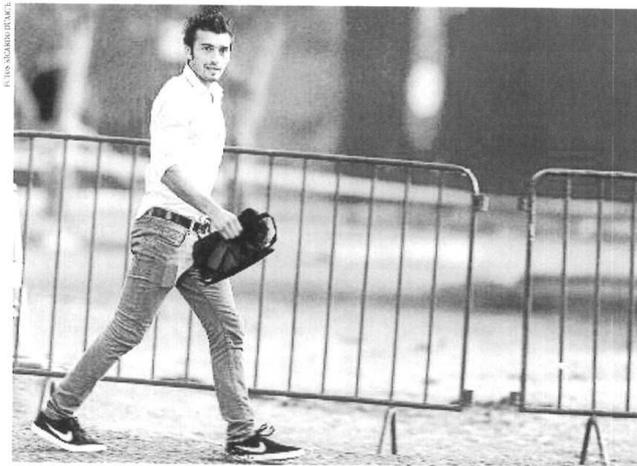
A barulheira das máquinas da Andrade Gutierrez levanta poeira no Beira-Rio. Dia desses uma retroescavadeira subiu ao primeiro andar do estádio e arrastou tudo o que via pela frente. As obras andam a pleno, e seus atores apresentam sotaques de todos os tipos. São operários paulistas, mineiros, catarienses, baianos, gaúchos. A construtora os impede de falar, mas eu posso jogar a isca, ouvir a resposta e contá-la sem revelar os nomes dos brasileiros que estão reformando o palco da Copa de 2014 em Porto Alegre:

– Será que o Oscar joga?
– Mas ele não está livre para jogar? O pessoal está dizendo a...

Eis a prova da tensão pela espera de Oscar. Só se fala nisso. Oscar, Oscar, Oscar. Nunca um nome foi tão repetido. Ele começou o treino com o jaleco dos titulares, numa das formações trabalhadas por Dorival Júnior. Tudo com portão fechado, cadeado e segurança em frente. Mas tanta obra acaba liberando frestas para quem é suficientemente enxerido e paciente. E repórteres, como se sabe, são enxeridos e devem ser pacientes por definição. Além do mais, o entra-e-sai de máquinas garante o portão abrindo e fechando. Ali está: a certa altura, depois da notícia de que a CBF achou confusa a sentença do ministro do Tribunal Superior do Trabalho e adiou sua condição de jogo, Oscar está de cabeça baixa, imóvel, visivelmente chateado. Quer jogar, mas não o deixarão.

O fim do sonho de escalar Oscar resultou num anticlímax no Beira-Rio. O Inter acordou com Oscar e vai dormir com Jajá. Seguem de fora D'Alessandro, Oscar, Kleber, Nei e Dagoberio. Talvez tenha sido por isso que Dorival tenha mostrado tanta serenidade na sua entrevista. Brincou, sorriu. Se é preciso passar confiança ao grupo com tantos desfalques, o exemplo deve partir do comandante:

– É o Gre-Nal mais decisivo que disputei desde que cheguei ao Inter. Vamos para o clássico com este espírito. É hora de decidir.



Meio palmo do inferno

Na brincadeira de Dorival Júnior, uma crítica com elegância e algum talento aos jornalistas. O técnico do Inter volta e meia usa a seguinte frase sobre contestações após este ou aquele resultado:

– A distância entre o céu e o inferno no futebol é meio palmo. Ontem, ele brincou sobre o cenário pós-Gre-Nal, em caso de derrota. Saiu-se bem, sem estresse:

– Olha, estou mudando minha frase. Acho que a distância é menos de meio palmo!

Azul, não

Não adianta mesmo. Vermelho não entra no Olímpico e azul fica fora do Beira-Rio. O logotipo da Andrade Gutierrez, que é azul e branco em todos os cantos de obras espalhados pela empreiteira nos cinco continentes, virou branco e preto nas imediações da Padre Cacique. Nos tapumes e nos jalecos dos operários, é zero de azul.

Quem bate?

O Inter vai para a decisão da Taça Farroupinha sem definição quanto aos batedores de pênalti, se der empate no tempo normal (não tem prorrogação). O critério será o mesmo que culminou na cobrança de Dátolo (foto) contra o Fluminense. Treinaram todos na última parte do trabalho, mas Dorival Jr. irá decidir na hora, conforme a avaliação emocional de cada um ao final do jogo.



Invenção

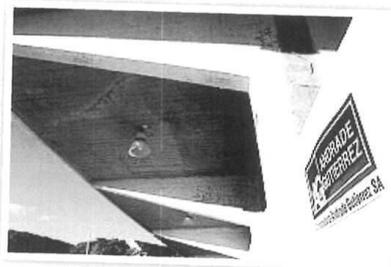
Se Bolívar aparecer na lateral-direita em vez de Elton (foto) terá sido invenção repentina de Dorival. No treino fechado, o técnico testou três alternativas de time. Em nenhuma delas Bolívar substituiu Nei.

A oração solitária de Guiñazu

Guiñazu tem uma rotina que nunca muda quando chega ao vestiário em dia de jogo, e ela se repete no Gre-Nal. O argentino vai direto para a capela, fica em pé rezando por alguns instantes, depois toca a imagem da santa e, somente aí, vai se fardar.

Titularíssimo

Há uma convicção no Beira-Rio. Sandro Silva firmou-se e hoje pode ser considerado o esteio do meio-campo. É isso mesmo, Dorival?
– Tanto é assim que nem penso em deslocá-lo para a lateral-direita. Sandro ficará onde está.





ZERO HORA SÁBADO, 28 DE ABRIL DE 2012



Esporte / GRE-NAL

41

segredos



LUÍZ ZINI PIRES

luiz.zini@zerohora.com.br

Desde o Beira-Rio, no microfone, o técnico Dorival Júnior disse que espera Marcelo Moreno e não Mário Fernandes entre os 11 do Grêmio no clássico. No Olímpico, na sua entrevista coletiva, às 18h20min, Vanderlei Luxemburgo não falou sim nem não sobre seu time, suas dúvidas.

Não ofereceu respostas. Se tem dúvidas, escondeu. Se tem certezas, mais ainda.

Ele deixou um mistério no ar. Não revelou a equipe ideal. Técnico com uma fileira de títulos regionais e brasileiros no currículo, Luxemburgo se mostrou um técnico normal 48 horas antes de um clássico. Escondeu o time, fechou o treino, não se esforçou para tirar a dúvidas da dúzia de repórteres que o questionou na sala embaixo das sociais do estádio.

A pergunta que ele não respondeu ontem, talvez não responda nem hoje, é: quem substituirá Léo Gago no meio-campo?

Marquinhos é um nome. Ele poderia jogar ao lado de Marco Antonio, com Fernando e Souza mais atrás. Marquinhos conhece a posição, já atuou ao lado dos três companheiros, foi titular e não estranharia a missão.

Afastados por lesões, entregues aos fisioterapeutas por um longo tempo, Marcelo Moreno e Mário Fernandes devem começar no banco. Mas o centroavante tem mais condições de sair jogando do que o lateral.

Sem as respostas que todos pediam, Luxemburgo, por outro lado, falou que está ligado no Inter desde às 18h de sábado passado, depois da apertada vitória sobre o Canoas (1 a 0):

— Gre-Nal não tem favorito. É igual, é tradição.

Já mergulhado no clássico, sete dias atrás, Luxemburgo conversou com dirigentes, contou um, conversou com outro, acompanhou a semana do Inter, se iniciou do caso Oscar, ficou sabendo do nome do árbitro sorteado para o jogo. Resumiu:

— Clássico se define no detalhe. O Gre-Nal não será diferente.



Homens do meio

Fernando (foto E), Souza e Marco Antonio são nomes 100% no meio-campo gremista. Marquinhos (foto D) ajudaria a proteger a zaga, mas precisaria atender o ataque. Ele sabe passar, lançar e ainda bate bem faltas.



Quatro rodas

Com o treino fechado, os torcedores gremistas olhavam as grades e voltavam. As 15h40min, por exemplo, havia apenas 21 torcedores no pátio. Sem poder ver em ação jogadores como Victor (foto), os fãs pelo menos puderam observar a milionária frota (Volvo, Land Rover, Audi, BMW, Toyota) de cerca de 25 carros importados estacionados próximos à entrada do vestiário. Hoje, às 16h, no último trabalho com bola antes do Gre-Nal, os torcedores poderão ver de perto seus ídolos.

Dicionário paulista

Vanderlei Luxemburgo usou a palavra “rapa bosta”, um termo regional paulista, ao se referir ao mau cobrador de pênalti, o que arrasta o pé na hora da cobrança. Lembrou que, mesmo treinado, às vezes o bom cobrador, o mais qualificado, erra, enquanto que um “rapa-bosta” pode fazer e ganhar um título. Uns repórteres entenderam, outros nem tanto, mas todos riram.



Noivo e noiva

Os porto-alegrenses Fabiano Lima, 29 anos, e Maria da Graça Melo, 30, passaram algumas horas no Olímpico ontem. Rodeados de fotógrafos, os noivos fizeram fotos e vídeos para o vídeo de casamento que será mostrado aos convidados. Caminharam pelo pátio, visitaram o museu, aproveitaram a fachada, mas não conseguiram pisar nas arquibancadas. O estádio estava fechado, tarde de treino secreto.

Caso Oscar

O Grêmio acompanhou à distância, mas com muita atenção, o “caso Oscar”. O nome do jogador do Inter entrava em todas as conversas, ontem, no Olímpico. Desde o começo da tarde os dirigentes gremistas tinham certeza que Oscar não jogaria o clássico. Não acreditavam na agilidade da CBF em liberar o atleta numa sexta-feira, véspera de um feriadão.

Arbitragem

Entre Leandro Vuaden e Márcio Chagas, o Grêmio preferia o segundo. Gostou do resultado do sorteio da FGE. Os jogadores gremistas gostam das arbitragens de Márcio. Aham que ele respeita e trata bem os atletas e é severo com as jogadas violentas.

CORREIO DO POVO

DOMINGO | 29 de abril de 2012 ■ 23

Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

Vencedor vai encarar o Caxias

» O vencedor do clássico Gre-Nal deste domingo no Beira-Rio será o campeão da Taça Farrouplha e, consequentemente, terá o direito de medir forças contra o Caxias – campeão da Taça Piratini –, em dois jogos, para definir o campeão gaúcho de 2012. Como tanto o Inter quanto o Grêmio têm campanhas melhores que o time da Serra, o vencedor do Gre-Nal assegura a última partida em casa na grande decisão.

60 agentes vão monitorar o tráfego

» A Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) terá 60 agentes para organizar e monitorar o tráfego na região do Beira-Rio. A avenida Edvaldo Pereira Paiva (a Beira-Rio) terá sentido único em direção ao estádio a partir das 13h. Após o jogo, a Beira-Rio terá sentido único do estádio até o Centro. Das 13h até o começo do clássico, dez ônibus da linha Futebol atenderão os torcedores colorados saindo do Largo Glênio Peres.

As opções do clássico 392

Em um Gre-Nal, há os personagens de sempre – os técnicos – os candidatos a herói, nesta edição estrelados por Bertoglio e Jajá, e os homens de decisão, Damião pelo lado vermelho e Moreno pelo azul. Por eles, seus pés e suas cabeças, passará o resultado do clássico 392.



FABIANO DO AMARAL



PEDRO REVILLON / CP MEMÓRIA



CRISTIANO ESTRELA / CP MEMÓRIA

Luxemburgo

» Contratado para o lugar de Caio Júnior, deu uma cara diferente ao Grêmio. A equipe cresceu muito de produção sob o seu comando. Alcançou 88% de aproveitamento, porém vai encarar o seu adversário mais forte.

MAURO SCHAEFER / CP MEMÓRIA



Leandro Damião

» O centroavante é o atual artilheiro do Gauchão – junto com Juba, do Novo Hamburgo –, com dez gols. Com Oscar e D'Alessandro fora, tornou-se em esperança da torcida de uma boa atuação e, sobretudo, de gols.

Dorival Júnior

» É mais experiente que o colega em Gre-Nais. Desde o ano passado, quando chegou ao Beira-Rio, disputou quatro, com retrospecto não mais que razoável: duas derrotas, uma vitória e um empate. Luta contra os desfalques.

ARTHUR PULS / CP MEMÓRIA



Marcelo Moreno

» O Grêmio investiu pesado para trazê-lo do futebol ucraniano, e o boliviano tem correspondido em campo. O camisa 9 é o vice-artilheiro do time na temporada, com oito gols em 16 jogos, apenas um a menos que Kleber.

Bertoglio

» Logo nos primeiros jogos, virou um xodó dos gremistas. É a aposta de velocidade na equipe armada por Luxemburgo. Ao longo da semana demonstrou ansiedade com o seu primeiro clássico em Porto Alegre.

CRISTIANO ESTRELA / CP MEMÓRIA



Jajá Coelho

» Mesmo antes de jogar, Jajá era o xodó da torcida. Tem entrado nos jogos, oscilando bons e maus momentos. Possui personalidade para assumir o jogo e suprir os desfalques. Mas precisa de uma chance de Dorival.



http://www.correiodopovo.com.br
/blogs/hiltormombach

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



Sem favorito

Contasse com todos os titulares e o Inter poderia ser apontado como favorito para ganhar o clássico Gre-Nal deste domingo, que definirá quem irá encarar o Caxias na final do Campeonato Gaúcho. Vai muito desfalcado. Há o fator local, mas este de nada serviu no turno anterior, quando perdeu por 2 a 1 no Beira-Rio para um Grêmio claramente melhor e mais motivado.

Nenhum dos times começa com um jogador que possa, sozinho, fazer a diferença, pois estão fora D'Alessandro e Kleber. Alguém poderá citar Damião, mas sua fase está longe de ser excepcional.

Há uma tendência, inclusive, de que os dois times iniciem com três volantes, o Inter com Sandro Silva, Guihazu e Tinga, e o Grêmio com Wilson, Fernando e Souza.

Estamos diante de um Gre-Nal sem favorito com tendência de igualdade em campo. Lembrando uma declaração de Abel Braga após Inter e Fluminense, diria que só mesmo se uma das equipes estiver num dia muito ruim e a outra em tarde excepcional teremos um resultado elástico. Em partidas assim, pode levar vantagem a equipe que se empenhar mais.

Doação de Ildo Meneghetti, a lenda

Por Enio Meneghetti

"O Hiltor perguntou-me sobre o capítulo que teria ficado faltando em 'Baile de Cobras', a biografia de Ildo Meneghetti.

Que trataria da lenda difundida pelos gremistas de que Meneghetti como governador teria doado uma área pública para o clube construir o estádio Beira-Rio.

Respondo dizendo que não está no livro porque isso nunca aconteceu. É mesmo lenda. A doação da área foi uma iniciativa do vereador e várias vezes dirigente do Inter, Efraim Pinheiro Cabral. Trata-se de uma área a ser aterrada do Guaíba, que foi objeto de um projeto apresentado pelo então vereador e aprovada pela Câmara Municipal – se não me falha a memória – com apenas um único voto contrário. Isso ocorreu em 1956 e o projeto aprovado foi sancionado pelo prefeito, que era Leonel Brizola.

Posteriormente, o grande colorado Telmo Thompson Flores, diretor do DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento), conseguiu uma draga utilizada na retificação do arroio Dilúvio, para aterrar uma 'orelha' no Guaíba, que é onde o estádio encontra-se assentado. Claro que o clube pagou ao DNOS. Portanto, a área doada ficava abaixo d'água, daí as piadas sobre a venda de 'Boias Calivas' para financiar a construção.

Mas de fato, quando Meneghetti era governador, em 1956, foi procurado pela direção do Inter para ajudar a resolver o problema do novo estádio. Ele respondeu que não poderia, por achar-se eticamente impedido, como ex-presidente do clube. Ajudaria até como pessoa física, como de fato ajudou, contribuindo financeiramente com seus próprios recursos no esforço para construção do estádio.

Agora, se os gremistas realmente difundem isso, seria bom que conhecessem a história de como o patrono do Inter, quando prefeito de Porto Alegre, ajudou o Grêmio a conseguir a área onde está o Olímpico. Isto sim, está no livro.

Procurado pelo excelente presidente gremista Saturnino Vanzellotti, às voltas com a falta de espaço para ampliação do Estádio da Baixada dos Moinhos de Vento, o prefeito Meneghetti mandou para a Câmara (que aprovou) um projeto que permutava a área da baixada, que hoje é parte do leito da Il Perimetral, pela área destinada a um futuro 'Estádio Municipal' na avenida Carlos Barbosa. Como governante, ao Grêmio ele poderia ajudar, mas não Inter, pois seria misturar interesses pessoais (e para ele o Inter era um interesse pessoal) com interesses públicos.

E tanto o Inter era assunto pessoal para Meneghetti, que, ao assumir o clube em 1929, em vias de ser liquidado, absolutamente endividado, sem campo para jogar, (a Chácara dos Eucaliptos havia sido vendida), Meneghetti comprou uma área de propriedade do Banco Nacional do Comércio assumindo na pessoa física os riscos da operação. Colocou uma fortuna do próprio bolso para a construção dos Estádio dos Eucaliptos, jamais misturando negócios privados com públicos, mesmo com enorme desembolso particular.

Tudo isto está detalhado no livro."

40

Esporte / GAUCHÃO

ZERO HORA DOMINGO, 29 DE ABRIL DE 2012



Assuntos de Gre-Nal

Quem chega melhor ao Gre-Nal 392? Quem pode decidir? Vanderlei Luxemburgo ou Dorival Júnior? E Oscar, poderia fazer a diferença? A editoria de Esportes Zero Hora sentou para debater essas questões que apimentam a véspera do clássico que vale a Taça Farrouphilha. Escolheu como endereço o palco do jogo. Ou melhor, as suites do palco da decisão deste domingo. Os colunistas Diogo Olivier e Luiz Zini Pires e os repórteres Leandro Behs, Leonardo Oliveira e Leonel Chaves debateram por meia hora os caminhos do Gre-Nal das 16h no Beira-Rio. A conversa marca a estreia do programa Pré-Jogo ZH, que você pode conferir na íntegra em www.zerohora.com/esportes e em doses generosas nas duas páginas a seguir.

PRÉ-JOGO
ZH

ZEROHORA.COM

O Pré-Jogo ZH traz as ideias e opiniões de integrantes da editoria de Esportes sobre o clássico Gre-Nal. Assista ao programa na íntegra em www.zerohora.com

Os integrantes da editoria de Esportes de ZH Leandro Behs, Leonardo Oliveira, Diogo Olivier, Luiz Zini Pires e Leonel Chaves discutem os caminhos do Gre-Nal 392

Quem é o favorito?

Leandro Behs – Gre-Nal nunca tem favorito, esse muito menos, por ser de um time desgastado contra outro que ainda não provou que pode enfrentar um grande adversário. Só enfrentou times de menor expressão, ainda não foi testado de verdade.

Leonardo Oliveira – O Grêmio ainda é um time em formação e perdeu o Kleber. O Gre-Nal nunca tem favorito. O último é exemplo: o Grêmio, sem técnico, com Roger de interino, ganhou dentro do Beira-Rio de um Inter badalado. Neste Gre-Nal,

o equilíbrio ainda é maior. O Inter não está numa boa onda, e o Grêmio ainda tenta se organizar. O clássico é uma grande interrogação

Luiz Zini Pires – É um clássico atípico porque os dois times não passam por bom momento. O Grêmio é um time em formação, que ainda busca ideia de futebol, enquanto o Inter tem o sentido de futebol há mais tempo, mas perdeu vários jogadores. Sem Oscar, D'Alessandro, Dagoberto, Kleber e Nei, esse não é o real Inter de 2012. Ainda não sabemos qual o potencial do Grêmio.

Leonel Chaves – Não seria maluco de achar o Gre-Nal um jogo previsível. Mas sempre há um time

em melhor momento ou com menos desfalques. E por isso a balança penderá para um favorito. E neste clássico há um favoritismo, mesmo que mínimo. Fiquei preocupado com Grêmio 1x0 Canoas, os resultados do Grêmio não condizem com o futebol mostrado. O Inter chega mais entrosado.

Diogo Olivier – O Grêmio tem leve favoritismo, resolveu melhor suas ausências. Perdeu Kleber e Marcelo Moreno e parecia que um tsunami varreria o Olímpico. O Miralles entrou fazendo um golaço por jogo, o André Lima começou a fazer gols, Bertoglio tem entrado bem. E ainda há o retorno de Mário Fernandes. O Inter tem muitos jogadores fora.

Quem decide?

Leandro – No lado do Inter vai sobrar para o Dátolo, com seus chutes de fora da área – e Victor tem mostrado nos clássicos dificuldade nestes tipos de lances. E há o Damiano, a referência do Inter, quando a situação aperta ele é sempre acionado. No Grêmio, o Marcelo Moreno pode ser esse jogador, sem contar os argentinos Miralles e Bertoglio, que vêm entrando bem.

Leonardo – Tinga tem grande importância para o Inter. É quem treina o time em campo. Além, é claro, de Damiano e Dátolo, um





ZERO HORA DOMINGO, 29 DE ABRIL DE 2012



Esporte / GAÚCHÃO 41

jogador com estrela em clássico. No lado do Grêmio, além de Marcelo Moreno, há um diferenciado no meio-campo que é o Souza. É volante com jeito de meia, que se desprende de trás e se apresenta para o gol. Foi muito bem no último Gre-Nal, a sua estreia.

Zini – O Inter tem o centroavante da Seleção Brasileira, tem o Dátolo, o melhor jogador do time na temporada, um meia interessante que pode fazer diferente no clássico. O Grêmio tem problemas sérios de articulação, a bola precisa chegar ao Moreno e ao André Lima. Se ela não chegar, os dois terão enormes dificuldades.

Leonel – No Grêmio, quem decidirá é o Marcelo Moreno. O centroavante sempre está mais perto de decidir o jogo. O Moreno representa muito ao Grêmio e preocupa os zagueiros, puxa a marcação, abre espaços. Será importante para que Bertoglio e Miralles se infiltrem – acredito que jogue Bertoglio e não Marquinhos no meio-campo. No Inter, a importância do Tinga é enorme. Ele é o termômetro do time.

Diogo – Acho que Gre-nal é um jogo para centroavante. Mesmo sem articulação, os centroavantes têm que bater no peito e assumir o jogo, buscar o gol. O clássico é feito para eles. Assim, aposto as minhas fichas em Leandro Damiano e Marcelo Moreno para encaminhar esse Gre-Nal 392.

Dorival ou Luxa?

Diogo – Luxemburgo está um pouco à frente, resolveu melhor as questões do time, supriu as deficiências por lesão. Não teve um grande teste ainda, sei disso, mas o Dorival teve os jogos contra Santos e Fluminense e o próprio Gre-Nal anterior e não conseguiu encontrar soluções para a equipe.

Leandro – O Luxemburgo, sem dúvida. Apesar de ainda carecer de grande desafio, está com crédito junto à torcida. Dorival tem crédito, mas entrou na fase de contestação. Se não passar pelo Gre-Nal, se complica. Se cair para o Fluminense, é possível que nem comece o Brasileiro.

Zini – Dorival entra em fase decisiva. O time não foi bem contra o Fluminense. Se perder o Gaúcho e cair na Libertadores, começará a sofrer. Talvez o Inter não o demita por falta de opções. Luxemburgo assumiu um grupo já pronto. Não vejo no Grêmio pontos que já deveriam aparecer, como jogadas trabalhadas de falta ou escanteio, por exemplo.

Leonardo – Ainda faltam recursos para Luxemburgo. Talvez conte com 12 ou 13 jogadores, mas não com um grupo. Para completar, perdeu Kleber. Seu time apresenta problemas. Quanto a Dorival, precisa provar agora, com vários desfalques, que pode surpreender com manobra tática.

Leonel – Luxemburgo faz boa campanha, 14 jogos e uma derrota, mas o futebol do time é limitado. Até por estar em formação. O Inter tem melhor sistemática de jogo, está mais sincronizado. Apesar de Dorival viver momento de pressão, se vê o seu trabalho e a sua mão no time.

Questão Oscar

Leandro – É claro que Oscar faria a diferença. Com ele, o Inter teria ao menos um armador. Sem Oscar, jogará sem articulação, aumentando chances da ponte aérea defesa-ataque.

Leonardo – Oscar, mesmo sem jogar há 40 dias, seria um grande reforço para o Inter. Ataca, arma, chuta, é completo. Vai fazer falta.

Zini – Oscar é um dos dois melhores jogadores do Inter. Não só reforçaria o time, em dupla de Seleção no ataque, com Damiano, como animaria o grupo. E ainda ligaria a luz de alerta no Grêmio.

Diogo – Se jogasse, Oscar muda todo o contexto do clássico do ponto de vista técnico, tático e, especialmente, animico. É como se, de uma hora para outra, o Grêmio ganhasse Kleber.

Leonel – Dorival perde o jogador mais completo com que poderia contar no clássico. Oscar tem a visão panorâmica, o lançamento e chute precisos. E ajuda na marcação.



INTELLIGENCE



MÁXI LÓPEZ

FERNANDÃO

MEU CLÁSSICO inesquecível

LEANDRO BEHS - GRE-NAL 360

Ao lado da casamata

"No Gre-Nal do Gol 1000, feito por Fernandão, fiquei ao lado da casamata de Joel Santana. Observei seus movimentos e seus registros a tarde inteira, gelada naquele 10 de julho de 2004. Joel pouco anotava na prancheta, que mais parece ser seu objeto de marketing. De dentro do campo, vi de perto um momento histórico nestes 102 anos de Gre-Nal!"

LEONARDO OLIVEIRA - GRE-NAL 347

A cobrança de Ronaldinho

"Meu Gre-Nal inesquecível foi o que estive mais perto do gol e não o vi, só o ouvi. Foi o clássico 347, em 7 de outubro de 2000. O Inter fez 1 a 0, com Elivelton. Mas houve falta próxima da área. De trás do gol, vi Hinan e Enciso se olharem como se vissem o gol. Ronaldinho mandou um chute forte, seco. A um metro da rede, não vi a bola entrar. Só ouvi o som dela batendo na rede. Warley ainda faria o 2 a 1 gemista."

DIOGO OLIVIER - GRE-NAL 332

O clássico dos Murilos

"Um Gre-Nal que me marcou foi, por incrível que pareça, de reservas. O Inter apostou em Murilo, um meia com passagens pela seleções de base. O Grêmio apostou em Murilo, goleiro bom e azarado: surgiu na Era Damrêi. A previsão era de que seria um jogo chato. O incrível é que, mesmo acabando em 0 a 0, foi um grande Gre-Nal. Tivemos de virar a edição em ZH tal a eletrividade do jogo. Ali eu aprendi que qualquer Gre-Nal é um mundo à parte!"

LUIZ ZINI PIRES - GRE-NAL 349

Carnaval gelado?

"Uma história que me marcou foi em um Gre-Nal pelo Gaúcho de 2001. Era maio, já fazia frio em Porto Alegre. Monava em São Paulo e desembarquei no Aeroporto Salgado Filho a poucas horas do jogo. Havia muitos torcedores com as camisetas de Inter e Grêmio. Um burburinho. Ao subir no taxi, ouvi o diálogo de dois estrangeiros, também recém-chegados à cidade, impressionados com a agitação: – Será que é o Carnaval?"

LEONEL CHAVES - GRE-NAL 377

Estreia no centenário

"Meu Gre-Nal inesquecível tem dois registros históricos, por ser o meu de estreia e o do Centenário. Havia ingressado na editoria de Esportes de ZH como free-lancer, para produção de um caderno especial sobre o clássico. Permaneci para a cobertura do jogo e vi Máxi López fazer o 2 a 1 e marcar o nome na história do futebol gaúcho."



GOL
de Letra

Atrativos maiores

Os prejuízos são grandes, mas de algum modo eles têm sido superados. Surgiram nessas emergências Werley, um bom zagueiro, Sandro Silva, um volante promissor, Jajá e Tinga dos últimos jogos, Marco Antonio como promessa de 10, a volta de Mário Fernandes. Os dois goleiros, Muril e Victor, quase perfeitos, nunca foram substituídos, o que tem sido a garantia da primeira posição que, não por nada, é o começo do time. Gilberto Silva voltou com uma naturalidade rara com a máscara protegendo o nariz quebrado. Guizazu já não sente mais dores e corre o campo inteiro, talvez Marcelo

Moreno já possa voltar ao time do Grêmio, Dátolo já firmou um futebol de qualidade. Mas mesmo que tudo isso seja um fato em favor da solução de problemas nos times, falta lateral direito como Nei no Inter, falta um goleador como Kleber no Grêmio. Nem tudo se resolve, muita coisa é a hora que decide. Mas o Gre-Nal se move a despeito de tudo isso, até mesmo da intervenção poderosa de Luxemburgo e Dorival. Não é que seja um jogo à deriva, com descontroles insistentes, tornando-se relativamente fácil perder o rumo dos acontecimentos.

Haverá atrativo maior para o grande clássico deste domingo?

RICARDO BOUTTE



O fiel volante Tinga é uma das peças no xadrez de Dorival Júnior para o Gre-Nal



Um Gilberto Silva seguro mesmo com a máscara é um destaque de Luxemburgo

Ainda o Caso Oscar

Fez-se justiça com Oscar e, por extensão, com o Inter, que sempre bancou o jogador e se mobilizou para defendê-lo nos tribunais. O habeas corpus é uma libertação para o trabalhador, mas para jogar no Inter Oscar terá de ter documentação registrada a tempo na Federação e na CBF, o indispensável BID. Não houve prazo para a habilitação no Gre-Nal. É uma lástima. Oscar tem a importância de Kleber, do Grêmio, e seria assim vantagem colorada: os dois têm a qualidade de resolver os

problemas do campo.

O fato de Oscar estar sem jogar, só treinando há mais de três semanas, poderia ser um problema que nem todos os jogadores sabem resolver. Falta-lhes tempo de bola, naturalidade, perdem o ritmo do passe e da passada. Oscar é longilíneo e magro, joga compassadamente, lida bem com a bola e os companheiros, certamente tudo isso poderia ajudá-lo.

Mas vai ficar como o possível grande acontecimento do Gre-Nal. Que não houve.

A coluna de Ruy Carlos Ostermann é publicada às quartas-feiras e aos domingos

RUY CARLOS OSTERMANN
rui.ostermann@zerohora.com.br



Letrinhas

Os grandes jogos estão sob controle, sem vacilos grandes, times bem armados, com marcação severa e de campo inteiro (embora se insista ainda em declarar que o centroavante está sozinho). Já se vê quase todos os dias na TV, da Europa sobretudo, mas também de toda a América Latina como foi Inter e Fluminense no Beira-Rio, uma rigorosa igualdade de oportunidades e acasos. É difícil imaginar o Gre-Nal fora desse contexto. A igualdade será uma conquista dos dois.

Quem vencer o Gre-Nal será, quase com certeza, o campeão do Campeonato Gaúcho de dois turnos e suas semifinais e finais. A grandeza da vitória no jogo ou nos penáltis vai amassar o Casias, do técnico Mauro Ovelha, que se prepara em silêncio, mas sabe o tamanho das dificuldades no Olímpico ou no Beira-Rio.

A decisão de Pep Guardiola em deixar o Barcelona ao fim da temporada, sem aceitar sequer uma generosa contraproposta do clube, encerra uma carreira de quatro anos como técnico do Barça e quase todos os títulos nacionais, europeus e internacionais. Não há outro técnico com a mesma titulação. Mas os últimos reverses, três em sequência, contra Real Madrid e Chelsea (duas vezes), apressaram a sua decisão. Consta que Guardiola já havia advertido seus dirigentes antes. Evita assim uma inevitável reconsideração catalã e ganha tempo para tomar outra decisão. Quer continuar como técnico, e seria mesmo um absurdo se não o fizesse. Não será fácil: no Barça ele foi jogador, nasceu no Camp Nou.

DIOGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br

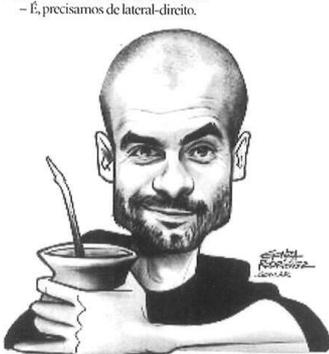


Ai, se eu te pego

Dizem que, no Brasil, o cumprimento de uma lei não se alcança pelo controle rigoroso das polícias ou por uma consciência civil capaz de obedecê-la. Neste país de graça e manomêlencia vale o princípio Michel Teló. A lei tem que pegar. Assim é também no Gre-Nal. O Gre-Nal mobiliza, eleva alguns decibéis e tom do debate no bar, transforma as redes sociais em coliseus de gladiadores e manda a coerência dos argumentos para o inferno, desde que seja a favor do seu time. Do universo de quase 400 clássicos (o deste domingo é o 392) há uma divisão clara: os que pegaram e os que não pegaram.

Há farta de exemplos de Gre-Nais que pegaram. O primeiro desta história de 103 anos, vencido pelo Grêmio, será lembrado até o juízo final como o dos 10 a 0, por motivos óbvios. O Gre-Nal Farrroupilha, em 1935, virou data comemorativa. Foi o último jogo de Lara. O Grêmio sagrou-se campeão citadino com um 2 a 0. Desde então um jantar anual celebra o clássico alusivo aos 100 anos da Revolução. O Gre-Nal do Século (1989), vencido de virada pelo Inter por 2 a 1 com um jogador a menos, garantiu vaga na final do Brasileirão, entre pinçeladas de heroísmo. Houve até um Gre-Nal que pegou sem ter existido: o da Legalidade. Dias antes de 27 de agosto de 1961, um domingo, de clássico, Leonel Brizola deflagrou o movimento em defesa da posse do vice, João Goulart. Jânio Quadros renunciara, causando a maior confusão institucional. O Gre-Nal foi disputado só duas semanas depois, sem grife.

Clássicos com atuações individuais espetaculares também são fáceis de pegar. Larry carimbou a inauguração do Olímpico, em 1954. Obrigou o goleiro Sérgio, que abandonou o campo no meio do jogo de tio humilhado, a buscar a bola na rede quatro vezes naquele 6 a 2. Em 2009, Maxi López marcou o gol da vitória no Gre-Nal de 100 anos do clássico. Nunca vi atuação tão assombrosa como a de Ronaldinho sobre o Inter de Dunga, dez anos antes: clássico, chapéu, caneta, arrancada a jato, gol do título. Dois anos antes, Uh! Fabiano esfolaria o Grêmio no Gre-Nal dos 5 a 2. Em 1974, depois que Cláudio Radar entrou numa roda de bobinho armada por Vacaria, Carpegiani e Lula, sem uma lágrima de compaixão de algum companheiro seu, o então governador e gremista Snyral Guazzzi sentenciou ao microfone, rotulando o Gre-Nal do Cláudio Radar.



Há vários outros exemplos, enfim. O Gre-Nal deste domingo poderia ser o Gre-Nal do Oscar com qualquer resultado, tal a polêmica jurídica. Mas ele não joga. Numa dessas pode ser o Gre-Nal da casamata. Um técnico entrará segunda-feira miseravelmente eliminado. Depois que **Guardiola** não suportou fechar uma temporada sem títulos e pediu as contas no Barça, tudo é possível. E se eles encarnarem Rinus Michels e criarem uma novidade lítica intrigante? Pode ser o Gre-Nal do Luna ou do Dorival. Será que Gre-Nal de treinador pega?

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/hoastarue e no twitter em [foalagui](https://twitter.com/foalagui)

BELAS GAROTAS **ALTA GASTRONOMIA**

GRUTA AZUL
O MELHOR DA VIDA PASSA AQUI

*AS MAIS LINDAS MODELOS *SHOWS INTERNACIONAIS E NACIONAIS
Rua Gaspar Martins, 230 - POA/RS - Fone: 3222.9380
www.grutaazulclub.com.br / www.restaurantedogrutaazul.com.br

ZERO HORA DOMINGO, 29 DE ABRIL DE 2012

Esporte 45

Bola Dividida



LUIZ ZINI PIRES

luiz.zini@zerohora.com.br

WIANEY
CARLET

wianey.carlet@zerohora.com.br

Ouro de Moscou

O brasileiro Mário Fernandes fez um contrato de futebol inglês com os russos do CSKA. Deve receber cerca de R\$ 25 milhões por um acerto de cinco temporadas, a partir de agosto.

Além dos salários de primeiro mundo, o lateral, que joga de zagueiro e volante, receberá prêmios especiais por vitória.

Um ponto conquistado no campeonato russo vale cerca de R\$ 18 mil. Como o CSKA faz uma média de 60 pontos no Campeonato Russo, ele pode receber mais de R\$ 1 milhão só em bichos em menos de um ano – fora as outras competições.

Como não sabe dirigir, não quer aprender e nem tem carteira, Mário ganhará um motorista para poder circular tranquilamente por Moscou.

Segunda-feira, ele segue para Munique, onde faz exames médicos, sob supervisão dos dirigentes russos. Volta, joga a Copa do Brasil pelo Grêmio, apesar da contrariedade dos seus novos empregadores, e se apresenta na Rússia, em agosto.



FOTO: ANDRÉ LOPES/AGÊNCIA OLYMPIA

Prêmio

A FGF entrega neste domingo, no Beira-Rio, a Taça Farroupinha, que corresponde ao título do segundo turno do Gaúcho, ao vencedor do Gre-Nal.

O troféu foi instituído em 2011. O Inter ganhou a primeira réplica.



FOTO: ANDRÉ LOPES/AGÊNCIA OLYMPIA

Cara limpa

Gilberto Silva jogará o clássico sem a máscara azul que protegia o nariz fraturado no mês passado.

Treinador

O técnico Beto Almeida renovou com o Pelotas até depois do Gaúcho 2013, que se inicia no final de janeiro.

Convites

Ex-lateral do Grêmio, Lúcio recebeu cinco propostas de trabalho nas últimas semanas: China, Dubai, Atlético-PR, Portuguesa e Bahia.

Fortuna

Somando todas as fases da Liga dos Campeões, a Uefa deve liberar mais de R\$ 80 milhões ao vencedor.

Copa do Brasil

A CBF mudou a data de Fortaleza e Grêmio. O jogo será disputado no dia 9, às 22h.

Contrato

Em crise, os clubes europeus estão fazendo contratos de risco. A Juventus, da Itália, contratou o volante Gabriel, 18 anos, do Resende (RJ), por 2 milhões de euros.

Se ele conseguir jogar cinco partidas, o Resende recebe mais 1 milhão de euros, se fizer 15, 1,5 milhão de euros e, com 25 jogos, leva 2 milhões de euros.

Exportação

O fisiologista Bruno Rangel, 22 anos, filho do técnico Bagé, que trabalha com o ex-lateral Arce na seleção do Paraguai, foi convidado pela federação local a desenvolver um projeto de longo prazo com os principais clubes do país.

Retrospecto

Antes de enfrentar o Inter, dia 10, o Fluminense começa a decidir o título carioca com Vasco ou Botafogo, dia 6. Apesar de não ter marcado no Beira-Rio, o ataque do Flu fez 45 gols em 25 jogos em 2012, média de 1,8 por partida. Só não acertou as redes em três partidas, uma delas em Porto Alegre.

Sem noção

Os dirigentes de São Paulo evitam falar de Oscar. Deixam tudo com os advogados.

Nos bastidores, porém, eles insistem. Dizem que o jogador está mal assessorado e acham que Casemiro e Lucas, amigos de Oscar na base e na seleção, podem servir de referências para a sua volta ao Morumbi.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Zini em www.zerohora.com/blog/zozini, siga Luiz Zini Pires pelo Twitter em @blogzozini



INFINITY DO GRÊMIO

O único pré ilimitado de verdade agora deixa você mais perto do Tricolor.

VOCÊ GANHA

- Notícias diárias via SMS
- Escalação e alerta de gols
- Hino e papel de parede

Prêmio Infinity Pré: tarifa de R\$ 0,25 por dia em chamadas para TIM local e 000 via 41. Benefício válido de 9/9/2011 a 30/9/2012. O conteúdo embarcado nos chips é gratuito. Para mais informações, consulte o regulamento em www.tim.com.br.

R\$ 0,25/DIA
PARA QUALQUER
TIM DO BRASIL

TIM
Você, sem fronteiras.

Gre-Nal é Gre-Nal

Confesso que não esperava que o Inter conseguisse habilitar Oscar para o Gre-Nal. Caso pudesse jogar, o Inter ganharia e muito. Entretanto, Oscar, sozinho, seria insuficiente para resolver todos os problemas da sua equipe. Quem preferir, pode lembrar a velha máxima, segundo a qual, "sozinha, uma andorinha não faz verão". Com Oscar ou sem Oscar, o Grêmio seria favorito pelos motivos, exaustivamente, expostos neste espaço ao longo da semana. A não ser que o Inter fosse capaz de se mobilizar de maneira tão espetacular que surpreendesse o Grêmio e o mundo. Porém, acima de qualquer consideração, persiste a lição de Meneghetti: Gre-Nal é Gre-Nal.

Quem será Gago? – No início da semana, este colunista acreditava que Marquinhos seria o substituto de Gago. Hoje, a segurança foi substituída pela dúvida e, até, por uma nova posição. É possível que Vilson seja o primeiro volante e Fernando execute as tarefas de Gago, jogando na segunda posição do meio-campo. Se assim for, estará preservado o losango que Luxemburgo aprecia e, teoricamente, não haveria prejuízos defensivos e ofensivos. Assim como Gago, Fernando também possui chute forte de média e longa distâncias.

Quem será D'Ale? – Tinga não é D'Alessandro. Dátolo, menos ainda. Já é meia-atacante, não tem características de armador. Quem poderia substituir D'Ale? Oscar. Mas ele também não vai jogar.

Encolheu – O espaço para a torcida visitante, que já seria pequeno, minguiu ainda mais. Os gremistas receberam 2 mil ingressos e não os 2,8 mil que sempre recebe o visitante em Gre-Nais. A explicação é a preocupação com a segurança, levando-se em conta que o Beira-Rio está em obras. Mesmo assim, o futebol gaúcho não precisou repetir outros centros, onde clássicos e decisões são disputados com a presença de uma só torcida.

Juridiquês – Quem é leigo lê uma sentença judicial e corre grave risco de não compreender o que está escrito ou, tão ruim quanto, entender errado o que está lendo. Se compreendi bem a manifestação do ministro Guilherme Caputo Bastos, ele deu um puxão de orelhas no TRT de São Paulo por considerar que houve uma incongruência na decisão daquele tribunal ao "agravar a situação jurídica daquele (Oscar) que submeteu sua demanda ao judiciário". Seja como, algo não cheira bem pelos lados do TRT paulista.



O primeiro Gre-Nal que assisti virou inesquecível. No início dos anos 70, eu já tinha 20 e poucos anos. Não tinha ido a estádios para ver futebol. Por ser do interior, eu não me interessava por clubes de futebol. Aquilo não era da minha realidade. Foi levado pelos meus amigos ao Beira-Rio. Na época, o estádio era de torcidas divididas e essa atmosfera me fascinou. Um atacante do Grêmio deu um chute poderosíssimo. A bola bateu na trave direita do goleiro Schneider, passou por trás do goleiro e ainda bateu na outra trave. Não lembro de quem ganhou ou do resultado. Eu só me lembro da festa das torcidas e nunca mais me desliguei do futebol depois daquele momento.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em wp.zicrds.com.br/wianeycarlet

CORREIO DO POVO

SEGUNDA-FEIRA | 30 de abril de 2012 | 27

Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

Juventus goleia e permanece liderando

» A Juventus lidera na Itália. Ontem, pela 35ª rodada, goleou o Novara por 4 a 0, fora de casa, chegando aos 77 pontos. O Milan também jogou longe de seus domínios, aplicando 4 a 1 no Siena, e é o 2º, 74 pontos. Demais jogos: Atalanta 2 x 0 Fiorentina, Bologna 3 x 2 Genoa, Inter 2 x 1 Cesena (rebaixado), Lecce 1 x 2 Parma, Udinese 2 x 0 Lazio, Cagliari 0 x 0 Chievo, Palermo 1 x 1 Catania e Roma 2 x 2 Napoli.

Porto é campeão português antecipado

» O Porto conquistou ontem, por antecipação, o bicampeonato português, graças ao empate do Benfica com o Rio Ave em 2 a 2. No sábado, o Porto havia derrotado o Marítimo por 2 a 0, chegando aos 69 pontos. O Benfica está com 63 pontos e restam só duas rodadas. Na França, no sábado, o Lyon ganhou a Copa da França, ao bater por 1 a 0 o Quevilly, da 3ª divisão, no Stade de France, em Saint-Denis. Gol do argentino Lisandro López.

Real Madrid perto do título

DANI POZO / AFP / CP

Falta apenas um ponto para o time da capital voltar a ser campeão espanhol após quatro anos. Ontem, o time de Kaká fez 3 a 0 no Sevilla



Equipe de José Mourinho não teve dificuldades para vencer o Sevilla

CHICO IZIDRO

O Real Madrid está a um ponto de reconquistar a hegemonia na Espanha. Ontem, venceu facilmente o Sevilla por 3 a 0 no Santiago Bernabéu, pela 36ª rodada da La Liga. Restam três rodadas, uma delas a 20ª, que será realizada no meio da semana.

Os merengues estão com 91 pontos, contra 84 do Barcelona, atual tricampeão, que visitou o Rayo Vallecano em Valdecas, em Madrid, e goleou por 7 a 0. Num dos gols, Daniel Alves e Thiago

Alcantara fizeram uma dancinha, atitude condenada pelo capitão Puyol e por Guardiola. A briga pela artilharia está intensa. Cristiano Ronaldo e Messi têm 43 gols cada um.

O Racing Santander é o primeiro rebaixado, após levar 3 a

0 da Real Sociedad em San Sebastián. Os demais jogos: Zaragoza 2 x 0 Athletic Bilbao, Betis 2 x 2 Atlético de Madrid, Málaga 1 x 0 Valencia, Getafe 1 x 3 Mallorca, Levante 3 x 1 Granada, Espanyol 0 x 3 Sporting e Villarreal 1 x 1 Osasuna.



No domingo, o espanhol Fernando Torres fez três gols pelo Chelsea

Clássico em Manchester

O título da Premier League será decidido hoje quando Manchester City e Manchester United enfrentarem-se no estádio City of Manchester, às 16h (de Brasília), no complemento da 36ª rodada. Os Diabos Vermelhos lideram com 83 pontos, enquanto que os Azuis têm 80 pontos, mas, se vencerem, assumem a ponta devido ao saldo de gols.

Na briga pelas outras duas vagas na Champions, o Chelsea goleou por 6 a 1 o QPR no clássico londrino, com três gols de Fernando Torres. O Arsenal ficou no 1 a 1 com o Stoke e o Tottenham fez 2 a 0 no Blackburn, enquanto que o Newcastle levou 4 a 0 do Wigan.

Outros jogos: Everton 4 x 0 Fulham, Norwich 0 x 3 Liverpool, Sunderland 2 x 2 Bolton, Swansea 4 x 4 Wolverhampton (rebaixado) e West Bromwich 0 x 0 Aston Villa. Subiram Reading e Southampton.

Placar CP

- **ALEMANHA** – 33ª rodada: Kaiserslautern 2 x 5 Borussia Dortmund, Wolfsburg 3 x 1 Werder Bremen, Schalke 04 4 x 0 Hertha, Borussia Mönchengladbach 0 x 0 Augsburg, Freiburg 4 x 1 Colônia, Hamburgo 0 x 0 Mainz 05, Hoffenheim 2 x 3 Nuremberg, Bayern 2 x 0 Stuttgart e Bayer Leverkusen 1 x 0 Hannover 96. Campeão: Borussia Dortmund. Rebaixado: Kaiserslautern.
- **ARGENTINA** – Clausura, 12ª rodada: San Lorenzo 2 x 0 Arsenal, Unión 2 x 0 Olimpo, Argentinos Juniors 0 x 0 Atlético Rafaela, San Martín 1 x 0 Godoy Cruz, Newell's Old Boys 1 x 1 All Boys, Boca Juniors 1 x 1 Colón, Independiente 2 x 0 Banfield e Lanús 3 x 1 Racing. Hoje: Belgrano x Tigre. Líder: Boca, 24; 2º Vélez, 23. Nacional B, 31ª rodada: Aldosivi 1 x 1 River Plate. Líder: Instituto, 62; 2º River Plate, 59; 3º Rosario Central, 56.

Esportes na TV

- 15h45 – ESPN Brasil, futebol inglês: Manchester City x Manchester United
 - 16h45 – Sportv, futebol português: Sporting x Académica
 - 19h15 – Sportv, Liga Futsal: ACBF x Jaraguá do Sul
- A programação é fornecida pelas emissoras de televisão e de sua responsabilidade



<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach>

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



Ganhou quem jogou mais

Du Inter no Gre-Nal. Com justiça. Continua sendo um mistério a escalação inicial de Luxemburgo, pois até agora aquele Grêmio não entrou em campo. Se no papel o time estava ofensivo com Bertoglio, Miralles e André Lima, na prática só quem atacou foi o Inter. Fez 1 a 0 e poderia ter anotado 3 a 0.

Luxemburgo corrigiu o equívoco no segundo tempo, colocando Marquinhos na vaga de Miralles e Moreno na de André Lima. O Grêmio melhorou e empatou. Quando o jogo era igual, Luxemburgo pediu para ser expulso ao tirar satisfação de um gandula. O Inter cresceu e ampliou, 2 a 1. Ganhou o retorno e está na final do regional. Agora, terá que provar em campo seu favoritismo contra o Caxias.

Papel I

Era para ser um Grêmio ofensivo na prática. Mas o time do papel não funcionou. Luxemburgo pretendia explorar o que imaginava ser uma deficiência do Inter, as laterais. Não havia Nei nem Kleber, no entanto Fabrício e a surpresa, o improvisado Jackson, deram conta.

Papel II

Dorival foi de três volantes (Sandro Silva, Tinga e Guinazu) mais Dátolo, Jajá e Damião. O esquema funcionou perfeitamente nos primeiros 45 minutos. O Inter fez 1 a 0 e desperdiçou outras chances claras. Dátolo abriu o marcador. Foi o oitavo gol do argentino no Gauchão.

Personagem I

Se não deu certo a escalação inicial, as mudanças promovidas por Luxemburgo, embora óbvias, surtiram efeito. Sairam Miralles e André Lima para a entrada de Marquinhos e Marcelo Moreno. Em 5 minutos o Grêmio havia feito mais do que nos 45 iniciais. O gol veio cedo, aos 10 minutos, depois de uma falha incrível de Moledo, que, ao tentar corrigir um erro, cometeu falta, cobrada no poste por Fernando. No rebote, gol de Werley. O clássico estava equilibradíssimo.

Personagem II

Aos 19 minutos, quando o gandula João Pedro colocou a bola para a cobrança de Dátolo, o juiz anulou o lance. Luxemburgo foi tirar satisfação de João Pedro, houve confusão e o treinador do Grêmio acabou expulso. Após o tumulto o Inter voltou a crescer, embaldado pela torcida, que gritava "gandulaaa, gandulaaa". Depois do jogo, Tinga diria que o gandula faz parte do grupo. Luxemburgo reconheceu o erro, que teve influência decisiva no resultado.

Agressão?

Entrevistado pela Rádio Guaíba, o gandula João Pedro afirmou não ter levado um tapa no rosto de Luxemburgo: "Ele não me agrediu, não tocou em mim. Ele tentou pegar meu pescoço". As imagens que assisti mostram que Luxemburgo tenta dar um empurrão. Luxa: "Eu, com a minha experiência, não poderia ter feito isto". Tem razão.

Reservas

Eram 31 minutos quando Jajá cobrou um escanteio que encontrou Fabrício. Este entrou em velocidade e cabeceou forte. Os dois reservas desempataavam o Gre-Nal. Dorival optou por escalar Jackson e não Elton na vaga de Nei. O garoto deu conta do recado. Sem Nei, Kleber, Oscar, D'Alessandro e Dagoberto, o Inter se saiu muito bem.

Tiro Livre

- **Inacreditável: o jovem gandula expulsou o experiente Luxemburgo.**
- Luigi estranhou o fato de a CBF não ter dado condições para Oscar atuar no Gre-Nal. E tem certeza de que o garoto jogará contra o Flu.
- **Rola na Internet: "A CBF irá julgar a expulsão do gandula a tempo de ele ser escalado contra Caxias?"**
- Esta também: quando o São Paulo entregar o futebol de Dagoberto, o Inter fará o pagamento por Oscar.
- **Dorival e os gandulas: "Não sei até que ponto alguém pode classificar essa jogada de desleal com o adversário. Neste domingo os gandulas estavam trabalhando da mesma forma eficiente para o adversário, que, porém, não aproveitava".**
- O Grêmio no site sobre o gandula: "Usando um artifício que já é de praxe no Beltrão, o gandula colocou a bola para rápida cobrança de Dátolo. O lance originou uma confusão que acabou com a partida paralisada por aproximadamente 5min e a expulsão de Luxemburgo".

Vender, comprar, alugar, na Hora?

GARCIA
IMÓVEIS

Central de Lançamentos:
Av. Nilo Pecanha, 2062

Assis Brasil, 6186 | Av. Ecoville, 865
Central de Negócios: 30.14.9000
www.garciaimoveis.com.br

121

ZERO HORA > SEGUNDA | 30 | ABRIL | 2012



A razão da vitória

100% argentinos

O time com argentinos de verdade foi o que venceu o Gre-Nal por 2 a 1 e conquistou a Taça Farroupilha, ontem à tarde, no Beira-Rio: o Inter.

Já o time com argentinos genéricos, o Grêmio, está fora da decisão do Gauchão e agora só tem a Copa do Brasil com que se preocupar no resto do semestre.

Por argentinos "de verdade" compreendamos os que são imbuídos dos tradicionais predicados dos irmãos do Prata: a vibração, a entrega, a inconformidade. Guinazu e Dátolo, os argentinos que o Inter teve em campo ontem, possuem essas qualidades e as demonstraram de sobejo no gramado do Beira-Rio.

Os argentinos do Grêmio não mostraram nenhuma "argentividade". Bertoglio e Miralles foram a imagem do desânimo, da falta de altivez. Um lance aos 30 minutos do primeiro tempo pode ser escolhido como emblema desses dois lados do mesmo jogo: a bola havia sido lançada na direção de Bertoglio. Ele podia alcançá-la, se desse um "sprint", mas, das trevas da grande área, surgiu o zagueiro Moledo correndo resolutamente em linha reta, os ombros duros, o olhar vidrado, como se avisasse que desconsideraria qualquer objeto que se interessasse entre ele e a bola. Bertoglio entendeu



David Coimbra



david.coimbra@zerohora.com.br

a mensagem e diminuiu a passada. Deixou a bola escorregar para fora tristemente. Vanderlei Luxemburgo percebeu o vacilo de seu atacante e chamou sua atenção acintosamente à beira do gramado. Um argentino "pipocando"? Onde estava a "alma castelhana"? Era um sinal do que estava por acontecer.

Até então, o jogo era igual. O Grêmio tinha três atacantes: seus dois argentinos e mais André Lima. O Inter, para contê-los, tinha Jackson, um zagueiro na lateral-direita. Funcionou. Embora o Grêmio retivesse mais a bola, não construía um único ataque agudo, não chutava em gol, não entrava na área. O Inter é que atacava com maior contundência, valendo-se, sobretudo, das arrancadas de Jajá, um jogador que, se não é um virtuoso, se não é um velocista, é um pernalta decidido, que coloca o corpo na frente do adversário, atrai a bola para frente e quase sempre consegue abrir espaços até à meia-lua.

No meio da área, Damiano não obtinha vantagem com a bola entre os pés, mas, pelo alto,

aproveitou-se da já histórica deficiência dos zagueiros do Grêmio, conseguiu cabecear a bola duas vezes e duas vezes Victor defendeu com muita competência. Mas, aos 36, depois de um levantamento de Tinga, a bola bateu no peito de Damiano, Gabriel errou ao tentar afastar e ela sobrou para Dátolo, que chutou rasante e fez 1 a 0.

Luxemburgo fez duas trocas no intervalo: tirou Miralles, que só apareceu quando errou passes, e colocou Marquinhos; tirou André Lima, que brigava muito, mas produzia pouco, e colocou Moreno. O time melhorou. Aos três minutos, o ativo Pará passou por Jackson e chutou por cima. Era a primeira finalização do Grêmio no jogo. Aos sete, Marquinhos bateu cruzado e a zaga afastou. Aos nove, Dátolo errou um passe, Moledo se complicou e Moreno tomou a frente. Ia entrando na área, ia marcar o gol. Moledo o derrubou. Na cobrança da falta, aos 10 minutos, Fernando, um dos melhores em campo, acertou na trave. No rebote, Werley empatou a partida.

RUY CARLOS OSTERMANN
Colunista de Zero Hora

Dorival resolveu melhor suas dificuldades. Fabrício, Jajá, Jackson, Sandro Silva e Dátolo foram destaques. É uma boa explicação para o jogo.

O Grêmio estava melhor e parecia prestes a virar o placar. Muito por causa de seu treinador, que mudou o time no intervalo e que lhe passava a gana que estivera em falta no primeiro tempo. Era tal a vontade de vencer de Luxemburgo que, aos 18 minutos, ele se envolveu em uma discussão com um guarda do Inter. O rapaz tentou repor a bola rapidamente num escanteio e Luxemburgo correu para protestar. Acabou expulso.

Mas o Grêmio seguiu melhor. Aos 29, Pará entrou a driblar na área pela esquerda e passou para trás. Marquinhos chutou fraco e perdeu o gol. Só que, aos 31, numa cobrança de escanteio de Jajá, Fabrício antecipou-se aos zagueiros, voou a um metro e meio do chão, na linha da primeira trave, e testou a bola para marcar o 2 a 1.

Quase ao mesmo tempo, Luxemburgo sacou o último de seus argentinos esmorecidos, o pequeno Bertoglio, e botou Leandro. Mas aí outro argentino verdadeiro do Inter, Guinazu, já havia se assenhoreado do meio-campo e, com a combatividade de hábito, mascava o jogo, retinha a bola, protegia-a, esperava pela falta e pelo passar do tempo. E o tempo passou sem que o Grêmio encontrasse solução para sua falta de talento já crônica. O Inter vai para a final contra o Caxias porque, neste clássico, por menos que apresentasse, nunca deixou de apresentar autenticidade.



Guinazu e Dátolo mostraram no Beira-Rio aquilo que se espera de jogadores argentinos: vibração, entrega, inconformidade. Já Bertoglio e Miralles...

Final da Taça Farroupilha - Gauchão 2012 - 25/4/2012

2	1
INTER	GRÊMIO
MurIEL	Victor
Jackson	Gabriel
Rodrigo Moledo	Gilberto Silva
Índio	Werley
Fabrício	Pará
Sandro Silva	Fernando
Guinazu	Souza
Tinga	Marco Antonio
Dátolo (15, 26 (2T))	Bertoglio (Leandro, 29 (2T))
Jajá (Baltar, 47 (2T))	Micael (Marquinhos, etc.)
Leandro Damiano	André Lima (Moreno, etc.)
Técnico Dorival Júnior	Técnico Vanderlei Luxemburgo

Gols: Dátolo (1), aos 36min, no primeiro tempo; Werley (6), aos 10min, e Fabrício (1), aos 31min, no segundo tempo.

Cartões amarelos: Sandro Silva, Leandro Damiano, Jackson e Rodrigo Moledo (1), Pará, Bertoglio, Gilberto Silva e Werley (1).

Arbitragem: Márcio Chagas da Silva, auxiliado por Afonso Hascarian e Paulo Ricardo Conceição.

Público: 22.239 pessoas (18.921 pagantes).

Renda: R\$ 56140.

Local: Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre.

PRÓXIMO JOGO - GAUCHÃO
6/5/2012, DOMINGO - 16H
CAXIAS X INTER

PRÓXIMO JOGO - COPA DO BRASIL
2/5/2012, QUARTA-FEIRA - 19H30MIN
FORTALEZA X GRÊMIO

Leia o blog do David em www.zerohora.com



DIOGO OLIVIER
diogo.olivier@zerohora.com.br



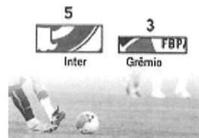
A alegria dos ídolos

Lesionado, mas sempre presente, D'Alessandro estava enlouquecido nas cabanas, ao lado de Fernando e de Clemer. Assistiu ao jogo nervoso, o tempo todo, por não estar em campo. Mas, assim que Márcio Chagas apitou o final da partida, partiu com Kleber e com Taison para o gramado. Pegou a taça, correu na frente durante a volta olímpica e ainda brincou com a lesão:

– Não estou podendo correr, estou apenas trotando. Trotes à parte, o meia tem alguma chance de voltar ao time no jogo do Centenário, em Caxias. Em fase final da recuperação da lesão muscular na coxa direita, é possível que retorne em Caxias do Sul. Caso ainda não apresente uma plena reabilitação, será preservado para o jogo contra o Fluminense, no dia 10.

GRE-NAL EM NÚMEROS

ESCANTEIOS



MARCIO OLIVEIRA, VÍCIO, FOG ESPERIDIA

Flauta

Após a volta olímpica do Inter, Paulo Odone deixou os camarotes e atravessou o campo, rumo ao vestiário. No trajeto, foi recepcionado por cerca de 50 colorados que, das cadeiras, gritavam com grande dose de ironia:

– Odoneeee, Odoneeee, Odoneeee.



Vibração

Além de Sandro Silva, que ontem completou 28 anos, o diretor de comunicação do Inter, Gelson Pires, comemorou 67 anos. E de foi homenageado pelos jogadores com a vitória no clássico. Entusiasmado com a Taça Farrroupilha, esbravejou:

– Os suplentes do Inter são melhores do que os titulares do Grêmio.

Visitante

De férias do Metalist, em Porto Alegre, Taison foi ao Beira-Rio torcer pelo seu ex-time. Assistiu ao jogo ao lado de Kleber – que, lesionado, não atuou. Depois do título, o atacante contou que quase não foi ao jogo, temendo levar azar à equipe:

– Que saudades do Inter. É bom ver o time campeão de novo. Por pouco não vim, fiquei com medo de perder o Gre-Nal e, depois, pensarem que a culpa foi minha.

Anos 70

A escalação do Grêmio, revelada somente no momento em que os reservas encaminharam-se para a casamata, com o clássico quase iniciando-se, foi motivo de ironias pelos colorados.

– O Grêmio voltou aos anos 70? Fazendo essas malandragens, eles parecem estar vivendo naquela década. Esse tipo de malandragem não ganha jogo.

Oscar volta domingo

Diante do Caxias, Dátolo deverá ter um novo parceiro no meio-campo: Oscar. A expectativa do Inter é de que o meia volte ao BID nesta quarta-feira. Com o contrato revalidado, Oscar poderá atuar normalmente nas finais do Gauchão.

Quem pode jogar em Caxias:

SIM
Dagoberto – Poucado do clássico, por desconforto muscular, pode retornar.
Nei – Cumpriu suspensão no Gre-Nal.

TALVEZ
D'Alessandro – Em fase final de recuperação da lesão na coxa direita, pode voltar.

DE JEITO NENHUM
Kleber – Lesionado e com volta prevista somente para a abertura do Brasileiro, em 20 de maio.
Moleto – Suspensão pelo terceiro cartão amarelo.
Damiano – Suspensão pelo terceiro cartão amarelo.

Gre-Nal do gandula

Nem todos os Gre-Nais “pegam”, mas o 392 vai ser impresso na história como aquele em que o grande Vanderlei Luxemburgo mandou o time entrar em campo com 18 jogadores e brigou com um gandula. O mistério para confirmar Miralles revelou-se uma usina para não acender uma lâmpada. Três atacantes sem articulação é o mesmo que tentar encher a banheira d'água fechando a torneira. O Grêmio só foi chutar na direção do gol aos três minutos do segundo tempo, já no formato original de meio-campo: Fernando, Souza, Marco Antonio e Marquinhos (que entrou no lugar do argentino).

Luxa corrigiu-se no intervalo, o que é louvável. Mas ao ser expulso no episódio do gandula matou o Grêmio. Márcio Chagas fez reunião no campo antes do clássico, proibindo favorecimentos na reposição de bola nos escanteios. Já tinha invalidado o lance quando Luxa encenou o teatro do absurdo. A partir dali, sem comando, com André Lima e Paulo Paixão se revezando ao celular na beira do campo, o Grêmio sumiu. Luxa seguirá sendo um grande treinador, é claro, mas ontem entrou na história dos Gre-Nais pela porta dos fundos, embora tenha tempo para mudá-la.

A grande vitória de Dorival

Não é todo o dia que um técnico reconstrói o time sem cinco titulares para um clássico e vence sem contestação. O Inter ganhou por 2 a 1 com 12 finalizações contra quatro do Grêmio. Dorival Júnior escolheu Jackson, um zagueiro, para o lugar de Nei. O fez por ter a informação de que Miralles jogaria. Mostrou humildade para marcar a surpresa de Luxa – a figura do terceiro atacante. Escolheu Jajá no lugar de Oscar, mantendo-o como meia, e Jajá foi destaque.

Não falta mais a Dorival uma grande vitória em 2012.

Diferenças

Com cinco ausências, o Inter se reestruturou. Sem Léo Gago, o Grêmio não manteve a produção de meio-campo. Sem Kleber – contra um adversário do mesmo tamanho –, o ataque sumiu.

O Gre-Nal mostrou quem tem mais grupo.

Centroavante

Ele não fez gol, mas a bola só sobrou para Dátolo abrir o placar porque Damiano subiu lá no alto. Alguém ficou livre, e esse alguém era o argentino. No segundo tempo, sozinho na frente, Damiano reteve a bola, cavou faltas e apanhou sem reclamar. Ao centroavante, entrevistado pelo Sílvio Benfica no Papo de Bar, da Gaticha, após o Gre-Nal, é mais fácil até quando o gol não sai.



JAYRO ANTON

Caro e barato

Fabrizio quase não veio para o Inter porque a Portuguesa exigia Muriel em troca, além de dinheiro. O Inter aceitou pagar R\$ 3 milhões por 50% dos direitos econômicos. Caro? O gol da vitória no Gre-Nal pode ter sido o do título. Fabrizio pagou-se ontem.



Salários atrasados

Há atrasos nos salários de fevereiro e março no Caxias, especialmente na parte de imagem – a maior parte no contrato dos jogadores. É difícil mensurar se essa pode ser uma explicação para a queda acentuada de rendimento do primeiro para o segundo turno. No Interior, não receber no fim do mês é um drama social e familiar. O Caxias pretende pagar antes da final do Gauchão.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/hoistagup e no twitter em [392tagup](https://twitter.com/392tagup)

Esportes

esportes@correiodopovo.com.br

Ricardo Mello chega à chave principal

Além de Thomaz Bellucci e Rogério Dutra, o tênis brasileiro contará com Ricardo Mello na chave principal do Aberto dos Estados Unidos. O tenista conseguiu furar o qualifying ao derrotar o sul-africano Rik de Voest por 2 sets a 0, com parciais de 6/1 e 7/6 (7/5). Quarto e último Grand Slam do ano, o Aberto dos Estados Unidos começa segunda.

Fundista é suspenso por uso de furosemida

Em nota oficial, a Confederação Brasileira de Atletismo comunicou mais um caso de doping. Ivamar de Oliveira, quinto na Meia Maratona Internacional de Belo Horizonte no dia 3 de junho, testou positivo para a substância proibida furosemida. A CBAt não aceitou as explicações do atleta para o uso do diurético e solicitou que ele seja julgado pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva.

Doping bane Lance do esporte

Um dos maiores ídolos do ciclismo mundial, norte-americano perde todos os títulos que ganhou desde 1º de agosto de 1998

Lance Armstrong desistiu de se defender das acusações de doping. Na noite de quinta-feira, o ciclista aposentado divulgou uma nota informando que não contestaria o processo disciplinar movido pela Agência Antidoping dos Estados Unidos (Usada, na sigla em inglês). Em outras palavras, o ex-atleta de 40 anos abriu mão de tentar provar a sua inocência e, com isso, recebeu a condenação da entidade: perdeu todos os seus títulos conquistados desde 1º de agosto de 1998, incluindo os sete troféus da Volta da França.

Além disso, o norte-americano foi banido do esporte por toda a vida pelo que a Usada considerou "participação em um programa de doping sofisticado e em uma conspiração, assim como na administração de tráfico". De acordo com a agência, Armstrong não apenas usou substâncias proibidas como estava envolvido em um esquema que as repassava aos ciclistas.

Ainda segundo a Usada, foram cinco as violações do ex-atleta: o uso de substâncias proibidas, incluindo EPO (aumenta a produção de glóbulos



Aos 40 anos, ex-atleta perdeu seus sete títulos da Volta da França

vermelhos), transfusões de sangue, testosterona, agentes mascarantes e corticosteroides.

Banido para sempre, Armstrong não se abalou. "Desde o início, a investigação não esta-

va destinada a estabelecer a verdade e sim a me castigar a todo custo", ressaltou. O ex-ciclista sempre negou as acusações mesmo diante do testemunho de ex-colegas de equipe.

Brasil encara Líbia, Japão e Portugal

Atual campeã, a seleção brasileira de futsal caiu na chave C do Campeonato Mundial que será disputado entre 1º e 18 de novembro em Bangcoc, na Tailândia. A equipe terá pela frente Japão, Líbia e Portugal.

Os outros grupos

- A: Tailândia, Costa Rica, Ucrânia e Paraguai
- B: Espanha, Irã, Panamá e Marrocos
- D: Argentina, México, Itália e Austrália
- E: Egito, Sérvia, República Tcheca e Kuwait
- F: Rússia, Ilhas Salomão, Guatemala e Colômbia



Nadador também disputará os 50 metros no Mundial de piscina curta

Foi melhor do que Cesar Cielo esperava. Na final dos 100 metros livre do Troféu José Finkel, disputado na piscina do Sesi Vila Leopoldina, em São Paulo, o nadador conseguiu o índice para o Mundial de piscina curta de Istambul. Com

45s91, Cielo levou ouro e garantiu a vaga no torneio que acontece em dezembro na Turquia. "Para ser sincero, me senti mal durante a prova. Mas está de bom tamanho", avaliou. A prata ficou com Nicholas dos Santos e o bronze, com Nicolas Oliveira.

leia no Blog <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach>

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



Das costuras

Um integrante do Grêmio Novo me diz que Fábio Koff tentou costurar uma parceria com o movimento. Garante ganhar a eleição presidencial, mas não houve acerto: "Por uma questão de lealdade, ficaremos com Odone ou com quem ele indicar".

O Grêmio Novo tem dois ilustres integrantes como parceiros de Odone na atual gestão, Eduardo Antonini e Jorge Bastos.

Mas este integrante não garante que o Grêmio Novo votará em bloco em Odone ou quem o atual presidente indicar: "Isto não ficou definido. Poderemos ter até gente votando em Koff". Neste momento, o Grêmio Novo é um dos grupos de sustentação de Odone.

Na moita

O tititi dá conta de que um conselheiro que parecia afastado da vida política do clube está dando as cartas nos bastidores e ajudando a montar a equipe de trabalho de Fábio Koff sem aparecer. E que André Krieger será chamado em algum momento para atuar com Koff.

Ao telefone

Muita gente importante do Grêmio está desde quinta-feira ao telefone aguardando um chamado de Koff, que ainda não definiu o sexto integrante do Conselho de Administração (CA). Enquanto isto alguns movimentos pressionam para ter uma vaga no CA ou na Grêmio Empreendimentos.

Manchete

Título do **Correio do Povo** de ontem: "Inter prepara-se com Juan". O repórter Fabrício Falkowski trouxe a informação que repercutiu durante todo o dia em sites, blogs e no Twitter. Fernando ainda não confirmou a escalção do zagueiro, mas esta é a tendência. Especulou-se até que o Inter poderia ir com três zagueiros, no 3-5-2, mas esta hipótese está descartada. A dúvida para o Gre-Nal continua sendo entre o volante Elton e o meio-campista Fred.

Visibilidade

A Sogipa contratou uma empresa especializada para realizar uma clipagem das matérias realizadas falando sobre os atletas do clube durante o período das Olimpíadas de Londres. Foram 109 no total que abriram espaço nos principais veículos de comunicação do Brasil. Uma prova mais do que provada de que patrocinar atletas de ponta dá retorno ao investidor. Lembrando que a Sogipa teve dois medalhistas em Londres, os judocas Felipe Kitadai e Mayra Aguiar.

Rodada

Teremos o clássico entre Vasco da Gama e Fluminense neste sábado pelo Campeonato Brasileiro. Os gremistas estão de olho. A combinação derrota do Vasco e empate do Grêmio contra o Inter no domingo garante ao time de Luxemburgo o terceiro lugar pelos critérios. Neste caso, o Fluminense iria para 42 pontos contra 35 do Grêmio.

Ingressos

Em seu site, o Grêmio diz que em apenas 2 horas foram vendidos todos os ingressos colocados à disposição. E especifica quantos bilhetes colocou para vender: "Foram disponibilizados mil bilhetes para a torcida gremista, que lotará seu espaço nas arquibancadas do Beira-Rio". Neste caso, colocou todos os bilhetes para vender.

Tiro Livre

■ Do site do Cerâmica: "A apenas uma vitória de uma histórica classificação no Brasileiro (Série D), jogadores e comissão técnica trabalham focados no confronto contra a equipe paulista. O técnico Ben-Hur Pereira faz os últimos ajustes na equipe que enfrenta o Mogi Mirim neste domingo". Partida acontece às 16h.

■ O Metropolitano (SC) embarcou ontem para Caxias do Sul, onde amanhã defenderá a liderança do Grupo A8, diante do Juventude, pela última rodada da primeira fase do Campeonato Brasileiro da Série D. O time soma 13 pontos. O Juventude é o vice-líder, com 11 pontos.

■ Trecho de Roberto Vieira sobre a morte do goleiro Félix: "Leão e Ado eram até melhores. Mas campeão do mundo? O homem que chorou ao telefone falando com a filha. Direto do Estádio Azevedo? Esse só existiu um! Félix Mitelli Venerando. E estamos conversados... Em tempo. O centenário tricolor Nelson Rodrigues acaba de apertar as mãos do tricampeão tricolor lá no céu do futebol".

ZERO HORA SÁBADO, 25 DE AGOSTO DE 2012

Esportes

47

OI FIXO
ILIMITADO
Ligue 0800 031 0031

SIPAR
A construtora que ganha
www.sipar.com.br

MULTISOM
multisom.com.br

Beira-Rio, domingo, 16h

Mistério zero



DIOGO OLIVIER
diogo.olivier@zerohora.com.br

Já cobri centenas de treinos em mais de duas décadas como repórter. Poucos, talvez nenhum, como o de ontem.

A 48 horas do Gre-Nal, Vanderlei Luxemburgo adotou um novo conceito: o treino escancarado.

Assim, rapidamente foi possível descobrir o que realmente interessa. Marcelo Moreno joga. Como fiquei sabendo? Conversando. Em treinos abertos, as pessoas conversam. Paulo Pelaipe, o executivo de futebol do Grêmio, logo que o trabalho foi liberado, brincou:

— Mas isto aqui é o paraíso da imprensa? Tudo aberto, livre. Mistério para que? Todo mundo sabe o time mesmo. A dúvida era o Marcelo, mas o médico disse que o exame não deu nada. O homem (Luxemburgo) vai dar para vocês o time.

Os batedores de todas as faltas no Beira-Rio serão Elano e Zé Roberto. Como fiquei sabendo? Lá pelas tantas, sentado na casamata, Luxemburgo grita para o ex-volante Emerson, um de seus auxiliares:

— Emerson! Pega um goleiro, o Zé e o Elano e treina umas faltinhas lá na outra goleira. Faz uma bola parada direta ali.

No campo, Antônio Lopes Júnior comandava um trabalho de finalização com os reservas. Dos titulares, apenas Marcelo Grohe, Elano e Zé Roberto estavam entre eles. Os outros estavam sentados na casamata. Antes do treino escancarado, o grupo conversou a portas fechadas com Luxemburgo na sala de conferências. Bem, preleção aberta já seria pedir demais.

O Grêmio pode ganhar, pode perder, mas confia plenamente em suas capacidades. Esse é o recado do que se viu ontem no Olímpico. Pode ser que o treino inesperadamente aberto esconda a teatralidade de mandar um sinal para o Inter, imerso em mistérios. Se for isso mesmo, não é condenável. Faz parte da construção que cada um faz a partir das ferramentas de que dispõe.

O fato é que, graças ao treino escancarado, o mistério foi zero. Até a única dúvida de Luxa foi revelada: Edilson ou Anderson Pico. Só. Tudo era permitido ontem. Os cinegrafistas não precisaram desligar seus equipamentos. Nunca.

— Se precisa desligar no treino de finalização? Pô, mas vou deixar os caras entrarem e ficar pedindo para botar e

tirar do ombro este peso todo (da câmera de TV)? Não, pode filmar tudo — respondeu Luxemburgo ao assessor de imprensa João Paulo Fontoura.

É bom frisar que o treino aberto e o ambiente leve não flertaram com algo próximo ao salto-alto. É apenas confiança. Tanto que Luxemburgo defendeu Fernandão, na entrevista coletiva, da crítica de ser novo demais para o cargo. Disse que idade e inexperiência não são irmãs siamesas. E que a experiência acumulada pelo técnico do Inter no futebol o credencia para o cargo. Até esse tema surgiu nos bate-papos informais do treino escancarado. Luxemburgo contou sobre quando Telê Santana o criticou por ser novo demais. E o estopim do assunto nemo era Fernandão, àquela altura.

— Respondi que um profissional podia ser velho e inexperiente, o que não era o caso dele, obviamente. O que importa é a capacidade. E estar preparado. Sabe o que aconteceu? Telê passou a me respeitar.

Sim, mas e a concentração? Será que treino aberto e ausência de mistério não podem desconcentrar? Luxemburgo sorriu, com aquela cara de matreiro, aí sim, só possível em treinadores com a sua folha corrida. E disse assim:

— Estamos mais concentrados do que extrato de tomate.



Treino de finalizações

Dentro do espírito de mais descansar do que jogar neste período de maratona (são 10 partidas no ritmo quarta e domingo), os titulares assistiram ao treino de finalização dos reservas — à exceção de Grohe, Elano (foto) e Zé Roberto. Marcelo Moreno foi poupado, mas jogou. Hoje, às 16h, o Grêmio faz o último trabalho antes do Gre-Nal.

VIVA UMA VIDA DE CINEMA

HOLLYWOOD GARDEN

213 DORMITÓRIOS COM SUITE E GARAGEM ESCRITURADA

440

VENDAS 3249 0767

SIPAR



Tirando a preleção, a imprensa teve acesso a tudo na tarde no Olímpico

FOTOS: MAURICIO VIEIRA

CORREIO DO POVO

DOMINGO | 26 de agosto de 2012 ■ 19

Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

Mano não se preocupa com Felipão

» Há dois anos como técnico da Seleção Brasileira, Mano Menezes já está acostumado à pressão do cargo. Mais uma vez em uma entrevista coletiva, teve de responder se teme ser demitido por conta dos maus resultados. Desta vez, sob a sombra de Luiz Felipe Scolari, Mano foi questionado se a sombra de Felipão incomoda-o e respondeu: "Nunca me preocupei com isso. Tenho que tentar fazer o melhor e continuar vencendo".

David Luiz está na mira do Barcelona

» Após recusar uma oferta do Manchester City de 30 milhões de libras (R\$ 97,7 milhões) por David Luiz, o Chelsea agora se prepara para receber uma proposta do Barcelona pelo zagueiro brasileiro. O clube catalão tem interesse em contratar o jogador e os valores do negócio seriam semelhantes aos oferecidos pelo City. Por causa de uma contusão no joelho, o zagueiro não está atuando pelo Chelsea.



STEFANO DITADI / DIVULGAÇÃO JUVENTUDE / CP

Juventude enfrenta neste domingo o Metropolitano e depende só das próprias forças para avançar

Série D define os classificados

Dos três times gaúchos que disputam a Série D, o Juventude é o que tem a situação mais tranquila nesta 10ª rodada

Neste domingo, a Série D do Brasileiro definirá mais seis classificados às oitavas de final, na 10ª rodada. Ao todo, seriam oito, mas os dois jogos do Grupo A1 foram adiados para a

próxima quarta-feira. Já o confronto atrasado entre Vilhena e Atlético Acreano foi adiado para este domingo. Dos 14 jogos que completam a rodada, oito deles serão decisivos para a definição dos classificados.

No que diz respeito aos representantes gaúchos, o Cerâmica enfrenta o Mogi Mirim, às 16h, no estádio Vileirão. Só a vitória interessa ao time gravataiense. Com 10 pontos na tabela de classificação do Grupo A7, o Cerâmica enfrenta o segundo colocado do grupo, com 12 pontos, em uma briga direta por

uma vaga nas oitavas.

No Grupo A8, as atenções serão divididas entre os dois jogos. Na segunda colocação, o Juventude recebe o líder e classificado do Metropolitano, de Blumenau, precisando de uma vitória simples para avançar. Ao contrário, ficará torcendo por um empate no confronto entre Araçongas-PR e Brasil de Pelotas, tendo em vista que os dois times ainda podem se classificar.

Nesse grupo, o Metropolitano lidera com 13 pontos, seguido do Juventude com 11. O Araçongas tem 9 e o Brasil, 8.

leia Blog

http://www.correiodopovo.com.br
/blogs/hiltormombach

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



Gre-Nal

O Grêmio acertou o time do meio para frente. Joga com dois volantes, dois armadores que sabem fazer o vaivém e dois atacantes. No 4-2-2-2. Tem dois armadores diferenciados e até agora eu me pergunto o que levou o Santos a trocar Miralles por Elano. A equipe encaixa faz horas. Está entrosada com Zé Roberto e Elano. Tão entrosada que, quando um não joga, como contra o Coritiba, quarta-feira, pela Sul-Americana, a coisa desanda.

O Inter não acertou do meio para frente. Por muitos motivos. Um deles as várias convocações de jogadores para a Seleção. Só agora Forlán começa a ter Damião como parceiro. Outro motivo: a prolongada ausência, por lesão, de D'Alessandro. E há a venda de Oscar. Sem falar no que me parece ser uma dúvida de Fernandão, a escalção de um terceiro volante, Elton, ou de um segundo armador, neste momento quem está em disponibilidade é Fred.

Não está escrito em lugar nenhum que o time que Fernandão colocar em campo neste domingo não possa jogar por música, embora isto seja muito improvável. Também não está escrito em lugar nenhum que o arrumado Grêmio seja tomado por um desarranjo dominical. Embora isto seja muito improvável.

O Grêmio entra em campo com esta vantagem, a do entrosamento do meio para frente. Qualquer vantagem num clássico é importante. Mas jamais decisiva.

O inimigo

O Atlético Mineiro é o time a ser perseguido neste momento para quem sonha com o título do Campeonato Brasileiro. Caso tenhamos empate no Gre-Nal, o Grêmio subirá para 35 pontos e o Inter, para 32. Caso o Atlético Mineiro do treinador Cuca vença o clássico contra o Cruzeiro de Celso Roth subirá para 45 pontos com um jogo a menos. Neste caso, o time mineiro estaria acumulando gordura suficiente para seguir líder no retorno mesmo com alguns tropeços.

Justificativa

Fernandão durante a semana: "O time deles vem bem, numa consistência muito boa nas últimas dez rodadas, e os jogadores já começam a pegar entrosamento. A gente acaba tendo uma mudança ou outra em cada jogo. O Dagoberto se lesiona, não tem o Damião, não tem o D'Alessandro... Mas agora tenho várias opções para fazer a equipe evoluir e para definir um sistema tático para dar continuidade". Sem falar que perdeu Oscar e que Dátolo está retornando.

Convicção

Não tenho a convicção de que Fernandão joga com três volantes por considerar este o esquema ideal. Pergunta: contasse ainda com Oscar e tivesse todos os jogadores à disposição, iria com três volantes ou com Ygor, Guiñazu, Oscar e D'Alessandro, Forlán e Leandro Damião? Certamente não iria sacar Oscar para a entrada de Elton.

Previsão

Luxemburgo em 26 de julho: "O objetivo é manter-se entre os quatro primeiros na virada do turno. Na faixa de 36, 37 pontos você vai estar com um percentual bom. Com certeza fica entre os quatro". Caso o Grêmio vença o clássico Gre-Nal deste domingo irá para 37 pontos. O G-4 já garantiu na penúltima rodada do turno.

Tiro Livre

■ **Da Folha de São Paulo:** "Atleta olímpico de taekwondo, Diogo Silva, 30, afirmou ontem, no Rio, que o Bolsa-Atleta, programa do governo federal de apoio a esportistas, é 'manipulado'. 'Tem atleta da minha modalidade que não está nem entre os dez melhores do Brasil e está recebendo salário de atleta de ponta, nas categorias internacional e nacional. É manipulação do sistema.' Segundo ele, só quem tem envolvimento com políticos consegue receber a verba. 'A gente entrega um currículo invejável, com duas Olimpíadas, e fica fora. Toda vez volta dizendo que falta documento. A gente sabe que é uma coisa que não está segundo pelo melhor lado.'"

■ A dupla Gre-Nal entrará em campo neste domingo pelo fim da violência contra as mulheres. Os jogadores entrarão em campo com as camisetas da campanha como mensagem aos torcedores e às torcedoras pela eliminação da violência contra mulheres e meninas. Vários movimentos apoiam a iniciativa e estarão nos portões do Internacional.

Esportes na TV

- 9h25 – ESPN, futebol inglês: Stoke x Arsenal
- 11h45 – ESPN, futebol inglês: Liverpool x Manchester C.
- 12h – Sportv 3, futebol francês: Montpellier x Marseille
- 13h – Fox Sports, futebol italiano: Milan x Sampdoria
- 15h30 – Fox Sports, futebol italiano: Pescara x Inter
- 16h – Premiere, ppv, futebol Brasileiro: Inter x Grêmio
- 16h – Sportv, futebol francês: PSG x Bordeaux
- 16h – ESPN Brasil, futebol espanhol: Getafe x Real Madrid
- 16h15 – Sportv 2, futebol português: Setúbal x Benfica
- 18h – ESPN Brasil, futebol espanhol: Valencia x La Coruña
- 18h30 – Sportv, futebol Brasileiro: Bahia x Atlético-MG
- 19h10 – Fox Sports, futebol argentino: River Plate x San Lorenzo

A programação é fornecida pelas emissoras de televisão e é de sua responsabilidade.

Placar CP

- SÉRIE D – 1ª fase, 8ª rodada: Juventude x Metropolitano, Araçongas x Brasil de Pelotas e Cerâmica x Mogi Mirim.
- TERCEIRONA – 4ª rodada: Três Passos x São Borja e Garibaldi x Aimoré.
- INGLATERRA – 2ª rodada: Stoke x Arsenal e Liverpool x Manchester City.
- ESPANHA – 2ª rodada: Osasuna x Barcelona, Getafe x Real Madrid, Granada x Sevilla e Valencia x La Coruña.
- ITÁLIA – 1ª rodada: Milan x Sampdoria, Atalanta x Lazio, Chievo x Bologna, Genoa x Cagliari, Palermo x Napoli, Pescara x Internazionale, Roma x Catania e Siena x Torino.
- ALEMANHA – 1ª rodada: Hannover 96 x Schalke 04.
- ARGENTINA – 4ª rodada: San Martín x Vélez Sarsfield, Lanús x Racing, Rafaela x Quilmes, Belgrano x Newell's e River Plate x San Lorenzo.

Inter-SM recebe o Pelotas

A Copa Hélio Dourado terá apenas um jogo neste domingo, válido pela quinta rodada da primeira fase. No estádio Presidente Vargas, em Santa Maria, o Internacional local recebe o Pelotas, a partir das 14h.

Os dois times estão em situações distintas no Grupo B. Enquanto o time amarelo e azul de Pelotas ocupa a terceira colocação, com 5 pontos ganhos em 15 disputados, o Colorado santamariense amarga a lanterna, sem nenhum ponto conquistado nos três jogos que realizou até agora.

No meio da semana, o Pelotas empatou por 2 a 2 o clássico Bra-Pel na Boca do Lobo.

GOL de Letra

RUY CARLOS OSTERMANN
 ruy.ostermann@zerohora.com.br



Sentimentos do Gre-Nal

Não tem privilégio nem vantagem antecipada. Tudo que se quer antes se desmancha no ar do Gre-Nal. Desculpem: imaginei o que há de mais decisivo na vida e transfiri para o Gre-Nal, que é apenas um jogo, mas com notável perfuração nos corações e mentes. Não está errado, todo exagero se justifica, e a mortificação na falta dele é sempre inevitável. Alegria no Gre-Nal é uma conquista a que poucos dedicam muita atenção. Os sentimentos, antes de qualquer outra manifestação do torcedor, é que prevalecem. Sentimentos não têm boa forma, isso

é, nunca são iguais e nem cessam de fustigar a atenção das pessoas sem avisos ou antecipações. São de uma prontidão inabalável, nunca falham, à menor distração ocupam todo o espaço afetivo e trocam o significado do que até então parecia o mais sensato. Há quem se esconda, sorria, passe a mão por cima e dê a volta. Estão fingindo, ao primeiro impacto emocional gritam, esbravejam, xingam, saem no braço. Ou baixam na poltrona ou na arquibancada, quase morrem em silêncio tenso. Mas não pode haver experiência melhor.



Escalações proteladas

O time é sempre uma síntese, às vezes ela vai se confirmando com jogos, treinos e resultados além de novas aferições. Nesse fim de semana, restringida a informação de médicos, assessores, dirigentes e técnicos, Luxemburgo e Fernandão se concederam o direito de guardar algumas decisões sobre o time para a hora do Gre-Nal. É um direito e algumas vezes um expediente auxiliar bastante útil. Fernandão vai um pouco adiante no seu sigilo: permite que se suspeite de uma zaga com três e outra função dos laterais. Luxemburgo faz menos. Ambos têm jogadores em recuperação, o que também deve estar fazendo parte do jogo das escalações proteladas. Mas tudo vai se resumir a dois jogadores.

Letrinhas

O futebol evoluiu, só não percebe quem não quer valorizar esse indiscutível crescimento. A preparação física com tecnologias avançadas e recursos farmacológicos antes impensáveis foi o primeiro avanço. Jogadores correm mais do que 10 quilômetros, ou ainda mais, dependendo da função e das circunstâncias de um jogo. O campo, assim, ficou pequeno, as distâncias são vencidas com facilidade, a ubiquidade de muitos jogadores é um fato – eles parecem estar em todos os lugares, sempre na proximidade da bola. E assim avançaram as teorias e suas justificativas, os planos de jogo integralizados, incorporando todos os jogadores em funções coletivas, mesmo os goleiros são ativos participantes de bem mais do que a sua preciosa grande área. O clássico Gre-Nal vai ser mais uma prova disso tudo. Quem esperar atrás não vai chegar a lugar nenhum.



Quinta-feira voltei a ficar feliz retomamos os Encontros com o Professor, a Ná Ozetti foi arrasadora com o Nelson Coelho de Castro, os amigos como eu estavam reconciliados, a noite no Centro Cultural CEEE não poderia ter sido melhor.

Esportes

DIOGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br



Os meus palpites

Gre-Nal é Gre-Nal. Se decide no detalhe. Não tem favorito. Arruma a casa. A garra se sobrepõe à técnica. Blá-blá-blá. Boa parte destas assertivas são verdadeiras, inclusive o blá-blá-blá, mas vamos combinar: tudo isso é chato demais. O Gre-Nal é um jogo tão especial que deveria obrigar a nós, jornalistas, a assumir riscos. Qual o problema de falar antes, mesmo que depois não aconteça? Além do mais, tem uma pitada de coragem nisso que me agrada. Então, lá vou eu. Vanderlei Luxemburgo e Fernandão não tirarão coelhos das respectivas cartolas. O primeiro não precisa. Encontrou um time que está bem no Brasileiro e na Sul-Americana. Não há motivo para reinventar a roda se a roda está girando. Pará na direita, para ajudar na marcação ao lado esquerdo do Inter, com Kleber e Dátolo, e Pico do outro lado, em cima de Nei. Fernandão não inventará por bom senso. Escalar atacantes como Leandro Damiano e Forlán sem ter quem os sirva é andar de Ferrari em estrada com quebra-molas de 20 em 20 metros. O desempenho será o mesmo do DKV do meu pai nos anos 70. Ygor, Guinazu, Fred, Dátolo, Forlán e Damiano. Este é o time ideal do meio para frente, mas acho que Fred pega banco de Elton. Atrás, dois zagueiros: Bolívar e Juan. Que venha mais um Gre-Nal na vida de todos nós.

Dez perguntas, um clássico

- 1 Luxemburgo conseguirá encarrar um Gre-Nal (e vencê-lo) sem ser expulso, após receber cartão vermelho como jogador do Inter, em 1978, e como técnico do Grêmio, no clássico do gandula?
- 2 Fernandão, que estreou em Gre-Nal marcando o gol mil como jogador, terá a mesma sorte vestindo agasalho de técnico?
- 3 Vuaden deixará o jogo correr, como é do seu feitio, ou Gre-Nal é Gre-Nal e ele trancará os lances ao menos no início, dando cartões para não perder o controle?
- 4 A maratona quarta-domingo do Grêmio, com a Sul-Americana, pesará no rendimento dos jogadores?
- 5 Discutiremos só futebol a partir das 18h deste domingo ou perderemos tempo com brigas de torcida?
- 6 A presença de seis gaticos jogadores e torcedores (Muriel, Bolívar, Ygor, Grohe, Pico e Fernando) mudará a cara do Gre-Nal 393?
- 7 Para Juan entrar no time (de início ou no intervalo), o Inter cometerá o erro de abrir mão de Índio, um predestinado em clássicos?
- 8 O auxiliar, atrás das goleiras, deixará tudo nas mãos do árbitro, para não se comprometer, ou assumirá decisões importantes, como punir simulações e apontar pênaltis no agarra-agarra dentro da área?
- 9 Se chover, como indica a previsão, quem perde mais: Inter ou Grêmio?
- 10 Quem arrumará a bola nos escanteios do Inter?

Cabeça inchada e flauta

No Bate-Bola deste domingo, salvo empate, obviamente, haverá um participante derrotado, de cabeça inchada, e outro confiante no título, com a flauta afinada. O colorado Kenny Braga e o gremista José Antônio Pinheiro Machado, o Anonymus Gourmet, são os convidados do programa. Vão encerrar o desafio. A ordem é esmear o Gre-Nal até reduzi-lo a pó. Às 21h, na TVCOM.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/real-oi e no twitter em [@realoi2012](https://twitter.com/realoi2012)

A coluna de Ruy Carlos Ostermann é publicada às quartas-feiras e aos domingos



GRUTA AZUL

www.grutaazulclub.com.br

www.restaurantedogrutaazul.com.br

Fone: 3233.9380



Bola Dividida



LUIZ ZINI PIRES
CGM EDITORA DE ESPORTES
luiz.zini@zerohora.com.br



WIANEY CARLET
wianey.carlet@zerohora.com.br



Marsiglia expulsou Renato aos 11 minutos do segundo tempo, em 1986. Era seu primeiro clássico. Deu Inter, 3 a 1

Vermelho no GRE-NAL



Árbitro de Copa do Mundo e de Copa Libertadores da América, Renato Marsiglia, 61 anos, hoje comentarista de arbitragens da TV Globo, vê o Gre-Nal como o clássico de maior rivalidade no Brasil.

O árbitro sente o Gre-Nal?

Renato Marsiglia – Árbitros de outros Estados ficam espantados com a rivalidade local. É um jogo apaixonado. Todos se envolvem, mesmo os ganchos que não se ligam em futebol. A tensão em campo é tremenda. O jogador e o árbitro sentem.

Você atuou em Gre-Nais entre 1986 e 1993. O que mudou desde então?

Marsiglia – Hoje está mais fácil apitar. Os jogadores se conhecem, alguns atuaram juntos. As mesmas câmeras que jogam contras os juizes também estão de olho nos atletas. Tudo que eles fazem aparece. Mas eles são mais profissionais agora.

Você expulsou o Renato no clássico 278, em maio de 1986. Lembra?

Marsiglia – Ele tinha amarelo. Depois, empurrou o Robertinho, atacante do Inter, e o jogou no chão. Vermelho. Foi meu primeiro Gre-Nal e me marcou muito. Acho que os outros jogadores pensaram, "se ele expulsou o Renato, um superstar do futebol brasileiro, imagina a gente". A repercussão no país foi enorme.

O que você fazia antes e depois?

Marsiglia – Eu sempre saía de Porto Alegre quando era escalado, viajava, tentava fugir do clima da decisão, mas nunca escapava das piadas. Árbitro de futebol também frequenta supermercado.

E a sua família?

Marsiglia – Meu filho mais velho nasceu no colégio. André sofria bullying direto. Ele tinha 12, 13 anos, e, depois de cada Gre-Nal, era xingado e ofendido. Colegas diziam "teu pai roubou", estas bobagens todas, e os ataques chegavam de torcedores dos dois lados. Sabe que ele, que mora na Áustria, não gosta de futebol.

O árbitro precisa chamar os jogadores ou os capitães antes do início da partida e pedir futebol e não violência?

Marsiglia – Não, nunca. Eles sabem das suas obrigações. Conhecem as regras do jogo e entendem o peso de uma punição por lances violentos. E depois, o recado do árbitro pode ser entendido de uma forma equivocada, algo como uma pressão sobre o jogador. É bom não falar. Só apitar.

Projeto 2016

Leandro Vuaden completará três jogos nos últimos nove dias: Fluminense 1x0 Sport, Botafogo 3x1 Palmeiras e o Gre-Nal. Cada partida de um juiz Fifa vale R\$ 3 mil, quase nada frente aos contratos milionários de Kleber e Forlán, que superam os R\$ 500 mil mensais.

Mas, como os jogadores da Dupla, Vuaden vai concentrar, passar parte do final de semana num hotel, na Capital.

O atual projeto de Vuaden, 37 anos, é trabalhar para ser escalado como o árbitro brasileiro da Copa do Mundo de 2014. Depois, sua ideia é entrar na política e concorrer a prefeito pela cidade de Estrela nas eleições de 2016.

Beira-Rio

O Inter fará o 27º jogo em sua casa na temporada.

O currículo é de 18 vitórias, cinco empates e somente três derrotas, uma delas para o Grêmio, no Gatchão.

Posição

Há nove rodadas consecutivas que o Grêmio é quarto lugar no Brasileirão.

O Inter é quinto há cinco.

Centroavantes

Leandro Damiano é o goleador do Inter em 2012, com 20 gols. Marcelo Moreno, 17, é o nome tricolor.

Dois favoritos

A questão do favoritismo só é reaberta a cada novo Gre-Nal porque as circunstâncias se modificam e novas expectativas despontam como se fosse um evento inusitado e nunca antes desfrutado. Sendo assim, está justificada a pergunta: quem é o favorito para vencer este Gre-Nal? No confronto das opiniões, prevalece a obviedade: o Grêmio está na frente do Inter na tabela de classificação, Luxemburgo dirige o time há mais tempo do que Fernando comanda o Inter, o Grêmio não tem sido diminuído por frequentes convocações e a equipe do Olímpico está definida e treinada enquanto o time colorado ainda não está sedimentado e ainda existem jogadores tentando se ambientar à equipe. Todas estas são razões objetivas que indicam o Grêmio como favorito. Entretanto, ampla maioria de observadores destaca vantagem do Inter em qualidade individual. Acrescente-se que motivação pode equilibrar enfrentamentos e surge uma derradeira projeção: o Gre-Nal deste domingo tem dois favoritos. Assim, todos ficam felizes, não é verdade?

Duelo nos bancos

Gre-Nal é sempre mais do que uma simples aferição de forças entre as duas equipes. Mede-se, também, a força dos treinadores. Neste clássico, Luxemburgo vai em desvantagem. Se vencer, terá derrotado um técnico emergente. Se for derrotado, perderá para um treinador principiante. Neste confronto, Fernando ganha ou não perde.



Laterais Grêmio e Inter têm concentradas nas laterais as principais dificuldades. Luxemburgo conta com mais alternativas para as duas posições defensivas. Fernando, contudo, só tem Fabrício como opção para Kleber. Na direita, é Nei ou Nei. Deve confortar o técnico colorado o fato de que Nei atravessa má fase, é verdade, mas poucos jogadores tem a fortaleza moral do lateral.

Defesa Não saberia dizer quanto, mas a defesa do Grêmio parece ser superior à do Inter.

Meio-campo É difícil comparar o setor central das duas equipes, pois a escalação do Inter é desconhecida. O Grêmio manterá, claro, a formação que está afirmada e afinada, com Fernando, Souza, Zé Roberto e Elano. Acredito que Fernando optará por três volantes e um armador, por duas razões: porque D'Ale continua vetado e para proteger a defesa, que o próprio treinador deve saber ser fraca.

Ataques Suponhamos que Fernando escale o seu ataque com Diego Forlán e Leandro Damiano, deixando Rafael Moura como uma opção de jogo. Qual seria o ataque mais poderoso: No Grêmio, é preciso considerar que Marcelo Moreno estará apto para jogar ao lado de Kleber. Qual equipe levaria maior poder de fogo para o Gre-Nal? Acho que os dois centroavantes serão bem marcados e, portanto, pouco poderão fazer. Kleber e Forlán, é possível, farão a diferença. A verdade é que os dois times têm recursos poderosos nas suas peças ofensivas.

Funções Seria desejável que os auxiliares que atuam atrás das linhas de fundo fossem para o Gre-Nal com funções definidas e não para se comportarem como estacas. Não deveriam temer sinalizar ocorrências não percebidas pelo árbitro principal. Os agarrões nas áreas continuam, e os cones de preto, plantados atrás das goleiras, tudo assistem e nada sinalizam.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Zini em www.zerohora.com/blog/zini, siga Luiz Zini Pires pelo Twitter em @blogozini

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em wp.clickrbs.com.br/wianeycarlet

CORREIO DO POVO

SEGUNDA-FEIRA | 27 de agosto de 2012 ■ 27

Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

Elano não acredita que lesão seja grave

Na quarta-feira, no Olímpico, o Grêmio tem mais um jogo com adversário direto pelas primeiras posições. Contra o Vasco, a grande dúvida fica pela participação de Elano, substituído com apenas 15 minutos do primeiro tempo. "Feliz pelo gol, mas triste pela lesão. Acredito que não seja nada grave. Senti no comecinho do jogo e sai para não agravar, já que o campeonato é longo", ressalta o autor do gol gremista.

Anderson Pico ganha a vaga na lateral

Anderson Pico ganhou a posição no meio de semana, contra o Coritiba, para o Gre-Nal e seguirá na lateral esquerda para encarar o Vasco. "Como diz o professor, eu tenho que matar um leão por dia e correr de outros dois", comemora o jogador. Depois do jogo, Luxemburgo confirmou a permanência do jogador. "O Pico está muito bem. Vem em uma sequência boa", elogia. Para essa partida, Gilberto Silva, suspenso, não joga.

Meta prevista foi alcançada

Grêmio chega aos 37 pontos traçados por Vanderlei Luxemburgo e termina o primeiro turno do Brasileiro na terceira colocação

■ WILLIAM LAMPERT
willampert@correiodopovo.com.br

Era preciso vencer o Gre-Nal para alcançar a meta traçada por Vanderlei Luxemburgo. Afinal, a derrota para a Portuguesa havia colocado a necessidade do Grêmio de vencer os seus dois últimos compromissos para chegar aos 37 pontos desejados pelo treinador. O objetivo, agora, é repetir o aproveitamento no retorno e sonhar com as quedas de rendimento de Atlético-MG e Fluminense.

"Tem que trabalhar no segundo turno para repetir isso. Fazer 74 pontos é pontuação de time que pode ganhar o campeonato", salienta o técnico. A vitória ainda garantiu ao Grêmio su-



FABIANO DO AMARAL

Grêmio abre vantagem de seis pontos para o quinto colocado

bir uma colocação, ultrapassando o Vasco. Encerra o primeiro turno em terceiro. A dificuldade está nas duas equipes que vêm logo à frente. Atlético-MG e Fluminense estão com um aproveitamento superior à média do campeonato nas últimas temporadas. "Agora, se os times da frente repetirem essa performance vai ficar difícil brigar pelo título", completa Luxa.

Além da meta alcançada, a vitória no Gre-Nal dá ao Grêmio uma vantagem dentro do G-4. São seis pontos de diferença para São Paulo e Inter, que vêm em quinto e sexto. No entanto, há o cuidado no Olímpico também com o desempenho brasileiro na Sul-Americana. "Se um brasileiro vencê-la, diminui uma vaga para a Libertadores", finaliza o comandante gremista.

Kleber comemora invencibilidade

Logo após o apito final, além da vitória no Beira-Rio, Kleber comemorava também a manutenção da sua invencibilidade no clássico desde que chegou. "Eu ainda não perdi para o Inter aqui no Grêmio. Foram duas vitórias e um empate", salienta o Gladiador, que falou de fora da decisão da Taça Farrouilha por estar machucado.

Vitória no clássico para dar moral ao time

O clássico Gre-Nal pode ter uma importância muito grande para o futuro gremista dentro do Campeonato Brasileiro, no início do segundo turno a partir de quarta-feira. A vitória fora de casa sempre traz muitos reflexos positivos a uma equipe, ainda mais quando trata-se de um confronto com o rival. "Esse resultado dá uma moral grande para o time. Estamos indo em busca das primeiras colocações. Foi importante também para alcançar a terceira colocação", destaca o meio-campista Zé Roberto, estreado em clássicos Gre-Nais.

Esportes na TV

- 12h às 20h – ESPN e Sportv 2, ténis: US Open
 - 16h15 – Sportv, futebol português: Sporting Lisboa x Rio Ave
 - 19h15 – ESPN Brasil e Sportv, Liga Futsal: Suzano x Orlândia
 - 20h – Fox Sports, futebol argentino: Estudiantes La Plata x Colón
- A programação é fornecida pelas emissoras de televisão e é de sua responsabilidade.

PAGUE
METADE
DA PARCELA
ATÉ A CONTEMPLAÇÃO
EM IMÓVEIS E CARROS

SEU IMÓVEL
Sua Casa
a partir de
R\$ 183,02
mensal

www.hsconsorcios.com.br

0800 644 9007

leia no Blog <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach>

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



Vitória da convicção

Luxemburgo está convicto de que encontrou o melhor Grêmio do meio para frente. E mandou este time para o Gre-Nal, sem invenção ou improvisação. Com dois volantes, dois armadores e dois atacantes. Entrou para ganhar. Ganhou.

Somado aos seus méritos e aos dos seus jogadores, Luxemburgo contou com a incapacidade de Fernandão de escalar um time óbvio até para os quero-queiros de Marcorama. Mais grave: não escalou e desescalou Índio, amuleto do time em Gre-Nais, zagueiro goleador que cresce na adversidade. Entrou para empatar. Perdeu.

Cometendo uma verdade exagerada, Fernandão pediu para perder. Conseguiu. Ganhar, só ganhou o rótulo de inventor.

O Inter I

Os quero-queiros de Marcorama sabiam que o Inter ideal deveria ter Ygor, Guiñazu, Fred e Dátolo: Damião e Forlán. Fernandão mandou um lateral, Kleber, para o meio. Justificativa: segurar a bola. Trocando em miúdos: para amorcegar o jogo. Kleber foi perfeito na função.

O Grêmio I

Luxemburgo não conta com um grupo de jogadores que permita fazer improvisações ou invenções do meio para frente. Elano marcou o gol aos 7 minutos e, 8 minutos depois, pediu para sair, machucado. Luxemburgo manteve o esquema promovendo a entrada de Marquinhos. Aos 17 minutos finais, sacou um atacante, Marcelo Moreno, para a entrada de outro, Leandro. Depois, trocava um zagueiro por um zagueiro. Foi, outra vez, um técnico coerente.

O nome de Koff I

Odorico Roman será indicado por Koff como o sétimo e último nome para integrar a chapa do Conselho de Administração. É economista, formado na UFRgs, e mestre em Administração e Negócios. Tem curso de Gerência de Marketing pela Fundação Getúlio Vargas e é sócio proprietário do Grêmio desde 1982. Foi conselheiro em 2010.

Tiro Livre

- Luciano Davis: "A pressão que a diretoria do Grêmio fez no Vuaden, por meio do diretor Paulo Pelalpe, funcionou. A meu ver, foram dois penáltis a favor e não marcados". O dirigente reclamou de dois lances na primeira etapa. Pico teria tocado com o braço num lance. No outro, claríssimo, a bola rebateu no braço de Werley. O retruque de Pelalpe: "Ele (Luciano Davi) é novo ainda. Tem muito a aprender".
- Forlán perdeu um gol incrível, sozinho com o goleiro Grohe. Ainda não anotou pelo Inter. São 500 minutos de jejum.
- Além de não marcar, jogou muito pouco no Gre-Nal. Deveria ter sido sacado no começo do segundo tempo.
- O garoto Fred era dúvida para o clássico. Não apenas entrou em campo como foi o melhor do Internacional.
- O Inter finalizou 17 vezes contra seis do Grêmio. Como o que vale é bola na rede e o Grêmio guardou uma...
- Público: 10.617 (8.840 pagantes). Lamentável para um Gre-Nal.

OI FIXO
ILIMITADO oi
Ligue 0800 031 0031

SIPAR
A construtora 100% gaúcha
www.sipar.com.br

MULTISOM
multisom.com.br

zh
Esportes

DIOGO OLIVIER
diogo.olivier@zerohora.com.br



Longe do esperado

Esperança de gols do Inter, Diego Forlán ainda não conseguiu ser o jogador que a equipe precisa. Após seis partidas, o uruguaio não parece confiante nos arremates. No Gre-Nal, perdeu um gol cara a cara com Marcelo Grohe porque chutou fraco e no meio do gol. Ainda assim, foi o principal cobrador de faltas e dos 10 escanteios do Inter durante o clássico. Após o jogo, Fernandão saiu em sua defesa:

– Amanhã ou depois a bola entra e ele deslancha. Fico chateado porque sei que cobranças virão, assim como vieram antes do clássico. Temos de ter mais força ofensiva. Temos de definir mais o jogo. Na hora em que a oportunidade aparecer, temos de matar o jogo.

Diego Forlán enfrentará o Coritiba e o Flamengo antes de desfalar o Inter diante de São Paulo e de Fluminense porque estará a serviço do Uruguai nas Eliminatórias Sul-Americanas.

MAGDA OLIVEIRA

A matemática de Fernandão

O Inter chegou ao fim do primeiro turno com 31 pontos. Fernandão pretendia ter conquistado 38. Projetava encerrar essa fase na terceira colocação. Agora, para sonhar com algo mais que a vaga à Libertadores, o treinador entende que precisará somar até 76 pontos – além de secar os ponteiros.

– Se chegarmos ao final do campeonato, com 74 ou com 76 pontos, vamos brigar. Mas, se Atlético-MG e Fluminense (vice-líder, com 42 pontos) seguirem pontuando dessa maneira, o campeão somará mais de 80 pontos – disse Fernandão.

Jajá

O Inter parece ter desistido da inconstância de Jajá. O meia-atacante sequer foi relacionado para o Gre-Nal devido à possibilidade de negociação com o Metalist, da Ucrânia, o time de Taison e de Cleiton Xavier. A transação poderá ser concretizada ainda hoje. Jajá atuou pelo Metalist e é ídolo local, depois de marcar 31 gols em 61 partidas no clube. O Inter pouco receberá na transferência do jogador. Contratado ao Al-Ahli, dos Emirados Árabes, o clube ainda paga parte das parcelas por Jajá e as repassaria ao Metalist, além de cobrar uma pequena multa pela rescisão.

Leandro Damiano

Passado o Gre-Nal e a cinco dias do fechamento da janela de transferências para a Europa, Damiano deve voltar a ser assediado pelo Tottenham. O clube inglês ofereceu 23 milhões de euros (R\$ 58,3 milhões) pelo centroavante. A direção descarta negociá-lo. Com a venda de Oscar para o Chelsea, o Inter equilibrou o caixa e deve encerrar a temporada com superávit.

– Leandro Damiano não sairá agora. Ele não será vendido nessa janela. E isso é definitivo – afirmou Luciano Davi.

Brandos

Apesar dos protestos da torcida, reclamando dois supostos pênaltis não marcados, Luciano Davi e Fernandão foram brandos nas reclamações:

– A pressão que a diretoria do Grêmio fez, por meio do diretor Paulo Pelaipe, funcionou. A meu ver, foram dois pênaltis a favor do Inter que não foram marcados – afirmou Davi.

– A arbitragem eu deixo para cronistas, columnistas e dirigentes. Para mim, foram pênaltis claros – acrescentou Fernandão.

A razão da vitória

O Inter não perdeu pela surpresa de Kleber no meio em vez de Dátolo. Tanto que o gol do Grêmio veio de uma saída em falso de Murriel, algo raro de acontecer. Foi oferecido pelo Inter, e não uma construção coletiva. Mas bastaria Forlán ter tido a mesma eficiência diante do duplo erro de Fernando e Werley. O fato de não ter sido uma vitória avassaladora, de imensa superioridade, deslustra o triunfo do time de Vanderlei Luxemburgo? Não. Ao contrário: aí é que reside o mérito deste Grêmio, agora no G-3.

O Grêmio venceu por ter mais conjunto, e esta é uma grande conquista. O Grêmio tem esquema e time definidos. Apesar do cansaço notório e previsível, causado pela maratona de 10 jogos no ritmo quarta-domingo, teve organização para correr certo e suportar a pressão do Inter. Que foi ineficiente pela razão inversa. O Inter teve uma dezena de escanteios a favor e só um contra, mas viveu disso. Não houve a jogada pelo meio, a bola enfiada por entre os zagueiros, a triangulação perto da área. Damiano não teve o garçom ao seu lado. Não foi uma pressão de qualidade, mas de brio. E só raça, como se sabe, não adianta.

O Grêmio ganhou com justiça. Não foi invenção. Fernandão não inventou ao escalar Kleber no meio. Invenção seria adotar três zagueiros sem treino ou três atacantes sem articulador. Kleber foi uma opção que não deu certo. Sua presença não ofereceu mais posse de bola e nem maior índice de acerto de passe mais longo, como era o planejado – ao contrário do que referia o técnico ao final do clássico. Mas não pode entrar na conta da malhauque. Terra arrasada não adianta nada agora.

Problema à vista

Sem Gilberto Silva, e talvez sem Elano e Werley, o Grêmio precisará enfrentar o seu maior desafio para se manter lá no alto da tabela. Agora que encontrou um time, precisa ter reposição à altura. O drama é maior na zaga do que no meio.

Pênaltis

Se houve pênalti de Werley, que se atrapalhou todo ao cabecear e acertar o próprio braço, então o de Nei, no carrinho, também deveria ser assinalado. Se errou ou acertou ao interpretar este tipo de lance, Leandro Vuaden (na foto, ao centro, com os dois bandeirinhas) o fez para os dois lados, usando o mesmo critério. Duvidoso, este sim, foi um chute de Forlán no qual Fernando se joga à frente da bola e as repetições da TV não esclarecem se a bola pegou ou não na mão. De qualquer maneira, o jogo não passou por Vuaden. Passou mais pelo gol perdido pelo uruguaio no primeiro tempo, isso sim.



WELLER ROSSER/REUTERS

Próximos jogos

29/8	Coritiba	x	Inter	19h30min
2/9	Inter	x	Flamengo	16h
5/9	São Paulo	x	Inter	22h

Boa notícia

Não houve brigas de torcida. Não houve episódios de violência no Gre-Nal, apesar de todo o ambiente acirrado e até bédico gerado pelas promessas disso e daquilo nas redes sociais. Uma vitória da tolerância. Dos torcedores, que foram ao Beira-Rio torcer. E da Brigada Militar, que ofereceu proteção.

Obra de arte

O gol de Ronaldinho no empate em 2 a 2 com o Cruzeiro é do tempo do Barcelona: arrancada do meio-campo com alta técnica. Uma obra de arte, de parar o campeonato e dar a taça ao Atlético-MG.



LUCIANO DAVI
vice de futebol

“
Cobro o dia inteiro. Não é porque sou novo na casa que não vou cobrar. Como torcedor cobrava, como dirigente, mais ainda. A cobrança vai ser para todos. Futebol é cobrança



NEI
lateral

“
Levamos o gol no começo, é ruim, você sair correndo atrás. Foi um jogo bom, perdemos em casa, paciência, vamos tentar buscar fora.



LEANDRO DAMIANO
centroavante

“
Time que quer ser campeão tem de matar o jogo. Nós não matamos. Mandamos no jogo, mas não conseguimos fazer o gol.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/colunas/diogo, e no twitter em [PROBLOG4E](https://twitter.com/PROBLOG4E)

121



ZERO HORA > SEGUNDA | 27 | AGOSTO | 2012

OI FIXO
ILIMITADO oi
Ligue 0800 031 0031

SIPAR
A CONSTRUTORA 100% BRASILEIRA
www.sipar.com.br

MULTISOM
multisom.com.br

No G-3

Vitória com a cara da resistência

O Grêmio se defendeu com bravura, todos correndo atrás da linha da bola, dando chutão, fazendo falta, tirando a bola de qualquer maneira para qualquer lado do campo

David Coimbra



david.coimbra@zerohora.com.br

OI FIXO
ILIMITADO oi
Ligue 0800 031 0031

Faltavam 30 segundos para acabar o Gre-Nal que o Grêmio venceu (e venceu) por 1 a 0, quando ocorreu o lance mais emocionante do jogo, um lance que seria consagrado e decisivo, se fosse válido: numa falta que Marcelo cobrou da intermediária, a bola foi alçada para a área do Grêmio e terminou na cabeça de Rafael Moura a três passos do travessão.

Era só testar para dentro da rede e comemorar. Foi o que fez o centroavante do Inter. Só que, no caminho, havia a mão do goleiro Marcelo Grohe, que espalmou a bola numa defesa acrobática perfeita, digna de placa no estádio, e talvez até Marcelo ganhasse a placa, se o árbitro não tivesse assinalado impedimento de Rafael Moura.

De qualquer maneira, a plasticidade da jogada foi o desfecho perfeito para uma atuação perfeita do goleiro do Grêmio. Ele, o zagueiro Gilberto Silva e o meia Elano saíram do Beira-Rio elevados à categoria de maiores responsáveis pela vitória que galgou o time à terceira colocação no Campeonato Brasileiro, uma vitória simbólica porque este pode ser o último Gre-Nal disputado no velho Beira-Rio, antes do fim da reforma para a Copa do Mundo.

Elano foi um dos heróis deste clássico por um único lance, aos sete minutos de uma partida que, até então, era igual: da lateral-esquerda, Anderson Pico bateu com o pé direito na bola e a levantou para a área do Inter. Muriel saiu do gol algo esbaforido e até atrapalhou Juan, que tentava cabecear a bola para fora da área. Pode ser por isso que Juan cabeceou para baixo, sem muita força, e a bola pingou no pé esquerdo de Elano, que chutou rasteiro, no canto: 1 a 0 para o Grêmio. Depois disso, Elano passou a mancar em campo e, sete minutos mais tarde, sairia para dar lugar a Marquinhos.

A partir daí, o Inter dominou o jogo e tentou com angústia o empate. Com angústia, sim, porque tentava sem inteligência, apenas com força, e a inteli-



gência, todos sabem, vence a força. Houve até dois momentos em que jogadores e torcida reclamaram pênalti, duas bolas que teriam batido nas mãos de Werley e Pico. Aos 22 minutos, o Inter conseguiu a sua melhor oportunidade, surgida de um erro de um jogador do Grêmio. Fernando errou um passe na intermediária, a bola caiu nos pés de Damiano, que a esticou para Forlán. Para ajudar o atacante do Inter, Werley escorregou ao tentar rebater a bola, e Forlán entrou na área sozinho, livre, tudo de que um atacanteartilheiro precisava num clássico. No entanto, Marcelo Grohe saiu do gol, agigantou-se à sua frente, e Forlán chutou no goleiro. Era um sinal.

Um time que tem de marcar não pode perder um gol desses. O Inter seguiu pressionando, cercando a área gremista, mas sem penetração, apelando para o velho chuveirinho. O Grêmio dava espiçadeiras nos contra-ataques. Construiu dois com Zé Roberto, mas Muriel, agora, não errou.

No segundo tempo, o Grêmio voltou mais fechado, mais atento, impedindo que o Inter fosse à linha de fundo. E, para complicar os movimentos de quem tinha de buscar o empate, o campo ficava a cada minuto mais pesado, devido à chuva. Assim, foi o Grêmio quem teve a melhor oportunidade de marcar, aos 20 minutos, quando Kleber estendeu um passe a Leandro, que dividiu com Muriel na entrada da área.

O jogo estava pastoso, ideal para quem necessitava que nada acontecesse até o fim. Caso do Grêmio, que se defendeu com bravura, todos correndo atrás da linha da bola, dando chutão, fazendo falta, tirando a bola de qualquer maneira para qualquer lado. Só mesmo uma bola parada erguida na área para alterar o resultado. Foi o que Dátolo tentou fazer, aos 47 minutos e 30 segundos. Pena, para ele e para o Inter, que Rafael Moura estava impedido. E que, entre Rafael Moura e o gol, havia a mão ágil de Marcelo Grohe, o dono do Gre-Nal disputado no velho Beira-Rio.

BRASILEIRO - 19ª RODADA - 26/8/2012

0 1

INTER	GRÊMIO
Muriel	Marcelo Grohe
Néi	Pará
Bolívar	Gilberto Silva
Juan	Werley (hat-trick, 24/27')
Fabrickio	Anderson Pico
Nygor (Elano, 26/29')	Fernando
Guilherme	Souza
Fred	Elano (Marquinhos, 15/27')
Kleber (Dujoberlo, 17/21')	Zé Roberto
Forlán (Rafael Moura, 33/29')	Kleber
Leandro Damiano	Moreno (Leandro, 16/29')
Técnico: Fernando	Técnico: Vanderlei Luxemburgo

Gols: Elano IG, aos 7min do 1º Tempo)
Cartões amarelos: Fabrickio, Juan, Dujoberlo, Fred (Inter), Marquinhos, Gilberto Silva, Anderson Pico (Grêmio)
Arbitragem: Leandro Viadon, auxiliado por Altamir Neumann e Rafael da Silva Alves (trio gálico)
Local: Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre

PRÓXIMOS JOGOS
QUARTA-FEIRA
19H30MIN - CORINTHA X INTER
Z2H - GRÊMIO X VASCO



Bola Dividida



LUIZ ZINI PIRES
COM EDITORIA DE ESPORTES
luiz.zini@zerohora.com.br

WIANEY CARLET

wianey.carlet@zerohora.com.br



JEFFERSON BORTOLA

Vitória dupla no Beira-Rio

O Grêmio chegou ao Gre-Nal do primeiro turno do Brasileiro como o Inter costumava se exibir nos últimos e prósperos anos. Era o Colorado, quase sempre, o time mais organizado e definido, com uma ideia de futebol clara e sem segredos na escalação.

Pois o Inter fez tudo o que o Grêmio fazia. Foi uma indefinição só durante toda a semana passada, com treinos secretos no Beira-Rio e despistes nas entrevistas no CT. Mas perdeu o clássico. Sofreu um gol cedo, não conseguiu reagir, mesmo com dois atacantes de seleção, Leandro Damião e Forlán.

Fernandão escalou um time que nunca havia jogado junto, com Kleber improvisado e ainda pensou mal as substituições. Poderia



ter feito o mais simples. Quem sabe usar dois volantes e dois meias desde o início. Deixaria a equipe mais equilibrada.

O gol de Elano, aos sete minutos, fez o Inter atacar mais e controlar a partida até a metade do segundo tempo e pressionar, com 10 escanteios ao seu favor.

Com a saída de Ygor e a entrada de Dátolo, Fernandão arriscou, abriu a marcação e perdeu o meio, especialmente depois que Leandro substituiu Marcelo Moreno.

A chuva e o gramado pesado atrapalharam, brecharam o poder dos jogadores mais técnicos. O Inter reclamou dois pênaltis. O empate seria o resultado justo. Só que o futebol não segue lógica. O Grêmio alcançou o G-3. O 1 a 0 valeu vitória dupla.

Competição

A vitória no clássico foi a 12ª em 19 jogos no Brasileiro e confirma o bom momento gremista. A prova está na tabela de classificação, no G-3.

O Grêmio exibe um time competitivo, um dos mais fortes das últimas temporadas, recheado de jogadores experientes e com currículo de seleção.

Pontuação

O Grêmio encerrou o turno com 37 pontos ganhos.

Há uma certeza no Olímpico: o retorno será ainda mais produtivo.

Retrospecto

Nos últimos 27 pontos que disputou, o Inter venceu 15. O Gre-Nal representou a sua quarta derrota na competição, a segunda no Beira-Rio.

Classificação

Quatorze rodadas depois, o Grêmio volta ao G-3. Ficou nove no G-4.

Problema

Cerca de 11 mil torcedores não é público de Gre-Nal. Mas é quase a média geral do Brasileiro 2012.

Retorno

Na tabela, o Gre-Nal representou somente três pontos e que podem ser recuperados na rodada do meio da semana, que abre o retorno do Brasileiro com mais 19 rodadas. Mas a diferença entre Grêmio e Inter, que era de três pontos, aumentou. Duplicou. Os dois ainda precisam disputar mais 57 pontos.

Maturidade

Fred, 19 anos, fez o seu melhor jogo no Inter depois de 16 partidas. É titular enquanto D'Ale não volta.

Time é que ganha

Deu Grêmio no Gre-Nal. Pela milionésima vez, ficou demonstrado que só time ganha jogo. Fator local e torcida têm importância relativa. Ontem, apenas 10% do público presente no estádio vestia azul. O Grêmio não jogou melhor, mas soube aproveitar uma das escassas oportunidades para marcar. Com a vitória, avançou para a terceira posição e se mantém na luta pelo título. O Inter, pelo contrário, afastou-se tanto da liderança que quase não tem mais chance de brigar pelo campeonato. O Gre-Nal pode ter sido decisivo para a Dupla.

Castigo geral

Em momento algum da história disputou-se um Gre-Nal em tão depravável cenário como aconteceu ontem, no Beira-Rio. Ao desconforto das obras somaram-se chuva e frio. Nem os colorados ocuparam todo o seu espaço. Depois deste domingo, seria recomendável que os dirigentes colorados reavaliassem a conveniência de seguir jogando no Beira-Rio durante a reforma do estádio. O Beira-Rio, ontem, lembrava um filme de horror.



O craque Mais uma vez, o gremista Marcelo Grohe foi o craque do jogo. O goleiro foi responsável direto pela vitória.

Outro destaque

Rivalizando com Marcelo Grohe na disputa de melhor do jogo, o veterano Gilberto Silva foi visto anulando Leandro Damião. Poucas vezes, o bom centroavante colorado conseguiu jogar.

Times

Antes do Gre-Nal, o Grêmio era colocado como favorito levando em conta o entrosamento, a definição da escalação e esquema tático, imaginados por Vanderlei Luxemburgo. Em campo, comprovou-se a tese. O Inter era candidato à derrota porque ainda não se conhece a sua escalação titular e, menos ainda, o esquema tático do time. Se Fernandão não definir uma maneira de jogar, o Inter continuará sendo apenas uma promessa de equipe.

Quando?

Mais uma vez, Diego Forlán deixa o gramado sem jogar bem, nem marcar gol. Não lhe falta dedicação, mas está demorando para justificar a sua contratação.

Convicção

Vanderlei Luxemburgo mostrou que a titularidade de Anderson Pico é sua convicção. Pico teve bom desempenho e aguentou o jogo inteiro. A boa atuação do lateral-esquerdo permitiu que Pará ficasse na lateral-direita, dando segurança para aquele setor do time.

Pênaltis

A bola tocou na mão e no braço de Anderson Pico e Werley quando os dois defensores estavam dentro da própria área. Leandro Vuaden poderia ter assinalado pênaltis tanto quanto interpretar que foram lances sem intenção. Foi positivo que estes episódios não tenham fomentado discursos exagerados, como costuma acontecer no futebol gaúcho.

Bis

Fernandão já tinha escalado Kleber no meio-campo, contra o Corinthians. Naquela ocasião, a atuação de Kleber foi fraca, e ele acabou sendo substituído. Ontem, mais uma vez, Fernandão repetiu a mal sucedida escalação e, como já tinha acontecido, precisou tirar Kleber. Convicção ou teimosia do treinador colorado?

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Zini em www.zerohora.com/010q0bzini, siga pelo Twitter

INFINITY TRI
QUEM TORCE ILIMITADO TORCE COM FAZIM

FALE ILIMITADO
R\$ 0,25/DIA
QUE USAR
PARA QUALQUER TIME DO BRASIL

COMPRA ILIMITADA DE INFINITY TRI POR APENAS R\$ 0,25/DIA

PATROCINADORA OFICIAL DA DUPLA GRE-NAL

TIM
VOCÊ TEM FORTALEZA

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em wp.clicrps.com.br/wianeycarlet

Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

(I)deia
no
Blog <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach>

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



'Até a pé nós iremos'

O hino do Grêmio e suas histórias. Uma dá conta de que Lupicínio Rodrigues pretendia, ao longo das estrofes, apontar a fé e o fanatismo dos gremistas em qualquer circunstância e aqui entra a frase "até a pé nós iremos".

Outra, que a frase "até a pé nós iremos" foi inspirada na greve dos transportes públicos de 1953 em Porto Alegre, mostrando que o gremista nunca iria abandonar o seu clube.

Agora, na véspera do último jogo do Olímpico, um Gre-Nal, muitos gremistas terão que fazer valer o hino mais uma vez. Os funcionários da Carris rejeitaram, ontem, o acordo estabelecido entre empresa, prefeitura e sindicato para o fim da paralisação.

Das frases I

Revirando o centenário arquivo do **Correio do Povo** em busca de material sobre a inauguração do Olímpico, encontro a edição de uma revista ilustrada da história do Grêmio. Retiro trecho que dá conta da criação do slogan "com o Grêmio, onde o Grêmio estiver". Ao lado, trecho.

Das frases II

"Alfredo Obino, entre outras iniciativas nas quais empregou a sua capacidade de trabalho, teve a seu favor a ideia de criar o "slogan" e mandar confeccionar a primeira faixa artística com os dizeres "com o Grêmio, onde o Grêmio estiver", destinada a congregar a torcida gremista."

Indicando, apenas

Osmar Selaimen ainda não assumiu como vice de futebol do Grêmio, mas já faz a indicação de jogadores. Ele indica e seus assessores tratam das questões financeiras. Especulou-se durante a semana que Selaimen havia viajado para o Uruguai em busca de reforços. Viajou, sim, mas para tratar de assuntos particulares. Selaimen quer uma equipe experiente para disputar a Libertadores, principalmente se o Grêmio cruzar contra equipes da Argentina. O sorteio das chaves acontece no dia 21 deste mês.



Fundo, Grêmio I

O Grêmio tem quatro grandes contratos com a televisão (TV aberta, fechada, placas...). Cada um girando em torno de R\$ 30 milhões e com duração até 2017. Uma das cotas já foi antecipada. O clube poderá negociar as demais integralmente (R\$ 90 milhões), ou parte com algum fundo gestor ou banco. Neste caso, perdendo dinheiro.

Fundo, Grêmio II

Estima-se que em troca dos direitos creditórios de R\$ 30 milhões a receber em um ano, por exemplo, o banco liberaria R\$ 23 milhões. Koff teria viajado ao Rio de Janeiro para tratar com um fundo de investimento. Paralelamente, busca mais verba com investidores gaúchos ligados ao clube. Tudo para montar time para a Libertadores.

Tiro Livre

- **Dunga e Luigi não tiveram encontro na sexta-feira. Portanto, não ficou acertado nada, muito menos a data da apresentação de Dunga.**
- **Pode ser que os dois se encontrem hoje e que, inclusive, aconteça a apresentação oficial de Dunga como novo treinador. Pode ser.**
- **Há diferença entre o salário oferecido pelo Inter e o solicitado por Dunga. O inusitado desta negociação é que Luigi e Dunga pouco conversam. O acerto, que deveria ter acontecido na segunda-feira, ficou para hoje, véspera do Gre-Nal.**
- **Das leituras:** "Presidente da CBF e do COL (Comitê Organizador Local da Copa), José Maria Marin terá, enfim, a oportunidade de se encontrar com a presidente Dilma Rousseff. Ela confirmou presença no sorteio da Copa das Confederações neste sábado, em São Paulo. O UOL Esporte apurou que Dilma, torturada na juventude por militares, não fez restrições quanto a receber no Anhembi o dirigente, que foi ligado à ditadura militar. Não há a intenção de evitar aparecer em público com ele".

Flamengo sonha com Kaká e Robinho

» Não é só o Corinthians que tem interesse em repatriar Kaká. O meia do Real Madrid (que pode ser vendido para que os madrienhos tenham dinheiro para manter Cristiano Ronaldo no Santiago Bernabéu) virou promessa eleitoral do candidato Jorge Rodrigues no Flamengo. Segundo ele, Djalmirinha, amigo de Kaká, seria o interlocutor da sondagem. O clube também sonha em repatriar Robinho, que deverá sair do Milan.

Série C conhece hoje o seu campeão

» Será conhecido hoje o campeão brasileiro da Série C. Oeste-SP e Icasa-CE se enfrentam a partir das 17h, no estádio dos Amaros, em Itápolis, no interior paulista. O vencedor será o campeão porque no jogo de ida, em Juazeiro do Norte (CE), houve empate sem gols. Um 0 a 0 levará a definição para os tiros livres da marca do pênalti. Mas com um empate com gols, o título ficará com o time cearense que, no caso, marcaria gol fora de casa.

Clássicos em clima amistoso

BERNARDO MONTEIRO / WPCOMM / CP

Santos x Palmeiras e Flamengo x Botafogo abrem hoje à noite a última rodada do Campeonato Brasileiro

Dois jogos que nada valem para efeitos de tabela abrem hoje, às 19h30min, a 38ª – e última – rodada da Série A do Brasileiro 2012.

Na Vila Belmiro, com a volta do astro Neymar, após cumprir suspensão automática pelo terceiro cartão amarelo no empate por 1 a 1 com o Corinthians, o Santos recebe o combalido Palmeiras, já rebaixado.

O Peixe já está garantido na Sul-Americana do próximo ano. Mas com força máxima, os jogadores querem ganhar do Verdão para dar a vitória como presente de aniversário ao treinador Muricy Ramalho, que ontem completou 57 anos. O Palmeiras apenas cumpre tabela.

No Engenheiro, Flamengo e Botafogo farão um clássico



Flamengo já está classificado para a Copa Sul-Americana de 2013

amistoso, pois ambos também estão garantidos na Sul-Americana. Os dois times passaram em branco a temporada, sem títulos e sem objetivos relevantes conquistados. Restou utilizar o clássico para observar os jovens das categorias de base.

O Fogão aproveita a desculpa de cinco desfalques para lançar um time jovem, reforçado

pelo veterano holandês Seedorf. Do outro lado, Dorival Júnior decidiu descansar veteranos como Cléber Santana, Ibson e Renato Abreu e vai lançar o trio Matheus, Adryan e Nixon no meio de campo e no ataque.

As demais oito partidas da última rodada serão amanhã, às 17h; destaque para os clássicos Gre-Nal e Atlético x Cruzeiro.

Placar CP

- **COPA SUL-AMERICANA** – Semifinal, jogo de volta, antontem: Millionarios 1 x 1 Tigre-ARG; (1) finalista.
- **SÉRIE C** – Decisão, jogo de volta: Oeste-SP x Icasa-CE.
- **INGLATERRA** – 15ª rodada, hoje: West Ham x Chelsea, Arsenal x Swansea, Fulham x Tottenham, Liverpool x Southampton, Manchester City x Everton, QPR x Aston Villa, West Bromwich x Stoke e Reading x Manchester United.
- **ESPANHA** – 14ª rodada, ontem: Osasuna 1 x 0 Rayo Vallecano. Hoje: Getafe x Málaga, Valencia x Real Sociedad, Barcelona x Atlético Bilbao e Real Madrid x Atlético de Madrid.
- **ITALIA** – 15ª rodada, ontem: Catania 1 x 3 Milan. Hoje: Juventus x Torino.
- **ALEMANHA** – 15ª rodada, ontem: Fortuna 4 x 0 Eintracht. Hoje: Schalke 04 x Mönchengladbach, Leverkusen x Nuremberg, Mainz x Hannover, Augsburg x Freiburg, Fürtth x Stuttgart e Bayern x Dortmund.
- **ARGENTINA** – 15ª rodada: Godoy Cruz x Quilmes, Colón x Argentinos Juniors e Racing x All Boys. Antontem: Jogo atrasado da 15ª rodada: Independiente 1 x 2 Belgrano.

São Paulo e Tigre na decisão

São Paulo já sabe quem será o seu adversário na final da Copa Sul-Americana. Na quinta-feira à noite, na Colômbia, o Tigre, da Argentina, empatou em 1 a 1 com o Millionarios, que havia eliminado o Grêmio da competição. Como no jogo de ida houve empate sem gols, os argentinos avançaram em função do gol qualificado. A primeira partida está marcada para o dia 5, na Argentina. O jogo de volta, no Morumbi, acontece no dia 12. Caso seja campeão, o São Paulo não disputa a Copa do Brasil no ano que vem.

Muricy critica e elogia a CBF

Um erro e um acerto. Assim Muricy Ramalho avaliou as últimas medidas tomadas pela CBF. Se, por um lado, o técnico do Santos criticou a demissão de Mano Menezes à frente da Seleção Brasileira – "Era o melhor momento do trabalho do Mano. Ele pegou uma seleção que tinha que se renovar e isso é difícil" –, por outro, viu como correta a escolha de Luiz Felipe Scolari para a sucessão no comando: "O acerto foi escolher pela experiência", citando ainda a escolha de Carlos Alberto Parreira para coordenador técnico do Brasil.

Ontem, ao completar 57 anos, o treinador não escapou de ser atingido por ovos e farinha pelos jogadores. O "ataque" foi comandado pelo atacante Neymar. "É uma coisa natural", resignou-se a dizer, todo sujo, Muricy.

Esportes na TV

- **10h45** – Fox Sports, futebol inglês: West Ham x Chelsea
- **11h20** – SporTV e ESPN Brasil, futebol, Copa das Confederações: Sorteio dos grupos
- **12h30** – ESPN, futebol alemão: Schalke 04 x Borussia Mönchengladbach
- **13h** – Fox Sports, futebol inglês: Arsenal x Swansea
- **13h** – ESPN Brasil, futebol inglês: Manc. City x Everton
- **15h30** – ESPN, futebol alemão: Bayern Munique x Borussia Dortmund
- **17h** – SporTV, futebol, Série C: Oeste x Icasa
- **17h** – ESPN Brasil, futebol espanhol: Barcelona x Athletic
- **17h30** – ESPN, futebol holandês: Ajax x PSV Eindhoven
- **17h45** – Fox Sports, futebol italiano: Juventus x Torino
- **19h30** – SporTV, futebol, Brasileiro: Santos x Palmeiras

40

Esportes / GRÊMIO

ZERO HORA SÁBADO, 1º DE DEZEMBRO DE 2012

INTERNET
+ TV HD.
Ligue 0800 001 0031.

2+3 DORMITÓRIOS
HOLLYWOOD
GARDEN
Fone 3249.0767

MULTISOM
multisom.com.br

abdo
Advogados
51 3582-9000 www.abdo.com.br



Com os pais, Antonio, de 6 anos, ficou admirado com a maquete do Estádio Olímpico no museu do Grêmio. Foi sua última vez no estádio: "A Arena vai ser mais legal!"

O menino foi ver o passado



DIOGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br

INTERNET + TV HD.
SÓ NA OI.

Ligue 0800 001 0031 e assinhe agora.

Não é todo dia que se vê o passado chegar de tão perto. Antonio dos Santos Neto, 6 anos, viu. Enquanto os jogadores suavam debaixo do bafo quente de uma sexta-feira calorosa, ele era levado pelos pais ao museu do Grêmio.

Ali tem uma maquete mais parecida com o Olímpico do que o próprio Olímpico. Antonio cravou os olhos grandes e expressivos nela. Ficou na ponta dos pés, examinou bem, ouviu com atenção as explicações e as histórias contadas pelo pai e pela mãe, tirou fotos e se foi. Para Antonio, o passado já chegou.

Jorge e Vanuza, pais do guri, não conseguiram ingresso para o Gre-Nal. Como hoje tem o campeonato da escolinha de futebol do Antonio, não há como assistir ao último treino antes do clássico. Então, resolveram tirar a tarde de sexta para se despedir do Olímpico. Jorge vestia a camisa 7 tricolor dos anos 70, e não era a de Renato. Era de Tarciso, ídolo de seu pai. Jorge, 37 anos, faz aniversário no dia da Batalha dos Afiltos: 26 de novembro. No mesmo ano de 2005, horas antes de o inacreditável acontecer, Vanuza teve as primeiras contrações do parto. Antonio nasceu dias depois. A vida da fa-

mília é contada a partir de eventos do Grêmio, como se vê.

— Eu acho que a Arena vai ser mais legal — suspirou Antonio.

Os pais dão um sorriso nostálgico, ainda mais levando-se em conta que eles não conhecem a Arena. Ainda não conseguiram conhecê-la. Ficaram de fora da inauguração, mas garantiram ingresso para o Jogo Contra a Pobreza. Só que Antonio enxerga o monumento de concreto e erguido no Humaitá de casa. Moram em Canoas. A simples visão longínqua da nova casa foi suficiente para os seis anos de praia de Antonio imaginar o futuro feliz en-

quanto mirava o passado, digo, a maquete do Olímpico.

— Temos tempo para contar o que se passou no Olímpico para ele — sorri Jorge, piscando para o piá, a esta altura correndo pelo museu e treinando leitura, que ele está aprendendo a ler e ler é um mundo encantado que se abre para a criança.

Luxemburgo não sabe do Antonio, mas já entendeu que está vivendo um momento único. Mesmo ele, que imaginava ter vivido tudo neste mundo da bola, nunca fechou um estádio. Muito menos com clássico. E está preocupado com a carga emocional, absolutamente inédita e intensa que será despejada sobre seus jogadores:

— Já estou conversando com eles sobre isso, é claro. A carga emocional será diferente. Precisamos conversar e ter equilíbrio para sentir tudo isso sem atrapalhar a razão e o que devemos fazer no jogo.

Equilibrar a emoção que vem dos Antonios e de milhões de gremistas, eis o desafio do Grêmio no Gre-Nal para se despedir em paz do Olímpico.

Faltas

Encerrado o treino fechado no gramado principal do Olímpico, o penúltimo em 58 anos de história, restaram poucos jogadores quando os portões abriram. Léo Gago e Fernando treinaram cobranças de falta. O desempenho do primeiro foi muito bom, soltando foguetes e marcando gols apesar da barreira próxima. Fernando, não. Este carimbou o obstáculo de ferro quase todas as vezes.

Conversa

Luxemburgo conversou bastante com Elano, à beira do gramado. O preparador de goleiros Rogério Godoy levou Marcelo Grohe para perto da goleira da avenida Carlos Barbosa, no lado oposto de onde o trabalho acontecia, onde conversaram longamente, ambos sentados. Os zagueiros Werley e Naldo, enquanto alongavam a musculatura, engataram longo papo. Conversando a gente se entende, é o que diz o ditado.

Zé Roberto

A menos que Luxemburgo tire um coelho da cartola e volte ao modelo com um atacante, o Grêmio deve manter o esquema tático com dois homens na frente, apesar das ausências de Kleber e Moreno. O time mais provável: Grohe; Pará, Naldo, Werley e Léo Gago; Fernando, Souza, Elano e Zé Roberto (ele treinou, mas segue sendo dúvida para o Gre-Nal, com entorse leve no tornozelo); Leandro e André Lima.

INTERNET
+ TV HD.
Ligue: 0800 001 0031.

2-3 DORMITÓRIOS
HOLLYWOOD
SPAR Fone: 3249.0767

MULTISOM
multisom.com.br

abdo
Advogados
51 3582-9000 www.abdo.com.br

Os humildes e os bravos



LUÍZ ZINI
PIRES

luiz.zini@zerohora.com.br

Ao lado do Beira-Rio em obras, castigados pelo barulho de máquinas e tratores, por um sol de quase 30°C e uma sequência de quatro derrotas, torcedores colorados faziam animada fila no Gigantinho perto do meio-dia de ontem em busca de 1 mil ingressos. Fiéis, eles mereciam ouvir o que o técnico Osmar Loss dizia naquele mesmo instante na entrevista coletiva em uma apertada sala de imprensa no CT Parque Gigante, do outro lado da Avenida Edvaldo Pereira Paiva:

– O Inter será um time combativo, com a cara do Gre-Nal.

A frase do substituto de Fernandão, técnico interino, 37 anos – gaúcho de Passo Fundo como Felipe –, que será sucedido por Dunga, ex-seleção, em janeiro, dá esperança. Anima até mesmo quem vaiou o time nos dois últimos péssimos jogos na Capital, forçou a demissão de um treinador, atacou os jogadores e tirou do sério até o ídolo máximo D'Alessandro.

– Todos os Gre-Nais que eu participei pela base são jogos que marcam pela disputa. Pela briga do espaço em campo – disse Loss.

Se o cenário do Gre-Nal é azul, mirando a tabela do Brasileiro, Loss poderia lembrar que em fevereiro, com uma crise instalada no Olímpico, o auxiliar Roger, logo substituído por Vanderlei Luxemburgo, comandou o Grêmio em uma vitória no Beira-Rio.

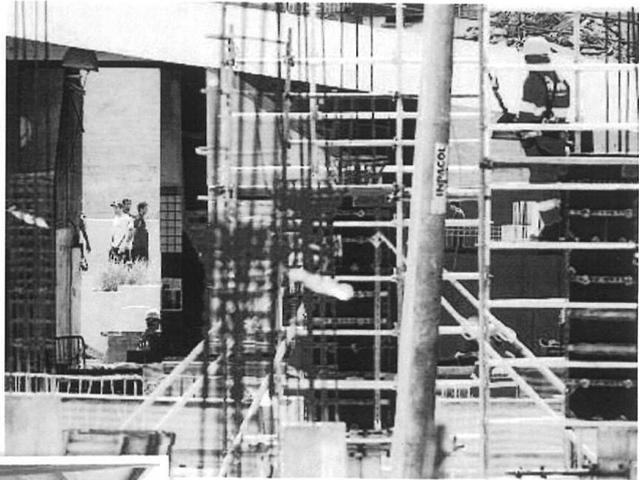
Foi com Loss que o Inter ocupou vitrina mundial ao enfrentar Inter de Milão e Barcelona na Copa Audi. É com Loss que o Inter precisa mostrar uma determinação que sumiu junto com metros e metros de arquibancadas do estádio em reforma. É ele quem diz que o atleta precisa, a todo o instante, ser lembrado da importância dos jogos:

– O Gre-Nal é incomparável. Vai ficar marcado por muito tempo.

Resultado de clássico marca, do goleiro ao goleador. É tatuagem secular. Dura tanto quanto um livro, um gol no Google. Feitos e defeitos no Gre-Nal são lembrados desde 1909 e 103 anos depois o Inter dispõe de jogadores de três seleções – Brasil, Uruguai e Argentina –, entre outros valores, para buscar a vitória que será saudada hoje, amanhã e depois de amanhã.

Loss não é torcedor. Pensa um pouco como ele. Tenta recuperar a bravura dos jogadores. A mesma que, ao seu modo, o torcedor humilde, camiseta e bermuda, exibiu no pátio empoeirado da futura arena da Copa, investindo parte das economias em um ingresso, preciosa passagem para um feliz Ano-Novo. Loss e o torcedor acreditam. Começaram a corrente.

Torcedores que compraram todos os ingressos ontem conseguiram ver pelas frestas parte do treino que Osmar Loss pretendia que fosse secreto



OSCAR DE LIMA/ISTOCK



Os 11 do clássico

Quatro estrangeiros estão na lista dos convocados: D'Alessandro, Guinazu, Forlán e Dátolo. Três podem jogar. O Inter incorpora os mistérios naturais de um clássico, não alinha os 11, embora o time dificilmente poderá fugir de Muriel; Edson Ratinho, Rodrigo Moledo, Índio e Fabrício; Ygor, Guinazu, Josimar (Forlán) e Fred; D'Alessandro e Leandro Damiano. A dúvida fica entre Forlán, dois atacantes, e Josimar, três volantes.

Treinos fechados

Loss reclamou da intromissão de câmeras e fotógrafos nos treinos que eram para ser fechados no CT às margens do Guaíba, com um visual de cinema, durante a semana. Ele gerou situações de jogo nos ensaios, seja com três volantes, com a opção Josimar, ou com Forlán e Leandro Damiano no ataque.

– O jogo vai mostrar a melhor alternativa. Tudo pode ser mudado em 15 minutos de jogo – diz Loss.

INFINITY TRI
QUEM TORCE ILIMITADO TORCE COM A TIM

FALE ILIMITADO
R\$ 0,25/DIA
QUE USAR
PARA QUALQUER TIM DO BRASIL

patrocinadora oficial da dupla Gre-Nal

TIM
Você, sem fronteiras

Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

Show da Madonna, o próximo evento

Depois do Gre-Nal, o Olímpico será entregue à organização do show da cantora Madonna, que ocorre no próximo domingo e, de fato, será o último evento do estádio. O clube possui, por contrato, três meses – prorrogáveis por mais três – para repassar o Olímpico à OAS, nova proprietária do imóvel. É provável que a construtora faça a demolição do estádio ainda no primeiro semestre do próximo ano.

O 123º clássico da história do estádio

O estádio Olímpico recebe neste domingo o 123º Gre-Nal da sua história. É o palco com o maior número de clássicos disputados. O Beira-Rio vem atrás com 109 partidas. O empate foi o resultado que mais aconteceu nestes 58 anos. Por 47 vezes, as duas equipes não saíram da igualdade no placar. O Grêmio venceu 41 jogos, anotando 152 gols. Já o Internacional saiu vitorioso em 34 partidas, marcando 132 vezes.



FABIANO DO AMARAL / CP MEMÓRIA

Elano tem sido uma das principais peças no time do Grêmio no Campeonato Brasileiro deste ano

Duelo histórico

Último Gre-Nal do Olímpico traz os times em momentos distintos

■ FABRÍCIO FALKOWSKI
fabricio@correiodopovo.com.br

Grêmio e Inter entrarão em campo neste domingo para se enfrentar pela última vez no Olímpico. Trata-se de uma partida revestida de significados, quase todos especiais. Afinal, não é só a corriqueira e vulgar corrida atrás de pontos que moverá os jogadores da Dupla no jogo. Neste Gre-Nal que marcará o ocaso da casa tricolor, será a vontade de figurar na história do clássico que mexerá ânimos e pernas de azuis e vermelhos.

Ao Grêmio sobra motivação. Uma vitória assegura o segundo lugar no Campeonato Brasileiro, posição que garante regalias na Libertadores da América. Além disso, e principalmente, o time de Vanderlei Luxemburgo quer dar uma vitória de presente ao torcedor. "Demorei

Grêmio x Inter

M. Grohe	Muriel
Pará	Ratinho
Werley	Moleão
Naldo	Índio
Léo Cagão	Fabrizio
Fernando Souza	Ygor
Souza	Guilazu
Elano	Fred
Zé Roberto	D'Alessandro
Leandro	Forlán
André Lima	Damião
Técnico: Luxemburgo	Técnico: Osmar Loss

Árbitro: Heber Roberto Lopes.
Local: estádio Olímpico.
Início: 17h.

tanto para vir para o Sul e agora estou fazendo parte deste momento histórico. Vamos com-

pletar esta história com uma vitória", provoca Luxa.

O time tem desfalques (Kieber e Moreno) e dúvidas. A principal é Zé Roberto, que tem um entorse no tornozelo e pouco treino ao longo da semana.

Entre tantas dúvidas que pairam sobre a última atuação do Inter no Olímpico, há uma certeza: o time colorado estará interessado, empenhado em vencer o Grêmio e macular a festa do rival. O objetivo de todos os que vivem o dia a dia do Beira-Rio, desde o mais humilde dos funcionários até o presidente Giovanni Luigi, é colocar água no chope da festa dos gremistas. "O time do Inter terá a cara deste Gre-Nal", assegura o técnico interino, Osmar Loss.

A equipe não está definida. Loss treinou algumas opções e promete confirmar a escalação somente após ver o time preparado por Luxemburgo.

VINÍCIUS RORATTO



D'Alessandro é uma das esperanças de vitória da torcida colorada no último jogo do estádio Olímpico

(leia no Blog) <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach>

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



Nostalgia

O domingo será nostálgico, de comoção até. Chegou a hora de dizer adeus ao Olímpico. Não enveredarei pelo caminho de quem perde, mas do que se ganha. O Grêmio transformou-se num gigante mundial ao deixar a Baixada. Vislumbra-se um futuro ainda mais promissor na majestosa Arena. Nesta data tão especial, recupero trecho de uma revista especial sobre a história do Grêmio e que leva o título de "Vinha de longe a ideia".

"Os primeiros passos, no sentido de dar-se ao Grêmio um novo estádio, foram iniciados por antigos gremistas. A princípio a ideia era de que o estádio fosse construído na área existente onde se encontra hoje o ex-cine Castelo. Mas houve vezes discordantes...

Também, de uma feita, foi iniciado movimento no sentido de transferir-se o Grêmio para um campo localizado em ponto por onde hoje passa a avenida Farrapos... Também esta ideia não vingou.

No dia 16 de setembro (1940), no salão nobre da Prefeitura Municipal, na gestão do dr. José Loureiro da Silva, era firmado solenemente o primeiro compromisso oficial para a troca do terreno da Baixada por outro localizado na avenida Carlos Barbosa."

Vinha de longe a ideia de o Grêmio ter um novo estádio. Hoje, o torcedor se despede do Olímpico e já na próxima semana estará na Arena. Começa um novo capítulo na história da instituição. Hoje, especialmente hoje, fundem-se passado, presente e futuro.

Adeus, Olímpico I

O site do Grêmio do Prata publicou artigos em homenagem ao Olímpico. De César Augusto Fernandes, trecho: "No futuro, ao passar por ti não estarás ali fisicamente, mas tenho certeza que irei te enxergar no meu coração, e nas noites, ao olhar pro céu, o letreiro azul brilhará e te fará sempre vivo em nossas lembranças. Obrigado e um abraço, meu Amigo Olímpico Monumental, aquele grande Amigo que tu jamais pensa em perder, porque ele só te fez ganhar".

Adeus, Olímpico II

De Cristiano Zucco: "Nos últimos jogos que tenho ido no Olímpico, confesso já chegar triste e com o coração apertado. Com os olhos lacrimejados, fico sentado só, olhando pra ele e imaginando como será o amanhã. No último jogo, o sofrimento e a nostalgia invadirão o meu ser de forma tal que preferiria não estar presente. Quando te colocarem no chão, grande palcos, quero estar bem longe, suficiente para nunca mais voltar a cruzar pelo bairro da Azenha".

Favoritismo

O Grêmio entra como favorito no Gre-Nal. Por tudo, Luxemburgo tem uma equipe encaixada, motivada e que tenta manter o segundo lugar no Brasileiro para garantir vaga direto na Libertadores. A única ambição do Inter é estragar a festa no último jogo no estádio Olímpico. Mas não está escrito em lugar algum que o favorito ganha.

Emoção

Do treinador Luxemburgo: "O equilíbrio é a coisa mais importante de um profissional. De repente, a emoção passa da razão e aí nada mais funciona. E isso que tenho que passar para os meus jogadores. Mais do que a importância do clássico Gre-Nal, eles precisam ter controle emocional. Não se pode deixar extrapolar o lado emocional".

Tiro Livre

■ Do site do Grêmio: "O Olímpico tem uma história repleta de alegrias com suas glórias e conquistas que ficarão eternamente na memória de cada torcedor gremista. Domingo, dia do Gre-Nal, um momento de grande emoção por ser o último jogo do Velho Casarão, este templo sagrado merece ficar com a melhor recordação que um estádio pode ter: a alegria. O torcedor deve carregar como lembrança, um local que vai deixar saudades pelas festas e comemorações de sua incomparável torcida. Então evite qualquer ato que cause danos ao nosso Olímpico, porque quem pode sair prejudicado é o Grêmio, que está prestes a inaugurar uma nova Era".

■ Ainda: "Momentos antes do início do clássico Gre-Nal, ex-athletas consagrados na era Olímpico irão ingressar na pista atlética e dar uma volta olímpica para receber o carinho e a homenagem da torcida. Estão confirmados cerca de 70 jogadores que contribuiram para a formação da mística da imortalidade gremista. Vamos saudar nossos heróis!".

44 **Esportes**

WIANEY CARLET
wianey.carlet@zerohora.com.br



O grande dia

Um dia pode ser especial por várias razões, inclusive se marcar uma despedida. O fim anunciado do Olímpico já seria, por si só, um acontecimento impactante. Mas, à medida que a despedida do velho estádio coloca frente a frente os dois maiores clubes do RS, de tantos e inesquecíveis confrontos, a data reveste-se de significados que a história registrará com relevo. Acrescente-se o que representa este clássico para cada uma das torcidas e estaremos diante de uma das edições mais espetaculares deste grande jogo. O Olímpico estará transbordando de torcedores e ao final do domingo se ouvirá as manifestações de alegria dos vencedores misturadas com robusta dose de nostalgia. Assim, o dia 2 de dezembro irá para a história.

Mistérios Vanderlei Luxemburgo fechou os treinamentos da semana permitindo não mais do que suposições sobre a escalação do Grêmio. Osmar Loss foi mais liberal, mas, igualmente criou dúvidas que, provavelmente, não serão esclarecidas antes do Gre-Nal. Luxa e Loss assumem papéis de feiticeiros que tentam enganar, reciprocamente. Este comportamento ganha jogo? Se não ganha, pelo menos alimenta o folclore do futebol.



Dúvidas coloradas As dúvidas sobre a escalação do Inter, que não são do treinador Osmar Loss, estão no esquema tático. Se Forlán for escalado para formar dupla com Leandro Damiano, no ataque, o esquema tático será o tradicional 4-4-2. Se, entretanto, Loss optar por acrescentar um terceiro volante, então o Inter resgatará o desenho tático usado muitas vezes nesta temporada: o 4-3-2-1.

Opinião Considerando que o Grêmio está bem melhor do que o Inter, sugere a lógica que Osmar Loss vai fechar o time, protegendo o seu sistema defensivo com três volantes. O diabo é que treinadores, frequentemente, gostam de afrontar a lógica. Neste caso, dois atacantes e dois volantes, assim seria escalado o time colorado.

Dúvidas tricolores Aparentemente, Vanderlei Luxemburgo definirá o esquema tático do Grêmio dependendo de Zé Roberto. O Grêmio jogaria, se Zé Roberto não for liberado, com dois atacantes: Leandro e André Lima. Porém, se Zé Roberto estiver apto para jogar, é mais provável que o Grêmio entre em campo apenas com André Lima, no ataque, repetindo o esquema que não tem dado certo: 4-2-3-1.

Opinião Luxemburgo poderia substituir Zé Roberto, se for vetado, por Marquinhos, compondo o meio-campo com Fernando, Souza, Marquinhos e Elano. No ataque, Leandro e André Lima. É a formação mais provável. Mas, tudo dependerá de Zé Roberto.

Mobilização Duvido que alguém não tivesse imaginado a seguinte situação: o Inter anunciaria a contratação de Dunga, apresentaria o novo treinador em solenidade especial no vestiário. Dunga falaria aos jogadores e voltaria a se dirigir ao time antes do Gre-Nal, motivando os jogadores na busca de uma vitória. Nada disso aconteceu. Dunga está acertado, mas como os advogados do jogador e do Inter não concluíram a elaboração do contrato, a apresentação ficou para a próxima semana. Até parece uma venda de jogador para um distante mercado da Terra. Assim o Inter vai para campo sem treinador, preparador físico, vice de futebol e diretor executivo. Só o Inter.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em zerohora.com/wianeycarlet

ZERO HORA DOMINGO, 2 DE DEZEMBRO DE 2012

Placar ZH

Hoje na TV

- RBS TV (51) 3218-5676**
- 9h: Auto Esporte
- 9h30min: Esporte Espectacular
- 17h: Brasileiro, Grêmio x Inter
- 23h50min: Lance Final
- TVCOM (51) 3218-5676**
- 8h: Especial Olímpico, Copa do Brasil 2010, Grêmio x Santos
- 10h: Especial Olímpico, Libertadores 1983, Grêmio x Peñarol
- 12h: Especial Olímpico, Brasileiro 2009, Grêmio x Inter
- 14h: Torcida TVCOM
- 19h: Torcida TVCOM
- 21h: Bate Bola
- BAND (51) 2101-0010**
- 16h30min: Brasileiro, Fluminense x Vasco

PFC BRASILEIRÃO

- 16h45min: São Paulo x Corinthians (PFC 7)
- 16h45min: Coritiba x Figueirense (PFC 8)
- 16h45min: Náutico x Sport (PFC 6)
- 16h45min: Atlético-MG x Cruzeiro (PFC 3)
- 16h45min: Fluminense x Vasco (PFC 1)
- 16h45min: Atlético-GO x Bahia (PFC 2)
- 16h45min: Portuguesa x Ponte Preta (PFC 5)
- SPORTV**
- 11h: Francês, Brest x Olympique de Marseille
- 13h: Brasileiro sub-17, Corinthians x Náutico
- 17h: Brasileiro, Grêmio x Inter

SPORTV2

- 10h: Brasileiro sub-17, Figueirense x Inter
- 12h: Superliga Masculina de Vôlei, Minas x Canoas

SPORTV3

- 9h30min: Grã-Bretanha, Copa do Mundo, etapa de Stuttgart
- ESPN**
- 14h25min: Alemão, Wolfsburg x Hamburgo
- 19h: Futebol Americano, NFL, Baltimore Ravens x Pittsburgh Steelers
- 23h15min: Futebol Americano, NFL, Dallas Cowboys x Philadelphia Eagles

ESPN BRASIL (11) 3677-7700

- 7h25min: Russo, Anzhi x CSKA
- 10h55min: Francês, Brest x Olympique de Marseille

ESPN+

- 13h55min: Espanhol, La Coruña x Betis
- 16h: Futebol Americano, NFL, Miami Dolphins x New England Patriots
- 19h: Futebol Americano, NFL, Baltimore Ravens x Pittsburgh Steelers
- 21h55min: Mexicano, Toluca x Tijuana

FOX SPORTS BRASIL

- 9h25min: Italiano, Napoli x Pescara
- 11h55min: Italiano, Inter de Milão x Palermo
- 14h: Inglês, Norwich x Sunderland

BANDSPORTS

- 11h30min: Futebol Society, Paulista, Final
- 14h30min: Vôlei, Liga Italiana, Trentino x Piacenza

A programação divulgada é de responsabilidade das emissoras e está sujeita a alterações



Jorginho comanda o Bahia na busca de pelo menos um empate com Atlético-GO

Três times contra o rebaixamento

Se o campeão e os integrantes do G-4 já estão definidos, uma decisão da última rodada do Brasileiro refere-se ao rebaixamento. Palmeiras, Atlético-GO e Figueirense já caíram. Portuguesa, Bahia e Sport lutam para não ficar com a "última vaga". A tarefa mais complicada é dos pernambucanos, que precisam vencer o rival Náutico no Estádio dos Aflitos e ainda torcer por derrota de Bahia ou Portuguesa.

Brasileirão*

CLUBES	P	V	E	D	GP	GC	SG	%
1º) Fluminense	17	12	11	4	40	31	29	69
2º) Grêmio	70	37	20	10	7	56	33	63
3º) Atlético-MG	69	37	19	12	6	61	35	62
4º) São Paulo	63	37	19	6	12	56	36	57
5º) Corinthians	57	37	12	10	50	36	14	51
6º) Vasco	55	37	10	12	43	43	0	50
7º) Botafogo	54	37	9	15	58	48	10	49
8º) Cruzeiro	52	37	15	7	45	48	-3	47
9º) Inter	51	37	12	12	44	40	4	46
10º) Santos	50	37	12	14	47	43	4	45
11º) Flamengo	49	37	12	13	47	44	3	44
12º) Ponte Preta	47	37	12	14	37	44	-7	42
13º) Náutico	46	37	7	17	43	51	-8	41
14º) Coritiba	45	37	13	6	18	50	-30	41
15º) Portuguesa	44	37	10	14	39	41	-2	40
16º) Bahia	44	37	10	14	36	41	-5	40
17º) Sport	41	37	10	11	39	55	-16	37
18º) Palmeiras	34	9	7	21	38	51	-13	31
19º) Atlético-GO	30	7	9	21	37	66	-29	27
20º) Figueirense	30	7	9	21	39	69	-30	27

*Sem os jogos de sábado

Para fugir da degola

PORTUGUESA
Escapa se empatar com a Ponte Preta. Pode até se livrar com derrota, desde que o Sport não ganhe.

BAHIA
Permanece na Série A se empatar com o rebaixado Atlético-GO. Assim como a Portuguesa, pode até perder, desde que o Sport não ganhe.

SPORT
Só escapa da segunda divisão se vencer o Náutico. Além disso, terá de torcer por derrota de Portuguesa ou Bahia.

Agenda

DOMINGO: Argentino - Vélez Sarsfield x Unión, Belgrano x Tigre, River Plate x Lanús, San Lorenzo x Independiente e Arsenal x Boca Juniors. **Alemão** - Hoffenheim x Werder Bremen e Wolfsburg x Hamburgo. **Espanhol** - Granada x Espanyol, Sevilla x Valladolid, La Coruña x Betis, Celta x Levante e Mallorca x Zaragoza. **Francês** - Brest x Olympique de Marseille, Troyes x Rennes e Lorient x Toulouse. **Inglês** - Norwich x Sunderland. **Italiano** - Napoli x Pescara, Bologna x Atalanta, Genoa x Chievo, Inter de Milão x Palermo, Lazio x Parma, Siena x Roma, Udinese x Cagliari e Fiorentina x Sampdoria.

38ª e última rodada

SÁBADO		
19h30min	Flamengo x Botafogo	
19h30min	Santos x Palmeiras	
DOMINGO		
17h	Fluminense x Vasco	
17h	São Paulo x Corinthians	
17h	Grêmio x Inter	
17h	Atlético-MG x Cruzeiro	
17h	Portuguesa x Ponte Preta	
17h	Coritiba x Figueirense	
17h	Náutico x Sport	
17h	Atlético-GO x Bahia	

Torneio future

Começa nesta segunda-feira, em Porto Alegre, o Torneio Fiat Open de Tênis, último torneio future da temporada 2012 e válido pelo ranking mundial. A competição ocorre nas quadras do Belém Novo Golf Club e oferece uma premiação total de US\$ 10 mil. O qualifying começaria nesse sábado. O principal favorito é o gaúcho Marcelo Demoliner.

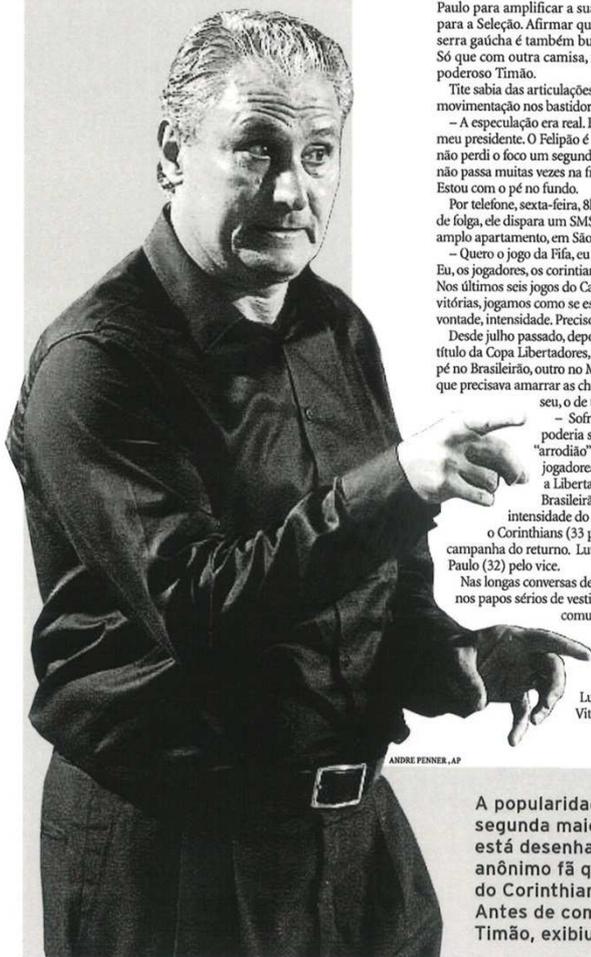
Bola Dividida/especial



LUIZ ZINI PIRES
COM EDITORIA DE ESPORTES
luiz.zini@zerohora.com.br

Campeão pelo Grêmio, vencedor com o Inter, histórico com o Corinthians, o caxiense Adenor Leonardo Bacchi, 51 anos, esteve muito perto da Seleção. O prêmio não veio. Virá. Antes, uma nova e inédita missão não assusta o melhor técnico do Brasil. Tite quer ganhar o Mundial de Clubes da Fifa nas próximas três semanas:

- Vou com o pé no fundo.



ANDRÉ PENNER, AP

Do Gre-Nal ao Japão

A CBF tentou Tite. O presidente do Corinthians, Mário Gobbi, chamou todos os microfones de São Paulo para amplificar a sua voz, dizer não, não mesmo, para a Seleção. Afirmar que a tarefa do treinador da serra gaúcha é também buscar um título mundial. Só que com outra camisa, nada de canarinho, só a do poderoso Timão.

Tite sabia das articulações. Percebeu toda a movimentação nos bastidores.

- A especulação era real. Eu sabia do contato com o meu presidente. O Felipão é craque, vou torcer por ele. Mas não perdi o foco um segundo. Mundial de Clubes no Japão não passa muitas vezes na frente de um técnico brasileiro. Estou com o pé no fundo.

Por telefone, sexta-feira, 8h30min, em uma rara manhã de folga, ele dispara um SMS, disposto a conversar. No seu amplo apartamento, em São Paulo, Tite já está acelerado:

- Quero o jogo da Fifa, eu preciso, quero que venha logo. Eu, os jogadores, os corinthians, não aguentamos mais. Nos últimos seis jogos do Campeonato Nacional, quatro vitórias, jogamos como se estivéssemos lá, com pressão, vontade, intensidade. Preciso entrar naquele avião (risos).

Desde julho passado, depois do inédito e superfestado título da Copa Libertadores, Tite corre em pista dupla. Um pé no Brasileiro, outro no Mundial. Logo, ele pressentiu que precisava amarrar as chuteiras e acertar o passo. O seu, o de todos que o cercam:

- Sofri três gols do Botafogo, poderia ser quatro, levamos um "arrodião", em julho. Chamei os jogadores e falei que era preciso tirar a Libertadores do corpo, entrar no Brasileiro e viver o Mundial com a intensidade do primeiro semestre. Resultado: o Corinthians (33 pontos) faz a segunda melhor campanha do retorno. Lutamos com Grêmio (33) e São Paulo (32) pelo vice.

Nas longas conversas de gabinete com os dirigentes, nos papos sérios de vestiário com os atletas, nomes comuns aos gaúchos, colorados ou não, começaram a fazer parte dos diálogos paulistas:

- Conversei com Giovanni Luigi, Fernando Carvalho, Vitorio Piffero, Elio Carravetta,

Tinga, Abel Braga e Muricy Ramalho. Queria saber como se ganha um Mundial da Fifa. Desajava encontrar um caminho. Eu sabia que não era uma questão de motivação. Não podia ser.

- Não?

- Não mesmo. Descobri que é a confiança que abre as portas de uma vitória. Mas não dá para aliviar no Brasileiro. Não dá para temer lesões. É preciso jogar forte, sempre no limite. Tudo começa no Brasileiro.

Ele emenda:

- Fui humilde em buscar informações com quem viveu a experiência na vitória e na derrota. Procurei exemplos vivos, lições reais. Conteí aos meus jogadores como o Inter se portou nas duas vezes em que disputou o torneio.

Neste domingo, o cardápio de clássicos apresenta São Paulo e Corinthians, às 17h, mesmo horário do Gre-Nal. Tite já viveu Palmeiras e Corinthians.

- A rivalidade é igual. Sou da aldeia, trabalhei nos dois lados, joguei 15, perdi só três. Com o Grêmio venci um clássico com quatro gols (4 a 2), logo na minha estreia, em 2001. Com o Inter também (4 a 1), mas sete anos depois. Posso dizer que conheço bem os dois lados da alma gaúcha. Depois do Gre-Nal, enfrente qualquer coisa.

Do Olímpico, que se despede neste 2 de dezembro, Tite guarda ternas lembranças. Do estádio, tocou na primeira taça nacional, a Copa do Brasil de 2001.

- Vou falar com o presidente Paulo Odone ou com o Fábio Koff. Gostaria de comprar uma cadeira cativa do estádio. Não sei bem o número, mas está anotado. Quero ficar com a cadeira que o pai ocupou no meu último título pelo Grêmio. Depois, doente, fragilizado, o seu Genor Bacchi, que morreu em 2009, nunca mais conseguiu voltar a um estádio de futebol.

Ele não falou se o Gre-Nal entrará na sua TV na noite deste domingo, quando voltar para a casa do Pacaembu. Não é prioridade. O Chelsea, possível adversário na Ásia, chega antes, mas bem depois do Sanfrecce Hiroshima, do Auckland City e do Al Ahly - as possíveis zebras da competição. O efeito Mazembe alcançou o Coringão.

- Estou atento, olho todos com preocupação igual. Sei que o Chelsea foi campeão europeu no estilo Carlos Froner, fechado, no contra-ataque (risos). Hoje joga como o Ênio Andrade gostaria, com toque de bola, meias qualificados.

Tite segue a escola gaúcha de futebol de Ênio. Felipão é Froner. O técnico da Seleção foi duas vezes a Tóquio, com Grêmio e Palmeiras, e não venceu. Agora é a vez de Tite.

A popularidade de Tite junto a segunda maior torcida do Brasil está desenhada nos braços de um anônimo fã que visitou uma das lojas do Corinthians na capital paulista. Antes de comprar uma camisa do Timão, exibiu a sua nova tatuagem.



FRANCO CALDERA

ZERO HORA DOMINGO, 2 DE DEZEMBRO DE 2012

GOL de Letra

RUY CARLOS OSTERMANN
ruy.ostermann@zerohora.com.br



Impossível despedida

No lugar do Olímpico, vão construir prédios residenciais e comerciais, vão plantar árvores, abrir praças e vias de acesso. Seria mesmo impossível que permanecesse ali com sua história inesquecível de gremistas e admiradores do futebol. Vão demolir a fachada, as arquibancadas, o campo, todas as dependências, as entradas e as saídas.

A reconstrução da memória será sempre com dor na inexistência do objeto amado. Não sei como se fará, mas penso numa inscrição em mármore sobre uma base de prata, a memória por escrito. É tudo que pode se salvar dessa longa e afetiva

experiência de multidões.

Decidi não ir à despedida oficial do Olímpico. Foi lá que aprendi tudo o que sei de futebol. Tardes inteiras atrás de uma das goleiras para simplesmente ver de perto como Airton Ferreira da Silva era capaz de jogar de zagueiro sem pontapé, sem encontrão, apenas numa bola soberana que travava, ficava a nossa vista maravilhada, e logo tomava rumo quase sempre surpreendente, um passe de letra para o goleiro.

Não havia explicação, só maravilhamento.

É impossível, sem perdas e arrependimentos, se despedir.



O que vale o Gre-Nal

O Gre-Nal vale o ano do Grêmio, a vice-liderança soberba do Brasileirão, a Libertadores já na segunda fase, a de grupos, e o grande regoizo da vitória. Esse é ponto de interseção com o Inter, sempre e mais o adversário: para o Inter não existirá mais para amenizar um ano de incertezas e decepções do que também uma vitória.

O valor do clássico, além de tudo que se deve assegurar para ele de antemão e nem importando essas circunstâncias, fica acrescido dessa singular circunstância. O resultado é que vale mais.

Luxemburgo não terá dois atacantes titulares, Kleber, que foi operado e convalesce até a nova temporada, e Marcelo Moreno, que teve confirmada sua suspensão por quatro jogos.

Terá de escalar o que já fez antes: o jovem Leandro, que sofre uma crítica insistente mas que sabe jogar, tem velocidade, chute e uma crescente inteligência como segundo atacante, e André Lima, que tem mesmo jeito de centroavante sem afirmação.

Considerando-se o pouco que estavam jogando os titulares, agora impedidos, talvez haja compensações.

Letrinhas

As declarações são até enfáticas: de D'Alessandro ao primeiro reserva do time, todos, sem exceção, anunciam um jogo pela honra, que é quando o resumo de um clássico não vai além de sua realidade imediata. E não poderiam fazer menos do que isso.

Só mesmo uma superação é que poderá dar ao Inter a condição de um Gre-Nal igual, capaz de favorecer o time de melhor iniciativa. O clube ainda decide sobre o novo técnico, que deverá ser Dunga, sabe-se sem confirmação oficial que boa parte dos principais jogadores vai sair do clube. O que poderá ser o Gre-Nal?

Nesta segunda-feira, no Bem, Amigos, SporTV, estou convidado para repassar com meus amigos o encerramento do Brasileirão e, detidamente, espero que com ênfase, o nosso Gre-Nal de todas as decisões.



Foi a primeira do Felipão e não será a última. O futebol tem amplas relações políticas e cada protagonista, como ele, não pode falar o que lhe vem a cabeça, com uma sinceridade ingênua. Luiz Felipe Scolari representa o Brasil.

Esportes

41

DIOGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br



A História vos espera

Brasil está vidrado no Gre-Nal. É o jogo mais importante da rodada. Nem mesmo a disputa do vice-campeonato, que dá vaga direta na Libertadores – o Grêmio com a faca e o queijo no cotojo com o Atlético-MG; o Inter no aia de tirar-lhe o petisco da boca –, é mais importante. Nenhuma das 380 partidas disputadas ao final desta 38ª rodada terá o apelo da despedida de um estádio de 58 anos enredada em uma rivalidade tão visceral. O país entendeu que o fim do Olímpico carrega um conteúdo emocional único e imprevisível. E não é baquirismo.

O SporTV está em Porto Alegre com uma equipe para tratar da despedida do Olímpico e da inauguração da Arena desde o começo da semana. Daqui só sairá quando o rito de passagem para o novo estádio se encerrar, após a festa do dia 8 de dezembro. Transmitirá o Gre-Nal. A RBS TV prepara um show em HD para todo o Estado, inclusive Porto Alegre. Repórteres de vários sotaques estarão no Gre-Nal.

Passai a tarde no Olímpico, sexta-feira. O bar estava cheio. O museu, mais ainda. E também a GrêmioMania. As pessoas caminhavam e tiravam fotos até das árvores do suplementar. Dezenas de atos anônimos espocaram nas imediações da Azenha até a hora do Gre-Nal. E depois do Gre-Nal. Funcionários do Grêmio que têm convivido com este ambiente há semanas, apostam que a torcida não arredará pé do estádio antes das 21h. O clássico começa às 17h, termina às 19h. Os gremistas ficarão lá, sentados no galho da árvore centenária para ela não ser cortada.

Senhores, preparem-se. A História vos espera.

O Inter



Se o interino Osmar Loss de fato escalar Josimar em vez de Forlán, estará repetindo um mantra do Inter em 2011 e 2012. Seria o modelo derrotame-pega. Jogar com três volantes de características tão semelhantes feito Ygor, Guinazu e Josimar, que não entram na área nunca e fazem gol (talvez) em ano bissexto, tem tudo para dar errado. O time se desequilibra. Perde mobilidade e força ofensiva sem que isso resulte em consistência na defesa.

Além do mais, Diego Forlán está mal, mas não desapareceu. Jogadores assim têm força mental para desabrochar a qualquer momento, contra todos os prognósticos. Ele, mais um D'Alessandro que adora Gre-Nal, e Damiano podem nivelar ou até suplantarem o favoritismo do Grêmio. Desde que, enfim, brilhem. As soluções possíveis do Inter não estão no conjunto, mas nas individualidades.

O Grêmio

Lidar com o favoritismo não deve ser problema para o Grêmio e seu técnico. Vanderlei Luxemburgo faz os jogadores acreditarem. Nele e em si mesmos. Assim, Leandro vira perigoso pela direita e André Lima um matador na área. E são dois reservas. O time exibe conjunto e qualidade, sobretudo se Zé Roberto jogar.

O que há de diferente, que pode contar muito a favor ou muito contra o Grêmio? A carga emocional emanada pela torcida nesta cerimônia de adeus ao Olímpico. É uma situação extraordinária. Ninguém, mesmo em um vestiário tão experiente como o montado pelo Grêmio, viveu algo parecido. Luxemburgo disse que já está conversando com os jogadores. Tem que haja equilíbrio entre a adrenalina que impulsiona e a pressão que trava a perna – sobretudo nos mais novos.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/colaboradores e no twitter em [diolivier](https://twitter.com/diolivier)

A coluna de Ruy Carlos Ostermann é publicada às quartas-feiras e aos domingos

O MELHOR DA VIDA PASSA AQUI
Rua Gaspar Martins, 230 - POA/RS - Fone: 3222.9380
www.grutaazulclub.com.br
www.restaurantedogrutaazul.com.br

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/colaboradores e no twitter em [diolivier](https://twitter.com/diolivier)

Esportes

esportes@correiodopovo.com.br

Mohamed Ali é declarado 'Rei do Boxe'

Ex-campeão dos pesos pesados, Mohamed Ali será declarado o "Rei do Boxe" durante a 50ª Convenção do Conselho Mundial da modalidade (CMB), que ocorre em Cancún. "Será um reconhecimento por toda uma vida de grandeza. Não há no mundo alguém que tenha feito o que ele fez", afirmou o presidente da entidade, José Sulaiman. Aos 70 anos, Ali sofre com o mal de Parkinson, mas participará da cerimônia.

Seleções de vôlei conhecem adversários

A Federação Internacional de Vôlei (FIVB) divulgou ontem a tabela dos participantes da Liga Mundial e do Grand Prix de 2013. A seleção masculina está no grupo A ao lado de Polônia, EUA, Bulgária, Argentina e França. Em 2013, pela primeira vez, serão 18 equipes na competição. No Grand Prix, a seleção feminina, atual bicampeã olímpica, começa no grupo A ao lado de EUA, Polônia e Rússia. A estrela da equipe será o Brasil.

Derrotas em Minas

Móveis Kappesberg/Canoas é superado pelos mineiros na Superliga

Após a vitória na estreia na Superliga masculina de vôlei na semana passada, em casa, diante do Super Imperatriz, o Móveis Kappesberg/Canoas amargou duas derrotas em duas partidas disputadas em Minas Gerais. Na manhã de ontem, em Belo Horizonte, contra o Vivo/Minas, o time do técnico Paulão até começou bem e venceu o primeiro set por 23-25. Nas três parciais seguintes, no entanto, a equipe da ca-

sa reagiu. Apoiado pela torcida na Arena Vivo, o Minas fez 25-20, 25-23 e 25-22 em pouco mais de duas horas de jogo.

Ex-levantador da seleção brasileira, Marcelinho, do Vivo/Minas, foi eleito o melhor da partida e recebeu o troféu Viva Vôlei. "Sabíamos que esse era um jogo chave, duro e muito importante. Canoas é um time novo, de qualidade, e tem o Gustavo, que é um líder. Viemos preparados para jogar cinco sets. Eles criaram dificuldades, espe-

rávamos por isso, e é um adversário direto nosso na classificação", argumentou o jogador.

Antes de perder para o Vivo/Minas, o único time gaúcho na Superliga já havia sido derrotado na noite de sexta-feira em Contagem, na região Metropolitana de Belo Horizonte. O atual campeão, Sada Cruzeiro, bateu o Móveis Kappesberg/Canoas por 25-21, 25-20 e 25-21.

Na quinta-feira, em Canoas, a partir das 20h, o time gaúcho enfrenta o Medley/Campinas.

ALEXANDRE ARRUDA / CBV / CP

(+leia no Blog) <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach>

Hiltor Mombach

hiltor@correiodopovo.com.br



No empate, deu Inter

O Gre-Nal do Olímpico ficou no 0 a 0. No empate, deu Inter, que comemorou. Segurou o Grêmio apoiado por cerca de 45 mil gremistas no último clássico no estádio Olímpico de forma épica, com nove jogadores durante quase todo o segundo tempo e, de quebra, viu o arquirrival perder a vaga direta para a Libertadores de 2013 para o Atlético Mineiro.

Os sentimentos de frustração de um lado e de incontinência alegria do outro estão estampados nas manchetes e reportagens dos sites oficiais. Um lado registra "Grêmio luta, mas clássico fica no empate"; o outro, "heroico, Inter empatou no Olímpico", acrescentando: "O Inter mais uma vez estragou a festa do Grêmio".

Frase

Para colocar água no chope do Grêmio na despedida do estádio Olímpico o treinador interino do Inter, o jovem Osimar Loss, motivou seus atletas com uma frase que sintetiza a importância do clássico: "Os outros jogos vão para a estatística, este vai para a história".

Kidiaba

Renan repetiu novamente o gesto do goleiro Kidiaba, do Mazembe. Ele que entrou no lugar de Muriel, expulso, realizando defesas importantes. Ao final da partida, provocou: "O Grêmio vive com o time dos outros, vai disputar a pré-Libertadores e não vai chegar de novo".

Cautela

Tanto Grêmio como Inter entraram em campo pensando primeiro em não perder. O Inter chegou a deixar no banco a estrela Forlán para escalar Josimar. A partida foi igual enquanto esteve 11 contra 11. Com o Inter em desvantagem numérica, Luxemburgo mudou, sacando Anderson Pico e Fernando para as entradas de Leandro e Marquinhos. O Grêmio passou a ter o domínio da partida, porém sem criar muitas chances de marcar. Resultado justo.

Como esperado

É difícil, quase impossível, se imaginar que um Gre-Nal como o de ontem pudesse ser aberto, técnico, cheio de jogadas de efeito, com muitos gols. As circunstâncias eram de nostalgia, comoção até, condições estas repassadas aos jogadores. Fora o gol, ou os gols, o clássico teve todos os ingredientes necessários: tensão, dramaticidade, disputas pessoais, empenho físico e até alguns briguhins. Será lembrado, também, como o Gre-Nal que o Inter empatou e comemorou.

Das verdades

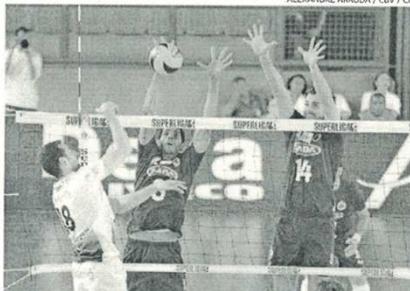
Com Luxemburgo o Grêmio não garantiu vaga sequer na final do Gaúcho, caiu nas semifinais da Copa do Brasil contra os Palmeiras hoje rebaixado para a Série B, caiu nas quartas de final da Sul-Americana contra o Millonarios levando três gols em 34 minutos e foi terceiro no Brasileiro, não garantindo uma vaga direta para a Libertadores.

Treinador

Assessores de Giovanni Luigi dizem que Dunga trata com o Inter como se ainda fosse o treinador da Seleção Brasileira. Referem-se ao salário pedido para comandar o Colorado em 2013. Luigi, mais discreto, afirma que sua obrigação é zelar pelo dinheiro da instituição. E assim prossegue uma novela que já dura uma semana.

Tiro Livre

- Luxemburgo: "É um jogo que tem um grande lado emocional. Tanto que ele (o árbitro) não teve coragem de dar os cinco minutos depois de uma confusão ao final porque poderia ocorrer alguma coisa".
- Luigi aproveitou para lembrar que o Inter conquistou um título na temporada, o Gaúcho, e que outras equipes, mais uma vez, não ganharam nada. Sobre o Gre-Nal: "O time teve uma boa postura. Foi um jogo difícil, com uma carga muito grande. Se a gente não tivesse tido dois jogadores expulsos, talvez poderíamos ter até vencido".
- Momento emocionante do domingo: com quase 60 anos de carreira, o narrador e apresentador Milton Ferretti Jung atuou na jornada esportiva da Rádio Guaíba. "Estou muito feliz com isto", disse o querido companheiro. Milton lembrou que estava no estádio tricolor quando ele foi inaugurado, em 1954. Trabalhava na rádio Canoas.
- Vem aí mais uma semana de fortes emoções para o torcedor gremista. No sábado teremos a inauguração da Arena.



Na sexta-feira, o Canoas perdeu para o atual campeão, Sada Cruzeiro

Brasil fecha Grand Slam com 5 pódios

Rafael Silva (prata) e Maria Suelen Altheman (bronze) subiram ao pódio, ontem, no último dia do Grand Slam de Tóquio. O judô brasileiro já havia ganho outras três bronzes com Rafaela Silva, Victor Penálber e Felipe Kitadai.

Esportes na TV

- 17h — ESPN, futebol inglês: Newcastle x Wigan
 - 19h — Fox Sports, futebol argentino: Newell's x Rafaela e Estudiantes x San Martín
 - 23h30 — ESPN, futebol americano, NFL: Washington Redskins x New York Giants
- A programação é de responsabilidade das emissoras de TV.

Placar CP

- SÉRIE C — Final, volta. Oeste-SP 2 x 0 Icasa CE. (1ª) campeão.
- INGLATERRA — 15ª rodada: West Ham 3 x 1 Chelsea, Arsenal 0 x 2 Swansea, Fulham 0 x 3 Tottenham, Liverpool 1 x 0 Southampton, Manchester City 1 x 1 Everton, QPR 1 x 1 Aston Villa, West Bromwich 0 x 1 Stoke, Reading 3 x 4 Manchester United e Norwich 2 x 1 Sunderland. Hoje: Newcastle x Wigan. Líder: Manchester United, 36; 2º Manchester City, 33.
- ESPANHA — 14ª rodada: Real Madrid 2 x 0 Atlético de Madrid, Getafe 1 x 0 Málaga, Valencia 2 x 5 Real Sociedad, Barcelona 5 x 1 Athletic Bilbao, Granada 0 x 0 Espanyol, Deportivo La Coruña 2 x 3 Betis, Celta 1 x 1 Levante e Mallorca 1 x 1 Zaragoza. Hoje: Sevilla x Valladolid. Líder: Barcelona, 40; 2º Atlético Madrid, 34; 3º Real Madrid, 29 pontos.
- ITÁLIA — 15ª rodada: Juventus 3 x 0 Torino, Napoli 5 x 1 Pescara, Bologna 2 x 1 Atalanta, Genoa 2 x 4 Chievo Verona, Internazionale 1 x 0 Palermo, Lazio 2 x 1 Parma, Siena 1 x 3 Roma, Udinese 4 x 1 Cagliari e Fiorentina 2 x 2 Sampdoria. Líder: Juventus, 35; 2º Napoli, 33; 3º Internazionale, 31.
- ALEMANHA — 15ª rodada: Schalke 04 1 x 1 Borussia Mönchengladbach, Bayer Leverkusen 1 x 0 Nuremberg, Mainz 2 x 1 Hannover 96, Augsburg 1 x 0 Freiburg, Greuther Fürth 0 x 1 Stuttgart, Bayern Munique 1 x 1 Dortmund, Hoffenheim 1 x 4 Werder Bremen e Wolfsburg 1 x 1 Hamburgo. Líder: Bayern Munique, 38; 2º Bayer Leverkusen, 30.
- ARGENTINA — 18ª rodada: Vélez 2 x 0 Unión, Belgrano 1 x 0 Tigre, River Plate 1 x 0 Lanús, Godoy Cruz 0 x 0 Quilmes, Colón 3 x 1 Argentinos Juniors e Racing 3 x 1 All Boys. Hoje: Newell's x Atlético Rafaela, Estudiantes x San Martín, O Vélez Sarsfield conquistou o título do Torneio Inicial.

CONSÓRCIO, A SUA MELHOR OPÇÃO DE COMPRA

HS consórcios
Uma empresa do Grupo Heraldo

SEU VEÍCULO	AO DIA	SEU CAMINHÃO	AO DIA
R\$ 34.655,00	R\$ 6,70	R\$ 126.933,00	R\$ 20,45
R\$ 42.009,00	R\$ 8,12	R\$ 169.244,00	R\$ 27,27
R\$ 53.506,00	R\$ 10,34	R\$ 253.866,00	R\$ 40,90
R\$ 66.196,00	R\$ 12,80		

Plano 100 meses | Plano 120 meses

Obtenção de crédito em nome: www.hsconsorcios.com.br | 0800 644 9007

Facebook.com/HSConsorcios | Twitter.com/HSConsorcios



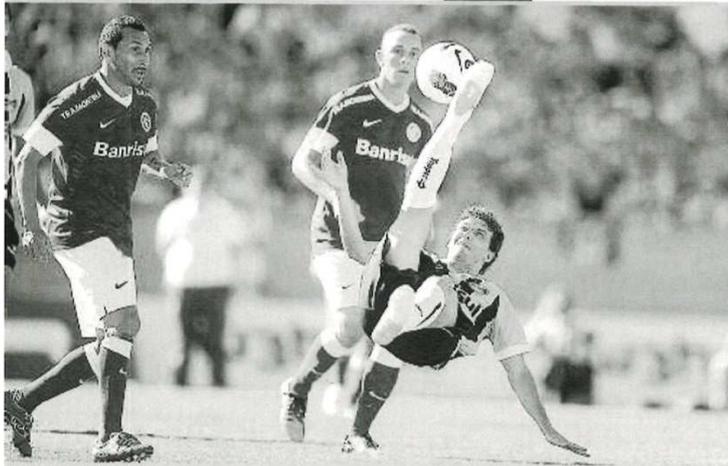
Bola Dividida



LUIZ ZINI PIRES
COM EDITORIA DE ESPORTES
luiz.zini@zerohora.com.br

WIANEY CARLET

wianey.carlet@zerohora.com.br



Os colorados Guinazu (E) e Josimar observam o esforço do gremista Elano no Gre-Nal. Quem esperava futebol de qualidade, presenciou um clássico raso de emoções. O Olímpico merecia um final com gols.

Chope agulado

Antes do Gre-Nal, Paulo Odone considerou que o Grêmio tinha metas objetivas no clássico enquanto ao Inter só restava tentar estragar a festa do rival, colocando água no chope tricolor. O presidente do Grêmio tinha razão e foi, exatamente, o que aconteceu. O Inter queria, sim, impedir que o Grêmio conquistasse vaga direta na fase de grupos da Libertadores. E conseguiu, consequência da bravura e de um insuspeitado heroísmo dos jogadores colorados. Com apenas nove em campo em quase toda a etapa final, o Inter resistiu à pressão do Grêmio até o árbitro suprimir alguns minutos de acréscimo, assustado com os incidentes do Gre-Nal, último ato do Estádio Olímpico.

Emoção

É possível que a emocionada despedida do Olímpico tenha iniciado no sábado, amanheceu com o domingo e explodiu até a bola rolar. Um dos momentos que, certamente, ficará entre os mais marcantes nas celebrações de adeus ao velho estádio aconteceu antes do Gre-Nal. Dezenas de ex-ataletas do Grêmio entraram no campo, alguns emocionados, e foram homenageados pelo presidente Paulo Odone. Foi um bonito momento de intensa emoção e muitas lágrimas.



Incidente um Muriel foi o primeiro jogador a ser expulso. Preciso sair da área para evitar o gol do Grêmio e colocou a mão na bola.

Incidente dois Vanderlei Luxemburgo entrou no gramado para afastar seus jogadores de uma briga que começava e acabou sendo expulso. Segundo a regra, bem expulso, mas injustamente excluído.

Incidente três Leandro Damião disputou a bola no alto com Saimon e acertou uma cotovelada no rosto do zagueiro. Saimon é, como D'Alessandro, um provocador de confusões, mas, neste lance, nada fez.

Incidente quatro Loss briga com Saimon. O treinador colorado chutou a bola para longe, e Saimon foi tirar satisfações. Acabaram se encarando, e o zagueiro gremista agrade Loss. Os dois são expulsos.

Incidente cinco Das sociais do Olímpico sai um rojão que cai perto do preparador físico do Inter. Este cai no chão, pretextando ter sido atingido. Este incidente coloca a Arena sob ameaça de interdição, já que o Olímpico será julgado e, se for condenado, a Arena pagará a conta.

Medo Foi o Gre-Nal do medo. Grêmio e Inter começaram jogando, cada um, com três volantes e apenas um atacante de cada lado. O Grêmio, que precisava ganhar, desperdiçou toda a etapa inicial com um esquema tático equivocado. Faltou qualidade e serenidade para aproveitar a desvantagem do Inter, que atuou com nove jogadores durante quase todo o segundo tempo.

Rescaldo Terminado o Brasileirão, o Grêmio deve lamentar que tenha pouco tempo para fazer a sua pré-temporada e iniciar, ainda em janeiro, a disputa da pré-Libertadores. Terá que fazer contratações para melhorar o time. O Inter tem muito o que fazer. Acerta um técnico, preparador físico, gerente executivo, vice de futebol, dispensas e contratações. Muito trabalho aguarda a direção colorada.

O clássico dos seis volantes

O Gre-Nal derradeiro do Olímpico buscou exemplos no passado, no pior antecâmara da história do futebol gaúcho: expulsões, agressões, excessos de volantes, raros atacantes, medo de ousar e um óbvio 0 a 0. Tanto que o melhor em campo foi um zagueiro, o múltiplo Rodrigo Moledo.

Depois de 58 anos, partidas históricas, gols monumentais, goleadas, o estádio aguardava um final digno do templo que foi desde os anos 1950. Merecia.

O empate frustrou os torcedores, azuis ou vermelhos, que esperavam 90 minutos com gols e emoção dobrada. Ninguém exige espetáculo, mas todos aguardam e pedem qualidade. Não foi pela ausência de bons jogadores. Foi pela falta de aproveitamento dos treinadores. Empate fazia parte do cardápio dos técnicos.

O clássico anunciou o final de uma era aos gaúchos. O futuro não pode repetir o 0 a 0 de ontem. O grito mais agudo não saudou um gol. Nasceu depois de um cartão vermelho. Azar do futebol.

Falta de ataque puniu Grêmio

Terceiro na classificação geral do Brasileirão, o Grêmio é quinto colocado em número de gols. Em 38 jogos, marcou 56 vezes. A carência ofensiva ajudou no 0 a 0 do clássico, depois de enfrentar nove colorados por mais de meia hora. Sem a dupla titular, Kleber e Marcelo Moreno, os dois reservas, Leandro e André Lima, não encontraram, outra vez, o caminho das redes. No Gre-Nal, reapareceu a grande carência da temporada: goleadores. A defesa, por exemplo, foi a menos vazada, os mesmos 33 gols do campeão Fluminense.

Sem gols decisivos, a vaga direta para a Copa Libertadores da América 2013 sumiu. Restou uma mata-mata em janeiro, uma pré-temporada mais curta, um novo ano bem mais apertado.

O jogo final frustrou os gremistas. Luxemburgo repetiu uma formação que teima em não dar certo, não só no Olímpico como em outros estádios: três volantes e um isolado atacante.

Empate fez bem ao Inter

O Inter foi bravo em campo. Com nove jogadores, segurou 11 gremistas na sua própria casa. Festejou o 0 a 0 como uma vitória. O torcedor aplaudiu o time de pé.

Com empenho igual em outras partidas da competição, o 10º lugar na classificação não seria colorado. A Libertadores estaria aos seus pés.

Com um sistema semelhante ao do adversário, alicerçado em três volantes, o empate não estava fora dos planos. O que espantou foi a total entrega dos jogadores. O clássico exige, mas porque os jogadores só se empenham em determinados momentos? O problema está no vestiário ou mais acima? Ou nos dois lugares?

O Gre-Nal mostrou que a dedicação é possível. Provou também que o novo técnico, talvez Dunga, terá um trabalho duro. Precisar descobrir quem deseja jogar sempre e os que escolhem partidas. Localizar os desinteressados e separá-los. Eleger um novo e fiel grupo. O Inter precisa começar 2013 como terminou, com bravura, mas com novos jogadores.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Zini em www.zerohora.com/blog/zozi, siga pelo Twitter

INFINITY TRI
QUEM TORCE ILIMITADO TORCE COM A TIM

FALE ILIMITADO
R\$ **0,25/DIA**
QUE USAR
PARA QUALQUER TIM DO BRASIL.

Patrocinadora Oficial da Dupla Grêmio Inter

TIM
Você, sem fronteiras.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Wianey em wp.zicrbs.com.br/wianeycarlet

INTERNET
+ TV HD.
Ligue 0800 001 0031.

2-3 DORMITÓRIOS
HOLLYWOOD
SPAR fone 3249.0767 GARDEN

MULTISOM
multisom.com.br

abdo
Advogados
51 3582-9000 www.abdo.com.br

zh
Esportes

acréscimos

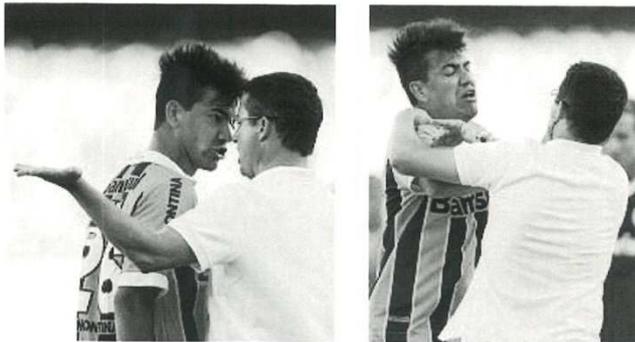
Depois de um primeiro tempo modorrento, o Gre-Nal viveu na segunda etapa uma escalada de tensão, com profissionais experientes protagonizando cenas de descontrole explícito. Expulso por entrar no campo, Vanderlei Luxemburgo xingou o árbitro a plenos pulmões. Leandro Damiano, inexplicavelmente, agrediu Saimon, e este protagonizou um pugilato com o técnico do Inter.

abdo
Advogados
www.abdo.com.br

- Direito do Endividado
- Direito do Devedor
- Direito Bancário
- Direito do Trabalho
- Direito Previdenciário - INSS
- DPVAT
- Direito do Consumidor
- Direito de Família

51 3582.9000

Av. Cristóvão Colombo, 2686 - POA
Rua Cinco de Abril, 258 - NH



Próximo do fim da partida, aos 45 minutos, Saimon e Osmar Loss se estranharam. Depois que Loss afastou uma bola que havia saído para lateral, Saimon o confrontou na área técnica (acima, à esquerda). Loss reagiu agarrando o jogador pelo pescoço (acima, à direita). Saimon revidou com um tapa que fez voar os óculos do treinador (abaixo)



DIOGO OLIVIER

diogo.olivier@zerohora.com.br

Despedida de respeito



Demorei um pouco para encontrar um lado positivo na despedida do Olímpico, mas cheguei lá. Sendo assim, não foi o Gre-Nal do medo, com o Grêmio temendo perder para o Inter, e o Inter apavorado em sofrer uma derrota marcante para o Grêmio. Prefiro dizer que foi o Gre-Nal do respeito. Por respeito ao Grêmio, o Inter se fechou como uma concha, com três volantes e laterais que não subiram. Por respeito ao Inter, o Grêmio abriu mão de dois atacantes.

O emblema de perder para o Inter no último ato do Olímpico falou mais alto. O favoritismo era todo azul, mas sabe como é: melhor se fechar. Os arroubos ofensivos do Grêmio ocorreram só no segundo tempo, já com Leandro (foto) ao lado de André Lima, após as expulsões corretas de Muriel e Damiano. Erro de Luxemburgo, que precisava ganhar para o caso de o Atlético-MG vencer o Cruzeiro, o que de fato aconteceu. O Grêmio não perdeu para o Inter, mas vai para a Pré-Libertadores.

A despedida do Olímpico dimensionou a grandeza da rivalidade Gre-Nal. Grêmio e Inter se admiram – e sabem que o motor de suas glórias está justamente neste respeito.

Trofêu papelão (1)

Damiano merece reprimenda formal do Inter pelo que fez no Gre-Nal. É jogador de Seleção Brasileira e ídolo de crianças. Tinha que dar o exemplo. Claro que perdeu a cabeça, mas isso não pode ser justificativa para que o seu ato seja condenado. A imagem do rosto tomado de fúria ao acertar a cotovelada em Saimon é triste. Deixou os companheiros na mão. Não é este o Leandro Damiano que chegou à Seleção com futebol e conduta.

Trofêu papelão (2)

Ele já tinha feito média com a torcida ao bater boca com Ronaldinho, no ano passado. Poderia sair consagrado do Gre-Nal. Foi dele o belo passe para Elano, que resultou na expulsão de Muriel. Ao ser agredido por Damiano, ofereceu ao Grêmio uma vantagem numérica incrível. Atirou tudo fora ao partir para cima de Osmar Loss, criando a confusão que encerrou o clássico. Quando Loss chutou a bola para longe (atitude reprovável), o que aconteceria? Um gôndula providenciaria a reposição imediata, é claro. Mas Saimon preferiu jogar para a torcida e brigar, perdendo tempo.

Veríssimo pé-quente

O boletim de ontem do Hospital Moinhos de Vento informava que ele "necessita de hemodiálise e permanece no CTI para monitorização", mas nada disso impediu Luis Ferrando Veríssimo de assistir ao Gre-Nal pela TV. E o fez com atenção e lucidez, segundo a mulher, Lúcia. O escritor e ídolo de todos nós se recupera de um quadro infeccioso que chegou a deixá-lo respirando por aparelhos. Que crônica ele escreveria do seu Inter, que resistiu ao Grêmio com nove jogadores contra 11.

Plano B para Dunga

Em caso de desacerto com Dunga, o nome de Oswaldo Oliveira, do Botafogo, é o mais cotado no Inter.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Diogo em www.zerohora.com/hoje/leia e no twitter em [rostoppe](https://twitter.com/rostoppe)

121

ZERO HORA > SEGUNDA | 3 | DEZEMBRO | 2012



INTERNET
+ TV HD,
Ligue 0800 001 0031.

2-3 DORMITÓRIOS
HOLLYWOOD
SPAR Fone 3249.0767

MULTISOM
multisom.com.br

abdo
Advogados
51 3582-9000 www.abdo.com.br

O futebol faltou à despedida



David Coimbra



david.coimbra@zerohora.com.br

O último capítulo da história do Olímpico foi épico, como deveria ser. Mas foi sem heróis, como deveria ter. Houve quase de tudo no 0 a 0 do Gre-Nal de encerramento do Campeonato Brasileiro: expulsões, brigas, cotovelo, dedo na cara, choro, emoção, vibração e erro do juiz. Só não houve gol. E talvez também tenha faltado um pouquinho de futebol. O problema é que os dois times entraram em campo para não perder, cada qual com três volantes na frente da sua própria área e um único atacante na frente da área inimiga. Resultado: um jogo tenso, mas pastoso, com muita bravura e nenhuma ousadia.

O jogo jogado ficou por conta de quem, muito apropriadamente, levava o número 10 às costas. Zé Roberto e D'Alessandro foram os melhores em campo pela razão óbvia de que são os que mais sabem jogar. Dominavam a bola na intermediária, giravam, encontravam um colega bem colocado e distribuíam o jogo com competência. Foi assim o tempo todo. O primeiro lance de alguma agudeza na partida foi de Zé Roberto pela direita, aos 14 minutos. Ele entrou na área e deu um passe na diagonal. A bola cruzou a pequena área e Elano ficou a palmo e meio de alcançá-la. Três minutos depois,

a primeira confusão: Moledo e Léo Gago trocaram empurrões na linha lateral. Aos 23, foi a vez de Moledo e André Lima tocarem as testas e se encararem como se fossem lutadores de MMA. Em seguida, D'Alessandro e Luxemburgo discutiram às margens da área técnica.

O nervosismo se derramava pelas arquibancadas e contagiava os jogadores. Aos 30, Werley saiu de campo lesionado. Saimon entrou em seu lugar para, mais tarde, se tornar um protagonista da partida. Aos 37, Anderson Pico enfiou a bola entre as pernas de Ratinho, irrompeu área adentro e cruzou à meia altura para André Lima, mas Moledo conseguiu tirar para escanteio. Aos 40, o Inter construiu seu único lance de perigo no clássico: Fred cruzou da esquerda e Leandro Damião cabeceou para baixo. A bola passou a meio metro da trave.

Quando os dois times se retiraram para o vestiário, a impressão que se tinha no Olímpico era de que eles fechariam, naquele momento, um acordo para que o placar ficasse no 0 a 0. Dois minutos depois de voltarem a campo, o Grêmio não assinaria mais esse pacto. Porque, então, Saimon deu um lançamento de Roberto Rivellino, uma bola que viajou 60 metros e caiu no pé de Elano, na frente da área do Inter. Muriel saiu desesperado do gol. Elano tentou encobri-lo, Muriel saltou e deu um tapa na bola. Como estava fora da área, o árbitro Héber Roberto Lopes apitou falta e o expulsou. Antes que a falta fosse cobrada, Fred chutou a bola para longe. Guiñazu empurrou Elano, Elano caiu e Anderson Pico correu para defendê-lo. Luxemburgo, percebendo que seu jogador seria expulso, entrou em campo, puxou-o para fora da confusão e lhe passou uma decompostura com o dedo em ris-

defendeu; aos 31, em outro chute de Zé Roberto, este rasteiro, que Renan espalmou para escanteio; aos 32, num cruzamento de Pará da direita, quando André Lima se antecipou aos zagueiros e colocou por cima do gol. Na arquibancada, a TV flagrou uma torcedora levando as mãos ao rosto, sacudindo a cabeça e balbuciando, atrás dos óculos escuros:

— Ai, André Lima!

Era um jogo de um time só. O Grêmio precisava da vitória para chegar ao segundo lugar no campeonato e se classificar para a fase de grupos da Libertadores, já que o Atlético-MG estava vencendo o Cruzeiro. O Inter estava acantonado na sua área, atento, vigilante, querendo que tudo acabasse de uma vez. Aos 45, a bola saiu pela lateral e o técnico colorado, Osmar Loss, a chutou para longe. Saimon foi cobrá-lo, Loss o segurou pela garganta, Saimon reagiu e foi expulso. Mais

confusão. Um rojão explodiu ao lado do preparador físico do Inter, Flávio Soares, que se jogou ao chão. O árbitro havia dado cinco minutos de acréscimos. Em tese, seria esse o tempo que restava de jogo. Mas, quando a partida foi retomada, Héber Roberto Lopes a encerrou. Os jogadores do Grêmio o cercaram, cobrando o tempo de prorrogação. Mas não adiantava mais. Ele não voltou atrás.

Não chegou a ser ruim para ninguém; afinal, não houve perdedores. Mas também não foi bom para ninguém, porque não houve vencedores. Os colorados ensaiaram uma pequena comemoração: o goleiro Renan repetiu a dança do goleiro Kidiaba, relembrando, curiosamente, a malfadada partida em que o Inter foi batido pelo Mazembe em 2010. E o outro goleiro, Marcelo Grohe, saiu de campo arrostando que "eles" (os colorados) "não sentiram o gostinho" de dizer que venceram o Grêmio na última partida do Olímpico. Não era muito, mas era o que eles tinham. Sobrou, na despedida da velha casa do Grêmio, a festa do torcedor. E a sua comoção. Quando todos os jogadores já haviam descido aos vestiários, milhares de gremistas continuavam nas arquibancadas, aos prantos, fitando a grama do Olímpico, tristemente certos de que ali a bola nunca mais vai rolar.

INTERNET + TV HD,
SÓ NA OI.

Ligue 0800 001 0031 e assine agora.

te. Anderson Pico se retirou, cabisbaixo. Serenados os ânimos, o árbitro expulsou Luxemburgo. O técnico do Grêmio saiu esbravejando contra o que classificou como injustiça — afinal, ele havia invadido o campo para acalmar seu jogador. Renan entrou em lugar de Ratinho.

Mal a partida recomeçou, Damiano deu um cotovelo em Saimon e foi expulso. O Grêmio, agora, tinha dois jogadores a mais. O Inter se postou todo na frente da sua área, disposto a resistir. O Grêmio começou a pressionar e a criar chances de gol: uma aos 22, com Leandro chutando fraco; outra aos 26, num cruzamento de Souza, que Ygor tirou; depois aos 27, com Leo Gago batendo por cima do travessão; aos 29, num cruzamento de Leandro, que André Lima aprou da marca do pênalti e chutou alto; aos 30, numa bicicleta de Zé Roberto que Renan

38ª Rodada - Brasileirão 2012 - 21/12/2012	
GRÊMIO	INTER
<p>Marcelo Grohe: Muriel</p> <p>Pará: Ratinho (Renan, 5 do 21º)</p> <p>Moledo: Índio</p> <p>Werley (Saimon, 30 do 11º): Anderson Pico (Leandro, 17 do 21º), Fernando (Marquinhos, 23 do 21º)</p> <p>Elano: Souza</p> <p>Léo Gago: Ygor</p> <p>Cláudio: Guiñazu</p> <p>Zé Roberto: Fred</p> <p>André Lima: (Cassiano, 17 do 21º, Ferián, 43 do 21º)</p> <p>D'Alessandro: Leandro Damiano</p>	<p>Técnico: Osmar Loss</p>
<p>Técnico: Vanderlei Luxemburgo</p>	<p>Técnico: Osmar Loss</p>
<p>Cartões amarelos: Fred (1), Renan (1)</p> <p>Cartões vermelhos: Muriel (1), Leandro Damiano (1), Saimon (1)</p> <p>Arbitragem: Héber Roberto Lopes (PR), auxiliado por Carlos Berntorock (SC) e Ivan Carlos Boim (PR)</p> <p>Local: Estádio Olímpico, em Porto Alegre</p> <p>Renda: R\$ 15.692.300,50</p> <p>Público: 46.209</p> <p>Pagantes: 43.104</p>	<p>PRÓXIMO JOGO - GRÊMIO - AMISTOSO</p> <p>SÁBADO, ARENA, 22H</p> <p>GRÊMIO X HAMBURGO</p>
<p>PRÓXIMO JOGO - INTER - GAUCHÃO 2013</p> <p>SÁBADO, 19H/2013, CENTENÁRIO, 19H</p> <p>INTER X PASSO FUNDADO</p>	